FUNDADOR — JOAQUIM MANSO

SÁBADO, 10 DE SETEMBRO DE 1960

ANO 40.º — NÚMERO 13 561

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES

DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEFS.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155 REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA EDITOR — J. CHRISÓSTOMO DE SÁ

ENDEREÇO TELEGRÁFICO: D I B O A RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

A hora da justiça

Há quatro anos — completam-se hoje — o «Diário de Lisboa» sofria uma perda irreparável: a do seu fundador e director, dr. Joaquim Manso, cuja memória será sempre recordada com viva saudade nesta Casa, de que ele foi durante trinta e cinco anos a trave mestra. Um distinto colaborador do nosso jornal, o sr. Vergilio Passos, envia-nos o artigo que em seguida publicamos, no qual sugere uma homenagem póstuma ao eminente jornalista e escritor que tanto lustre deu á nossa profissão e que deixou uma obra de que podem orgulhar-se as Letras portuguesas. Será ocioso acrescentar que nos associamos de bom grado a este alvitre, que outros, mais indicados do que nós para o fazer, poderão aproveitar, quando julgarem oportuno e pela melhor forma que entenderem.

A vida tem contrastes por vezes inexplicáveis. Em Portugal é frequente não se fazer justiça em vida, e muitas vezes depois da morte, aos homens que se elevam acima da vulgaridade e servem desinteressadamente, com independência de espírito e desassombro de atitudes, os direitos do homem. As paixões e as invejas embotam o juizo crítico de muitos a quem compete exaltar as qualidades excepcionais desses homens. É o caso do dr.

(Continua na página seguinte)

O chefe do Governo recebeu hoje o patriarca dos Arménios

O sr. dr. Oliveira Salazar, que hoje trabalhou com os ministros dos Negócios Estrangeiros e do Ultramar, recebeu também o patriarca supremo dos Arménios, que está em Lisboa, a convite da Fundação Calouste Gulbenkian.

A Bélgica e a União Soviética acusadas pelo secretário-geral da O. N. U. de intervenção unilateral no Congo

NAÇÕES UNIDAS (Nova York), 10. — Dag Hammarskjoeld, secretário-geral da O. N. U., afirmou na noite passada, durante a reunião de emergência do Conselho de Segurança, para tratar do caso do Congo, que a crise congolesa representava uma nítida «ameaça para a paz e segurança» do Mundo.

Numa introdução de duas mil e quinhentas palavras ao relatório comunicado á Imprensa há duas noites, Hammarskjoeld defendeu a decisão dos seus representantes no Congo de encerrarem os aeroportos congoleses e a Rádio de Leopoldville, afirmando que a situação era ainda demasiado grave para permitir a sua reabertura e pedindo instruções do Conselho sobre este problema; criticou acerbamente a «irresponsabilidade e a

(Continua na ultima página)

Por detrás das grades se encontra esta cadela de olhar súplice... E' Candy, que se viu sòzinha no mundo com suas três irmãs, recolhidas no Lar Canino de Bristol, porque o dono já não está em condições de tomar conta delas. A pobreza é a velhice bateram-lhe á porta; mas, nos olhos de Candy, vemos a saudade do velho companheiro e dono. E' que o bem-estar não substitui o amor que deixou...

VISADO PELA CENSURA

Diario de Lisbôa

PUBLICA HOJE

32

PÁGINAS

que incluem

MAGAZINE

*

JUVENIL

*

DE UMA SEMANA PARA A OUTRA

O prof. Adriano Moreira apresentando a sua comunicação. Na mesa de honra vêem-se, ainda, os srs. dr. Ferreira Gomes, almirante Lopes Alves, profs. Caeiro da Mata e Manuel Heleno

Recusamo-nos a acompanhar a desmobilização ideológica da Europa — afirmou o prof. Adriano Moreira no Congresso dos Descobrimentos

O Congresso Internacional de História dos Descobrimentos, que terminará amanhã, teve hoje as suas ultimas sessões de trabalhos. De manhã, porém, no anfiteatro principal da Faculdade de Letras, realizou-se o terceira sessão plenária, preenchida com a comunicação apresentada pelo sr. prof. Adriano Moreira, subsecretário de Estado da Administração Ultramarina, e intitulada «O pensamento do Infante D. Henrique e a actual política ultramarina de Portugal», comunicação aguardada com grande intedesse, amplamente correspondido.

Presidiu o sr. prof. Caeiro da Mata, presidente da Comissão Organizadora das Comemorações Henriquinas, ladeado pelos srs. almirante Vasco Lopes Alves, ministro do Ultramar; prof. Manuel Heleno, director daquela Faculdade; dr. Ferreira Gomes, da Presidência do Conselho; prof. Lopes de Almeida, prof. Moreira de Sá e escritor Costa Brochado, da comissão promotora do Congresso; e do conferencista.

O prof. Caeiro da Mata apresen-

(Continua na 14.ª página)

Nota do dia

COMPREENSÃO E TOLERANCIA

Não era nossa intenção voltar ao assunto, pois bem sabemos que não é por muito gritar que nos ouvem melhor, sobretudo quando se trata de um acto que exige ponderação e um severo exame de consciência. São tantas, no entanto, as solicitações que chegam até nós e tão numerosos e comoventes os casos que nos têm sido relatados, que não podemos deixar de insistir — quanto mais não seja para dar satisfação ás pessoas que diáriamente se nos dirigem —, na necessidade de decretar uma ampla amnistia como fecho das comemorações nacionais em honra do Infante D. Henrique. Queremos acreditar que esse propósito humanitário está já no pensamento daqueles de quem depende tomar a generosa e oportuna decisão. E não tardará, por certo, que seja anunciado, para tranquilidade de quantos esperam por essa hora de reconciliação e apaziguamento, para voltar a abraçar entes queridos, pais, maridos e irmãos, transviados por um momento do cumprimento de deveres e obrigações que todo o homem bem formado tem para com a sociedade e o seu semelhante. Estamos certos de que o assunto está já a ser estudado por quem lhe pode dar solução, pois requer uma investigação atenta e demorada de todos os casos dignos de serem considerados. Não devem alimentar, porém, demasiadas ilusões aqueles que praticaram actos que exigem severa punição e que não podem ser, de modo nenhum, abrangidos por uma amnistia, por mais ampla e generosa que ela seja. Há, porém, delitos que, por sua natureza, podem incluir-se entre aqueles que mais se tornam dignos de um acto de clemência, numa hora de fraternidade e de comunhão nacional, como aquela que estamos a viver sob a égide do Infante. E, quanto a esses, queremos acreditar que, sem perigo para a sociedade ou para as instituições, haverá uma medida maior de compreensão e de tolerancia.

FÉRIAS NO MEDITERRÂNEO (5)

A técnica moderna na construção de um grande paquete aliada ao sentido prático da vida a bordo

por MAURÍCIO DE OLIVEIRA

A BORDO DO «LEONARDO DA VINCI», Setembro — Eis-me de novo em Génova, outra vez a bordo do «Leonardo da Vinci», depois de uma rápida peregrinação pela Riviera italiana. Vamos largar. Até Gibraltar, são três dias, com as escalas de Cannes e de Nápoles de permeio. Terceira viagem do grande paquete para os Estados Unidos. Lotação completa: 1326 passageiros. Se lhes adicionarmos mais uns 600 tripulantes, são quase duas mil al-

(Continua na 11.ª página)

O adeus a Génova, quando o «Leonardo Da Vinci» largava há dias para a sua terceira viagem

ESTA SEMANA, DIZ O MÉDICO...

O homem dispõe e o coração manda

pelo DR. AUGUSTO D'ESAGUY

O coração é um órgão nobre — o mais nobre de todos os órgãos, aquele que possui maior reserva, força escondida, força que o próprio homem ignora e nem sempre a descobre na altura precisa ou quando um sorriso — trânsito-aberto o desafia para novas folias...

Os principais sintomas cardíacos

(Continua na 15.ª página)

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

Está em organização o cortejo de oferendas para o Hospital de Almada

O Hospital da Misericórdia de Almada é um estabelecimento modelar, com uma notável obra de assistência e amparo, mantendo um asilo para indigentes, que consome 1650 contos, anualmente. Essa admirável acção humanitária, que vai ampliando e exigindo novos esforços, outras dedicações e meios indispensáveis, pode avaliar-se pelos numeros relativos ao movimento no período de 1954 a 1956: Distribuição de 195 627 sopas aos pobres e vários subsídios, 552 contos; manutenção do Asilo, onde vivem 20 anciãos, indigentes, 628 contos; funcionamento do Hospital 8750 contos, no total de 9930 contos.

Para que a obra se mantenha e seja cada vez mais vasta, prepara-se o tradicional cortejo de oferendas, a realizar em 9 de Outubro próximo, havendo, além das comissões locais, a comissão de honra, constituida pelos srs. ministros da Presidência e da Saúde, dr. Miguel Rodrigues Bastos e, governador civil do distrito de Setubal; dr. Emílio Aquiles Monteverde, presidente da Camara Municipal de Almada; comodoro Henrique dos Santos Tenreiro, provedor da Misericórdia daquela vila; rev. beneficiado António Gonçalves Pedro, reitor do Seminário de Almada, e Manuel Guilherme de Sousa Gonçalves, proprietário; e a comissão executiva, da qual fazem parte os srs. comandante Alberto Alves Lopes, vice-provedor da Misericórdia de Almada; comandante Armando Pimentel Saraiva, Agostinho da Silva Santos, Augusto Sant'Ana de Araujo, Mário Fernandes Pinto, Abílio de Almeida Ramos e José Ribeiro de Carvalho.

A organização do cortejo está em pleno dinamismo e foram já distribuidas profusamente circulares com elementos elucidativos da obra que se pretende valorizar ainda mais e solicitando donativos de quem deseje colaborar nessa admirável obra de benemerência.

As festas da Moita

Com girandolas de morteiros, começaram esta manhã as grandiosas e tradicionais festas de Nossa Senhora da Boa Viagem, que continuarão até ao dia 14, certamente com grande animação e muita concorrência, como acontece todos os anos.

A's 8 e 30, houve missa de comunhão geral, seguindo-se missa solene, cantada, em honra de Nossa Senhora da Boa Viagem.

A's 21 horas, continuam as cerimónias religiosas, na igreja Matriz, com terço, ladainha de Nossa Senhora, sermão e bênção do Santíssimo; e a banda da Academia Musical União e Trabalho, de Sarilhos Grandes, percorrerá a vila, tocando.

A's 21 e 30, abrem o arraial e a feira franca, feéricamente iluminada, estando também com lindas iluminações a igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem e os paços do concelho.

Aquela banda dará um concerto.

O programa de amanhã é o seguinte: ás 8 horas, alvorada, com morteiros, «zés pereiras», gigantes e cabeçudos; ás 8 e 30, missa; ás 10, volta á vila, pela banda da Sociedade Musical 5 de Outubro, de Paio Pires; ás 12, missa solene de festa, cantada, e sermão; ás 14, chegada das bandas da Academia Musical União e Trabalho, de Sarilhos Grandes, e da Sociedade Filarmónica Visconde de Alcácer que darão concertos e percorrerão a vila; ás 16, concurso de barcos ornamentados; ás 17, saída da procissão; ás 21, corrida de touros; das 21 e 30 ás 24, concertos; e ás 24, exibição do Rancho Folclórico da casa do Povo de Almeirim.

INCÊNDIO num armazém em Sesimbra

SESIMBRA, 10. — (Pelo telefone) — Na madrugada de hoje, cerca das 4 horas, a zona ocidental desta vila foi alarmada pelas sirenes dos bombeiros. Declarara-se incêndio num armazém pertencente ao sr. Manuel Agostinho Reis, onde se encontrava grande quantidade de palha e peles curtidas num valor superior a cem contos. Provocado por um descuido do guarda do armazém, que acendeu uma vela sobre um molho de palha e que adormeceu em seguida, o fogo tomou rapidamente proporções assustadoras, tanto mais que, nas proximidades se encontram mais armazéns e a falta de pressão da água canalizada dificultou a acção dos bombeiros. Estes, sob as ordens do ajudante do comando Baptista atacaram as chamas durante mais de duas horas, auxiliados por numerosos populares

Os prejuizos causados pelo fogo ainda não foram determinados. A maior parte da palha ficou inutilizada e morreu muita criação que se encontrava dentro do armazém. Salvaram-se, todavia, um cavalo e uma cabra. O guarda do armazém sofreu apenas ligeiras queimaduras.

Cinemas

ALMADA — Incrível Almadense — A's 21 e 15 — «Vento selvagem» (12 anos). — Academia — A's 21 e 30 — «Tótó em Madrid» e «O homem da colina» (17 anos).

COSTA DA CAPARICA — Cine-Copacabana — A's 21 — «12 homens em furia» e «Escrava e rainha» (12 anos).

AMORA — Cine-Teatro — A's 21 e 15 — «A dois passos da forca» (17 anos).

Farmácias de serviço

ALCOCHETE — Gameiro — Largo António S. Jorge. Tel. 034100.

ALMADA — Central — Rua Olivença, 11-B. Tel. 070504.

BARREIRO — Central — Avenida da Bélgica, 48. Tel. 023207.

COVA DA PIEDADE — Castro Rodrigues — Praça 5 de Outubro 1910, 62. Tel. 070121.

MOITA — Silva Rocha — Praça da Republica, 16. Tel. 039029.

MONTIJO — Geraldes — Rua Almirante Reis, 45. Tel. 030008.

SESIMBRA — Lopes — Rua Candido dos Reis, 67. Tel. 029028.

SETUBAL — Normal do Sul — Praça do Bocage, 137. Tel. 22216.

(Nas localidades onde existe uma só farmácia esta encontra-se de serviço permanente).

A hora da justiça

(Continuação da página anterior)

Joaquim Manso, cuja nobreza de carácter, autoridade e prestígio, serviram os altos interesses da Nação nas colunas do «Diário de Lisboa», jornal que fundou e dirigiu, com raro brilho, durante trinta e cinco anos.

Vai tardando a hora de falar sobre uma homenagem pública a um homem de Letras da envergadura de Joaquim Manso, cujo valor se projecta no jornalismo português como figura de primeiro plano.

Ao fundar o «Diário de Lisboa», o dr. Joaquim Manso rodeou-se de uma pleiade de homens que seguiram a sua orientação, fundando como que uma escola de jornalistas. Deu nova vida ao jornalismo português traçando os planos e as directrizes do jornal a que se manteve fiel durante os trinta e cinco anos em que esteve á frente da sua direcção.

Num dos aniversários do seu jornal escreveu ele: «O «Diário de Lisboa», na sua marcha pelos anos fora, não pretende ser o espelho da perfeição, mas tão sòmente um jornal que honestamente desempenha um papel que lhe permita viver, respeitar e propagar os princípios e as doutrinas que asseguram o progresso de um povo. Nunca trocou estradas por atalhos. Por Portugal, português de lei, pela República, republicano tolerante e sincero».

Ninguém ousará desmentir a coerência das suas atitudes com a linha recta da sua consciência e da sua vida exemplar.

Os anos decorreram mas ficou sempre jovem de espírito, dando lustre, dignidade e prestígio ao seu jornal, defendendo as causas justas que dignificam a Humanidade.

Através da sua obra de pensador e do seu convívio, verificam-se as qualidades do Homem, essencialmente inteligente, com grande agudeza de espírito crítico, que ele permitia julgar as ideias e os homens com generosidade e sem facciosismo.

Os seus artigos ficaram como altos relevos onde cintilará para sempre a lucidez de espírito do vigoroso escritor, de vasta cultura e erudição, a comentar os acontecimentos da vida pública e a desenhar o perfil dos homens que vivem na sociedade dos nossos dias.

Nesta evocação do eminente homem de letras salientemos as palavras lapidares do seu querido amigo e discípulo dr. Norberto Lopes ditas no dia em que o dr. Joaquim Manso completou meio século de actividade literária:

«Tendo na mão esta arma poderosa que é um jornal com largo crédito na opinião pública, um grande jornal que todos louvam pela independência das suas opiniões e pela sinceridade dos seus juizos críticos, um jornal que nunca se enfeudou a nenhum jogo de interesses materiais e que nunca se atrelou ao carro de nenhum triunfador; tendo na mão este instrumento de primeira ordem que lhe podia ter aberto caminho para destinos mais frutuosos, nunca se serviu dele para fins inconfessáveis, nunca o pôs ao serviço de uma causa que não fosse justa, nunca faltou ao respeito devido á dignidade humana, nunca atraiçoou a nobreza dos seus ideais, nunca quis ser outra coisa senão director do seu jornal. Podia ter sido tudo o que quisesse, numa terra onde não abundam os homens da sua têmpera, e não quis ser mais do que o comentador amável e sorridente dos acontecimentos, isto é, dos homens e das suas acções; nunca teve outra preocupação que não fosse a de descobrir uma palavra justa para louvar um gesto nobre, exaltar uma acção digna, verberar os falsos apóstolos, confundir os vendedores de elixires, tocar a rebate o sino grande da consciência pública quando algum perigo ameaça a integridade do solo pátrio ou alguma caluniosa maquinação põe em causa a dignidade nacional.

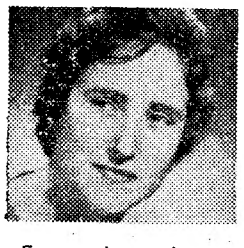
«Podia ter sido tudo e quis ser apenas jornalista. Há trinta e três anos que ele é, por via de regra, o primeiro a entrar e o último a sair do jornal. Há trinta e três anos que a sua pena, sem um desânimo, sem um desfalecimento, pede justiça para os humildes, conforto para os que sofrem, mais pão para os que necessitam de matar a fome e mais luz para os que vivem nas trevas. Fiel às suas convicções, nunca deixou de pedir, também, mais liberdade, que não quer dizer licença, para os que pretendem exprimir o seu pensamento, alargar os voos do seu espírito, traduzir os anseios da sua inquietação...»

Este retrato fiel e realista da nobreza de carácter de um grande de Portugal que desapareceu, no dia 10 de Setembro de 1956, feito pelo mais intimo colaborador do eminente jornalista, é quanto basta para não deixar dúvidas a ninguém da homenagem pública a que tem direito o dr. Joaquim Manso, vida exemplar de cidadão e de puro intelectual.

VERGILIO PASSOS

Fogo numa residência

LOUSÃ, 10. — No lugar da Ribeira da Fornea declarou-se incêndio no prédio habitado pelo seu proprietário, sr. Manuel Mendes. As chamas devoraram todo o recheio, e os prejuizos, avaliados em milhares de escudos, estão só em parte cobertos pelo seguro.



Escreve-nos a Ex.ma Senhora Dona Maria José Rafael Mergulhão Rebelo — Rua D. Maria Pia, n.º 536-c/v-Esq. — LISBOA

«O peixe fica mesmo como eu gosto! Saboroso e douradinho que é um gosto. E não é só o peixe. Todos os pratos feitos com Vaqueiro ficam realmente bons.

É por isso que uso sempre a Vaqueiro na minha cozinha».

Em toda a boa cozinha a Vaqueiro, composta de óleos vegetais puríssimos, é um elemento indispensável.

* Esta carta pode ser consultada no Instituto Culinário da Margarina Vaqueiro — Rua da Sociedade Farmacêutica, n.º 3, 3.º — LISBOA

Vaqueiro

A *NOVA* VAQUEIRO TORNA TUDO *AINDA* MAIS APETITOSO

60-VA-37

FÁBRICA IMPERIAL DE MARGARINA, LDA. — SACAVÉM

VIAGENS DE NEGÓCIOS E TURISMO

Compre o seu bilhete de avião, caminho de ferro ou barco e reserve hotel, aos preços oficiais, na:

HAVAS EXPRINTER

Lisboa—Rua Aurea, 242—Telefones 24306/25620

Porto—R. St.' António, 118, 1.º Telef. 21157

A romagem dos Guardenses ao Promontório de Sagres

principia no dia 24

GUARDA, 10 *(Pelo telefone)*.— Está já definitivamente elaborado o programa da romagem do distrito da Guarda ao Promontório de Sagres e a diversos monumentos evocativos dos descobrimentos promovida pelo chefe do distrito, dr. Santos Junior, com a colaboração das camaras municipais.

O programa geral foi fixado como segue: Dia 24 — ás 8 horas, partida do cortejo-automóvel da Guarda; 20 horas, chegada ao Algarve.

Dia 25 — ás 10 horas, concentração no Promontório de Sagres, missa, alocução e visita aos locais históricos. Ás 12 horas, visita ás Muralhas e ao Forte da Bandeira e homenagem junto da estátua do Infante, em Lagos. Finda esta cerimónia, os participantes na romagem ficarão com a tarde livre, podendo aproveitá-la para visitas particulares a pontos turísticos e monumentos do Algarve. Os que desejarem, poderão tomar parte na visita colectiva do governador civil e presidentes das camaras ao monumento consagrado á memória do engenheiro Duarte Pacheco, em Loulé.

Dia 26 — Ás 9 horas, partida da caravana-automóvel do Algarve para Lisboa; 15 horas, concentração junto do monumento dos Descobrimentos, em Belém; evocação da epopeia das Descobertas; visita á Exposição Henriquina, á Torre de Belém e ao mosteiro dos Jerónimos; 18 horas, apresentação de cumprimentos ao Governo e ao presidente das Comemorações Nacionais Henriquinas.

Dia 27 — Ás 9 horas, partida de Lisboa; 11 horas, visita á capela de S. Jorge, em Aljubarrota; concentração no mosteiro da Batalha; missa; homenagem do distrito á memória do Infante junto do seu tumulo, na capela do Fundador; visita ao mosteiro. Ás 13 horas, visita ao santuário de Fátima; 13 e 30, almoço colectivo em Fátima; 16 horas, visita ao convento de Cristo, em Tomar, 17 horas, partida de Tomar e regresso á Guarda.

Sessão no Arquivo Histórico Ultramarino

O presidente do Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, o director do Instituto Superior de Estudos Ultramarinos e o director do Arquivo Histórico Ultramarino promovem uma sesão solene em honra do infante D. Henrique, no próximo dia 12, ás 15 e 15, no salão nobre do palácio da Ega.

FESTAS e ROMARIAS

Em Santa Bárbara do Degebe

EVORA, 10.—No próximo domingo, efectua-se a tradicional romaria em honra de St.ª Bárbara do Degebe que se venera na sua ermida, junto á estrada de Redondo, a 5 quilómetros de Evora.

Como é hábito, haverá solenidades religiosas, procissão, leilão de fogaças, arraial com bailes e concerto musical; queima de fogo de artifício, etc.

Tradicionalmente, é a mais concorrida romaria dos arredores de Evora.

Em Belver

BELVER, 10. (Pelo telefone). — Começaram hoje as festas tradicionais em honra das Santas Relíquias que se guardam na igreja matriz.

A's 7 horas, uma salva de morteiros anunciou o começo dos festejos. A's 17, começa um torneio de tiro aos pratos, em que serão disputadas valiosas taças e outros prémios. A's 20, haverá missa vespertina na igreja matriz; e ás 21 e 30, procissão com as Santas Relíquias, da matriz para a capela de S. Brás, no castelo, onde ficarão expostas á veneração dos fiéis até ao dia seguinte. A' meia-noite, será queimado fogo de artifício.

As festas prosseguem amanhã com procissão, missa, leilão de fogaças, ranchos folclóricos e fogo de artifício.

Em Sobral do Monte Agraço

SOBRAL DO MONTE AGRAÇO, 10. — Começam amanhã e prosseguem segunda, terça, quarta e quinta-feiras as Festas e Feira de Verão, que serão abrilhantadas por três bandas de musica.

O programa inclui arraial, cortejo de oferendas, corridas de touros e de garraios, feira de gados, concertos musicais, exibição de ranchos folclóricos, quermesse, largada de touros, futebol e ciclismo, gincana de «scooters» e bicicletas motorizadas, fogo de artifício, carrocéis, pista de automóveis, aviões, circo e outros divertimentos.

No Sardoal

SARDOAL, 10. — Principiam amanhã e continuam nos dias 12, 18 e 19 do corrente as tradicionais festas a favor da Santa Casa da Misericórdia.

O programa de amanhã é o seguinte: alvorada, peditório, concerto pela Filarmónica União Sardoalense e musica de dança pela Orquestra Figueira Padeiro e serão para trabalhadores organizado pela F. N. A. T., em que colaboram António Calvário, Guilherme Kjölner, João Firmo, Luísa Maria, Maria Candida e Maria de Lourdes Rezende.

SENSACIONAL

Sabonetes «PALMOLIVE», pequenos, cada 4$40, grandes, cada 6$60, descontos para revenda, mínimo uma duzia, na PERFUMARIA CEZAL, Rua do Comercio, 12 e 14, telefone 26498.

O PORTO pelo telefone

Cuspido de um «jeep»

PORTO, 10—Recolheu ao Hospital da Misericódia o barbeiro Joaquim Fernando Nunes Valente, de 28 anos, casado, de Paços de Ferreira, que na Serra do Pilar, quando seguia num «Jeep» foi cuspido e sofreu graves ferimentos na cabeça.

CARTAZ DO PORTO

Espectáculos de amanhã

COLISEU — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «O amor não se vende», drama (17 anos).
RIVOLI — As 15 e 30 e 21 e 30 — «Violência em Tóquio», drama (12 anos).
AGUIA DE OURO — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «Totó em Madrid», comédia (17 anos).
SA DA BANDEIRA — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «A flecha de sangue» e «O neto do Zorro», aventuras (12 anos).
TRINDADE — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «Casamento por engano», comédia (17 anos).
SÃO JOÃO — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «Férias em Porto Fino», musical (12 anos).
BATALHA — As 15 e 30 e 21 e 30 — «A caminho do inferno».
VALE FORMOSO — A's 21 e 30 — «Caçada humana», aventuras (17 anos).
OLIMPIA — A's 15 e 30 e 21 e 30— «A máscara de um fugitivo», drama, e «Cantinflas em Grande Hotel», comédia (12 anos).
JULIO DINIS — A's 21 e 30 — «Sansão e Dalila», histórico, drama (12 anos).
NUN'ALVARES — Ás 21 e 30 — «Sua Alteza Real», musical cómico (12 anos).
CASINO DA PÓVOA — Variedades
CASINO DE ESPINHO — Variedades.

Tágide • Concha • Palm Beach

APRESENTAM

MARUJITA RUIZ

A voz que é uma nova expressão dos ritmos da América Latina

KARY MAYER e MARY DUGAN

Nas mais assombrosas demonstrações de telepatia

GUZMAN Y MARIN

Os «príncipes» do baile espanhol

EM MOMENTOS DO FADO UMA NOVA GRANDE «ESTRELA» NASCEU

MARIA MARQUES

Que o público já considera como a melhor intérprete actualmente em actuação

JOSÉ BORGES

A voz romântica do Fado

JOSÉ RAMOS (à guitarra) — **PEDRO LEAL** (à viola)

Na **«Tágide»:** Conjunto FERNANDO ALBUQUERQUE
No **«Palm Beach»:** Conjunto RICARDO CREDI
Na **«Concha»:** O pianista atracção EUGÉNIO PEPE

Acompanhamento de Variedades por
FERNANDO POTIER

(Maiores de 17 anos)

A CIDADE

O naufrágio

das caravelas gloriosas

As celebrações das datas imperecíveis, transcendentes na História de um país hão-de revestir-se do mais alto sentido dignificador da figura ou do facto que se exalta, adquirindo solene expressão para orgulho da consciência nacional — e prestígio do seu significado na ampla projecção além-fronteiras

Há, contudo, o aspecto popular, com os emotivos entusiasmos do povo, o recolhido sentimento de veneração pelo herói evocado ou as exteriorizações exultantes pela grandiosa e fulgurante sugestão do acontecimento memorável, no ambiente propício a esse estado de euforia colectiva. Para isso, prepara-se esse ambiente com o cenário de todas as pompas, simbolismos, cintilações e efeitos que actuam directamente na sensibilidade e na imaginação visual das massas fácilmente impressionáveis; e tem de haver a comunicabilidade com a multidão, associando-a directamente ás comemorações, envolvendo-a no ambiente da jubilosa festividade.

Em tais casos, as cidades vestem as suas melhores galas de pomposos reflexos, exornando-se de ouropéis, ostentando os ornamentos a que o gosto artístico empresta beleza e a sugestiva atracção, no mesmo plano superior, de dignidade, que o facto notável requer.

As comemorações henriquinas tiveram no País a elevação condigna no aspecto cultural, de consciente rememoração do seu valor histórico, com altos momentos culminantes de ressonancia e expansão mundiais. E não lhes faltou o calor humano, nem o envolvente entusiasmo da multidão ufana da sua epopeia.

Contudo, talvez delineadamente apressada, a decoração da cidade, em especial nos lugares destinados ás cerimónias de maior relevo, ficou muito aquém da grandiosidade da transcendente celebração — digamos que foram excessivamente modestas, mesmo de uma tímida e inexpressiva modéstia empobrecida, de confrangedora banalidade. Uns paus com galhardetes, mastros de arraial, mais ou menos alagartados, drapejando bandeiras e bandeirolas, e simbolismos pouco expressivos, pálidamente doirados. Foi isto o que se exibiu nas ruas de Lisboa por onde desfilaram imponentes cortejos e embaixadas que vieram prestar a significativa homenagem á memória do precursor das modernas civilizações.

Agora, esses mastros de arraial essas bandeiras, essas singelas oirescências, aí estão deslavados, descoloridos pelas soalheiras a despedaçar-se ás ventanias, como tristes destroços da simbólica caravela que tivesse naufragado — quando se mantém altiva, gloriosa no esplendor da sua eternidade.

As obras no Rato

A fim de permitir o prosseguimento das obras do Largo do Rato, vai ser desviada, a partir do próximo dia 13, a circulação dos veículos, no sentido nascente-poente, para a faixa norte do referido largo, que foi recentemente alargada

Pelos hospitais

DOENÇA SÚBITA E MORTAL.— O jornaleiro José Pinto, de 38 anos, residente em Vila Nova de Caparica foi acometido de doença súbita em sua casa. Conduzido imediatamente ao Hospital de S. José, aí chegou já morto, sendo o cadáver removido para o Necrotério.

Quem perdeu?

Relação dos achados ontem, em Lisboa, e entregues á P. S. P. (Governo Civil): notas do Banco de Portugal, medalha de ouro, tampão para depósito de gasolina e aros e tampões de roda de automóvel, bem como uma manivela para porta, agenda de bolso, bilhete de identidade de José Pereira; impressos para pedido de bilhete de identidade em nome de Octávio de Abrantes Ferreira, chave de bocas, uma boina e uma esferográfica, chapéu de palha de criança, óculos graduados; porta-moedas com dinheiro, achado num estabelecimento do Chiado, porta-moedas com argola com chaves e dinheiro, uma pasta vazia e outra com ferramenta; e argolas com chaves e várias chaves.

A QUEM PERTENCE O ALFINETE? — Na Secção de Justiça da P. S. P. também se encontra um alfinete de ouro, com uma pedra, que foi perdido ou furtado. Os interessados podem dirigir-se áquela secção, a fim de o reconhecerem.

IA NUMA BARRICA

e ficou ferido

Quando esta manhã, o jornaleiro Mário Fonseca Caxarias, de 23 anos, da Quinta da Vargem, Costa da Caparica, seguia na Cova da Piedade, numa carroça e dentro de uma barrica, esta foi projectada para a rua, pelo que ficou muito contuso. Depois de receber os primeiros socorros na clínica do dr. Elvas, foi transferido para o Hospital de S. José, onde deu entrada na sala de observações.

Exposição de pintura

na J. T. da Costa do Sol

A partir de hoje encontra-se patente, na sede da Junta de Turismo da Costa do Sol, uma exposição de pintura a óleo, da consagrada pintora Emma Barzini, que escolheu para motivo dos trabalhos que vai expor, alguns dos mais interessantes aspectos de Cascais.

De passagem por Santarém, almoce ou jante no RESTAURANTE DA CAMIONAGEM RIBATEJANA.

A SABENA FOI A PRIMEIRA COMPANHIA EUROPEIA A UTILIZAR ESTES APARELHOS

1.ª LIGAÇÃO EUROPA-AFRICA: 19 DE JANEIRO DE 1960

1.ª LIGAÇÃO EUROPA-U. S. A.: 23 DE JANEIRO DE 1960

SABENA

LINHAS AÉREAS BELGAS

AVENIDA DA LIBERDADE, 13-A - LISBOA - TELEF. 35572

De ontem para hoje

MESTRE DA CULTURA LUSO-BRASILEIRA

Desde a publicação de «Casa Grande e Senzala» que Gilberto Freyre assentou cátedra na primeira fila dos mestres da Sociologia e da História. Universidades europeias e americanas têm disputado a sua presença e lições magistrais e os livros traduzidos em todas as línguas cultas dão a conhecer ao Mundo a maneira de ser, o ambiente familiar e social dos Portugueses do Brasil nos tempos já recuados da colonização. Assim se foi gerando a grande pátria brasileira de hoje nessas casas grandes, nessas senzalas, nos sobrados nordestinos, com os brancos, os negros, os mulatos e os índios. Caldeamentos vários deram o Brasil de hoje. Gilberto Freyre tem ensinado em todo o Mundo, mas cátedra permanente montou-a em Apipucos, na cidadezinha pernambucana onde escreve os seus livros, onde se recolhe sempre após cada sortida magistral. Para lá voltou a noite passada. Em Lisboa deixou marca do seu talento na exposição feita no Congresso dos Descobrimentos. Ontem á noite foi-lhe oferecido pelo secretário nacional da Informação um banquete, a que assistiram os srs. prof. Adriano Moreira, almirante Sarmento Rodrigues, prof. dr. Lopes de Almeida, dr. Banha da Silva, drs. Franco Nogueira, Augusto de Castro, Martinho Nobre de Melo e Norberto Lopes, Luís Forjaz Trigueiros, dr. Luís Borges de Castro, dr. Tavares de Almeida e Gastão de Bettencourt. Houve afectuosa troca de brindes entre o dr. Moreira Baptista e Gilberto Freyre.

DA PONTE AO RIO

Ia o automóvel a entrar numa ponte sobre o rio Caia, a caminho de Campo Maior, quando bruscamente saiu do leito da estrada e descambou por um declive, saltando como gigantesca pela. Desatenção do volante? Subito obstáculo de somenos importancia mas que o tenha descontrolado? O certo é que a esposa do condutor, sr.ª D. Inácia Freitas Pilar, de 25 anos, já não recobrou acordo, falecendo pouco depois no Hospital de Campo Maior. O desastre, que mergulhou em negra desolação o pobre António Pilar, impressionou vivamente toda a população de Campo Maior, onde o casal residia.

FLORES DE SANGUE

Em S. Pedro Velho, concelho de Mirandela, Acurcio Fontoura, brincava sozinho, com a inconsciência dos seus 5 anos. Subiu a uma pipa que rebolou e lhe esmagou a cabeça. ✻ *Tinha 3 anos o António Nicolau Junior, de Mato Velho, Porto de Mós. Brincava e, na brincadeira meteu uma fava na boca. Morreu asfixiado o pobre inocente.*

O AMOR OS UNIU

Com 78 anos — bem bonito rol — morreu no Lavre o sr. Manuel Custódio Borrego. Foi no seu tempo um campino destemido e ousado, capaz de enfrentar um toiro e de se lhe pendurar entre a armação e o dominar. Foi a enterrar e quem o levou ao cemitério ao chegar a casa soube da morte da sr.ª Adelina Maria Borrego. Não resistira á dor de perder o marido e morria 16 horas depois dele. O amor os uniu e nem a morte os separou.

VIDA POLÍTICA

O sr. Presidente da Republica recebeu ontem, no Palácio de Belém, o sr. subsecretário de Estado da Aeronáutica. Estiveram ali a inscrever-se no livro de cumprimentos os srs. ministro da Marinha; brigadeiro Pereira de Castro, comissário-nacional da Mocidade Portuguesa; prof. Leo Magnino; dr. José de Oliveira Boléo, director dos Serviços de Instrução de Moçambique; e primeiro-tenente João Carlos de Alvarenga.

✻

O sr. Presidente do Conselho trabalhou ontem com os srs. ministros da Presidência e da Defesa Nacional.

SIC TRANSIT...

A baleia ufana que domina os mares e corre altiva, bufando, sobre as ondas, pode acabar como vizinho indesejável e malcheiroso. Deu á costa uma, em Praia de Ancora. Apodrecia e atiraram com ela para o mar largo. Apareceu na praia, mais abaixo, de Montedor. Incomoda toda a gente e pedem que as autoridades remedeiem o inconveniente. Ontem rainha dos mares, hoje um monte de estrume na praia de Montedor. «Sic transit gloria mundi...»

A MULHER E AS ABELHAS

Era uma nuvem negra, um pequeno exército em marcha, revoluteando em torno da vítima, cruel e zumbidor. Apenas um enxame de abelhas. Sim, mas ninguém desdenha de tais inimigos antes de os haver enfrentado. A pobre da Maria de Jesus, que caminhava para o forno, onde ia cozer pão, debateu-se, cobriu a face com as mãos, gritou por socorro e, ao fim e ao cabo, caiu por terra, inanimada. Tal numero de picadas recebeu que se encontra internada, em estado grave, no Hospital de Tabuaço.

NOTOCICLETA E CAMIONETA

Perto de Oiã, o industrial de Fermentelos, sr. António Emílio Duarte Ferreira, de 40 anos, seguia de motocicleta. Foi chocar com uma camioneta e, levado ao hospital, quando lá chegou era cadáver.

A «ELITE» TECNICA

Uma das mais importantes certezas que as Comemorações Henriquinas nos trouxeram foi a da existência de uma plêiade admirável de homens de ciência e técnica aquém e além Atlantico, brivada pelas Jornadas Luso-Brasileiras de luso-brasileiras de Engenharia Civil. Do Brasil veio uma equipa excelente. Cerca de 150 engenheiros aprovados entre os mais empreendedores, sabedores e modernos da nação irmã. Pois bem, os técnicos portugueses, mormente os de Engenharia Civil, chamados á liça com insistência, sustentaram, sem desmerecimento, o confronto com tão subidos valores. E entre eles mais uma vez se destacou, pela inteligência, pela visão lucida dos problemas, pela concisão e pelo espírito de organização, o sr. eng. Manuel Rocha, director do Laboratório de Engenharia Civil, a quem ontem á noite, em S. Julião da Barra, durante a recepção oferecida aos congressistas pelo ministro das Obras Publicas, foi entregue pelo embaixador do Brasil a Ordem do Cruzeiro do Sul com que o presidente Kubitschek de Oliveira o havia agraciado. O sr. eng. Arantes e Oliveira enalteceu o exemplo inspirador desta Jornadas e o contacto fecundo que elas representam, brindando, por ultimo, ao progresso extraordinário do Brasil.

AS CASAS DOS NOSSOS AVÓS

Em Carapeços, perto de Barcelos, houve escavações de volframio durante a guerra. Como em toda a parte. Muitas pedras e velharias apareceram. Agora renovaram-se as escavações, já sem o impulso da ganancia e só com o interesse científico. Estão a aparecer casas circulares, com antecamaras. Ali viveram os trisavós dos nossos quintavós.

MAUS INSTINTOS

Um cadastrado, de 23 anos — Manuel de Sousa Dias, que já cumpriu dois anos e meio de prisão por tentativa de homicídio, foi novamente preso pela Polícia, em Almancil, onde aterrorizava as mulheres, maltratando-as. Uma pobre senhora, D. Glória de Sousa Martins, cujo marido se encontra ausente na Venezuela, foi por ele abordada ofensivamente e, como resistisse, agredida a tiro. O facínora havia também assaltado estabelecimentos e incendiado, por pura malvadez, carros de tenha e roleiros de trigo.

A Fiscalização da I. G. A

Elementos das brigadas móveis da Fiscalização da I. G. A. estão a percorrer os principais centros populacionais quais oito relativos á venda de pescado onde têm sido recebidas muitas queixas, e regularizaram casos de altas injustificadas.

Assim, por manifestos abusos especulativos, foram presos em flagrante cinco vendedores de peixe e oito talhantes, que depositaram cauções entre cinco e dez contos. A vendedores de peixe foram instaurados mais 28 processos, dos quais oito relativos á venda do pescado impróprio para consumo, e mais cinco a talhantes. Foram, ainda, autuados 17 retalhistas de várias localidades, que não tinham o bacalhau exposto á venda.

Fabrico e venda de pão

Entretanto, mantém-se activa a vigilancia sobre o fabrico e venda do pão. Colheram-se amostras de farinhas para análise, inclusive em fábricas de moagem.

Dois processos

A Fiscalização da I. G. A. processou a vendedeira de peixe Maria de Jesus Glória Roberto, de Atalaia do Campo (Fundão), a quem foram inutilizados 206 chicharros, com o peso de 69 quilos, que estava a vender e se encontravam em putrefacção.

Foi instaurado um processo contra o engraxador Salvador Ferreira Maria, que foi preso pela P. S. P. por ter cobrado a um estrangeiro 39$50 por engraxar dois pares de sapatos e colocar dois protectores.

O preço dos ovos

Em consequência de várias queixas a propósito do preço presumívelmente excessivo dos ovos, no concelho de Almada, designadamente na Costa da Caparica, a Fiscalização da I. G. A. esclareceu que não há qualquer razão para o artigo ter ali preços superiores aos fixados em Lisboa.

Em Alpiarça-Almeirim, o «Diário de Lisboa» é vendido por intermédio do sr. Francisco Abrantes Pereira.

TEATROS E CINEMAS

Atrás do reposteiro

- Reune-se na próxima semana o Conselho de Leitura do Teatro D. Maria II, para apreciar os originais entregues.
- Vindo da Beira Alta, encontra-se já em Lisboa o actor Carlos Valério.
- A jovem cançonetista Maria do Espírito Santo, que se vai estrear no ABC, na revista «Espero-te á saida», cantará as seguintes melodias: «Conimbriga», «Fado das horas» e «Igrejas de Lisboa».
- Para a apoteose da revista «A vida é bela», em ensaios no Capitólio, e intitulada «Chafarizes de Lisboa, teve de ser construido no subpalco um reservatório em cimento, com a capacidade de 3000 litros de água.
- Vasco Morgado está a organizar o elenco de uma nova companhia, para ensaiar uma comédia musicada, a subir á cena no Avenida.
- Nos ensaios da comédia musicada «Boa noite Bettina», que estão a decorrer no Monumental, está a participar o actor Rogério Paulo.

No Ultramar

- O ilusionista português Conde de Aguilar, em digressão artística por Moçambique, realiza hoje um espectáculo na ilha de Moçambique, seguindo depois para Porto Amélia, onde se estreia no dia 14.

Primeiras exibições

«Jovens solteiras», no Avis

«Señoritas», no título original, trata este filme de vários casos simultaneos de raparigas em idade de casar — o da ambiciosa, o da leviana, o da honesta e o da que tem vocação religiosa — mas fá-lo sem aborrecer o espectador, e ás primeiras apresenta-as em sugestivos fatos de banho quando na piscina, a bela Cristiana Martel, e outra num concurso de beleza. Enfim, um belo desfile de mulheres, um belo filme, agradável, com boa fotografia em cores, e toda a cor da capital do México, da sua praia de Acapulco e dos seus recintos de diversão, com bons numeros de folclore mexicano, um conjunto que acredita o bom gosto do realizador, Fernando Mendes e dos seus colaboradores.

Em complemento de tão agradável espectáculo vê-se um bom documentário de Santiago de Compostela e um variado jornal de actualidades, NO-DO também.—*Visor 70.*

«Um noivo da América», no Eden

Saborosa esta comédia, «Um noivo da América», de Leonardo Demitri, a história de um jovem que regressa á Itália dos Estados Unidos e que toda uma cidade envolve.

Walter Chiari, um dos mais notáveis cómicos italianos, é o protagonista deste filme ligeiro, fresco e luminoso, que é apetecível como um sorvete. As paixões que o jovem desperta entre as raparigas casadoiras da cidade causam as mais surpreendentes peripécias.

Além de Walter Chiari vemos, em figuras caricaturais, Gino Cervi, Federica Ranchi e Nino Taranto. A graça, o movimento e a originalidade, convertem «Um noivo da América» numa das mais amáveis comédias da época. — M.

«Casei com um monstro do espaço», no Condes

A ficção científica apaixona o homem do nosso tempo. E' um mundo fascinante. «Casei com um monstro do espaço», de Gene Fowler, com Tom Tryon e Glória Talbott, é uma película impressionante que nos narra uma história de emoção. Uma jovem casa com um homem estranho que ela descobre ser um habitante de outro planeta.

O publico do Condes apreciou extraordinàriamente o filme, de um «suspense» magnífico, de uma invulgar interpretação.

Bons documentários. — L.

No ABC

«Espero-te à saída!» estreia-se dentro de dias

Dentro de dias, José Miguel apresenta a revista «Espero-te á saída!», de José Augusto Ramos e César de Oliveira, musica de Carlos Dias, Ferrer Trindade e Carlos Rocha e desempenhada pela sensacional vedeta Saluquia Rentini, o incomparável cómico Camilo de Oliveira e os queridos artistas Clarisse Belo, Luís Horta, Helena Vieira, Fernando Ruas, Maria Candal. Estreia-se no teatro a cançonetista Maria do Espírito Santo.

No Capitólio

Dentro de dias... ...«A vida é bela!»

O lisboeta revisteiro aguarda o primeiro grande espectáculo do novo teatro Capitólio. Na verdade, nunca até á data uma revista causou antecipadamente tanto interesse como «A Vida é Bela!», cuja estreia está marcada para a segunda quinzena deste mês.

Humberto Madeira, Raul Solnado e Carlos Coelho, com a sua espantosa popularidade, encabeçam o formidável elenco de «A Vida é Bela!», que conta ainda com a colaboração de Milú, Berta Loran, Emílio Correia, Helena Tavares, Maria Cristina, Alda Pinto, Guida de Carlo e Daniel Garcia.

Cartaz optimista, com numeros do maior efeito visual e estonteante coreografia. «A Vida é Bela!» constituirá, sem duvida, a primeira grande surpresa da época teatral 1960/61.

Aliás, isso justifica plenamente o desusado movimento de marcação de lugares para as primeiras sessões, registado todos os dias nas bilheteiras da conhecida e modernizada sala do Parque Mayer.

«A Vida é Bela!», escrita por Fernando Santos e Nelson de Barros, e musicada por Fernando de Carvalho e Frederico Valério, não é revista que exija muito reclame: a sua principal propaganda será feita pelo próprio publico que, temos a certeza, aplaudirá com entusiasmo, a primeira «fantasia» da nova empresa do Capitólio.

No Coliseu

«Mulheres de Sonho», um fabuloso espectáculo de Salvador!

É deslumbrante, irreal, pleno de cor, rico de alegria e comicidade, o novo espectáculo que Eugénio Salvador, com a colaboração de Giuseppe Bastos e Vasco Morgado, vai apresentar, em breve, no palco do Coliseu. Dezenas de lindas mulheres, os melhores artistas cómicos da actualidade, prestigiosas vedetas, notáveis autores, compositores e cenógrafos e aderecistas conjugaram-se, num esforço unico e admirável, para dar ao publico o grande espectáculo «Mulheres de Sonho».

Sob a direcção de Salvador, duas grandes companhias e um conjunto verdadeiramente excepcional de atracções, as maiores e melhores atracções internacionais do momento, entre as quais se contam Ruby e Charles Wlaat e o seu cão comediante, o formoso London Emperyal Ballet e o Conjunto Sem Nome, vão interpretar o novo original de Amadeu do aVle, Paulo da Fonseca e Eugénio Salvador, que Fernando de Carvalho, Carlos Dias e Tavares Belo musicaram. A vedeta internacional Perla Cristal, Xiomara Alfaro, a rainha do disco, o querido actor cómico Costinha, Maria Domingas, aBrroso Lopes, Anita Guerreiro, Luísa Durão, Oscar Acurcio, Ausenda Miranda, Lucinda Amaral, Octávio de Matos (Filho), que faz a sua estreia em Lisboa, com a valiosa colaboração de Leónia Mendes, formam o «cast» que o publico vai aplaudir e que um elegante friso de «discípulas», «modelos», «girls» e bailarinos completa admiravelmente. Pinto de Campos desenhou os figurinos, os «Ateliers» Paiva confeccionaram o luxuoso guarda-roupa, Fernando de Carvalho dirige a orquestra e Hernani e Ri a montagem.

«SOM E LUZ» no MOSTEIRO DOS JERÓNIMOS

UM ESPECTACULO NOVO, EVOCATIVO DA FIGURA DO INFANTE D. HENRIQUE, ONDE OS EFEITOS DE SOM E LUZ SAO ACOMPANHADOS DE MOVIMENTAÇAO DE PERSONAGENS

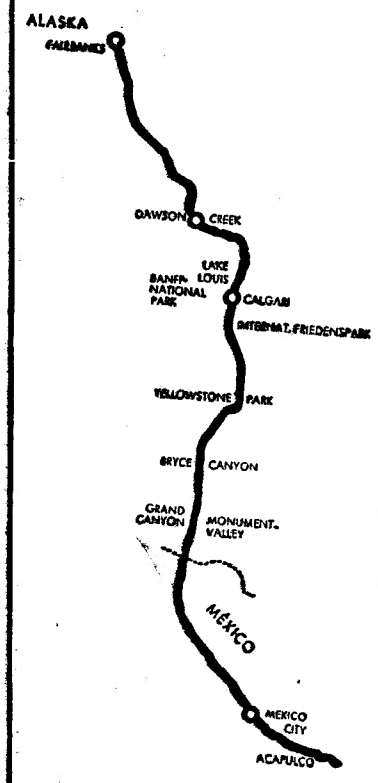
HOJE — Galeria superior, lugares sentados ..... 30$00
Jardim, lugares sentados ..... 5$00

MAIORES DE 6 ANOS **AS 22 HORAS**

Os militares com uniforme, os estudantes portadores de bilhetes de identidade e os menores de 15 anos, beneficiarão de um desconto de 50% no preço da entrada.

A VIAGEM DAS MIL MARAVILHAS!

QUALQUER COISA DE MUITO BELO E IMPRESSIONANTE



DO ALASKA À FRONTEIRA SUL DO MÉXICO ATRAVÉS

A ESTRADA DE SONHO DO MUNDO

COM A EQUIPE ALEMÃ DE HANS DOMNICK

AS MAIS FANTÁSTICAS IMAGENS QUE O CINEMASCOPE EASTMANCOLOR NOS DEU ATÉ HOJE!

2.ª FEIRA no TIVOLI

Exclusivo «LUSOMUNDO» (MAIORES DE 12 ANOS)

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELÉCTRICOS

TODAS AS NOITES: SEMPRE CASAS A' CUNHA!

A SUPER-ATRACÇÃO ESCULTURAL

BALLET RELICÁRIO

DIFERENTE!... UM CONJUNTO RARO!

MÁRIO COSTA E A SUA ORQUESTRA com BILIU

RITZ CLUB

EMPRESA RITZ CLUBE (ADULTOS—M. 21 ANOS)

ISA MARTINEZ

JULITA MANZANAREZ

O NOTÁVEL QUARTETO PEPITA ARACENA

NO SALÃO TÍPICO: CEIAS-FADOS e GUITARRADAS

BREVEMENTE: ABERTURA DA ÉPOCA E GRANDIOSA FESTA DO 7.º ANIVERSÁRIO

DIA 15 CAMPO PEQUENO PELAS 22 H.

GRANDIOSA CORRIDA DE TOIROS a favor do **FUNDO DE ASSISTÊNCIA** do S. N. dos **TOUREIROS PORTUGUESES** e na qual serão lidados 8 toiros de **PINTO BARREIROS**, pelos consagrados artistas

JOÃO B. NÚNCIO — MANUEL CONDE

PEDRO LOUCEIRO — DAVID R. TELES

ANTÓNIO DOS SANTOS — JOSÉ TRINCHEIRA

e ainda os novilheiros «punteros» nacionais

ARMANDO SOARES — JOSÉ SIMÕES

2 Grupos de Forcados comandados por **MANUEL FAIA** e **ADELINO CARVALHO**

Bilhetes à venda a partir das 11 horas do dia 12, nos Restauradores, 7

Preços desde 15 escudos

MAIORES DE 12 ANOS

ESTE ESPECTÁCULO NÃO SERÁ TELEVISIONADO

HOTEL EMBAIXADOR

APRESENTA NO «TERRAÇO DAS ESTRELAS» EM MOMENTOS DE FADO A POPULAR CANTADEIRA

Maria José da Guia

AMANHÃ — «Matinée» com atracções. Chá completo, 25$00. (MAIORES DE 17 ANOS)

DOÇARIA CASEIRA

um Ribatejo 10$00 — Café de Balão

UMA PEGA 6$50

no BAR RIBATEJO — Praça do Areeiro, 11-D

O GRANDE BAILE DAS VÍNDIMAS nas Termas da Curia na noite de 17

CURIA, 9. — Nota-se, como é habitual, um grande interesse pelo Grande Baile das Vindimas, que se realiza no próximo dia 17, pelas 22 horas, nos salões do Palace Hotel desta aprazível estancia.

O programa inclui concursos de mesas ornamentadas e de vestidos de algodão. Na tarde do mesmo dia, haverá pelas 16 horas, na esplanada da piscina, um concurso de chapéus ornamentados, com motivos alegóricos da vindima, e no qual participarão senhoras e crianças. Nos concursos serão disputadas dez artísticas taças, cuja atribuição será feita por votação da assistência.

O Grande Baile das Vindimas será, sem duvida, á semelhança dos anos anteriores, o acontecimento maior da época termal, assistido, como é hábito, por muitas das mais ilustres famílias do Norte, Centro e Sul do País.

Mais uma vez a Curia, por iniciativa do Curia Palace Sports Clube, vai ser o palco magnifico de uma noite de bom gosto e de elegancia.

SE FICARES DOENTE DE TANTO RIR...

Espero-te à saída!

e levo-te ao médico!

afirma CAMILO DE OLIVEIRA

O PRIMEIRO ACTOR DA NOVA REVISTA QUE **JOSÉ MIGUEL** APRESENTA NO **A B C** DENTRO DE DIAS

Emp. Teatral ABC, Lda. — Adultos

NAZARÉ

Não sabe onde passar o próximo domingo?

Permita-nos uma sugestão: vá almoçar ao

Hotel da Nazaré

e exija lagosta á Guilhim e frango na púcara (especialidades deste hotel)

Passe uma tarde agradabilíssima, rodeado nesse verdadeiro festival da Natureza, que é o **MAR!**

VISITE O

Hotel da Nazaré

INFORMAÇÕES E RESERVAS TELEFONE 46311 — NAZARÉ

Cartaz dos Cinemas

SÃO LUIZ — Telefone 27172
15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (M. 17 anos)
Em Tecnirama Tecnicolor
UMA TIA DOS DIABOS
A supercomédia de gargalhada com ROSALIND RUSSELL

EDEN — Telefone 20768
A's 15.30 - 18.30 e 21.45 h. (Maiores de 12 anos)
A DESOPILANTE COMÉDIA
UM NOIVO DA AMÉRICA
com Gino Cervi e Walter Chiari
Todas o queriam... Mas ele só gostava de uma.

ALVALADE — Telefone 763088
A's 15.15 (p. r.) e 21.45
(M. 17 anos)
Em Tecnicolor
UMA TIA DOS DIABOS
com ROSALIND RUSSELL

AVIS — Telefone 47163
A's 15.30 e 21.45 (M. 17 anos)
Todos os perigos a que estão sujeitas as raparigas de hoje
JOVENS SOLTEIRAS
com Cristiane Martel e Sonia Furio

ODEON — Telefone 26283
15.15 - 18.15 e 21.30 (M. 17 anos)
UM EXITO SEMPRE EXTRAORDINÁRIO
A maravilhosa e deslumbrante comédia musical em Eastmancolor
TROPICANA
com Abel Salazar e Rafael Beltran

TERRASSE — Telefone 20917
21.00 (M. 17 anos)
A MORTE DE UMA TESTEMUNHA DA AMBIÇÃO AO CRIME

TIVOLI — Telefone 50595
A's 3 e 6.15 da tarde e 9.30 da noite (M. 17 anos)
A célebre obra-prima de Jean Renoir
Um filme eterno!
A GRANDE ILUSÃO
com Jean Gabin, Dita Parlo

POLITEAMA — Telefone 26305
A's 15.15 - 18.15 e 21.30 (M. 17 anos)
A odisseia de um marujo entre homens violentos e sem escrupulos:
O NAVIO DA MORTE
com Horst Buchholz e Elke Sommer
...embarcar naquele barco fantasma era ter a certeza de uma viagem sem regresso.

CONDES — Telefone 22523
15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (M. 17 anos)
Um filme de emoção insuperável
CASEI COM UM MONSTRO DO ESPAÇO
com Tom Tryon e Glória Talbott

ROMA — Telefone 727778
15.30 e 21.45 (M. 12 anos)
Uma sátira irresistível aos filmes do Oeste americano
DOIS VIGARISTAS ROUBADOS
com Dan Rowan e Dick Martin

CAPITÓLIO
21.00 (M. 12 anos)
NO TERRAÇO Preços populares
O MUNDO NOS SEUS BRAÇOS
com Gregory Peck
FRANCIS, ENTRE AS MULHERES
com Donald O'Connor

ESPLANADA PORTUGÁLIA — Telefone 47662
21.00 (M. 17 anos)
Em cinemascope
A TORTURA DO MEDO
OS FINS DE SEMANA DE NERO
com Alberto Sordi

IMPÉRIO — Telefone 55134/5
15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (Adultos)
Uma realização admirável de J. A. Bardem
VENTOS DE REVOLTA
com Aurora Bautista — Fernando Rey — Maria Felix — Francisco Rabal
Espectáculo de grande envergadura EASTMANCOLOR

SÃO JORGE
BALCÃO 54154 PLATEIA 54153
15.15 - 18.15 e 21.30 (M. 17 anos)
Rossana Podesta — Dawn Adams — Magali Noel em
A ILHA DA TENTAÇÃO
3 mulheres e um homem numa Ilha Deserta!

MONUMENTAL — Telefone 55131
15.15 - 18.15 e 21.30 (M. 12 anos)
2.ª SEMANA
UM AMERICANO EM PARIS
com Gene Kelly e Leslie Caron
Num bailado como jamais o cinema apresentou.

RESTELO — Telefone 610375
A's 21.15 (M. 17 anos)
RESSURREIÇÃO (Em Eastmancolor) com Miryam Bru

Telefone 48560
21.00 (M. 17 anos)
UMA CERTA MULHER

ROYAL — Telefone 45037
21.00 (M. 12 anos)
INFERNO DEBAIXO DE ÁGUA
NEGÓCIO DE PIJAMA

CINEMA IDEAL — Telefone 24194
21.00 (M. 12 anos)
O SOBE E DESCE
A INVASÃO DOS DISCOS VOADORES

CASINO ESTORIL
21.30 (17 anos)
O QUE ELAS QUEREM... É CASAR
com David Niven

EM FERREIRA DO ALENTEJO, O «DIÁRIO DE LISBOA» VENDE-SE NA TABACARIA «A CHIC».

DESPORTOS

A "TAÇA DE HONRA"

Belenenses—Atlético na final e Sporting-Benfica

para disputa dos 3.º e 4.º lugares

A segunda e ultima jornada da «Taça de Honra», instituida pela Associação de Futebol de Lisboa, efectua-se amanhã, no Estádio Nacional.

Dois jogos estão aprazados:

Sporting - Benfica
Belenenses - Atlético

O primeiro começa ás 15 horas, e o segundo, duas horas depois.

Nos prognósticos a maioria inclinava-se pela ordem inversa dos jogos, mas num golpe próprio do futebol verificou-se o contrário, aliás, esclareça-se, com toda a justiça.

Tanto os «azuis» como os Alcantarenses souberam superiorizar-se aos seus antagonistas e, amanhã, surgem como legítimos finalistas— dispostos a proporcionar um espectáculo digno da importancia da taça em disputa.

Realmente, espera-se que o objectivo seja atingido, tanto mais que nos dois «quadros» militam jogadores, cuja forma, é prenuncio de uma aplicação interessante. Por outro lado, a afinação do conjunto belenense, que constituiu um prazer no passado domingo, parece ser uma garantia e decerto despertará no Atlético o vivo desejo de uma réplica á altura da circunstancia.

O Benfica e o Sporting, ambos relegados para uma posição subalterna, terão a seu cargo a disputa do desafio preliminar, para a atribuição do 3.º e 4.º lugares (na distribuição da receita as posições são importantes), e não será por isso, certamente, que o embate deixa de ter menos interesse.

Na verdade, «águias» e «leões», além da necessidade de se reabilitarem em relação ao desaire de há oito dias, vão travar a continuação de um despique cujo limite é infinito. De qualquer maneira, trata-se de um Benfica - Sporting, um cartaz gritante que se vê sempre com crescente agrado.

Equipas prováveis

BENFICA — Costa Pereira; Serra e Mário João; Germano, Artur e Neto; José Augusto, Santana, José Águas, Coluna e Cavém.

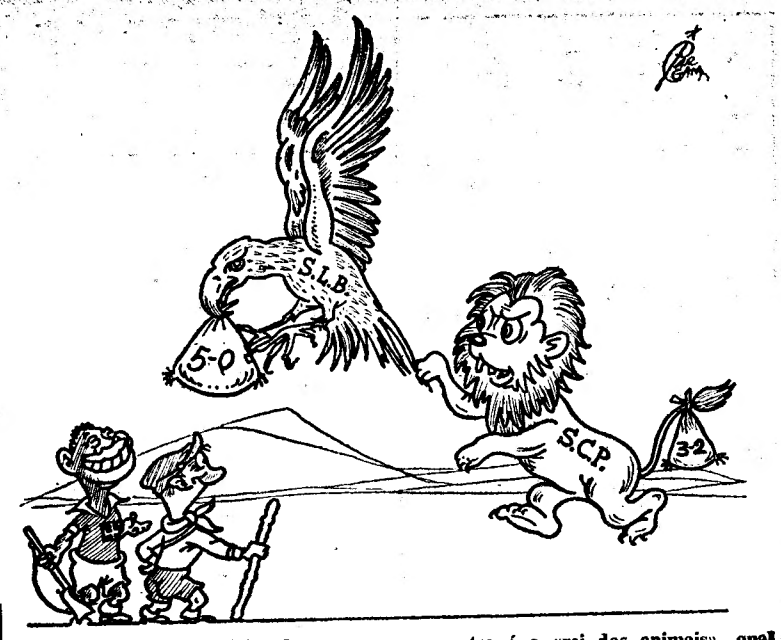
SPORTING — Carvalho; Lino e Hilário; Mendes, Lucio e Julio; Hugo (Monteiro ou Faustino), Faustino (Monteiro ou Figueiredo), Fernando, Diego e Seminário.

Árbitro: Nuno Murtinheira Pinto.

ATLÉTICO — Bastos; Fernando Ferreira e Nunes; Tomé, Vítor Lopes e Orlando; Angeja, Vieira Dias, Pinho, Carlos Gomes e Tito.

BELENENSES — José Pereira; Rosendo e Moreira; Vicente, Pires e Castro; Yaúca, Matateu, Tonho, Carlos Silva e Estêvão.

Árbitro: José Pinheiro de Abreu.



— Se uma é a «rainha do espaço», e o outro é o «rei dos animais», qual será o nosso papel no Estádio?

Jogos particulares de futebol

e conclusão de vários torneios

O domingo de manhã é o que antecede imediatamente o primeiro dos campeonatos nacionais das 1.ª e 2.ª Divisões. Desta maneira, as equipas de maior cotação no nosso futebol ligadas aos torneios em curso ou interessadas em jogos particulares têm amanhã de concluir esses torneios e aproveitar a derradeira oportunidade para afinação das equipas.

* * *

O torneo da Taça «Penetra Rodrigues» conclui-se com os desafios S. L. Olivais-Oriental (apuramento do 3.º classificado) e Alhandra-Sacavenense (apuramento do vencedor). Os jogos desenrolar-se-ão no campo «Alfredo Marques Augusto», respectivamente, ás 15 e ás 17 h.

* * *

O «Torneio Início da A. F. P., termina amanhã, com os desafios Leixões-Salgueiros e F. C. Porto-Boavista, no Estádio das Antas, ás 15 e ás 17 horas, respectivamente. Do primeiro destes desafios depende o apuramento do 3.º vencedor; do segundo resultará apurar-se o vencedor do torneio.

* * *

O programa futebolistico de amanhã comporta, ainda alguns jogos particulares.

Assim, o Beira-Mar retribui a visita que o Oliveirense lhe fez há oito dias, ás 17 horas.

O Lusitano de Évora, recebe, ás 16,45 horas, no campo Estrela, a reserva do Benfica, com os seus novos elementos.

Em S. João da Madeira, o Sanjoanense joga contra um misto do F. C. Porto, ás 17 horas.

Finalmente, o Vitória de Guimarães exibe-se no Funchal, defrontando o Maritimo.

Várias provas de amanhã

AUTOMOBILISMO — Gincana do Estoril, ás 16 horas.

CICLISMO — Festival da apresentação da pista da Malveira, ás 15 horas.

— Na Figueira da Foz, ás 11 horas, prova das Libras de Ouro; ás 15 e 30, 25 «Voltas dos Campeões».

HIPISMO — 3.ª jornada do Concurso Hípico de Cascais.

PESCA DESPORTIVA — Concurso da Figueira da Foz.

TIRO — Taça «Defesa Nacional», na Figueira da Foz.

DA A. F. L.

Começa amanhã o «Distrital» da 1.ª Divisão

O Campeonato Distrital da 1.ª Divisão da A. F. L. abre o ciclo das competições daquela Associação na época de 1960-61, ao mesmo tempo que é o torneio que primeiro se inicia, dentre os que pelo país fora se realizarão, para apuramento dos concorrentes ao campeonato nacional da 3.ª Divisão.

Os desafios da jornada inaugural são os seguintes:

Arroios-Sintrense
Casa Pia-Vilafranquense
Futebol Benfica-Alverca
Vitória-Desp. Olivais
Vialonga-Ericeirense.

Os desafios realizam-se no campo de Palma — o primeiro — e nos campos dos clubes indicados em primeiro lugar, os restantes.

Em relação há época passada, entram o Arroios (baixado da 2.ª Divisão Nacional), o Vialonga e o Ericeirense (vindos da 2.ª Divisão Distrital). Saiaram: Alhandra e Sacavenense (promovidos á 2.ª Divisão Nacional) e o Operário (baixado á 2.ª Divisão Distrital).

Futebol no Ultramar

LUANDA, 10 — Em jogo a contar para o Campeonato Distrital, o São Paulo e o Atlético empataram a uma bola.

O Ferroviário continua no primeiro lugar da classificação geral, com 36 pontos, seguindo-se o Sporting, com 31; o Luandense, com 26; o Vila Clotilde, com 24; o São Paulo, o Atlético e o Luanda, com 23, e, por fim, o Benfica, com 22. — (A. N. I.).

LOURENÇO MARQUES, 10 — O Ferroviário derrotou o Benfica, por 5-0, num encontro disputado no campo «Eng. Freitas e Costa», desta cidade.

Noutro jogo, o Sporting ganhou ao Alto Mahé, por 1-0.

Ambos os desafios fazem parte do Campeonato Distrital.—(A.N.I.)).

Em Algés, o «Diário de Lisboa» encontra-se á venda na tabacaria do Café Caravela d'Ouro.

O Benfica e o Estoril

são campeões nacionais de ténis

Os torneios do Luso estão a decorrer com o maior interesse, tal como nos anos anteriores. A primeira jornada comportou as finais, inter-zonas, dos «Nacionais», de 1.ª categoria (Taça «Guilherme Pinto Basto»), e de 3.ª (Taça «D. José de Verda).

Na prova de primeira categoria, o Benfica venceu o Lawn-Tennis da Foz, por 3-2. Os resultados parciais foram os seguintes:

Carlos Figueira (Bfc.) v. Jorge Roquete (Foz), por 6-2 e 6-1; Alberto Abreu (Foz) v. A. Azevedo Gomes (Bfc.), por 7-5 e 6-2; F. Matos-José Caldeira (Foz) v. A. Azevedo Gomes-C. Figueira (Bfc.), por 1-6, 6-2 e 6-3; David Cohen-H. Chaves (Bfc.) v. António Calem-C. Pinho (Foz), por 6-1 e 6-2; Peggy Cohen-Rui Pereira (Bfc.) v. Beril Perkins-Francisco Matos (Foz), por 6-2 e 6-2.

A final de 3.ª categoria deu a vitória do C. T. Estoril sobre o Lawn Tennis da Foz, por 3-2.

Resultados parciais:

Alberto Abreu (Foz) v. J. Valdez (Est.), por 6-3 e 6-1; A. Vaz Pinto (Est.) v. Jorge Abreu (Foz), por 7-5 e 6-1; J. Caldeira-C. Pinho (Foz) v. Fernando Burnay-Vítor Leiria (Est.) por 6-8, 7-5 e 7-5; João Roquete-Castro Pereira (Est.) v. Sobral Mendes-M. Horta e Costa (Foz), por 6-3 e 6-1; Teresa Capucho-António Capucho (Est.) v. Ann Perkins-Manuel Peixoto (Foz), por 7-5 e 6-0.

Os Campeonatos Internacionais do Luso têm, este ano, a sua designação justificada pela presença de Patrício Rodrigues (chileno) e Orlando Garrido (cubano). As várias provas estão a despertar o maior interesse, tendo-se apurado entre outros os seguintes resultados: Orlando Garrido v. A. Vaz Pinto, por 6-3 e 6-0; F. Burnay v. C. Pinho, por 6-4, 5-7 e 7-5; José Roquete v. Mário Braga, por 3-6, 6-2 e 6-3; Carlos Figueira v. Manuel Garrido, por 6-3 e 6-1; V. Leiria v. A. Pimenta, por 2-6, 6-3 e 6-0; Patrício Rodriguez v. João Roquete, por 6-1 e 6-1.

Os «Internacionais» de Portugal são aguardados com muito interesse

De acordo com o calendário oficial da Federação Portuguesa de Lawn Tennis, vão realizar-se nos dias 21 a 25 deste mês, em Cascais, os Campeonatos Internacionais de Portugal, a prova máxima da modalidade no nosso País.

Como habitualmente, será nos «courts» do velho Clube da Parada, que a competição terá lugar. Com efeito, os jogadores estrangeiros que têm solicitado a sua inscrição, pela notável categoria dos seus nomes e «palmarés» em nada ficam a dever aos famosos Alonsos, Borotra, Cochet, Turnbull, Petra, Gomar, Masip, Mayer, Landry, Arkinstall e tantos outros de fama mundial que, em Cascais, proporcionaram tardes inolvidáveis deste excelente desporto.

Será juíz-árbitro dos campeonatos o antigo campeão nacional e internacional que Portugal, eng.º Domingos de Avillez que nomeou para seu adjunto o dirigente Alfredo Roquette.

A Junta de Turismo da Costa do Sol e a Sociedade Estoril Sol concedem o seu patrocínio a esta organização e a Federação Portuguesa de Lawn Tennis, de acordo com o Sporting Club de Cascais, está procedendo a uma rigorosa selecção dos nomes, nacionais e estrangeiros, que nela hão-de participar.

O internacional Matateu

grande valor do Belenenses

será homenageado no dia 21

Homens da Imprensa, diária e desportiva, da Rádio e da Televisão estiveram, ontem á tarde, na secretaria do Belenenses, correspondendo a um convite da comissão organizadora da homenagem a um dos mais populares jogadores nacionais — Lucas Sebastião da Fonseca — «Matateu».

Presentes, além daquele futebolista, os componentes da referida comissão, srs. capitão Fernando Baptista da Silva, José Gomes da Silva, Albano de Oliveira, Manuel Pascoal Rodrigues, Otto Glória, Manuel Vacomdeus e Gilberto Cotta; e todos os membros da direcção, á frente dos quais os srs. drs. Vale Guimarães e José Joaquim Januário, respectivamente, presidente e vice-presidente.

Foi, durante um beberete, que o sr. dr. Vale de Guimarães agradeceu a presença dos órgãos de informação, enalteceu a figura do atleta a homenagear e afirmou que se não fora um desportista da altitude de Matateu, observado, quer como executante, quer como conhecedor da difícil modalidade, quer como intérprete do belo espírito desportivo, o Belenenses não teria integrado nas comemorações do seu 41.º aniversário o festival de homenagem àquele seu jogador.

E a concluir, o presidente da direcção do Belenenses afirmou não se tratar de uma simples homenagem, mas de uma verdadeira consagração a um dos poucos grandes futebolistas portugueses, de todos os tempos.

Um Sporting - Belenenses no festival

A cerimónia efectuar-se-á na noite de 21 deste mês, no estádio do Restelo, e dela constarão dois desafios de futebol: o primeiro, ás 20 e 30, entre o «onze» de juniores do Belenenses e um outro, a designar. A's 21 e 30, o «team» de honra dos «azuis» procederá á entrega das taças, que conquistou, na sua recente deslocação ao Ultramar, da qual regressou invicto. Depois, o sr. Francisco Mega, antigo presidente do Belenenses, proferirá o elogio do jogador, seguindo-se a oferta de prendas e várias surpresas, uma delas inédita em campos de futebol.

A's 22 horas, os «teams» de honra de futebol, do Belenenses e do Sporting, defrontar-se-ão para a disputa da taça «41.º Oniversário do C. F. B.».

Um documentário sobre S. Tomé

dirigido por Augusto Fraga

No avião da TAP, segue hoje para Luanda, em viagem para S. Tomé, o jornalista e cineasta Augusto Fraga, que vai dirigir naquela província o filme a cores e para cinemascópio, «Terra Mãe». Leva como operador João Moreira, que obteve o Prémio de Fotografia a Cores do S. N. I. de 1959, e o filme, produzido com o patrocínio da Agência-Geral do Ultramar, terá a colaboração literária do sr. dr. Francisco Tenreiro, deputado por S. Tomé e professor do Instituto Superior de Estudos Ultramarinos.

Augusto Fraga, que, com «Terra Ardente» renovou o género do nosso documentário cinematográfico, abolindo a costumada trivialidade das imagens estilo bilhete postal, mais uma vez se dispõe a rodar uma película que obedeça ás coordenadas do cinema actual, em que os aspectos humanos tenham lugar de primeiro plano. Outros colaboradores do filme serão o montador Pablo Del Amo e o locutor Fernando Pessa.

Só depois de regressar de S. Tomé é que Augusto Fraga iniciará a filmagem da sua nova película de grande metragem, «Raça», baseada na peça de Rui Corrêa Leite, com adaptação e sequência de Fernando Fragoso, e subsidiada pelo Fundo do Cinema Nacional, numa produção da Imperial Filmes.

Em Abrantes, o «Diário de Lisboa» encontra-se á venda na agência Casaca & Martins.

JOGOS OLÍMPICOS

Disputa-se esta tarde

a prova da maratona

ROMA, 10 —Com a maratona, a grande prova simbólica, faz-se a apoteose dos Jogos de Roma que terminam amanhã com a final de equitação e o Grande Prémio dos saltos de obstáculos para cavalos. Depois é a cerimónia de encerramento.

A maratona deve acabar pelas 19 e 30 horas, á luz dos projectores que iluminarão a meta, o Arco de Constantino.

Três cavaleiros, dos quais dois são portugueses, feridos

Anunciou-se, oficialmente, que três cavaleiros se encontravam feridos a seguir á dura prova de resistência de 20 milhas, que se efectuou ontem.

O Australiano William Roycroft, que caiu desamparadamente, encontrava-se na noite passada num hospital com uma clavícula fracturada e ferido na cabeça, mas os seus companheiros de equipa esperam que participe na competição de saltos, amanhã, na fase final da prova.

O capitão Jorge Correia Matias, de Portugal, torceu um pulso, numa queda, e foi tratado na pista e o capitão Mário Sardoeira Delgado, também de Portugal, feriu-se gravemente numa das faces ao cair, tendo recebido tratamento hospitalar.

Muitos outros cavaleiros sofrem de contusões e de ferimentos, alguns devido a terem caido duas e três vezes durante a difícil prova.

Depois das duas primeiras provas (adestramento e fundo), o cavaleiro Mário Delgado está classificado em 41.º lugar, com 680,40 pontos.

«Record» mundial em halterofilia

Em halterofilia, categoria de pesados, foi a seguinte a classificação final:

1.º, Arkadiy Vorobiev (U. R. S. S.), 472,500 (152,5-142,5-177,5); 2.º, Trofim Lomakin (U. R. S. S.), 457,500 (157,5-130,0-170,0); 3.º, Louis Martin (G. B.), 445,0 (137,5-137,5-770,0); 4.º, John Pulskamp (U. S. A.), 432,500 (140,0-125,0-165,0); 5.º, François Vincent (França), 422,5 (130,0-132,5-160); e Vorobiev bateu o «record» mundial e olímpico com os três levantamentos.

Paraplegicos de 22 países entre os quais Portugal vão disputar os IX «Paralimpicos»

ROMA, 10 — Cerca de 400 homens e mulheres, paralíticos do peito para baixo, tomarão parte nos «paralimpicos», em Roma, que começam uma semana depois de terminarem os Jogos Olímpicos. O certame (jogos internacionais para «paraplegicos»), durará uma semana e incluirá as seguintes provas: tiro ao arco, basquetebol, florete individual para senhoras, sabre individual e de equipas para homens, tiro, lançamentos de dardo e do peso, natação (estilo livre, costas, bruço e estafetas), bilhar, ténis de mesa (singulares e pares) e pentatlo (tiro ao arco, natação, tiro, dardo e peso).

Em todas as provas, excepto nas de natação, os competidores apresentar-se-ão em cadeira de rodas.

Tomam parte nos Jogos Paraplegicos de 22 países: Argentina, Austrália,, Austria, Bélgica, Grã-Bretanha, Finlandia, França, Alemanha Ocidental, Grécia, Irlanda, Israel, Itália, Libano, Malta, Holanda, Noruega, Portugal, Rodésia, Suécia, Suíça, Estados Unidos e Jugoslávia.

Os «IX Paralímpicos» serão os primeiros não disputados na Grã-Bretanha. Os competidores ficarão alojados na aldeia olímpica e os jogos efectuar-se-ão no Estádio das Três Fontes, que faz parte do Olímpico Sul de Roma. — (R.).

Jogo emocionante entre basquetebolistas checos e jugoslavos

A Checoslováquia venceu a Jugoslávia, por 98-93, no encontro que de madrugada disputaram. Ao intervalo, os Jugoslavos venciam por 45-38, mas no final ambas as equipas estavam empatadas a 87 pontos. No prolongamento, os Checoslovacos venceram.

Uma medalha de ouro para um atirador alemão

Peter Honhke, da Alemanha, ganhou a medalha de ouro na prova de espingarada, de pequeno calibre, deitado, séries de dez tiros.

A classificação foi a seguinte:

1.º, P. Hohnke (Alemanha), 590 pontos; 2.º, J. Hill (Estados Unidos), 589; e 3.º, P. Forcella (Venezuela), 587.

O torneio de sabre

Resultados do torneio de sabre, nos quartos de final: Hungria, 9-Roménia, 3 e Polónia, 9-Alemanha, 2. — (F. P., R. e A. N. I.).

HOMENAGENS

Na embaixada de Portugal

ROMA, 10 — O embaixador de Portugal, em Itália, dr. Eduardo Brasão, ofereceu ontem, no edifício da embaixada, um jantar em honra dos irmãos Quina - vencedores da medalha de prata em vela, na categoria «Stars» — tendo assistido o general Correia Leal e representantes de várias modalidades desportivas portuguesas que vieram a Roma á XIII Olimpíada. No dia anterior fora também oferecido, pelo embaixador, um jantar de homenagem á equipa portuguesa de hipismo, no qual tomaram parte algumas personalidades portuguesas de relevo que vieram por esta ocasião a Roma. — (F. P.).

José Manuel Quina

com a medalha de prata

José Manuel Quina regressou ontem a Lisboa, trazendo a sua medalha de prata que conquistou em Nápoles, tripulando o «Má-Lindo», de parceria com seu irmão, o dr. Mário Quina, que é esperado amanhã.

No aeroporto José Manuel Quina foi muito cumprimentado e a sua medalha, o mais valioso prémio conquistado por Portugueses nos Jogos Olímpicos, suscitou efusivos parabéns.

CONFRONTO

entre Melburna e Roma

ROMA, 10. — Relativamente aos ultimos Jogos Olímpicos, de Melburna, os Estados Unidos perdem 5 medalhas, sendo 4 de ouro. O malogro é particularmente sensível no lote masculino. Este perdeu, relativamente a Melburna, 6 medalhas de ouro O lote feminino, porém, ganhou 2 medalhas de ouro. A Russia deu um pulo. O numero de medalhas — 21 — é o mesmo de Melburna, mas o que mudou, para melhor, foi a sua natureza. Efectivamente, no lote masculino obteve 5 medalhas de ouro, contra 3 em Melburna e, no feminino, alcançou 6 contra 2. A Alemanha obteve 13 medalhas, sendo 2 de ouro, 8 de prata e 3 de bronze, contra 7 em Melburna (5 de prata e 2 de bronze). A Polónia alcançou 7 medalhas (2 de ouro, 2 de prata e 3 de bronze, contra 2 em Melburna, uma de ouro e outra de prata. A Austrália, com 11 medalhas em Melburna, sendo 5 de ouro, só conseguiu, em Roma, 4, entre as quais só uma de ouro. A Grã-Bretanha obteve 8 medalhas (1 de ouro, 3 de prata e 4 de bronze), contra 9 na Austrália, onde teve 1 de ouro e 4 de prata e outras 4 de bronze. O atletismo escandinavo confirmou a sua baixa espectacular. Suécia e Finlandia não conseguiram mais de 2 medalhas, 1 de prata e outra de bronze. A Noruega não conseguiu nenhuma. — (F. P.).

BARCELONA

anuncia os seus jogadores que enfrentarão Lisboa

BARCELONA, 10 — É a seguinte a lista dos elementos que constituirão o misto de futebol de Barcelona que vai a Lisboa para jogar na capital portuguesa em desafio marcado para 14.

Ramallets, Garcia, Segarra, Vergas, Tejada, Kocsis, Suarez e Ribelles, todos do «Barcelona», e Visa Argiles, Bartoli, Abel, Rivera, Domingues e Camps, estes do «Español».

A partida para Lisboa efectua-se na terça-feira. — (ANI).

Dizem os leitores

Sugestões à Carris sobre o serviço de eléctricos

O sr. eng.º Manuel de Sousa oferece as seguintes sugestões á Carris para se conseguir a desejada melhoria no serviço de eléctricos:

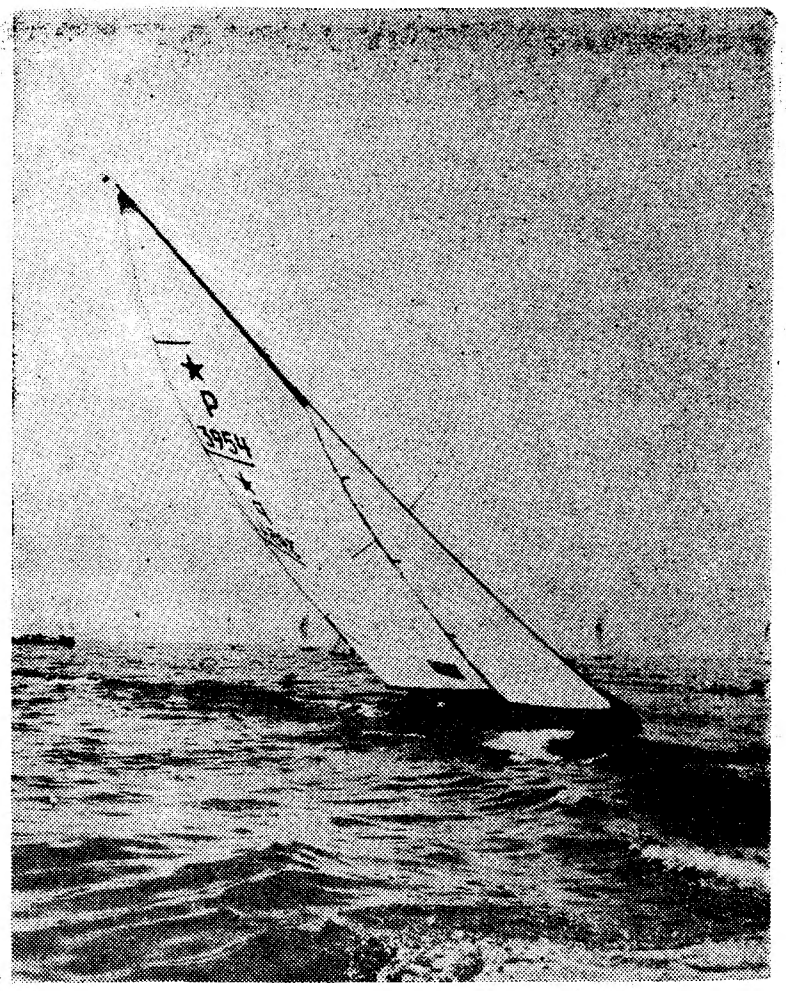
Em substituição da antiga carreira de carros eléctricos n.º 20, que ia desde o Cais do Sodré até ao Rossio, foi estabelecida uma nova carreira que, com a mesma origem (Cais do Sodré), vai apenas até Gomes Freire. Para corresponder, tanto quanto possível, á antiga carreira, deveria prolongar-se até á Praça da Figueira, do que resultaria vantagem para o publico, tanto mais que o limite Gomes Freire não corresponde ao limite de uma zona.

Além disso, o serviço melhoraria, visto que a inversão do sentido de marcha em Gomes Freire é feita com manobras nas linhas, demoradas e perturbadoras do transito, pois que não há ali raquete, ao passo que na Praça da Figueira esses inconvenientes se não dão utilizando para a inversão de marcha o ramal que segue para o Poço do Borratém que deixou de servir depois de ter sido suprimida a carreira n.º 6 (Restauradores-Praça da Figueira).

A's outras carreiras a que foi fixado o términus em Gomes Freire poderia aplicar-se o mesmo critério com as mesmas vantagens.

Como são grandes os prejuízos causados pela supressão das carreiras de carros eléctricos, é de esperar que quem superintende nesse serviço não deixará de satisfazer o que fica proposto, para atenuar aqueles prejuízos.

Na Azambuja, o «Diário de Lisboa» vende-se na agência do sr. Julio da Silva Bento.



O «Má-Lindo» em acção nas águas de Nápoles, numa das regatas em que a classe dos irmãos Quinas se afirmou indiscutivelmente e que justificou a medalha de prata na prova de «stars»

A lei do imprevisto

dominou em muitas provas e atingiu os atletas americanos

ROMA, 10.—Os Estados Unidos talvez sejam, ainda, a maior potência mundial em atletismo; mas já se foram os dias em que os atletas norte-americanos poderiam dar vantagem em quase todas as provas.

Talvez seja este o mais importante facto a registar no maior torneio de atletismo que a História até hoje regista. Estes oito dias de excitação e de imprevistos nas competições do Estádio Olímpico de Roma assistiram á queda de todos os «records» olímpicos, com excepção de dois, nas 23 provas masculinas, e ao estabelecimento de quatro «records» mundiais, além de dois igualados.

Com nove títulos ganhos, os Estados Unidos continuam á frente dos outros concorrentes. Mas, pela primeira vez, nos Jogos Olímpicos modernos, perderam provas que lhes eram já tradicionais. As nove medalhas de oiro por isso parecem pouco, comparadas com as 15 ganhas em Melbourne, as 14 de Helsínquia, há oito anos, as 15 conquistadas em Londres, em 1948.

Sejam quais forem as razões para a inesperada hecatombe — «vinho, mulheres e canções», segundo uns; preparação mal adequada ou sistema de selecção desactualizado, dizem outros — o facto é que os que mais falharam foram os «sprinters» — os corredores de velocidade pura.

Dave Sime, Ray Norton & Companhia perderam os 100 metros, os 200 e as estafetas, que eram monopólio dos Estados Unidos há 28 anos.

Estes Jogos Olímpicos ficarão na memória de todos pelos malogros que se registaram e, ainda mais, pelas proezas sensacionais que se registaram.

O maior feito atlético foi o de Herb Elliot, com a sua vitória nos 1500 metros com 20 metros de vantagem. O Australiano fez com que os melhores especialistas da milha parecessem rapazinhos de escola em dia de excursão no momento em que arrancou, quase a brincar, deixando-os irremediavelmente para trás, na ultima volta da corrida, para ganhar no tempo «record» de 3 minutos 35.6 segundos — uma proeza que os técnicos consideram estar adiantada cinco anos em relação ao desenvolvimento actual do atletismo.

Por outro lado, houve tensão e alegria nas duas provas de velocidade, consideradas as mais significativas dos Jogos Olímpicos.

A tensão manteve-se do primeiro ao ultimo minuto dos 100 metros, com as arrancadas fulminantes do alemão Armin Hary, que duas vezes foi o foco de acesa controvérsia, ao adiantar-se a todos nas suas fulgurantes saídas dos blocos, para de ambas ser anulada a partida. Na sua pista foi colocado o temeroso sinal amarelo, significando que nova partida em falso seria a eliminação. O silêncio que se fez no estádio, onde quase não se respirava, foi desfeito pelo estampido do tiro — e novamente Hary ia para a frente, perseguido, pareceu que ultrapassado por Sime, para só vir a ser proclamado vencedor quase dez minutos depois de transposta a linha de chegada, já examinada a fotografia da chegada.

A alegria, num contraste impressionante, foi marcada por 40 000 Italianos, num verdadeiro carnaval, quando se encerrou a final dos 200 metros, que deu como inesperado vencedor um estudante de óculos, Lívio Berruti. Havia espectadores que se abraçavam e beijavam e apareceram, por todo o estádio, milhares de luzes, acesas com os programas, a celebrar a primeira vitória conquistada pela Itália, em provas de atletismo dos Jogos Olímpicos nos ultimos 28 anos.

Nestas duas provas de velocidade, o favorito dos Estados Unidos, Ray Norton, classificou-se no ultimo lugar, num dos mais surpreendentes — e mais dificeis de explicar — malogros destes Jogos.

E para que a sua actuação ainda fosse mais infeliz, o mesmo Norton ultrapassou o limite da passagem do testemunho, na estafeta de 4 por 100 metros, provocando a desclassificação da equipa numa prova em que chegara nitidamente á frente. Ray Norton pode ser designado «o rei do azar» dos Jogos de Roma.

No entanto, na mesma tarde em que Elliot conseguiu o seu «tempo do futuro» nos 1500 metros, o corredor norte-americano Otis Davis — com 28 anos, já veterano do atletismo, mas só há dois anos corredor — foi o primeiro homem a quebrar a barreira dos 45 segundos nos 400 metros, transformando-a, desse modo, numa prova de «velocidade pura». A vitória foi tão duramente disputada que também se tornou necessária a fotografia da chegada para se atribuir o título.

Os imprevistos marcaram quase todas as provas. O maior foi, talvez, a falha do «imbatível» John Thomas, no salto em altura, logo seguido pelos resultados do lançamento do dardo, em que as medalhas foram para quem receava não chegar ás finais, ao passo que o campeão olímpico e o recordista mundial eram eliminados. A simpatia do publico irá para os que não conseguiram ser eles mesmos no dia em que a prova contava; mas não há que lamentar esses malogros. São eles, exactamente, que contribuem para o interesse se manter até ao fim.—(A. N. I.).

Praia de Sesimbra

O maior centro de caça submarina pela tranquilidade e limpidez das suas águas

Sesimbra não foi dividida por pescadores e turistas. Não se encontra ali fronteira entre duas humanidades. Sesimbra, pescadores e turística é uma só. O mar é o mesmo, tranquilo e transparente. O maior centro de caça submarina que posuímos, Sesimbra possui uma numerosa frota pesqueira. Sesimbra pescadora não cede. Mantém o seu carácter. E é precisamente o carácter da vila, enérgico e inviolável, que constitui o mais gritante cartaz de turismo. Praia do peixe, onde, pela tarde, quando o sol, ensanguentado, se afoga na recta do horizonte, o pargo e o peixe-espada arde em prata. Praias de banhos, cosmopolitas e brilhantes, onde a lona listrada de toldos e barracas trepidam, sopradas pela brisa, e se move a multidão. No mar, liso e transparente como o vidro, imobolizam-se os barcos. A pesca é a preocupação de quantos habitam e demandam Sesimbra. A pesca, que turistas e pescadores encaram de forma diversa, é um traço de união. Um deles, que o da simpatia humana da compreensão é mais farte. Vila branca, interesse, atenção, mesmo compreensão, é masi forte. Vila branca, derramada na encosta, Sesimbra tem do passado o seu castelo e como presente quantos a habitam e a prolongam.

Sesimbra, com o seu parque de campismo a atmosfera medieval de algumas das suas ruas e as praias admiráveis que atingem um Atlântico imóvel, é uma vila tranquila e branca.

O problema hoteleiro

No Verão Sesimbra é totalmente ocupada por turistas. Apesar de se encontrarem na vila mais de duas centenas de casas para alugar, é grave o problema dos alojamentos. Pensões-restaurantes amplas e modernas, como a «Espadarte», com sessenta e seis quartos, e a «Náutico, com treze, além da «Capítulo» e da «Chic», menos recentes, que possuem igualmente alojamentos, não são suficientes para receber as verdadeiras multidões de turistas que se dirigem a Sesimbra.

O preço dos terrenos

Em consequência da excepcional procura de terrenos em Sesimbra, o seu preço aumentou de forma impressionante. E erguem-se novas moradias num ritimo invulgar, traçadas de acordo com a estrutura e o ritimo da arquitectura local, na tentativa de manter intacta a atmosfera de Sesimbra.

No local da «Espadarte», onde há cinco anos o preço do metro quadrado de terreno era de 30$00, o seu custo é de 1 200$00.

Esta diferença revela com nitidez o movimento de interesse por Sesimbra, onde se erguem bairros de magnificas moradias.

O mundo dos pescadores

Em 1958, realizou-se em Sesimbra o Campeonato Mundial de Caça Submarina.

A escolha desta praia para o encontro dos nomes mais sonoros da caça submarina de todo o Mundo indica a sua qualidade como centro de pesca desportiva. Caçadores submarinos como Jean Braga, António Caupers, Herculano Trovão, dr. António Ramada Curto e arq. Jorge Albuquerque realizaram aqui verdadeiras façanhas desportivas.

O iate «Pioneiro, do Clube dos Armadores de Pesca, desde há cerca de duas semanas em Sesimbra, permite a pesca do espadarte, realizada em condições de total segurança sem que esta anule a emoção deste magnifico desporto. Nas águas

(Continua na 13.ª página)

Sesimbra histórica

As origens de Sesimbra perdem-se na noite dos tempos. Encontraram-se vestígios de um povoamento pré-histórico, provàvelmente celta, e numerosos documentos romanos e árabes.

Em 21 de Fevereiro de 1165, Afonso Henriques, após um assédio de vários dias, tomou o castelo de Sesimbra aos Muçulmanos. Mas em 1189, após a conquista do castelo de Alcácer, forças Árabes avançaram sobre Sesimbra, os seus defensores abandonaram-no. Nove anos depois, D. Sancho reconquistou a povoação com auxílio de cruzados francos, que encarregou da sua defesa. Em 1236, Sesimbra foi doada á Ordem de Sant'Iago, acto confirmado por bula de Inocêncio LV. O povoamento da região não foi fácil. Insuficientes o esforço dos espartários e as concessões aos camponeses e pescadores, utilizou-se o sistema dos «contos de homiziados». Sancho I concedeu foral a Sesimbra em 1201, o qual foi confirmado por Afonso II, em 1218, por D. Dinis, em 1323, o qual criou o concelho, por Afonso IV, em 1325, e por D. Fernando, em 1367.

Sesimbra contribuiu com numerosos barcos para as expedições da época dos Descobrimentos. Em 1514, D. Manuel que ali viveu, assim como D. João III, concedeu-lhe nova carta de foro. Em 1427, Sesimbra tinha lugar nas cortes, entre os de Palmela e Setubal. O concelho teve outrora área muito mais vasta que a actual, porquanto abrangia Almada, Ribeira de Coina e Azeitão. Em 1388 foram criadas as freguesias de Santa Maria e de S. Lourenço, em 1534 a de Santiago, e em 1570 a de S. Simão. Em 1759, Azeitão foi desligada do concelho. Cabeça de comenda do mestrado de Sant'Iago, passou para a Coroa em 1759, quando D. José de Mascarenhas foi supliciado por ordem do Marquês de Pombal.

SESIMBRA MONUMENTAL

Monumento nacional, o castelo de Sesimbra tem uma larga cinta de muralhas com cinco torres, a de menagem com o pavimento superior sustentado por uma abóbada artesoada, firmando-se as pontas dos arcos em quatro colunas arrimadas a cada um dos angulos interiores. Dentro do Castelo fica a igreja de Santa Maria ou de Nossa Senhora do Castelo, do século XII, com uma imagem de pedra do século XIII.

A igreja matriz, de Sant'Iago, acabada de edificar em 1536, tem três naves, arcos manuelinos e tectos de madeira. Na igreja da Misericórdia encontra-se um valioso retábulo do século XVI. De interesse, a fortaleza de Sant'Iago, que pertence a uma séric de fortes costeiros mandados construir por D. João IV, o templo da Senhora do Cabo, o palácio e a quinta do Calhariz, onde viveu Herculano, e o palácio dos Condes de Alfarim.

Frequentadores da praia de Sesimbra

São frequentadores da praia de Sesimbra, entre outros, os duques de Palmela, os condes de Barcelona, os viscondes de Ribamar, o prof. Arsénio Cordeiro, o general inglês Edward Spears, drs. António Ramada Curto, Amado de Aguilar, Herculano Pires, Viriato Gomes, Luís Faria e Melo, Paz de Sousa, Vasco Correia Martins, Osório de Castro, eng.º José Fernandes Picado, José Lampreia, Eugénio Caldas, Virgílio Preto, Torres Batista, Henrique Godinho e Lima Antunes, arqs. Jorge Segurado, Jorge de Albuquerque e Rogério Martins, pintores Severo Portela e Luís Jardim, Alfredo Soares de Oliveira, Rolando e Helder Soares de Oliveira, Gaudêncio Costa, Nelson António Alves Soromenho, Samuel Lupi e Eduardo Cardoso Pereira.

Embarcou para Portugal

no aeroporto do Rio de Janeiro

a algarvia convidada por Kubistchek

RIO DE JANEIRO, 10. — Vem provocando certa celeuma na Imprensa carioca e paulista o caso da jovem Alcina de Jesus Azevedo, a modesta algarvia, de vinte anos, que foi convidada pelo presidente Kubitschek a visitar o Brasil e que, ontem teve uma crise de nervos na ocasião deembarcar no avião para Lisboa e declarou chorosa á hora da partida: «Quero que fiquem sabendo que embarco á força». O caso merece um tópico editorial do «Correio da Manhã» que lamenta a repercussão do eposódio entre «o povo hospitaleiro de Portugal». «O Jornal do Brasil», por sua vez, comentando a notícia em primeira página fez menção a informações apuradas no Palácio do Itamarati, cujos funcionários estão apreensivos com as eventuais onsequências da decepção da jovem Alcina, a qual teria sido agraciada com uma bolsa de estudo de dois anos e foi obrigada a voltar um mês depois. O mesmo jornal declara que uma informação oficial do Ministério das Relações Exteriores desmentiu formalmente a notícia de que a jovem fora embarcada á força e o funcionário da divisão do Cerimonial que foi acompanhar a jovem ao aeroporto disse que Alcina tivera apenas uma crise nervosa. Quanto á possível quebra da promessa, a mesma origem informou que «tudo isso não deve passar de lamentável equívoco, porquanto o convite era apenas de uma visita de quinze dias, sem qualquer outro compromisso». — (F. P.).

Exposição da expansão

Portuguesa no Mundo na Biblioteca da Ajuda

Esta tarde inaugurou-se, na biblioteca do Palácio Nacional da Ajuda uma exposição sobre a Expansão Portuguesa no Mundo.

Preside á inauguração o sr. dr. João de Almeida, director-geral do Ensino Superior e Belas-Artes, em representação do sr. ministro da Educação.

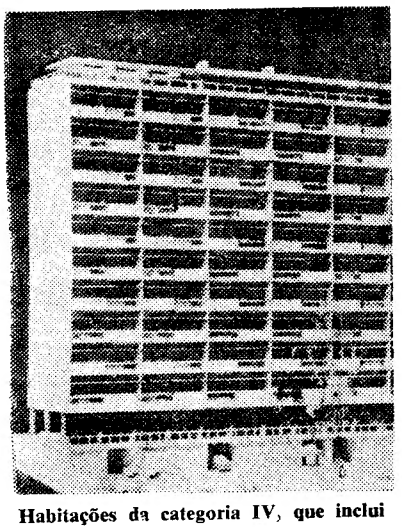
A exposição, que foi organizada pela directora da biblioteca, D. Mariana Machado Santos, consta de manuscritos e impressos, espécies bibliacas e cartográficas existentes na biblioteca e que se referem á expansão dos Portugueses no Mundo.

A exposição estará aberta ao público todos os dias uteis das 12 ás 18 horas até o fim de Setembro.

Nevoeiro matinal

O dia acordou sob denso nevoeiro na costa e também sobre o rio Tejo, onde a navegação se fez, por isso, com os cuidados necessários.

A Polícia Marítima previu a hipótese de ter de suspender as carreiras entre as duas margens do rio, mas o serviço fez-se sem interrupção, embora com todas as cautelas.

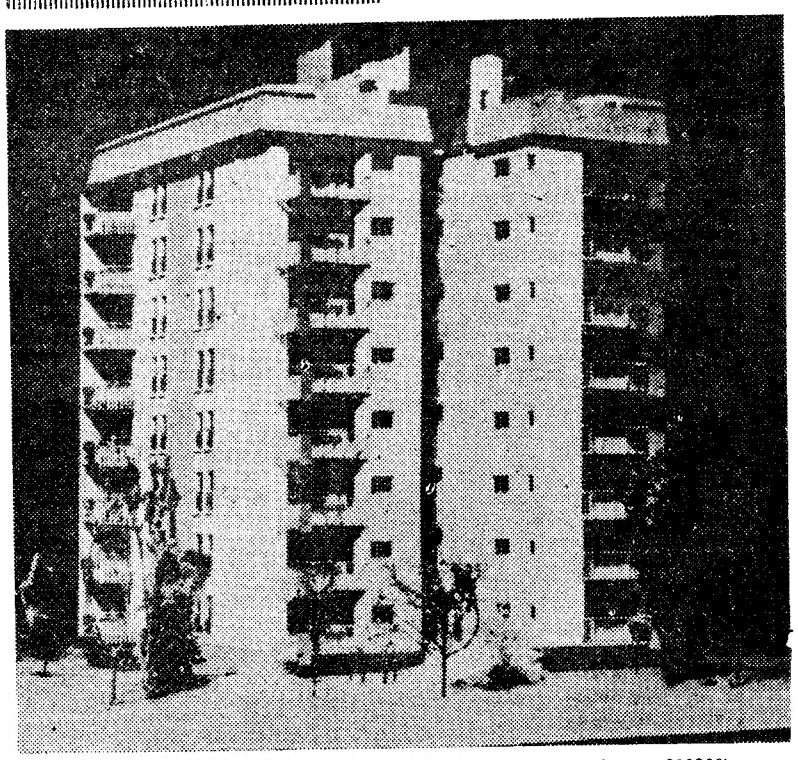


Habitações da categoria IV, que inclui

Concurso para

das primeiras c

35 prédios * 546 fogos



Bloco de habitações da categoria I (rendas entre 200$00 e 300$00)

Habitações da categoria I (rendas de 200$00

A Polícia de Viação começou a verificar as velocidades dos veículos com aparelhagem electrónica

Este é o pequeno aparelho electrónico de que dispõe agora a P. V. T. para a verificação regirosa das velocidades

A Polícia de Viação e Transito está a verificar as velocidades dos condutores de veículos motorizados na Estrada Marginal, com um novo aparelho electrónico, de grande precisão e sensibilidade. Regista as velocidades a que rodam todos os veículos, desde os automóveis até ás bicicletas de pedal.

O aparelho é colocado a 150 metros do local onde são estendidos na estrada dois fios de fina espessura, que, uma vez pisados pelos rodados, assinalam, na aparelhagem, a velocidade do veículo. O cronometrista marca no aparelho, por exemplo 80 quilómetro shorários. Se o condutor do carro rodar com velocidade superior áquela, o aparelho além de assinalar a velocidade, toca uma campainha, chamando a atenção da pessoa que está junto dele. No mostrador fixa-se essa velocidade e só desaparece desde que o aparelho seja desligado. Assim não há possibilidade de enganos nem de reclamações dos infractores.

Já há dias, na Estrada Marginal, das 8 ás 12 horas esteve em Paço de Arcos o referido aparelho a funcionar, com a assistência do subchefe Isidro de Jesus Rodrigues e de dois agentes, especializados na manobra e montagem do aparelho. Esteve também em outros locais de grande movimento. Não tem havido procedimento contra alguns infractores, sendo apenas tomado nota dos seus nomes e numero das respectivas cartas para serem advertidos.

As velocidades matinais

No entanto verificou-se, na Estrada Marginal, que das 8 ás 10 horas, os carros que vinham de Cascais rodavam quase todos a velocidade tal que a uma distancia de 150 metros, onde se encontra o aparelho se tornava perigoso mandar parar um carro quando seguido por outros, jorque isso dá origem a abalroamentos.

Verificou-se que muitos carros rodavam a 95 quilómetros horários. Alguns condutores foram mandados parar, sem perigo, e convidados a verificar as velocidades a que rodavam. Todos eles se mostraram surpreendidos com a precisão do aparelho e nada puderam alegar em sua defesa.

Aí fica o aviso aos condutores apressados, para rodarem com mais prudência.

O tempo que faz

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

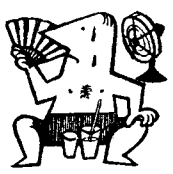
SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE — Em Portugal continental, o vento era fraco de Leste, o céu estava geralmente limpo, por acção de uma massa de ar seco, transportada na circulação conjunta de um anticiclone, centrado no Sul da Alemanha, e de uma depressão, centrada a Sul do Algarve.

TEMPERATURAS ÀS 9 HORAS (T. M. G.): Porto, 18°; Lisboa, 23°; Faro, 25°; Funchal, 22°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS ÀS 10 HORAS NA COSTA DO SOL — Na atmosfera, 17°,8; na água do mar, 15°,5.

TEMPERATURAS EXTREMAS REGISTADAS HOJE, EM LISBOA, ATÉ ÀS 16 HORAS: máxima, 30°,4; mínima, 17°,4. No mesmo dia do ano passado: máxima, 29°,2; mínima, 16°,8.

PREVISÃO ATÉ ÀS 24 HORAS (T. M. G., DE AMANHÃ — Continuação do tempo quente, céu geralmente limpo; vento fraco, por vezes calmo; nevoeiros matinais junto ao litoral Oeste.



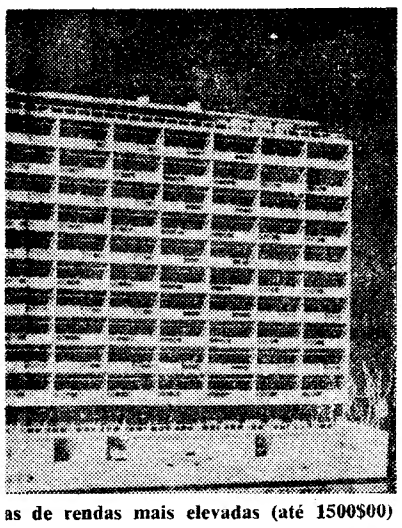
PROF. JOAQUIM FONTES

Faleceu o prof. Joaquim Fontes da Faculdade de Medicina e presidente da Camara de Sintra

Faleceu inesperadamente, hoje de manhã, no Hospital da C. U. F., o sr. prof. Joaquim Moreira Fontes, catedrático da Faculdade de Medicina e figura de relevo nos meios intelectuais, que actualmente desempenhava as funções de presidente do Município de Sintra e procurador á Camara Corporativa e se repartia ainda por diversas actividades culturais, como as de director do Instituto de Investigação Científica Dr. Rocha Cabral e presidente da Sociedade de Arqueologia Portuguesa.

Nascera em Lisboa em 1892, tendo-se formado em Medicina em 1916. Foram-lhe concedidos então os prémios «Artur Jordão» e «Sousa Martins». Já muito antes, porém, quando ainda era estudante do liceu, descobrira uma importante estação de paleolítico português em Casal do Monte (Póvoa de Santo Adrião). Participou pouco depois no Congresso Pré-Histórico de França, reunido em Nimes, e no Congresso Internacional de Antropologia e de Arquelologia Pré-Históricas de Genebra. Estudou as colecções dos tempos quaternários, depositadas nos Serviços Geológi-

(Continua na 10.ª página)



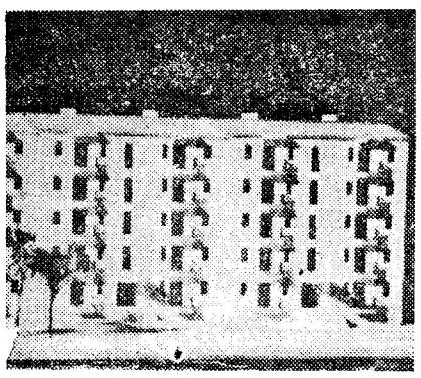
as de rendas mais elevadas (até 1500$00)

a construção asas para funcionários: 47.110 contos em 1960

Foi já remetido para o «Diário do Governo», pela Caixa Geral de Depósitos o anuncio de empreitadas para construção em Lisboa, na zona Norte dos Olivais, dos primeiros blocos residenciais que vão ser edificados pela Caixa Nacional de Previdência, em aplicação dos seus fundos, bem como os que se destinam aos Serviços Sociais das Forças Armadas. Ao todo, no programa relativo a 1960, estão previstos 47 110 contos — é desta ordem de valores o preço base de licitação — sendo 23 147 contos para as casas da Caixa Nacional de Previdência e 23 963 contos para as dos Serviços Sociais das Forças Armadas. Correspondem estas importancias a 35 prédios, com o total de 546 fogos.

De acordo com a política de habitação definida pelo Governo, os Serviços Sociais das Forças Armadas e a Caixa Geral de Depósitos (Caixa Nacional de Previdência) estão a conduzir em ritmo de excepcional dinamismo os trabalhos conducentes á construção. Espera-se que, dentro em breve, sejam tornados publicos os numeros relativos ao plano de 1961.

As casas são de quatro categorias de habitações: I, rendas previstas entre 200$00 e 300$00; II, entre 400$00 e 600$00; III, entre 700$00 e 900$00; IV, até 1500$00.



300$00)

Dr. Joaquim Manso

Passou hoje o 4.º aniversário da morte do nosso inesquecível director dr. Joaquim Manso e por sua alma mandaram a família e a Renascença Gráfica celebrar missas na basílica dos Mártires. Oficiou no altar-mor o rev.º Vítor Franco, capelão dos Hospitais Civis de Lisboa e, no altar das almas, o rev.º Santos Colaço.

Além do filho do ilustre extinto, sr. eng.º Pedro Manso Lefèbre, membro do conselho de administração da Renascença Gráfica, assistiram ao piedoso acto o sr. dr. João Ruella Ramos, que também é administrador da mesma empresa, e sua esposa, sr.ª D. Germana Vieira Pinto Ruella Ramos, representantes da redacção, da administração e de todas as outras secções do «Diário de Lisboa», bem como muitos amigos do saudoso extinto.

JÓIAS ANTIGAS
GRANDE VARIEDADE
OURIVESARIA PIMENTA
Rua Augusta, 253 — Telef. 24564

O exercício «Falex-60» coordenado pelo almirante Douguet será dirigido de Lisboa no Centro de Operações da Marinha

Começam na terça-feira, no Atlantico, entre a costa portuguesa e a Madeira, na área de Gibraltar e no Mediterraneo Ocidental, dois exercícios de treino coordenado, com unidades navais e aéreas francesas, inglesas, americanas e portuguesas, dos comandos aliados do Atlantico e da Europa, e que constituem o exercício «Fallex-60».

Designam-se os exercícios «Ballast One» e «Coffer Dam», e são dirigidos superiormente pelo almirante Robert L. Dennison, comandante supremo aliado no Atlantico, e pelo general Lauris Norstad, comandante supremo aliado na Europa, sendo coordenados e executados pelo vice-almirante francês Douguet, que é esperado em Lisboa e actuará como comandante da área «Iberlant».

O «Ballast One» decorre de 20 a 27 e servirá para pôr em actividade o comando da área. O objectivo das operações é impedir a aproximação de submarinos inimigos, do estreito de Gibraltar, e proteger a navegação mercante que o utiliza, pelo emprego de unidades anti-submarinas de superfície e de patrulha aérea.

No «Coffer Dam», que começa a 24 de Setembro e termina a 1 de Outubro, o almirante Douguet terá a colaboração do comandante da Base Naval de Gibraltar, almirante «Sir» Hangley, da Marinha britanica. Neste exercício pretende-se aperfeiçoar e treinar as forças da N. A. T. O. e nacionais nas tarefas de fiscalização do estreito e suas imediações.

Tomam parte nestes exercícios um total de vinte e quatro unidades navais e quatro esquadras de aviões.

No «Ballast One» tomam parte treze escoltas oceanicos, sendo seis franceses, três britanicos e os quatro portugueses («Diogo Cão», «Corte Real», «Diogo Gomes» e «Nuno Tristão») e três esquadrilhas de aviação, das quais uma portuguesa, outra francesa e a ultima britanica. No «Coffer Dam», além das vêm, ainda, quatro draga-minas oceanicos americanos. Os submarinos franceses e a quarta esquadrilha de aviação actuam no Mediterraneo.

Os exercícios são dirigidos do Centro de Operações do Ministério da Marinha em Lisboa, onde o almirante Douguet se instala com o seu estado-maior internacional, no qual têm assento, como chefe do estado-maior adjunto da força, o capitão-de-mar-e-guerra Laurindo Henriques dos Santos, e como chefe de operações adjunto, o tenente-coronel Maia, da Força Aérea.

Em Southampton, num botequim que se chama «Lord Louis», o almirante da esquadra britanica lord Mountbatten, convidado de honra, enche ele próprio as canecas de cerveja com que estão brindando á vitória e á camaradagem antiga os oficiais e marinheiros da tripulação do contratorpedeiro «Kelly» que aquele membro da família real comandou durante a ultima guerra

Vai ser reformado o Código Penal da República Federal Alemã

BONN, 10. — A Alemanha Ocidental tenciona remodelar o seu Código Penal para que o ministro a Justiça, Fritz Schaeffer, já apresentou ao Parlamento uma proposta de reforma, com 600 páginas, que tem a aprovação de Adenauer e do Governo. Segundo a proposta de reforma, as penas de prisão, em muitos casos, substituias penas de prisão são substituidas por trabalhos forçados. As leis do tráfego foram também modificadas mas por forma a tentar controlar-se o crescente índice das mortes nas estradas da Alemanha.

Só os criminosos reincidentes ficam sujeitos a penas mais pesadas nos casos de fraude e de roubo.

Todas as pessoas que não gostem de trabalhar podem ser enviadas para campos de trabalho.

A reforma mantém a prisão perpétua com trabalhos forçados como a mais grave pena germanica, que pode ser imposta nos casos de assassínio, de alta traição e de «crimes nucleares e de radiação». A pena de morte continua a não ser aplicada.

Prevê-se, por outro lado, a concessão aos tribunais de poderes especiais para obrigarem os alcoólicos e os viciados em estupefacientes a residência fixa e liberdade vigiada.

Os trabalhos forçados foram abolidos nos casos de roubo e de fraude, a não ser que tais crimes sejam cometidos por delinquentes habituais.

Numa tentativa para substituir as penas de prisão por trabalhos forçados, prevê-se que a pena de prisão máxima que pode ser aplicada seja de 10 anos.

Julga-se que a Imprensa criticará a proposta «Lei da Indiscrição», que impedirá a publicação de informações pessoais sempre que isso se torne necessário no interesse publico.

O novo Código prevê os casos de inseminação artificial, que só será permitida desde que o semen utilizado seja o do marido.—(A. N. I.).

Pretendem vender ouro, pratas ou jóias recebendo o máximo?
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

PASTA MEDICINAL Couto
EVITA estomatites
TRATA doenças da bôca

NECROLOGIA

(Continuação da página central)

cos, publicando a esse respeito várias monografias.

Em 1917 participou no Congresso Espanhol para o Progresso das Ciências, que se efectuou em Sevilha. Descobriu na Galiza a primeira estação peleolítica daquela província, em Campojancos. Encontrou o único vaso de bronze, conhecido em Portugal, no qual se notam influências etruscas e encontrou, ao todo, ao longo das suas pesquisas, 15 estações paleolíticas.

Assistente de Fisiologia da Faculdade de Medicina de Lisboa em 1919, professor auxiliar de Química Fisiológica em 1927; de Endocrinologia de 1928 a 1940, frequentou a Sorbonne como bolseiro e obteve vários prémios por trabalhos médicos.

Prestou serviço na Maternidade Magalhães Coutinho, foi subdirector do Instituto Rocha Cabral e dirigiu o Hospital Francês de Lisboa.

Em 1941, ascendeu a professor catedrático de Obstretícia e pouco depois á cátedra de Fisiologia.

Entre as suas obras principais contam-se «Guia de Trabalhos Práticos de Fisilologia», «O estudo fisiológico da contracção muscular» e «Sobre o determinismo do parto». Era sócio efectivo da Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais, da Sociedade Portuguesa de Biologia e da Associação dos Arqueólogos Portugueses.

Foi nomeado em 1958 presidente da Camara Municipal de Sintra, onde esteve desenvolvendo uma obra notável de administração, fomentando o progresso da região.

O extinto deixa viuva a sr.ª D. Antónia Gomes da Costa Fontes e era pai da sr.ª D. Maria Elisa Fontes Ferreira Marques, casada com o sr. Pedro Ferreira Marques; e irmão do prof. Vítor Fontes, a quem apresentamos as nossas condolências, bem como á Camara Municipal de Sintra.

O funeral efectua-se amanhã, ás 15 horas, para jazigo de família, no cemitério do Alto de S. João, saindo o préstito da sala das sessões da Camara Municipal de Sintra, onde o corpo estará exposto durante o dia e noite de hoje.

FUNERAIS

D. Sofia Angelina Frois

CALDAS DA RAINHA, 10.—Foi muito sentida nesta cidade a morte da sr.ª D. Sofia Angelina Fróis, viuva do grande mestre de equitação e tauromaquia Vitorino de Avelar Fróis. Senhora de grande bondade era estimada por todos desta região onde passou grande parte da sua vida.

O funeral foi extraordinariamente concorrido.

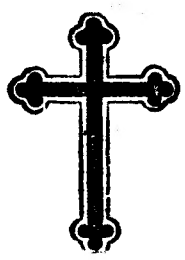
Prof. Dr. Joaquim Moreira Fontes

(Professor Catedrático da Escola Médica e Presidente da C. M. de Sintra)

FALECEU

Antónia Leonila Gomes da Costa Fontes, Maria Elisa da Costa Fontes Ferreira Marques, genro, netos e mais família cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu querido e extremoso marido, pai, sogro, avô e parente, e que o seu funeral se realiza amanhã, pelas 15 horas, saindo o préstito fúnebre do Edifício dos Paços do Concelho, em Sintra, para jazigo de família no cemitério do Alto S. João, em Lisboa.

AGÊNCIA MEGA



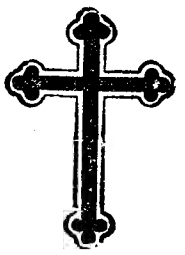
Prof. Dr. Joaquim Moreira Fontes

(PRESIDENTE DA C. M. SINTRA)

FALECEU

O PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO DOS SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DE SINTRA, cumpre o doloroso dever de participar o falecimento do seu Ilustre Presidente, Prof. Dr. Joaquim Moreira Fontes e que o seu funeral se realiza amanhã pelas 15 horas, saindo o préstito fúnebre do Edifício dos Paços do Concelho, em Sintra, para jazigo de família, no cemitério do Alto S. João, em Lisboa.

AGÊNCIA MEGA



Prof. Dr. Joaquim Moreira Fontes

(PRESIDENTE DA C. M. SINTRA)

FALECEU

O INSTITUTO DE SINTRA, cumpre o doloroso dever de participar o falecimento do seu Ilustre Presidente, Prof. Dr. Joaquim Moreira Fontes, e que o seu funeral se realiza amanhã, pelas 15 horas, saindo o préstito fúnebre do Edifício dos Paços do Concelho, em Sintra, para jazigo de família, no cemitério do Alto S. João, em Lisboa.

AGÊNCIA MEGA

Prof. Dr. Joaquim Moreira Fontes

(Presidente da C. M. Sintra)

FALECEU

A CÂMARA MUNICIPAL DE SINTRA, cumpre o doloroso dever de participar o falecimento do seu Ilustre Presidente e que o seu funeral se realiza amanhã, pelas 15 horas, saindo o préstito fúnebre do Edifício dos Paços do Concelho, em Sintra, para jazigo de família, no cemitério do Alto S. João, em Lisboa.

AGÊNCIA MEGA

Major

José Júlio da Silva

FALECEU

José António Carvalho da Silva (ausente) e esposa, Julio António de Carvalho da Silva esposa e filhos (ausentes) Joaquim Santana de Carvalho esposa e mais família participam o falecimento do seu querido pai, sogro, avô, cunhado e parente e que o seu funeral se realiza amanhã pelas 9 horas da Rua Lucinda Simões n.º 12-1.º dt.º para o talhão dos Combatentes da Grande Guerra no cemitério do Alto de São João.

Trata
A FUNERÁRIA LISBONENSE

R. I. P.

Prof. Dr. Joaquim Moreira Fontes

FALECEU

O Director e Corpo docente da Faculdade de Medicina de Lisboa cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu querido Colega e que o seu funeral se realizará em dia e hora que oportunamente serão anunciados.

Férias no Mediterrâneo

(Continuação da 1.ª página)

mas a bordo. Esta travessia até Gibraltar vai-me permitir visitar, por etapas, as mais curiosas dependências deste navio, que o jornalista francês Etienne Moreux classificou recentemente como «le plus beau navire du monde». Dei ao leitor, num dos apontamentos precedentes, uma ideia geral do paquete, ideia colhida na viagem que a seu bordo fiz, em Agosto, de Gibraltar até Génova. Mas prometi dizer mais qualquer coisa. E' o que posso fazer agora, graças á amabilidade do comissário-chefe, Umberto Morabito, que me proporcionou a visão total desta complicada cidade flutuante de 33 000 toneladas de deslocamento.

Em onze pavimentos, de pé direito baixo para não tornar o navio demasiadamente alteroso, servidos por quinze elevadores automáticos, de alumínio, dos quais sete para os passageiros, está arrumada toda a vida intensa do «Leonardo Da Vinci». E' um milagre de concepção e um êxito de construção. Há em tudo isto, apenas 12 000 toneladas de aço e duzentas de materiais leves — plástico, alumínio, cartão endurecido. Começo lá por baixo, pelas máquinas. Dois grupos de turbinas, cada um com uma turbina de alta e outro de baixa. Potência normal, 35 000 cavalos. Um sem numero de auxiliares. Quatro centrais eléctricas, com potencia para fornecerem luz a uma cidade de 15 000 habitantes. Sistema de ar condicionado para passageiros e tripulantes em todo o navio; frio, desidratização ou calor. Setenta e um aparelhos, sistema Atisa, capazes de produzir três milhões de frigorias-hora. Máquinas frigoríficas para 140 000 frigorias-hora, servem as camaras de géneros alimentícios, onde se podem conservar, por exemplo, seis toneladas de peixe, cinco mil litros de leite, trinta toneladas de vegetais frescos, cinco de açucar, três de queijo, uns setenta e cinco mil ovos (que nunca sabem a bafio); dezoito mil garrafas de cerveja, e toneladas, muitas toneladas de carne, de sumos, de frutas frescas, de café... O ventre do «Leonardo Da Vinci» é coisa quase inconcebível.

Mas voltando ainda á maquinaria. Quarenta e quatro ventiladores e sessenta e nove extractores, renovam o ar em todo o navio á razão de oitenta vezes por hora. Aparelhos de destilação, em numero de três, capazes de produzir, cada um, duzentas toneladas de água por dia, asseguram todos os serviços de bordo. Seis tanques de água doce, com 166 metros cubicos, atestados nos portos sempre que é preciso, abastecem a mesa. Este, o resumo da maquinaria na qual superintende uma equipa de vinte oficiais da especialidade, grandes obreiros do bem-estar a bordo e que raramente se vêem

Passo depois pela central dos bombeiros, em vigília permanente. A defesa contra o fogo faz-se por dois meios: compartimentagem de material refractário e elementos de ataque. Estes ultimos compreendem um aparelho de anidrido carbónico, para os sectores de carga e de maquinas; um aparelho de água sob pressão, que funciona automàticamente logo que a temperatura ultrapassa certo limite; aparelhos de alarme distribuídos por todo o navio e um batalhão de trezentos e trinta aparelhos extintores que se descortinam por toda a parte. Detenho-me, ainda, na casa das bagagens. Parecerá, á primeira vista, não ter este sector qualquer interesse. Puro engano. Reunidas ali todas as malas e abrindo uma porta no costado para o cais, lança-se uma prancha vulgar sobre a qual funciona uma passadeira sem-fim que conduz as malas com toda a segurança para terra. Não há aqui o risco de se ser mimoseado com o canto de uma mala na cabeça, quando o bagageiro, ajoujado, pelos corredores ou pelos *decks*, não nos avisou a tempo...

As cozinhas — quatro vastas instalações mecanizadas onde trabalha quase uma centena de homens — servem as três classes e a tripulação. E' um labor que não cessa. Só para a primeira classe, são sete refeições por dia: pequeno almoço; caldo e sanduiches, ás 11 horas, nas piscinas; almoço; chá, refrescos e bolos, ás 17 horas; aperitivos, ás 19 horas; jantar e, depois da meia-noite, bufete frio no «Night Clube», em redor da piscina... E' exaustivo para todos — para os que cozinham, para os que servem e para os que comem...

No primeiro dia de viagem fiquei-me por aqui. O dia seguinte, consagrei-o aos alojamentos. Qualquer das classes tem as mesmas regalias de conforto, guardadas apenas certas proporções E' evidente que a Classe Cabine e a Turística, não têm, como a Primeira, por exemplo, a Televisão nos camarotes, mas em todas os camarotes dispõem de casa de banho privativa e de um arranjo interior muito completo. E todos os passageiros têm, igualmente, uma capela de linhas harmoniosas, com missa todos os dias e onde há sempre lumes tremulantes, flores aos pés do Senhor e gente, recolhida, a orar. Todas as crianças, as mais ricas ou as menos abastadas, têm, nas três classes, as suas salas para brincar e as suas piscinas-miniatura para usufruir uma vida alegre e saudável.

Desde os salões ás grandes piscinas, passando pelas salas de leitura ou de jogos, onde os furiosos da canasta, do *bridge* ou do *poker* encontram seus predilectos entretenimentos; pelos bares, pelo cinema-teatro com duzentas e cinquenta cómodas poltronas, por tantos recintos, enfim, decorados com bom gosto, tendo em vista o conforto de quem viaja e a passagem do tempo sem que se dê pelas horas, encontra-se no «Leonardo Da Vinci», o navio-tipo para enfrentar a concorrência do avião, embora coisa alguma possa suplantar, em matéria de viagens, o prazer de um navio como este.

Para lhe compensar a demora entre o paquete e o avião, tem o passageiro do «Leonardo da Vinci», numa viagem estudada com inteligência, elementos de informação que lhe podem ser preciosos e que lhe permitem até fechar, em pleno oceano, grandes negócios. Assim, conhece diáriamente, por um boletim — além de um jornal impresso e de uma folha de telegramas — as cotações de produtos e de valores das Bolsas de Nova York e de Milão e as tendências dos mercados; pode telefonar do seu camarote para o seu escritório na 5.ª Avenida; pode receber fotografias ou fotocópias por telefoto, pois este navio é hoje o unico no Mundo com aparelhagem para tal efeito e, se tiver a infelicidade de adoecer, encontra a bordo um hospital equipado como o de uma cidade de mediana categoria: análises, radiologia, ginecologia, tratamentos fisioterápicos, banhos de luz, massagens... médicos, enfermeiros e, tambem, graciosas enfermeiras...

Não vale a pena falar de outras curiosidades que se encontram nos grandes navios, mas deve dizer-se, ainda, que a Televisão do «Leonardo Da Vinci» não só recebe do exterior, como permite ao passageiro que estiver num salão, observar uma festa que decorre no teatro do navio ou numa das suas piscinas. Isto é curioso, é cómodo, e é bem um espelho dos nossos dias.

O espectro da aviação comercial

Falando a bordo, durante uma festa, o sr. Giuseppe Zuccoli, presidente da Sociedade Itália, armadora deste navio, teve, entre outras, esta frase que se deve registar: «Entre 1963 e 1965, a capacidade total do transporte por via aérea será, pelo menos, quintuplicada, enquanto que, no sector marítimo, numerosos navios antigos serão substituidos por unidades modernas, mas cuja capacidade não será, todavia, muito superior á actual».

Nesta síntese está um programa de acção: resistir ao «ataque aéreo», não com mais navios, porque seria arriscar muito, mas com melhores, com muito melhores navios, que constituam um elemento de atracção do passageiro e o ultimo reduto da Marinha Mercante de grande classe, digamos, o ultimo argumento da frota mundial de luxo.

O sr. Zuccoli não deve andar muito longe da realidade quando advoga: navios em maior numero, não; mas navios sempre melhores, sim. Há poucos meses, expendi ideia semelhante. Nas grandes linhas transoceanicas, só poderão sobreviver famosos paquetes, recheados de conforto e de progresso. O paquetezinho médio de 10 000 toneladas, entre a Europa e a América, tem os seus dias contados. Um «Leonardo Da Vinci» não, esse e outros têm, ainda, futuro na sua frente. Para essa capacidade de luta, contribuirá, também, a inteligência do serviço a bordo no seu conjunto, o cuidado na mesa, a educação do pessoal, a atenção constante pelo bem-estar do passageiro, enfim, pequenas-grandes coisas que são o segredo do triunfo deste navio, porque vinte e quatro horas no «Leonardo Da Vinci» valem bem três travessias aéreas do Atlantico Norte num destes «Boeing» alucinantes dos nossos dias...

«Saudades minhas para Lisboa!...»

Véspera da chegada a Gibraltar. Noite de grande festa a bordo. Jantar de gala, em que o caviar, a lagosta e o faisão constituem os primeiros figurantes de uma ementa insuperável. A' entrada do salão, o estado-maior do «Leonardo Da Vinci», em *grande tenue*. O comandante Armando Pinelli, sempre distinto, de anel brazonado, elegante de espírito e de maneiras; o segundo comandante, Giuseppe Solitti, a simpatia personificada; os comissários, sempre solícitos, e os restantes oficiais chefes dos vários serviços, recebem os passageiros, enquanto o fotógrafo de bordo regista o desfile de *smokings* brancos e de *toilettes* lindíssimas, numa bela parada de esplendor mundano. Serve-se o jantar num ambiente de requintada distinção. *Champagne*. Brindes por uma feliz viagem até Nova York — a terceira viagem do «Leonardo Da Vinci». Depois, é o baile no salão de musica. O comandante Pinelli, de grupo em grupo, a todos dedica uma palavra amável. *Lisbonna... Bella cittá...* E fala-me de Portugal com entusiasmo. Não sabe quantas vezes já foi a Lisboa, a comandar outros paquetes. Mas é um desfiar de recordações;; o castelo de S. Jorge, Sintra, Estoril, o fado... alguns bons amigos, a família Pinto Basto... Fala-me, também, da nova Marinha Mercante portuguesa e dos seus belos navios: — Encontrei-me por duas vezes no Rio de Janeiro com o «Vera Cruz», e digo-lhe, sem favor, que é um excelente paquete.

O baile prossegue até de madrugada para só terminar quando espreitam, das bandas da popa, os primeiros alvores do dia. Manhã quente. Estamos á vista de Gibraltar. Para aqueles que seguem até Nova York, começa mais um dia de vida bem vivida, de ar livre, de piscinas, de boa musica. Para os que vão desembarcar em Gibraltar, é o fim de umas curtas férias mediterranicas. Deante do rochedo agreste, sente-se já um calor ardente, atmosfera saturada de humidade. Oh! Abençoado ar condicionado do «Vinci»...

Passamos para o rebocador, que se afasta do bojo imenso do paquete, arfando em ablativos de largada. Lá de cima, da ponte, o comandante Pinelli ergue o seu boné e, num português correcto, dispara-me estas palavras que ficam, para mim, com a ressonancia da ultima grande recordação do navio de sonho: — Saudades minhas para Lisboa!...

MAURÍCIO DE OLIVEIRA

O PRETO NO BRANCO

Tempo variável

de RAMADA CURTO

Esta manhã levantei-me e abri a janela do quarto para ver como estava o tempo porque, mesmo que eu tenha ouvido o boletim meteorológico de véspera, isto é, em mim, um velho hábito. Eu sei que saber permite prever. Em todo o caso eu prefiro ver para crer como S. Tomé, porque as previsões podem sair erradas e o erro não pode ser apenas dos boletins meteorológicos e pertence a todas as previsões. Mesmo os aparelhos como os barómetros trabalham atrasados.

Dizem que o tempo é variável quando já chove a potes. O tempo é como certas mulheres que marcam actos variáveis ou incertos quando já chove e venta há muito e só muito tarde marcam bom tempo quando já não há sol que as aqueça e ilumine. A sabedoria das Nações previne que da pior toca é donde sai coelho.

Pois esta manhã, o céu estava forrado e até para os lados do rio estava coberto de pesadas nuvens de água a que se chamam «cumulus». O cumulo é uma manhã destas, em pleno Agosto, o período da canicula. Sobre o Tejo havia um nevoeiro cerrado para me dar a ideia do que é o «fog» londrino a mim que nunca fui a Londres e não falo inglês.

Hoje, como já está instalado o radar, os vapores da carreira de Cacilhas não precisam de tocar as «sirenes» para evitar os abalroamentos dos «ferry-boats» que só lhes falta para transportar, a arca de Noé com bichos e tudo e legiões de automóveis de todas as marcas e todos os preços. Tudo mudou. Basta lembrar-me que foi preciso passar dos sessenta anos para, por três vezes, ver cair neve na capital. Mas foi em Fevereiro pleno Inverno. De uma das vezes, da minha varanda que é num quarto andar de onde se vêem os telhados do Bairro Alto, vi esses telhados cobertos de neve. Até as telhas queriam parecer de Marselha porque se sentiam comprometidas ao receber neve em vez de água a que estavam habituadas há muitos anos. Eu só conhecia a neve e as paisagens de neve dos cromos ingleses que se vendiam nas papelarias da Baixa e onde estavam pintados o Menino Jesus, as palhas da mangedoura, o presépio com os reis magos e os bichos bondosos quando a vaca aquecia com o seu bafo o Deus menino. Como toda a gente sabe, aquilo passava-se em Belém, que é na Galileia para onde fugira a sagrada família para escapar ao Herodes que era um judeu de raça atravessada que queria matar os inocentes. Eu, já ao tempo, não era completamente inocente, mas já abominava o Herodes e hoje que sou velho, ainda detesto os Herodes e os Pilatos.

Pois, nesses cromos em torno do presépio era uma paisagem nórdica de cedros, cobertos de flocos de neve que dos céus caiam aos cardumes sobre a cena evangélica. Era climaticamente errado, mas era bonito. Serviam pelo Natal, esses Cristmas Cards *para se trocarem boas festas entre pessoas de tratamento.*

Pois nuvens e céus negros em Agosto revoltam-me. Vem-me á ideia um lindo verso que, por vezes, eu recordo de um poeta que amei e diz assim:

CARTAS VERMELHAS
DO SOL DE AGOSTO

Ah, meu querido artista ignorado, as cartas que tivesses escrito neste Agosto enevoado teriam que inventar o Agosto sem o Sol vermelho que tornava vermelhas as cartas de amor. É certo que também foste tu que escreveste:

— O nevoeiro cresce, ó sol doirado
A tristeza aumentou, cabelo louro
e o contorno dos olhos está molhado
vão lá saber se é nevoeiro ou choro

E estou farto de Invernos e fazem-me falta os Agostos. Estas coisas passadas evoco-as contemplando o tempo e penso no futuro. O que será um dia assim, depois de construída a ponte sobre o Tejo. Peões, automóveis, camiões, passarão o rio envoltos numa neblina escura e que desola. Mas, enfim, sempre será uma coisa nova e eu estou farto de ver coisas velhas que já não têm vida nem beleza. Um tempo assim é uma burla. Aproveito o dia e vou para a beira-mar. O tempo melhorou e agora há sol. Brincam crianças, muitas crianças na praia. No horizonte limpido do mar vejo passar o fumo branco de um vaporeto qeu vem não sei de onde e vai para o seu destino. O mar brilha. Também o seu destino será desfazer-se em espuma branca sobre a praia. E tantas crianças, tão alegres, brincando com as águas que se espraiam e retiram. Acabo de ler num jornal um trecho de prosa sobre a literatura poética e a filosófica. Gostei de ler. Porque é que o autor da prosa, não toma banhos de mar e não dá mergulhos? Seria um ensaboamento da cabeça mas com água salgada. Talvez lhe fizesse bem á literatura e á filosofia.

Agora o tempo variou. O Sol triunfa e a tarde é admirável. Ia a escrever que a tarde desce. E' uma frase feita. E eu sei lá se a tarde desce ou sobe. Eu por mim sei que desci, que vou retardando o mais que posso. E as crianças que brincam?

Qual será o destino daquele vaporeto que passa ao longe na linha do horizonte? Que chegue como as crianças a porto e salvamento. E que a viagem lhes seja fácil e colorida. As melancolias da mocidade são alegres. Recordá-las é que é triste. Será esta literatura poética ou filosófica? Nem uma coisa nem outra. O tempo variou. O autor do artigo não tenho duvidas em confessar que tem um imenso talento. O que precisa é de oxigenar o espírito. Precisa de dar nele para que Deus o ajude, o alegre e ilumine. E' bom variar. A tarde está um encanto. O tempo variou e eu também.

A CAMPANHA NO ALENTEJO pró-monumento a Nun'Álvares

A Camara Municipal do Crato, a que preside o sr. Domingos de Sá Nogueira, deliberou, há meses, convidar todos os municípios alentejanos a unirem-se num grande movimento de exaltação da figura de D. Nuno Álvares Pereira.

O objectivo desse movimento era criar o clima necessário entre o povo, para se levar a efeito uma subscrição em toda a província que permita custear as despesas a fazer com um monumento a erguer em Flor da Rosa, frente ao mosteiro que foi sede da Ordem do Hospital, de que foi fundador e grão-mestre o pai do condestável do Reino.

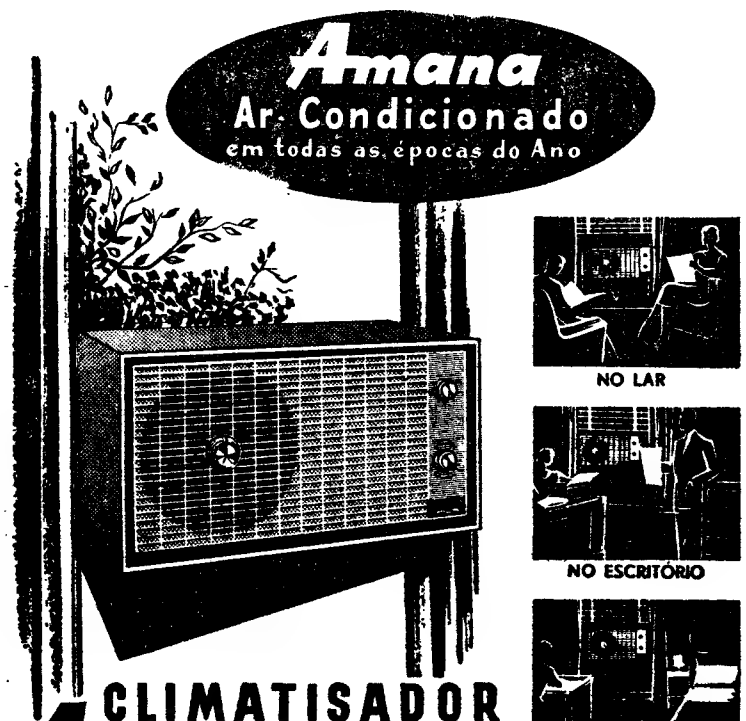
Constituida pelos presidentes das camaras municipais de Crato, Portalegre, Elvas, Évora, Beja, Fronteira e Sousel, a comissão executiva pró-monumento solicitou agora auxílio financeiro a todas as casas do povo e grémios da lavoura do Alentejo, devendo dentro em pouco iniciar-se simultaneamente em toda a província transtagana, a projectada subscrição entre a população.

Vai comemorar-se o 27.º aniversário do Estatuto do Trabalho

Em virtude de passar no próximo dia 23 o XXVII aniversário da promulgação do Estatuto do Trabalho Nacional e ainda o III da instituição das primeiras corporações, efectuar-se-ão em Lisboa várias cerimónias presididas pelo ministro das Corporações.

O programa das comemorações inclui, ás 10 e 30, uma missa solene no mosteiro dos Jerónimos e, ás 14 horas, um almoço na Colónia de Férias «Um lugar ao Sol», na Costa da Caparica.

Todas as informações podem ser prestadas na Corporação do Comércio, Rua Miguel Lupi n.º 32-1.º, em Lisboa — Telef. 673727, onde está instalada a secretaria da comissão organizadora.



CLIMATISADOR Amana

AUTOMÁTICAMENTE ARREFECE, AQUECE, VENTILA, FILTRA, EXTRAI, DESODORISA E DESUMIDIFICA O AR, PARA O

conforto ideal

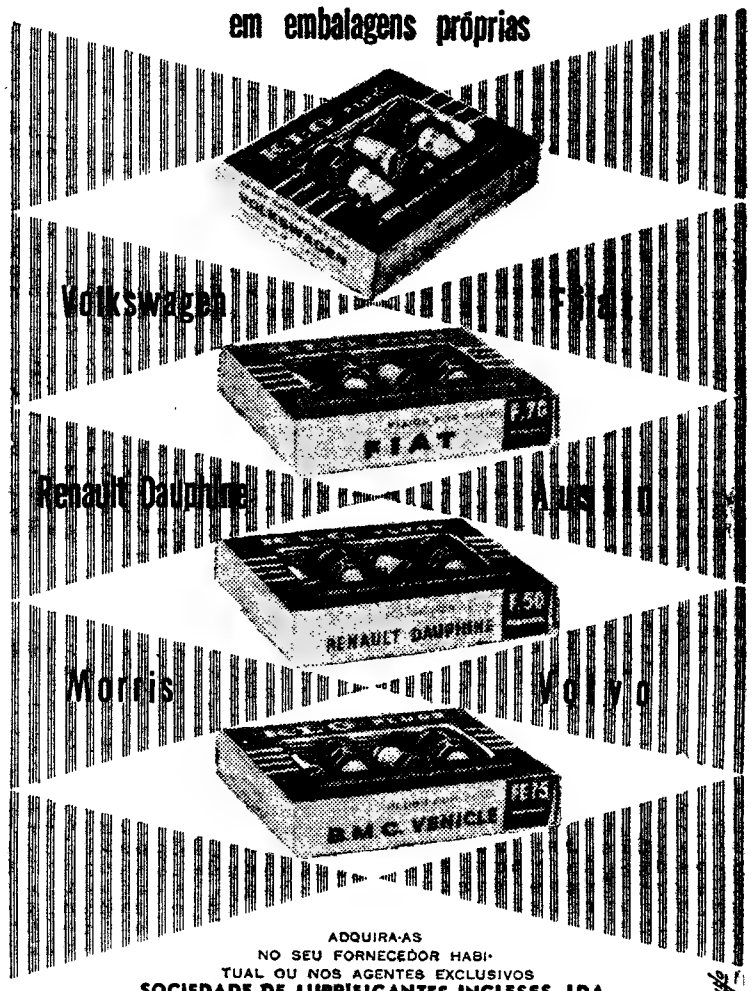
REPRESENTANTES
Refrigeração
POLAR
LIMITADA · R. DA EMENDA, 66 1.º F. · Telef. 29016/7/8 · LISBOA

---

escolha a vela

K·L·G

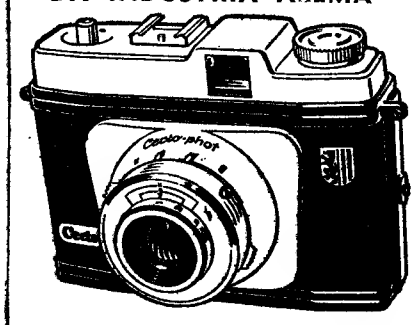
Especialmente concebida para o seu carro e fornecida já, devidamente calibrada, em embalagens próprias



ADQUIRA-AS NO SEU FORNECEDOR HABITUAL OU NOS AGENTES EXCLUSIVOS
SOCIEDADE DE LUBRIFICANTES INGLESES, LDA.
SUB-AGENTES NO NORTE
AUTO-PENINSULAR — RUA RAMALHO ORTIGÃO — PORTO

CERTO-PHOT

UM PRODÍGIO DA INDÚSTRIA ALEMÃ



A MÁQUINA FOTOGRÁFICA PARA TODOS

APENAS POR ESC. 225$00

Construção inteiramente metálica. Objectiva 1:8 de alta qualidade. Focagem de 1,5 m. até ao infinito. Fotografia a preto e branco ou a cores. Visor óptico muito luminoso e exacto. Evita as duplas exposições. Sincronizada para «flash». Obturador de precisão dando 1/50 seg. e «B». Tira 12 fotos 6 × 6 cm. num rolo de 6 × 9, que podem ser ampliadas. Peça hoje mesmo uma máquina

CERTO-PHOT

Em qualquer boa casa de artigos fotográficos do País.

Distribuidores exclusivos.

Sociedade de Representações M. SIMÕES JUNIOR, LDA.

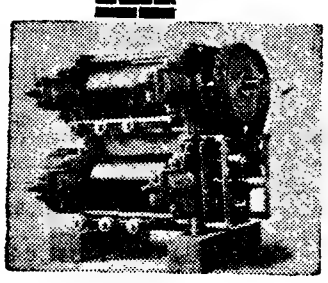
Rua da Conceição, 46-1.º
Telefone 31545 — LISBOA

Policlínica do Intendente

AV. ALM. REIS, 27, 2.º — T. 45587

Dr. Abel Alves—Ouv., nariz e garganta, 14 h.
Dr. Anastácio Gonçalves—Doenç. olhos, 18 h.
Dr. Armando Valle—Anál. clin. e vacinas, 11 h.
Dr. Armando Luzes—Rins e vias urinárias, 14 h.
Dr. Bernard Guedes—Raios X, 16 h.
Dr. Camara Leme—Boca e dentes, 10 ás 13 e 17 ás 19 h.
Dr. E. de Miranda Rodrigues—Doenças nerv. mentais (2.as, 4.as e 6.as), 16 h.
Dr. Formigal Luzes—Ag. Físicos, 15 h.
Dr. Fernando Castro Amaro—Med. geral, 14 h.
Dr. João Marques Pinto—D. das crianças, 18 h.
Dr. Juvenal Esteves—Doenças da pele e sífilis (2.as, 4.as e 6.as), 14 h.
Dr. Mário Rosa—Cl. méd. est. e intest. 15 h.
Dr. Souto Soares—Cirurgia geral, ortopedia, operações, 14 h.
Dr. Pedro da Cunha—Partos e doenças das senhoras (3.as, 5.as e sáb.), 15 h.
Dr. Vasco de Lacerda—Cl. méd. coração e pulmões, 18 horas.

INDÚSTRIA DE CERÂMICA



LAMINADOR DE 4 CILINDROS

FIEIRAS DE VÁCUO — Doseadores lineares — Destorroadores — Laminadores — Misturadores remolhadores e outras máquinas construídas nas n/ Fábricas sob licença de "Le Matériel Céramique Moderne" Marselha França.

CORTADORES AUTOMÁTICOS — marca "Lingl"

FORNOS — Contínuos e Túnel

SECAGEM ARTIFICIAL e ALIMENTADORES PNEUMÁTICOS — sistema "Klostermeyer"

ACTIVADORES DA SECAGEM NATURAL — sistema "Shag"

VENTILADORES — Tiragem forçada, recuperação de calor e arrefecimento de fornos.

FABRICO EM LIGAS ESPECIAIS de: camisas para cilindros — hélices, pás e rebordos para fieiras — agulheiros, registos, válvulas e grelhas para fornos

INSTALAÇÕES COMPLETAS DE FÁBRICAS

ESTUDOS PROJECTOS · ORÇAMENTOS

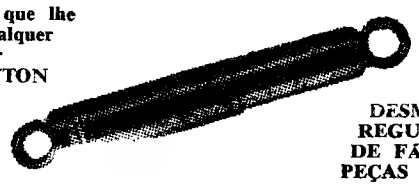
ALFREDO ALVES & C.ª (FILHOS)
E FÁBRICAS VULCANO E COLARES
RUA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS, 5 · LISBOA
PORTO — PRAÇA D. JOÃO I, 25-1.º / TELEFONE 24778

NEWTON

PRODUCT

O MELHOR AMORTECEDOR

Não deixe que lhe vendam qualquer amortecedor
Exija NEWTON



DESMONTÁVEIS
REGULÁVEIS
DE FÁCIL AFINAÇÃO
PEÇAS SUBSTITUÍVEIS

Representante:
AUTO-TRIUNFO — Rua de Santa Marta, 58

Africanistas - Congoleses

QUINTA EM COIMBRA

Vende-se nos arredores da cidade, cerca de 40.000 m2: mata, olival, vinha, pomar, etc., casa de senhorio e de caseiros, cortes gado, óptimo aviário para galinhas, servida por carreiras de camioneta. 400.000$00, podendo facilitar-se pagamentos. Adriano de Oliveira, Praça 8 de Maio, 42-1.º. Telefone 22552, Coimbra.

Pela sua excelente qualidade e apresentação não receia imitações. Exija em toda a parte só Queijo «TIGRE»!

---

dekopan

A PELÍCULA ALEMÃ PARA MELHORES FOTOGRAFIAS

À VENDA NAS CASAS DA ESPECIALIDADE

Fabricada pela Veb Fotochemische Werke Berlin — (DDR)
Representante: Rua D. João V, 2, 5.º, Esq. — LISBOA

2.500 CONTOS

Preciso, POR SEIS MESES, sobre propriedade rustica e urbana no Concelho de Almada, avaliada em mais de 15.000 CONTOS.
Este capital é para investir na propriedade para sua maior valorização.
Juros a combinar, garantindo o empréstimo com primeira hipoteca.
Não admito intermediários. Sou o próprio.
Resposta urgente a este jornal ao n.º 209.

HIPOTECAS

Sobre propriedades ou automóveis. Em todo o País. Rapidez e sigilo.

A FINANCIADORA
Companhia Naciona de Crédito
S. A. R. L.
Av. da Liberdade, 3 — Tel. 24448

Domingo, 18 de Setembro

EXCURSÃO DA C. P.
A S. PEDRO DE MUEL

em colaboração com a camionagem em serviço combinado

3.ª classe — PREÇO 67$50

Partida de Lisboa (Rossio) às 7,15. Chegada a Marinha Grande às 11,07. Autocarro: partida de Marinha Grande às 11,15, chegada a S. Pedro de Muel às 11,40.

Regresso: S. Pedro de Muel 19,40, chegada a Marinha Grande às 20,05 donde parte no comboio às 20,19, chegando a Lisboa (Rossio) às 0,20.

Bilhetes à venda na estação de Lisboa (Rossio) desde as 9 horas do dia 12 do corrente. LOTAÇÃO LIMITADA.

EXCURSÃO DA C. P. À NAZARÉ

Comunica-nos a C. P. que se encontra esgotada a lotação da excursão a realizar no domingo 11 do corrente.

Para a escolha

dos "condutores exemplares"

foram consultadas

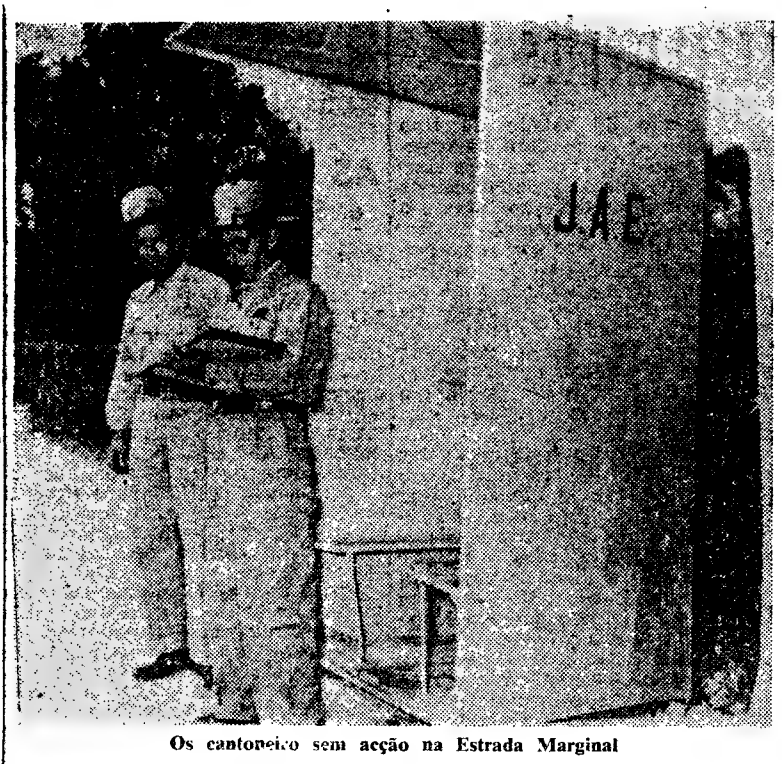
10 mil fichas

Tem sido verdadeiramente notável o labor dos funcionários da Direcção-Geral dos Transportes Terrestres. Durante 12 dias eles manusearam dez mil fichas das secções de Acidentes, Cadastro, Transito e Transgressores, para verificar entre 2500 nomes primitivamente seleccionados, quais os condutores que foram culpados de acidentes ou infracções, a fim de formar-se a classificação definitiva dos «condutores». A busca foi feita com tal rigor e precisão, que as relações dos nomes foram, todas elas, rubricadas pelos chefes da secção, sr. dr. João Tavares Fradique, Alfredo Leal Franco e Dinis Ferreira, cujo espírito de compreensão e colaboração muito nos desvanece. Os funcionários que procederam ás respectivas buscas foram as sr.ª D. Candida da Piedade Ramos e D. Maria Teresa Fontoura Madeira Correia e os srs. Lino França de Sousa e António Ramalho Caeiro, a quem o «Diário de Lisboa» se manifesta bastante grato.

Portugal na N. A. T. O.

Para participar numa reunião do «Comité» Científico da N. A. T. O., partiu hoje, no «Sud-Express», para Paris, o dr. Rogério de Canha e Sá, da Presidência do Conselho.

Na próxima terça-feira seguirá, por via aérea, para a mesma cidade o dr. Carlos Alves Martins, director do Centro de Estudos de Estatística Económica do Instituto de Alta Cultura, que chefiará a delegação portuguesa á referida reunião.



Os cantoneiros sem acção na Estrada Marginal

Mais de 1500 cantoneiros

procedem em todas as estradas

ao recenseamento geral do trânsito

Hoje, e em todas as estradas portuguesas de 1.ª, 2.ª e 3.ª categorias, está a decorrer mais uma jornada do recenseamento geral do transito.

Mais de 1500 cantoneiros, distribuidos por 750 postos de verificação, anotam o numero de veículos que circulam pelas rodovias, desde as 6 horas de hoje ás 6 de amanhã.

Em obediência a um plano internacional, o recenseamento do transito tem por fim o conhecimento da capacidade e da resistência actuais das rodovias e a densidade de tráfego de cada uma, bem como a elaboração de mapas estatísticos que, mais tarde, serão publicados.

Em Portugal essa verificação está a cargo da Junta Autónoma de Estradas e foi já realizada em 24 de Janeiro, 29 de Fevereiro, 2, 22 e 24 de Abril, 12 de Maio (esta especial, incidindo mais nas estradas de acesso a Fátima), 1 de Junho, 12 e 24 de Julho, 2 de Agosto, e 3 deste mês (também especial). Hoje é o 12.º dia de recenseamento, que terminará em 9 de Dezembro.

"Um dos grandes serviços

que a Imprensa presta

à causa pública"

afirma "A Nossa Terra" acerca da Campanha

O nosso prezado colega de Cascais, «A Nossa terra», sob o título «Contra a Morte!» refere-se de forma, para nós, sumamente sensibilizadora á Campanha de Segurança Rodoviária, e escreve com absoluta justeza:

Dizem as estatísticas — na frieza, por vezes cruel, dos numeros — que Portugal ocupa um dos lugares cimeiros entre as Nações onde é mais vultosa e mais trágica a lista dos acidentes de viação. Triste celebridade essa, que revela muita inconsciência e, como muito bem disse o sr. dr. Mário Madeira, lamentável falta de educação.

Contribuindo, num esforço meritório e digno de ser considerado como um dos grandes serviços que a Imprensa presta á causa publica, para que se oponha uma barreira á ronda da morte que avassala de lés a lés as estradas de Portugal, o «Diário de Lisboa» reiniciou uma vigorosa campanha, a que são devidos os maiores encómios e a que não se deve negar ampla e total solidariedade.

Já nestas colunas, e por mais de uma vez, se focou o problema. Já aqui se disse que é mister impor mais respeito pela vida humana, que não pode continuar á mercê de loucos que sofrem da mania das velocidades ou fingem ignorar todas as medidas de prudência, esquecidos de si e dos outros, numa gritante afirmação da sua incapacidade para a condução de veículos motorizados. E atitude igual á nossa tem sido a de muitos outros jornais. Mas tudo baldadamente!

É pouco ríspida a legislação sobre tão importante aspecto da vida nacional? Pois, se é esse o remédio ou um dos remédios — contra os criminosos da estrada, legisle-se com maior vigor, e, paralelamente, não se permita a impunidade àqueles que, sejam quem forem, *desrespeitem todas as disposições que regulamentem o transito rodoviário. Isto, evidentemente, como repressão imediata e indispensável, enquanto não se conseguir pela educação o que até hoje não se conseguiu, nem mesmo á custa de exemplos constantes e dolorosos, que a cada passo lançam o luto sobre numerosas famílias e roubam ao País centenas e centenas de vidas.*

Não pode nem deve haver brandura na aplicação das penalidades, porque tal brandura, redunda quase num incitamento á prática dos desmandos que diariamente são registados no noticiário dos jornais e aumentam o já longo estendal de desgraças acontecidas nas estradas de Portugal.

Declare-se guerra sem quartel aos que infrinjam as regras do transito, se se quer obstar a que prossigam na sua obra sinistra. A par da cadeia para os delinquentes — que a multa é insuficiente —, lance-se uma sólida campanha educacional, logo iniciada na escola primária, no sentido de ensinar a todos como devem andar, a pé ou de automóvel, nas ruas ou nas estradas.

O que não pode continuar é a nossa tristíssima celebridade baseada numa imprudência criminosa e que depaupera a Nação. Quanto se faça para se lhe pôr cobro será merecedor de aplauso e de gratidão.

SEM CAFEÍNA

Peça café HAG, solúvel

O MELHOR AMIGO DO SEU CORAÇÃO

Domingo Feliz

Estamos no ultimo mês do Verão. Ainda três domingos. Rigorosamente, dois domingos, que o Verão termina no dia 22. O sol invadirá ainda Outubro, já dentro de Outubro. O «Diário de Lisboa» pretende converter esses dias em autênticos «domingos felizes». Para tal distribuirá valiosos prémios entre quantos se desloquem ás praias ou aos arredores de Lisboa. O nosso repórter-fotográfico estará, como habitualmente, nas estações e nos locais onde se verifiquem grandes aglomerações de pessoas que saem de Lisboa a caminho da Costa do Sol, da Caparica ou de Sintra. Nas fotografias serão assinalados os felizes premiados que receberão magníficos e numerosos prémios.

Costa de SINTRA

Cinemas

AMADORA — Recreios Desportivos — A's 21 e 15 — «Anibal e os elefantes» (12 anos).

QUELUZ — Queluz-Cine — A's 21 e 15 — «A febre do oiro» e «Bom dia Catarina» (12 anos).

CACEM — São João — A's 21 — «O homem que enganou a morte» e «Hotel Flamingo» (17 anos).

MEM MARTINS — Cine-Chaby — A's 21 — «A paixão de Afrodite» (17 anos).

SINTRA — Carlos Manuel — A's 21 e 30 — «Quando o coração diz sim» (12 anos).

ERICEIRA — Cine-Casino — A's 21 e 15 — «O baile dos malditos» (17 anos).

Farmácias de serviço

AMADORA — Central — Avenida Cardoso Lopes, 25. Tel. 980210. — Clabel — Rua António Sardinha, Lote 5, Loja D. Tel. 931551.

QUELUZ — Correia — Rua Mateus Vicente Correia, 3. Tel. 950905.

SINTRA — Marrazes — Largo Afonso de Albuquerque. Tel. 980058 — S. Pedro de Sintra — Valentim — Tel. 980456.

SINTRA ESPERA-O

NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELÉCTRICOS

Lista dos prémios

SINTRA

1.º—**Uma bicicleta «Vilar», ao tamanho do contemplado, fornecida pela firma Cielo-Areeiro, na Av. do Aeroporto, e 5 litros de tinta plástica «Bel-Plast», da Fábrica de Tintas S. João de Ovar.**

2.º—**25 latas de atum «Bom petisco», 25 latas de sardinha em puro azeite, sortidas, marca «Nilo», 1 quilo de café «Chave de Ouro» e 1 garrafão de vinho branco «Patuleia», da Casa Vilarinho & Sobrinho, Lda. e 12 tijeladas de Abrantes do agente em Lisboa, Fernando da Luz Claro.**

3.º—**2 caixas de produtos «Schweppes», da Sociedade Central de Cervejas.**

4.º—**Um bilhete para a lotaria, da Casa Campião.**

COSTA DA CAPARICA

1.º—**Uma viagem de ida e volta ao Porto num dos aviões da T. A. P., em fim de semana com estadia num dos melhores hoteis do Norte e 5 litros de tinta plástica «Bel-Plast» da Fábrica de Tinta S. João de Ovar. O contemplado viajará seguro em 200 000$00 na Companhia de Seguros Europeia.**

2.º—**10 discos de 78 rotações dos Estabelecimentos Valentim de Carvalho; 2 candeeiros eléctricos portáteis com base de metal, da Casa T. J. Barros Queiroz (Herdeiros), Lda. do L. de S. Domingos, e 12 tijeladas de Abrantes do agente em Lisboa, Fernando da Luz Claro.**

3.º—**Uma caixa de «Schweppes» da Sociedade Central de Cervejas; 12 latas de café Luso-Brasileiro, Lote «Ouro» da Torrefacção Lusitana, Lda.; e 10 pacotes de DET;**

4.º—**Uma pasta para secretária da Papelaria Vasconcelos da R. da Prata.**

COSTA DO SOL

1.º—**Um seguro de vida temporário no valor de 20 000$00, válido por um ano, na Companhia de Seguros Fidelidade; um aquecedor eléctrico de pratos «Maxim», dos Estabelecimentos SIDA, e 5 litros de tinta plástica «Bel-Plast», da Fábrica de tintas S. João de Ovar.**

2.º—**2 caixas de sabão activado da C. U. F.; Um fogareiro «Hipólito», n.º 2, da casa T. J. Barros Queiroz (Herdeiros), Lda., do L. de S. Domingos, e 12 tijeladas de Abrantes do agente em Lisboa, Fernando da Luz Claro.**

3.º—**Chocolates da Fábrica Rajá; 6 embalagens de queijo «Tiger» de Ribeiro, Bourquin, Lda. e um lote de produtos de salsicharia da Fábrica Aveirense.**

4.º—**Um bilhete para a lotaria, da Casa Campião.**

Uma das esplanadas da «Espadarte», pensão-restaurante dirigida por José Pinto Brás

Praia de Sesimbra

(Continuação da página central)

de Sesimbra têm sido pescados muitos espadartes. Há dois anos, Augusto Vilas-Boas pescou o maior especime apanhado em águas europeias, com 259,5 quilos.

O linguado, o salmonete, a pescada mesmo o camarão e a lagosta de Sesimbra são apreciados especialmente em Lisboa, onde o peixe vindo daquela vila, pela sua qualidade chega a ser tabelado de modo diferente.

Necessidades de Sesimbra

A Camara Municipal de Sesimbra, de que é presidente José Manuel Palmeirim, desenvolve larga actividade no sentido de resolver problemas como o da rede de esgotos, de abastecimento de águas, obra que importará em cerca de cinco mil e quatrocentos contos e já foi adjudicada, da construção da esplanada do Atlantico, oq ue implica um estudo a concluir num espaço de um mês, da instalação da secção portuguesa do Centro Internacional de Pesca Desportiva na fortaleza, e da edificação de novos balneários.

500 toldos e 300 barracas em duas praias

Em duas praias de banhos, de que são concessionárias as empresas Neto, de Joaquim Horta, e Isabel Silva, esta dirigida antigamente por Justino da Silva, que se distinguiu por inumeros salvamentos, encontram-se 500 toldos e 300 barracas, distribuidos por cerca de 5 000 turistas dos quais cinco centenas são estrangeiros, especialmente Franceses. Sesimbra atrai os turistas estrangeiros pelo seu carácter e pela humanidade que a povoa.

Sociedade «ESTORIL»

Venda de bilhetes

Esta venda começar-se-á a fazer aos sábados na estação do Cais do Sodré, a partir das 12 horas, até aviso em contrário.

+

Prof. Dr. Joaquim Moreira Fontes

FALECEU

Os corpos gerentes da Cooperativa Agrícola dos Produtores de Leite do Concelho de Sintra, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu grande amigo e presidente da Assembleia Geral, cujo funeral se realiza amanhã pelas 15 horas saindo o préstito funebre do edifício dos Paços do Concelho, em Sintra, para jazigo de família no cemitério do Alto de S. João, em Lisboa.

AGÊNCIA MEGA

O Congresso Internacional dos Descobrimentos

(Continuação da 1.ª página)

tou, em termos largamente elogiosos, o sr. prof. Adriano Moreira, que iniciou, imediatamente, a sua conferência.

Começou por definir o que entende por homem do dever na história política portuguesa, expressão dedicada ao Infante D. Henrique, dizendo a certa altura:

— Fixado no reino, a personalidade deste homem, que dava tudo a Deus e nada ao demo, projectou-se socialmente numa imagem peregrina que acompanhou os navegantes por todos os mares desconhecidos, como fonte de constante inspiração e critério de conduta. A imagem peregrina do Infante, porém não acompanhou apenas os que partiam e voltavam para lhe dar conta dos achamentos: foi um valor que se incorporou definitivamente no património da Nação, e acompanhou tutelarmente todos os que, nos momentos decisivos, tiveram de responder pela permanência da nossa projecção ultramarina. A grande crise do século XIX, não encontrou outra fonte de inspiração, e o movimento de que nasceram a Sociedade de Geografia, o estudo da conjuntura da Conferência de Berlim, as expedições dos Serpas Pintos e a sabedoria e decisão dos Enes e dos Mouzinhos, foi no Infante que encontrou a sua premissa, a sua força e o seu primeiro título de justificação. A Nação voltou-se para o Infante no momento da expansão, e apelou para a inspiração do Infante quando viu em perigo a sua própria integridade e personalidade institucional.

«Celebramos o centenário do Infante no momento em que o Estado defronta a mais séria das conjunturas»

E continuou:

— Esta actualidade da imagem peregrina do Infante corresponde a tão profunda realidade portuguesa, que nos encontramos a celebrar o centenário da sua morte, numa das maiores veladas nacionais de todos os tempos, justamente no momento histórico em que se defronta a mais séria das conjunturas ultramarinas, sem paralelo no passado. Não houve qualquer premeditada relação entre a consciência da conjuntura que atravessamos e a grandeza de que rodeamos a evocação do Infante: houve sim a natural e como que instintiva afirmação nacional de fidelidade ao génio tutelar da expansão no momento em que a estrutura do Estado, configurado como um caso unico no mundo contemporaneo, defronta a mais severa das conjunturas. Parece ter sido a providência que forneceu a oportunidade desta meditação nacional no momento exacto.

O prof. Adriano Moreira analisou, a seguir, a acção do Infante do ponto de vista particular da expansão e fortalecimento do poder político, citando, a propósito, trechos de obras de Jaime Cortesão e detendo-se particularmente na influência cristã que dominou as iniciativas heroicas das descobertas e conquistas, acrescentando ter sido a solução universalista aquela que adoptou o Príncipe Henrique, pela concordancia das razões do Estado com as altas conveniências do cristianismo.

E afirmou:

— Esta é talvez a maior actualidade do pensamento do Infante, não apenas no sentido português, mas também no sentido europeu e universal. E' que de novo a Europa, que só tarde seguiu a decisão do Infante, volta a encontrar-se com uma ideia de grandeza puramente regional, que a tem levado a recolher ás suas fronteiras originárias. Adoptou, desde o fim da ultima guerra, um espírito demissionário, em relação com a sua missão universal, e procura nervosamente um esquema de unidade que a limita ás suas fronteiras pré-henriquinas. E' assim que o famoso Mercado Comum, resultante do tratado de Roma, agrupa países que aparentemente renunciaram a qualquer projecção ultramarina. Um dos países parte no tratado demitiu-se tão apressada e inesperadamente das suas responsabilidades ultramarinas, que a própria paz geral se encontra em perigo. Refugiados na sua homogeneidade política, económica e cultural, os seis abrigam-se na solução regional que consagra a expulsão da Europa do Mundo para onde se expandiu o Ocidente.

A defesa da Europa contra a Europa

E continuou:

— Uma solução regional sujeita, de resto, ao maior dos ataques, porque o que está verdadeiramente em causa é a subsistência da Europa, e a própria e modesta solução regional não satisfaz ainda os que procuram a sua destruição. Não pode também considerar-se mais universalista a Convenção de Estocolmo, que instituiu, em 4 de Janeiro de 1960, a Zona Europeia do Comércio Livre. E não pode considerar-se mais universalista, do ponto de vista político, porque é no fundo e apenas um processo de defesa da Europa contra a Europa, situação habitual do regionalismo europeu.

E mais adiante afirmou:

— A experiência dos ultimos anos mostra-nos por isso que a sabedoria está em permanecer fiel á vocação universalista do Infante, e temos autoridade suficiente para o dizer a todos quantos, na base de compromissos verbais de frágeis doutrinadores, abdicam de uma missão universal apenas com o resultado de facilitar o avanço de concepções diferentes, cuja legitimidade negam.

Referindo-se aos princípios determinantes da expansão ultramarina, disse ser absurdo supor que se teria tomado qualquer decisão prévia de impor a soberania pela força em qualquer lugar que as circunstancias mostrassem favorável aos interesses do Reino e que a unica coisa clara era a ideia da cruzada. E acrescentou:

— Mas ainda em vida do Infante, e por decisão sua, se definiu um princípio fundamental da acção política portuguesa, de que não abdicamos, e que mantém completa actualidade. Foi um pensamento que se revelou na acção, e que as próprias circunstancias gravaram no ideário perene nacional. Pudemos conquistar e perder praças no norte de África, onde se pensava recuperar antigos crentes, sem que isso tenha representado uma amputação nacional. Pudemos construir e desfazer fortalezas, sempre que o direito natural legitimava o uso da força para exercer os direitos comuns a todos os homens, sem nisso envolver, na nossa convicção nacional, a própria integridade.

«Nunca mais deixamos de considerar carne da nossa carne terra que tivesse sido povoada por Portugueses»

Na sequência, o prof. Adriano Moreira analisou também o problema do povoamento, afirmando ter sido ele o verdadeiro critério do estabelecimento da soberania, e que «nunca mais deixamos de considerar carne da nossa carne terra que tivesse sido povoada por Portugueses», observando:

— O povo é o mesmo, em toda a parte, nas terras novas e nas terras velhas. E em todos os lugares onde se instalou para viver e morrer, ali também é a terra da mesma Pátria. Foi a concorrência desta ideia de unidade nacional com o espírito de missão que definiu a nossa peculiar maneira de assimilar e integrar povos de culturas diferentes. O simples princípio de unidade não poderia levar, nas terras que não eram desertas como as ilhas do Atlantico, a integrar os indígenas no povo que lhes oferecia a ideia da Nação e do Estado a que eram alheios. A missão cristã, porém, com o seu princípio fundamental da igualdade do género humano, deu possibilidades inesperadas ao renascimento do Estado de tipo universal que se perdera na experiência europeia. Esta maneira também nova, como os achamentos, de estar no Mundo, deve ao Infante o seu elemento fundamental.

Depois de declarar que a permanência e persistência da política portuguesa de assimilação «não pode consentir-nos que deixemos de combater o vendaval de ódio racista que vai pelo Mundo nem que aceitemos o espírito demissionário que levou a Europa a abandonar a sua projecção extra-europeia», afirmou:

— Para nós, isso seria renunciar á própria integridade da Pátria, e temos a consciência plena de que estamos a contribuir, com esta serena decisão de continuar o pensamento do Infante, para o melhor entendimento dos povos e para a grandeza da Europa. E' que, para falar só na África, entre o sul que discrimina contra o negro, e o norte, que discrimina contra o branco, mantemos uma zona de vigência dos valores eternos do humanismo, que há-de servir de inspiração aos que vierem a suportar a tarefa de reconstruir tudo aquilo que o espírito demoníaco do nosso tempo está reduzindo a ruínas. Por isso dizemos que uma vez mais o interesse do Estado está de acordo com o interesse da cristandade em geral, e com a causa da paz que interessa a todos os povos. No fundo, trata-se apenas de uma natural consequência da política de autenticidade que caracteriza a acção ultramarina portuguesa desde a época da expansão.

«A actualidade do Infante não é apenas portuguesa. É também europeia»

A terminar, o conferencista disse que a actualidade do Infante D. Henrique não é apenas portuguesa, é também europeia, e por causa disso, mantém a sua importancia universal.

—Desejamos principalmente sublinhar que a fidelidade ao seu pensamento nos permitiu salvar para o mundo livre um conjunto de povos convivendo pacífica e voluntáriamente, assegurada a paz, o trabalho e a prosperidade, sem recurso a quaisquer processos de repressão militar ou policial, sem alardes de força material de que não dispomos. Sabemos que é urgente a tarefa de revigorar a confiança do Ocidente em si próprio, e estamos convictos de que o exemplo do Infante pode contribuir valiosamente para a regeneração de muitas forças que se paralisaram. Temos o orgulho de acreditar e proclamar que a fidelidade ao pensamento do Infante nos permitiu ajudar a salvar a paz entre as nações e não desistimos de continuar a dar esse exemplo, nem abdicamos de prestar mais esse serviço á causa da dignidade humana.

Outros trabalhos apresentados

Terminada a sesão plenária, reiniciaram-se os trabalhos das várias secções, tendo sido apresentadas hoje, entre outras, as seguintes comunicações:

«O papel do Infante D. Henrique e Marrocos», de J. Halim; «Breves considerações sobre o papel iniciador do desenvolvimento comercial, do desenvolvimento da marinha e da organização marítima portuguesa nos séculos XIII e XV», de F. Mellis; «Resumo do comércio internacional de Macau no século XVIII, segundo os documentos em chinês do Arquivo Nacional da Torre do Tombo», de Pu Hsin-Hsien; «A contribuição de Raphael Maffei para a história dos descobrimentos portugueses», de Vsevolod Slessarev; «Alguns pontos controversos na história das descobertas feitas por Colombo, Magalhães e Behain», de Gerhard Jacob; «A cultura nativa na Costa do Ouro no tempo das descobertas portuguesas», de Oliver Davies.

Ainda não chegou a Lisboa a comunicação de Tsoukernik

Também esta tarde foi apresentada a segunda comunicação soviética, a do prof. Szumowski, da Universidade de Leninegrado, que, em homenagem ao Infante D. Henrique, enviou escrito em português o trabalho «Uma enciclopédia náutica árabe do século XV».

Ao contrário do que chegou a ser divulgado, ainda não se encontra em Lisboa o professor Tsoukernik nem a sua comunicação acerca da descoberta da América pelos Portugueses, aguardada com excepcional interesse.

O «SHEICK» desceu à cidade

no seu «Cadillac» de ouro e houve engarrafamento

BEIRUTE, 10. — O «sheick» Ahmed El-Thani, príncipe do Emirato de Qatar (um dos grandes produtores de petróleo do Golfo Pérsico), criou um engarrafamento monumental, na quinta-feira, no bairro dos Souks, de Beirute, onde foi fazer compras no seu «Cadillac» de ouro.

Lojistas e basbaques, conta o «Oriente» vieram admirar o automóvel, cujos pára-choques, punhos das portas, enquadramento de vidros, volante, botões de comando, barras de apoio, filetes de decoração interna e teléfone são de ouro maciço.

O «sheick» Ahmed saia pela primeira vez em Beirute nesta sua viatura de cerimónia. Os seus outros «Cadillacs» são automóveis correntes. — (F. P.).

Linha de CASCAIS

AS FESTAS

da Senhora do Cabo Espichel

Recomeçaram hoje as festas de Nossa Senhora do Cabo Espichel.

Em Alcabideche, ás 7 horas houve alvorada, e ás 9 missa na igreja paroquial.

Ás 19 e 30, será rezado terço com cânticos seguindo-se benção, também naquele templo; ás 21 abriará o arraial dando um concerto a banda de Montelavar; e ás 22, apresentar-se-á o Rancho Folclórico de Benavente. Amanhã, haverá : ás 7 horas, alvorada; ás 10 e 30, concerto pela banda da Sociedade Musical de Cascais; ás 19 e 30, terço, cânticos e benção; ás 21, abertura do arraial e concerto pela banda de Pero Pinheiro.

Em Linda-a-Velha, haverá esta noite um baile, abrilhantado pelo conjunto musical «Príncipes do Ritmo», sendo o seguinte o programa de amanhã: ás 8 horas, alvorada, com 21 morteiros, e içar da bandeira; ás 11 abertura, do Concurso de Janelas; ás 13, missa, na capela de Nossa Senhora do Cabo; ás 16, circuito ciclista contra-relógio, reservado a populares; ás 18 arraial, abrilhantado pela Academia Recreativa de Linda-a-Velha. Há serviço de bar e cervejaria e barracas de petiscos e farturas.

Cinemas

ALGÉS — Stadium — A's 21 — «O terror dos bárbaros» e «Reprodução interdita» (17 anos).

PAÇO DE ARCOS — Cine-Teatro — A's 21 e 15 — «Perigo na estrada» e «Irene e o mordomo» (17 anos).

ESTORIL — Casino — A's 21 e 30 — «O que elas querem... é casar» (17 anos). — Cine-Esplanada — A's 21 e 30 — «O ultimo comboio de Gun Hill» (17 anos).

CASCAIS — S. José — A's 21 e 30 — «Com jeito vai, sargento!» (12 anos). — Académico — A's 21 — «Desforra fatal» (17 anos).

Farmácias de serviço

ALGÉS — Combatentes — Avenida Combatentes da Grande Guerra, 166. Tel. 013953.

CAXIAS — Nova — Praceta. Telefone 042839.

PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás — Rua Costa Pinto, 186. Telefone 042034.

OEIRAS — Central — Rua Conde de Ferreira. Tel. 043058.

PAREDE — Grincho — Avenida da Republica, 87. Tel. 047204.

ESTORIL — Costa —Avenida Saboia — Vila Dias — Monte Estoril. Tel. 060085.

CASCAIS — Marginal — Avenida Marginal. Tel. 080078.

NA PRAIA DA AREIA BRANCA, NO «CAFE' CENTRAL». ENCONTRA-SE A' VENDA O «DIARIO DE LISBOA».

Blaupunkt

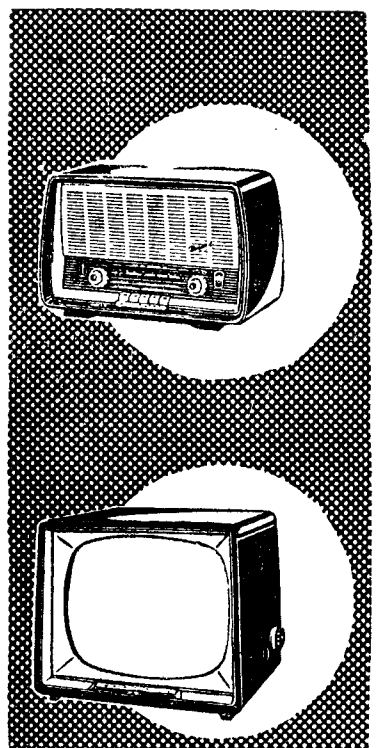
Foi, é e será o expoente máximo da técnica alemã em RÁDIO E TELEVISÃO

SÉRIE SINFÓNICA DE SOM ESTEREOFÓNICO - SUPER ALTA FIDELIDADE

18 MODELOS DE ESC. 1.590$00 a ESC. 19.900$00

APARELHOS SEMI-AUTOMÁTICOS AUTOMÁTICOS E SUPER-AUTOMÁTICOS com robot-sintonizador, olho mágico de contraste, bússola com fita mágica, gerador de imagens nítidas.

8 MODELOS DE ESC. 5.990$00 a ESC. 23.500$00



PONTO AZUL

Rádio • Televisão

A venda nos Agentes oficiais

EXPOSIÇÃO E VENDA EM LISBOA

A Eléctrica das Avenidas — Av. Miguel Bombarda, 40

A Electrificadora — Portas de Santo Antão, 130

Electro-Comercial Ergon, Lda. — Av. de Roma, 5-B-C

Electro-Lisboa, Lda. — R. Augusta, 248

Electro-Luminosa — R. António Pereira Carrilho, 30

Exclusivos Eléctricos, Lda. — Av. Almirante Reis, 12

Frigaz, Lda. — R. Maria (aos Anjos), 43

Frineve, Lda. — R. Conde Redondo, 20-A

A Instaladora — R. de S. José, 23

J. E. Moreira — R. Prior do Crato, 33

Loja Sol, Lda. — R. da Assunção, 82

Machado & Santos, Lda. — Av. de Roma, 44-A

Onda Eléctrica — R. S. Pedro de Alcantara, 47

A Popular do Chile — Praça do Chile, 15-A

Quaresma & Prata, Lda. — Av. Almirante Reis, 53-D

Rádio Eléctrica — R. da Graça, 85

Rádio Moçambique — R. dos Cavaleiros, 72

Rádio Valbom — Av. Conde Valbom, 127-B

Sabel — Av. Praia da Vitória, 6-A

Soc. de Repres. de Algés, Lda. — Av. dos Combatentes, 28

Sonilux, Lda. — Av. Marquês de Tomar, 94-A

Super, Lda. — Largo do Mastro, 3

Vapedrone — R. da Vitória, 54

BOLETIM DO DIA

HÁ TRINTA ANOS

Do «Diário de Lisboa» de 10 de Setembro de 1930: «O dr. Albino Valente, que faleceu em Paris durante a noite passada, era uma figura distinta no meio lisboeta. Educado, culto, espirituoso e encantador no trato, só tinha amigos e admiradores. Sob um aparente cepticismo, era um carácter, um coração delicadíssimo e um espírito robusto que sabia defender uma causa com calor e entusiasmo. A notícia da sua morte produziu em Lisboa funda impressão. Deixa saudades e lembranças inolvidáveis. O «Diário de Lisboa», que muito e muito o apreciava e estimava, jamais esquecerá as provas de simpatia que lhe mereceu».

EFEMERIDES

No dia 10 de Setembro de 1808 saiu o primeiro jornal brasileiro, a «Gazeta do Rio de Janeiro».

PROGRAMAS DE RADIO

EMISSORA — *Programa «A»* — 451 m. — 655 kc./s. — Às 18, Noticiário; 18 e 10, Musica de dança; 18 e 40, Rádio Rural; 19, Cançonetas portuguesas; 19 e 15, Musica de filmes; 19 e 45, O pianista Jorge Machado, programa transmitido do Hotel Mundial; 20, Jornal sonoro; 20 e 15, O conjunto típico Catalão Cobla de Gerona; 20 e 30, Geografia musical; 21, Noticiário — Comentário; 21 e 20, Os pianistas Fred Freed e Jacques Breux; 21 e 30, O infante D. Henrique e a cultura do seu tempo; 21 e 45, Serão para trabalhadores; 22 e 30, Solos de instrumentos; 22 e 45, 2.ª parte do serão para trabalhadores; 23 e 25, Orquestras ligeiras; 23 e 45, Noticiário; 23 e 58, Musica de dança.

Programa «B» — 397 m. — 455 kc./s. — Às 19, Oitavo programa da série Transmissão dos Quartetos de Beethoven: interpretados pelo quarteto hungaro; 19 e 34, Epílogo da ópera «Mefistófeles», de Boito, interpretado por Giacinto Prandelli, Boris Christoff, e coro e orquestra da ópera de Roma, dirigida por Vittório Gui; 19 e 50, Noticiário regional; 20, Programa de musica portuguesa; 21, Noticiário — Comentário; 21 e 20, Separador; 21 e 30, Recital, pela cantora Catarina Orvalho-Laborde; 22 e 15, Musica de camara: «Sonata em ré maior, op. 1, n.º 13», para violino e cravo, de Haendel, interpretados, respectivamente, por Campoli e George Malcolm; 22 e 30, Concerto sinfónico: Concurso Internacional de Piano Rainha Elizabeth 1960, realizado em Bruxelas, em gravações cedidas pelo Instituto Nacional Belga de Radiodifusão: Concerto para piano e orquestra, de Marcel Pott; «Sonata em mi bemol maior», para piano solo, de Joseph Haydi: e «Concerto n.º 2, op. 16, em sol menor», para piano e orquestra, pelo concorrente americano Malcolm Frager, com a participação da Orquestra Nacional da Bélgica, dirigida por Franz André; 23 e 35, «Concerto em fá maior, op. 3, n.º 8», de Manfredini, pela Orquestra I Musici, com o violinista Roberto Michelucci; 23 e 45, Noticiário: 0, Encerramento.

RADIO CLUBE — Às 17 e 30, Brasil; 17 e 46, Orquestras; 18, Teatro de brincar; 19, Orquestras e canções; 20 e 20, Motivos portugueses; 20 e 30, Onda desportiva; 21, Solistas; 21 e 30, Língua portuguesa; 21 e 50, Curso de língua inglesa; 22, Cançonetas; 22 e 30, Artistas; 22 e 45, Concerto, programa de divulgação; 23 e 15, Ritmos de baile, do Casino Estoril; 23 e 45, Noticiário; 3, Fecho.

Estação de Miramar — Às 17, Musica pelo caminho; 17 e 45, Viagens na nossa terra; 18 e 15, Cançonetas; 18 e 30, Cantos e recantos de Portugal; 19, Motivos portugueses; 19 e 30, Musica de operetas; 20 ,Boletim informativo; 21, Noticiário; 21 e 15, Um artista; 21 e 45, Isto é Portugal; 22 e 15, Intermédio musical; 22 e 30, Artistas portugueses; 23, Operetas ou zarzuelas; 23 e 45, Solistas; 0 e 30, Ritmos de baile; 0 e 58, Sumário; 1, Fecho.

RADIO RENASCENÇA — Às 18 e 30, Terço e bênção; 19 e 5, Migalhas doutrinais; 19 e 25, Leitura do programa e boletim religioso e do S. C. R.; 19 e 30, Chuva de estrelas; 20, Musica para o seu jantar; 20 e 30, Noticiário; 20 e 55, Meditando; 21, A cultura brasileira; 21 e 30, O julgamento do fado; 21 e 40, Rádio Rural; 22 e 35, Passatempo para o lar; 23, A 23.ª hora; 23 e 55, Noticiário; 0, Fecho.

POSTOS CENTRALIZADOS—Das 19 e 30 ás 22, Voz de Lisboa; 22 ás 2, Clube Radiofónico de Portugal.

TELEVISÃO

Às 20 e 30 — Abertura; 20 e 32 — Telejornal (1.ª edição); 20 e 50 — Congresso Internacional da História dos Descobrimentos: encontro com o prof. dr. Oliveira França, da Universidade de S. Paulo; 21 — Programa Juvenil: «Toureiros de amanhã», «De Mergulho e Barbatanas» e «As aveituras de Robin dos Bosques»; 21 e 55 — Dois artistas Portugueses que regressaram do Brasil: Lídia Ribeiro e Luís Guilherme; 22 e 15 — «Chaise-Longue Victoriana», com Joan Fontaine; 22 e 45 — Teledesporto; 23 e 5 — Telejornal (2.ª edição) e «Jornal dos Jogos Olímpicos». 23 e 25 — «Naquele tempo...».

FARMACIAS DE SERVIÇO

TURNO I—Marques—E de Benfica, 648, T 780096; Sousa—Estrada de Benfica, 429-431 Tel 780027; Aguiar — Avenida Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A Tel 764629; Leal de Matos — Rua Neves Costa, 33-35, Carnide Tel. 780181; Alameda — Alameda das Linhas de Torres, 201-B Tel 790942; Rainha Santa — Rua Afonso Lopes Vieira, 57-B, junto á Avenida Brasil Tel 765262; Farmácia—Estrada da Portela, 5-A (a Alvalade-Pote de Agua) Tel. 710131; Universitária — Rua 0, 29-D, Bairro Santos (próximo ao Hospital de Santa Maria) T 778953; Cartaxo — Avenida da Igreja, 21-C Tel. 776358; Avis — Avenida de Roma, 56-B-C Tel 776070; Nova Lisboa — R. Guilhermina Suggia, 12. Tel. 727721; João XXI — Avenida João XXI, 16-A Tel. 726462; Fátima — Av de Berna, 24-B (junto á igreja de Fátima) Tel 763107; Sá da Bandeira — Avenida Duque de Avila, 203-B Tel 41961; Oliveira Viegas — Rua Viriato, 29-29-A (próximo da «Maternidade» e do Avis Hotel) Tel 48966; Mundial — Largo D. Estefania, 9 Tel 45578; S Jorge — Avenida Rovisco Pais, 32-A Tel 734027; Contemporanea — Rua Conde de Redondo, 26-30 Tel 45048; Ascenso — Rua 27, 41 — (Bairro da Encarnação) — Tel 389216; Olivais (Dos) — Rua Alves Gouveia, 19 Tel. 389237; Salter — Rua de Xabregas, 63-65 Tel 381185; Luzmar — Rua 2, 16-A, Bairro de Santa Engrácia (á Picheleira) Tel P P C 728395-720703; Oriente — Rua Lopes, 120 Tel 843381; Fonseca — Rua Carvalho Araujo, 46-B-C Tel 841708; Europa — Avenida General Roçadas, 25-A Tel 843880; Santo António — Rua Leite Vasconcelos, 72-C Tel 862333; Rosa & Viegas — Rua de S Vicente, 31 Tel 864351; Nacional — Rua S. João da Praça, 26 Tel 863632; Matos — Rua Álvaro Coutinho, 10 Tel 40471; Dab — Rua Rodrigo da Fonseca, 101-101-A Tel. 682333; Salutar — Rua B, 75-A-B, Bairro da Liberdade Tl 683694; Pátria — Calçada dos Mestres, 30-A (junto á Rua das Amoreiras) Tel 680627; D. João V — Rua D. João V, 16-C. Tel. 682772; Castro Fonseca — Rua 4 de Infantaria, 28-A Tel. 688857; Ourique — R Freitas Gazul, 32-B Tel 671667; Lapa (Da) — Rua dos Navegantes, 10 Tel 661734; Ocidental — Rua D. Jerónimo Osório, J P M, 3 Tel. 610256; Caramão da Ajuda (Do) — Estrada da Cruz, 20-C-D; Remísio — Rua dos Jerónimos, 14-C Tel. 631699; Teles — Rua João de Barros, 2 Tel. 638249; Nogueira — Rua da Creche, 2 Tel 631635; Lealdade — Rua do Olival, 226 Tel 663441; Combro (Do) — Cal do Combro, 78 Tel. 26059; S. Marçal — Rua de S Marçal, 100 Tel 25318; Bastos Andrade — Calçada de Santo André, 107-111. Tel 860450; Americana — Calçada de Santana, 3 Tel 863984; Capuchos (Dos) — R Luciano Cordeiro, 2-A Tel. 52076; Nacional — Rua do Salitre, 7 Tel 46858; Azevedo, Irmão & Veiga — Rua da Misericórdia, 24 Tel. 23540 — A —; Avelar — Rua Augusta, 225 Tel 23977; Monte (Do) — Rua da Senhora do Monte, 30-A/B. Tel. 867842

HORAS DAS MARES

BAIXA-MAR

Dia 10 — 12 e 2 h. (1,15 m.).
Dia 11 — 0 e 30 h. (1,33 m.); 12 e 50 h. (1,41 m.).
Dia 12 — 1 e 16 h. (1,59 m.); 13 e 42 h. (1,67 m.).

PREIA-MAR

Dia 10 — 18 e 50 h. (3,83 m.).
Dia 11 — 7 e 10 h. (3,67 m.); 19 e 39 h. (3,54 m.).
Dia 12 — 8 e 2 h. (3,45 m.); 20 e 33 h. (3,29 m.).

CARTAZ DO DIA

MOSTEIRO DOS JERONIMOS — A's 22 — «Infante de Sagres».

CINEMAS

TIVOLI — «Sabia que era pecado»
S. LUÍS — «Uma tia dos diabos».
POLITEAMA — «O navio da morte».
IMPÉRIO — «Ventos de revolta».
S. JORGE — «A ilha da tentação».
EDEN — «O noivo da América».
MONUMENTAL — «Um Americano em Paris»
ODEON — «Tropicana».
CONDES — «Jovens solteiras».
ALVALADE — «Uma tia dos diabos».
RESTELO — «Ressurreição».
AVIS — «Raptados».
ROMA — «Dois vigaristas roubados».
CAPITOLIO — «O Mundo nos seus braços».
OLIMPIA — «O massacre dos dragões.
IDEAL — «Sobe e desce».
PROMOTORA — «Férias em Ischia»
JARDIM CINEMA — «Em defesa da Lei».
ARCO IRIS — «Enfrentando o perigo».
S. L. Benfica — «O grande inimigo»
MOSCAVIDE — «Rapto em Hamburgo».
S. JOSÉ — «O herói do «Far-West».

O EMBAIXADOR DO BRASIL visita o Minho e Trás-os-Montes

O embaixador do Brasil segue no próximo dia 17 para o Norte de Portugal. Em vários pontos de Trás-os-Montes e do Minho prepara-se calaroso acolhimento ao sr. dr. Negrão de Lima.

O embaixador brasileiro sairá de Lisboa e pernoitará, em 17, na Pousada do Marão. No dia seguinte será recebido oficialmente em Vila Real. Em Alijó, na Pousada, ser-lhe-á oferecido um almoço pelo governador civil, sendo depois recebido festivamente em Sanfins do Douro, berço do fundador de S. Paulo, Manuel da Nóbrega. No dia 19, será recebido em Bragança, onde lhe será oferecido um almoço na respectiva Pousada, pelo governador civil do distrito. Em 20, visitará Vidago, a Hidro-Eléctrica do Cávado, almoçando em Vila Nova, e a barragem de Paradela, pernoitando em Vila Nova. No dia 21, será oferecido festivamente em Braga, sendo-lhe oferecido pelas entidades oficiais um almoço no Bom Jesus, irá depois a Guimarães e ficará em Viana do Castelo, de onde regressa, no dia seguinte, a Lisboa.

Nesta digressão, o embaixador Negrão de Lima será acompanhado pelo comendador Abílio Brenha da Fontoura e Gastão de Bettencourt, dos Serviços de Intercambio Luso-Brasileiro do S. N. I.

Diz o médico...

(Continuação da 1.ª página)

são: dispneia, dor na região pré cordial e palpitações.

A dispneia traduz a necessidade premente de enriquecer e aumentar a ventilação. Ora, na grande maioria dos cardíacos, a razão reside na própria congestão pulmonar. Como? Se existe um obstáculo que dificulta o esvaziamento das veias pulmonares, através da aurícula esquerda, a causa é uma estenose mitral.

Quando o obstáculo se encontra ou verifica ao nível do ventrículo, com aumento da pressão diastólica, a razão pode coincidir com uma insuficiência ventricular esquerda. Nos dois casos: ingurgitamento das veias pulmonares, aumento da pressão que, retrògradamente, se transmite aos capilares venosos, arteriais e ramos da artéria pulmonar.

Podem ser causa de dispneia: a anoxemia, a isquemia dos centros cerebrais, reflexos vagais ao nível do pulmão, existência averiguada de um derrame pleural, espasmo dos brônquios, diminuição do fluxo pulmonar, redistribuição de consideráveis volumes de sangue e, ainda, outros obstáculos.

Será a dispneia motivada pelo défice de oxigénio dos músculos respiratórios? Quando se aumenta a ventilação, cresce o trabalho dos músculos respiratórios, tornando-os menos eficientes (mais oxigénio para o mesmo trabalho). Pode, então, chegar o momento em que o consumo seja maior do que a receita e daí o maior gasto.

Nos cardíacos, porém, a dispneia será de esforço, de decúbito (ortopneia) e paroxística. A primeira é mais frequente na congestão pulmonar. Aumenta progressivamente e mantém estreita relação com o esforço que a provoca.

Quando é devida a causas bronco-pulmonares crónicas, a sua intensidade mantém-se igual durante meses e anos. No cardíaco, em contrapartida, a marcha é para a frente, aumenta com espantosa rapidez, surgindo com esforços cada vez mais reduzidos.

Nas de origem nervosa, a relação esforço-dispneia é variável. Não aparece, por exemplo, no decorrer de exercícios físicos violentos, manifesta-se até quando o enfermo se encontra em repouso total. Só o psiquismo martela a mesma ideia, à volta da qual tudo são escombros...

Dispneia dos grandes esforços, dos médios ou dos mais ligeiros movimentos. Há quanto tempo dura essa dispneia? Este ponto do interrogatório é assaz importante, assim como o período médio de duração, tempo de evolução, intensidade, esforços que a desencadeiam. Falta de ar? Opressão? Sufocação e palpitações? Será o ataque de tosse que mascara e desvirtua o acesso de dispneia?

A ortopneia (de decúbito) surge quando o doente recolhe á cama, muda de posição ou já depois de estar deitado, obrigando-o a sentar-se ou a levantar-se, a abrir a janela na ânsia de auferir o que lhe falta.

Nos cardíacos, tal penosa sensação traduz sempre a amplitude da congestão pulmonar.

A paroxística atinge cumes rápidamente. A causa fundamental é, ainda, a congestão pulmonar. Os mecanismos reflexos que, nalguns casos a condicionam, apesar das experiências de Pavlov e de outros investigadores moderno,s não se encontram suficientemente explicados. As repercussões clínicas mais importantes são: asma cardíaca e edema agudo do pulmão. O ataque aparece, em geral, durante a noite, quando o indivíduo dorme. A dispneia agrava-se, a sensação de angústia é mortal.

Nos casos de asma cardíaca predomina o espasmo brônquico, acompanhado de in caa snedvieadttimm panhado de intensa actividade dos músculos acessórios da respiração. Tais ataques podem ser benignos, graves e mortais.

O edema representa a manifestação mais grave da congestão pulmonar. Aparece no enfarte do miocárdio e no decorrer da doença mitral. No cortejo que antecede o edema verificam-se dispneia intensa, cianose, grande ansiedade, mobilização de todos os músculos acessórios da respiração, tosse, espuma sanguínea. O colapso muscular agrava o prognóstico.

A dor pré-cordial, retroesternal, parede anterior do tórax é, sem dúvida, o maior dos sinais da insuticiência das coronárias e das pericardites. A dor resulta da isquemia do miocárdio. Causa arterio esclerose das coronárias. As lesões da válvula aórtica podem explicar a dor. A da «angina de peito» é diferente da do enfarte do miocárdio.

Na primeira, diminui quando o doente se imobiliza, pára a tempo. Tem irradiação para o braço esquerdo, ou para ambos, pescoço e maxilar inferior. A excitação nervosa, o trabalho digestivo, o frio e o vento provocam o seu aparecimento.

O colóquio médico-doente é muito importante, visto existirem casos positivos mesmo quando as provas laboratoriais e eléctricas são negativas.

Nem sempre é fácil estabelecer o diagnóstico diferencial no complicado quadro da região pré-cordial.

As algias pré-cordiais, por exemplo, são mais expressivas no decorrer da sintomatologia emocional. Mantêm-se indiferentes ao esforço. Localizam-se no hemitórax esquerdo e são sensíveis à pressão local. Aumentam com a pressão externa. São ço esquerdo e com a inspiração profunda. Ràramente irradiam para o abdóme e membros inferiores.

Os síndromes radiculares da coluna vertebral (cervical e dorsal) aumentam com a pressão exetrna. São estas manobras que ajudam a estabelecer a diferença entre uns e outros casos.

No enfarte, a dor tem as mesmas localizações da angina, idêntico carácter opressivo, mas é mais intensa. Aparece durante o repouso e o sono e tem uma duração de mais ou menos vinte minutos. Cortejo de sombras: intensa palidez, suores profusos, náuseas, vómitos e diarreias, hipotensão, bradicardia e síncope...

A isquemia é devida a uma oclusão súbita de uma artéria coronária por trombose. A dor, portanto, não é transitória como na angina de tecidos insensibilize a área atingida. peito. Persiste até que a necrose dos

A. d'E.

Semana do contribuinte

AGENDA

CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS

Estão a pagamento, com juros de mora, as seguintes:

Contribuição predial — Toda a contribuição ou a 2.ª prestação semestral até ao dia 29 do corrente. Relaxe no dia 30.

Nos conhecimentos divididos em quatro prestações, continua a pagamento a 3.ª, e quem ainda não pagou a 2.ª prestação, terá de a pagar bem como a 3.ª e a 4.ª até ao dia 29, sem o que se encontrará relaxada em 30 do corrente.

Contribuição industrial — A 2.ª prestação semestral pode ser paga até ao dia 29, encontrando-se relaxada no dia 30 do corrente.

Nos conhecimento divididos em quatro prestações, continua a pagamento a 3.ª e quem não pagou a 2.ª prestação trimestral em Julho terá de pagar esta e todas as restantes até ao dia 29, sem o que se encontrará a contribuição relaxada em 30 do corrente.

Imposto profissional—Profissões liberais e assalariados — A 2.ª prestação semestral está a pagamento até ao dia 29, relaxando em 30 do corrente. Nos conhecimentos divididos em quatro prestações, continua a pagamento a 3.ª e quem não pagou a 2.ª prestação trimestral em Julho terá de pagar o resto do imposto até ao dia 29. Relaxe em 30 do corrente.

Imposto profissional — Empregados — Pode ser paga a segunda prestação semestral até ao dia 29. Relaxe em 30 do corrente.

Imposto complementar — O inferior a 2000$00 será pago até ao dia 29 e relaxará, caso assim se não proceda, em 30 do corrente. No imposto dividido em duas prestações poderá pagar-se só a 1.ª com juros de mora.

TAXA MILITAR

Continua a pagamento até ao fim do ano decorrente, a anuidade de 1960, com a taxa elevada ao dobro (120$00). Findo este prazo dar-se-á o relaxe.

PAGAMENTO DE CONTRIBUIÇÕES

Divisão em prestações — Durante o corrente mês de Setembro poderão os contribuintes requerer ás secções de finanças a divisão dos conhecimentos de Contribuição predial, Contribuição industrial, Imposto profissional de profissões liberais e assalariados em quatro prestações com vencimento em Janeiro, Abril, Julho e Outubro. Só são divisiveis às colectas de Contribuição predial e Imposto profisional-assalariados que sejam iguais ou superiores a 200$00 anuais; e as de Contribuição industrial e Imposto profissional-profissões liberais que sejam iguais ou superiores a 400$00.

Num unico requerimento podem ser englobadas todas as contribuições e impostos, e, desde que a divisão já tenha sido requerida, não se torna necessário renovar o pedido.

Folclore ribatejano

no Pavilhão dos Desportos

Chegam brevemente a Lisboa, de regresso de Angola, os grupos Académico de Danças Regionais de Santarém e Infantil de Danças Regionais do Ribatejo, que obtiveram grande êxito em terras angolanas, e a direcção da Casa do Ribatejo, no desejo de lhes preparar recepção condigna, está a organizar um espectáculo folclórico no Pavilhão dos Desportos, em Lisboa. Durante esse espectáculo o publico da Metrópole terá ensejo de aplaudir a simpática embaixada folclórica, que tanto agradou aos Portugueses de Angola.

Em Arraiolos, o «Diário de Lisboa» vende-se na agência do sr. Henrique Sylles Rosado.

A irresponsabilidade dos dirigentes do Congo e o crime de "genocidio" contra os Balubas justificariam uma intervenção directa da O. N. U.

(Continuação da 1.ª página)

inaptidão política» dos dirigentes do Congo e condenou o auxílio belga á província dissidente da Katanga e, sem mencionar a União Soviética pelo seu nome, o auxílio ao Governo congolês; descreveu como «genocídio» a matança por tropas congolesas de membros da tribo Baluba, «simplesmente com o fundamento de que eram Balubas»; declarou que a operação das Nações Unidas no Congo tinha de continuar, por causa dos riscos que fazia correr á África, e mesmo a todo o Mundo, uma desintegração da ordem e da vida económica e civil congolesas.

REINA NO CONGO O ESTADO DE BANCARROTA

O secretário-geral, muito carrancudo, sublinhou, logo de começo do seu relatório, «reinar no Congo o estado de bancarrota absoluta». informadores do governo central congolês, diz, falam da assistência da comunidade internacional por intermédio das Nações Unidas como se fosse uma «intimação» e tratam a O. N. U. como se tivessem todos os direitos e nenhuma obrigação.

Continuando a referir-se á situação económica do Congo, Hammarskjoeld disse:

«Um Governo sem meios financeiros fica dependente daqueles que o auxiliem. Assim, poderá ficar dependente de outro Estado ou grupo de Estados, ligando o seu destino ao dos países protectores. Por outro lado, poderá receber auxílio da comunidade internacional por intermédio das Nações Unidas e assim conservar a sua liberdade.

«Não há outra alternativa, excepto a de permitir o completo descalabro do país mediante a inflação e a rápida desintegração dos serviços económicos e sociais.

«Deve dizer-se, portanto, que, qualquer que seja o desenrolar da situação e a atitude das autoridades congolesas, a intervenção da O. N. U. deve continuar, tanto mais que existe o perigo de um alastramento da crise por toda a África.

«Porém, usar este argumento para justificar que a comunidade internacional continui a manter o país a flutuar sem receber dos dirigentes desse país qualquer auxílio, seria permitir a esses dirigentes uma política que noutros sectores da vida tem um nome que não me atrevo a repetir».

AS TROPAS DO CONGO ESTÃO A EXTERMINAR OS OS BALUBAS

Hammerskjoeld diz haver provas de que as tropas congolesas se amotinaram contra os respectivos chefes, chacinando com a maior crueldade os seus rivais da tribu Baluba, no Kassai, «tomando a sua acção todas as características de um genocídio». Cita relatórios da Cruz Vermelha, segundo os quais, membros do exército nacional congolês chacinaram no Kassai, não só combatentes mas também civis — mulheres e crianças. Declara tratar-se pura e simplesmente do extermínio da tribo «baluba». Estas acções, prosseguiu o secretário-geral, não podem, obviamente, ser consideradas simplesmente como exemplos de conflitos de política interna».

CRÍTICAS A BÉLGICA E A UNIÃO SOVIÉTICA

Hammarskjoeld criticou a assistência belga a Katanga, referindo, nomeadamente, o treino do exército katanguês. Os Belgas não não são os unicos: «Existem outros que seguem uma orientação semelhante, justificando a sua política com o facto de a assistência estar a ser concedida ao governo constitucional do país». O secretário-geral continuou: «Admitimos que existe uma diferença... deve ser, contudo, reconhecido que ela não é senão uma questão de forma e uma justificação legal. Trata-se de um problema muito grave, sendo o uso para o qual o auxílio é atribuído mais importante que preencher uma lista de exportação, sob a qual está registada a quem esse auxílio é destinado».

Diz que só canalisando todo e qualquer auxílio ao Congo por intermédio da O. N. U. se resolverá o problema do auxílio militar a Katanga e o da utilização abusiva da assistência técnica a outros pontos do Congo, tornando assim possível localizar o conflito.

O secretário-geral disse serem erróneas as notícias de que a Guiné ameaçara retirar as suas tropas das Nações Unidas e colocá-las ao dispor de Lumumba, mas salientou que, nesse caso, o contingente da Guiné seria considerado como um exército estrangeiro intervindo nas questões internas do Congo.

O ENCERRAMENTO DOS AEROPORTOS

Hammarskjoeld salientou que o comando das Nações Unidas decidiu tomar conta dos aeroportos e emissoras de Rádio para evitar o alastramento da propaganda partidária, que poderia agravar em todo o país as lutas fratricidas. A decisão foi tomada sem se consultar Lumumba ou Kasavubu, devido ao desacordo existente entre os dois. Sublinha que nos termos da Constituição congolesa, o presidente da Republica tinha o direito de demitir o primeiro-ministro e a sua decisão é efectiva quando assinada pelos ministros constitucionalmente responsáveis. «Esta mesma Constituição, afirmou, não dá de nenhuma maneira o direito ao primeiro-ministro de demitir o chefe do Estado». O secretário-geral afirmou, por fim, que em virtude da situação criada, se tornará necessário que o Conselho de Segurança decida sobre as instruções a dar ás forças da O. N. U.

AS RESPONSABILIDADES DOS BELGAS

Dobrivoje Vidic, da Jugoslávia, declarou após a leitura do relatório de Hammarskjoeld, terem sido os atrasos na evacuação das forças belgas um factor dominante na tentativa de atentado contra a integridade territorial congolesa e acusou «certos meios internacionais de terem substituido a intervenção militar, tornada impossível pelo Conselho de Segurança, por uma intervenção indirecta para derrubar o governo legítimo congolês».

A SESSÃO PROSSEGUE HOJE

Respondendo ao delegado da Jugoslávia, o secretário-geral declarou que as críticas ao comando da O. N. U., no Congo, devem ser feitas a ele, pois é pessoalmente responsável pelas instruções seguidas por aquele comando.

Depois de falar Mongi Slim, da Tunísia, que criticou o envio de armas belgas para a Katanga e os rebeldes receberem instrução de oficiais da Bélgica, o conselho, por proposta do delegado britanico, levantou a sessão. Eram exactamente 4 e 20 (T. M. G.). A próxima sessão está marcada para hoje ás 19 horas (T. M. G.).

A U. R. S. S. PEDIU A REUNIÃO DO CONSELHO EM LEOPOLDVILLE

Anteriormente á leitura do relatório do secretário-geral, o Conselho rejeitara uma tentativa soviética para que a reunião se efectuasse em Leopoldville, como fora solicitado por Patrice Lumumba, o primeiro-ministro congolês.

Posta á votação a proposta soviética, apenas obteve três votos (U. R. S. S., Polónia e Ceilão). Seis membros do Conselho votaram contra e dois (Turquia e Equiador) abstiveram-se.—(Reuter, F. P. e A. N. I.).

Entregaram as armas por ordem do seu comandante os soldados do Exército do Congo

LEOPOLDVILLE, 10. — O Exército Nacional aceitou ser desarmado, por ordem do general Vítor Lundula, comandante-supremo das forças armadas — anunciou um membro do gabinete do chefe de Estado-Maior.

Círculos ligados ás Nações Unidas disseram que o chefe do Estado-Maior, coronel Joseph Mobuto, parece ser o responsável pela ordem de deposição das armas.

Mobuto tem sido considerado, sempre, como partidário do presidente Kasavubu. Todavia, o Governo anunciou que o coronel assistira á reunião de gabinete, depois da qual Patrice Lumumba destituiu Kasavubu de Chefe de Estado.

No Campo Militar Leopoldo, alguns soldados declararam que estão a agir sob as ordens de Kasavubu.

Esta manhã, viam-se poucos soldados congoleses nas ruas da capital, e nenhum transportava armas. Contudo, a polícia militar continua armada.

Manifestos de numerosos partidos foram distribuidos na cidade, marcando uma grande manifestação contra Lumumba. Entre outros, apareceram apelos do Abako, partido de que o presidente Kasavubu é chefe, do P. U. N. A., de Jean Bolikango, e da ala do Movimento Nacional Congolês chefiada por Albert Kalonji.

Os manifestos são unanimes nas acusações a Lumumba e convidam a população trabalhadora á greve geral.

DOIS MORTOS NO PRIMEIRO COMBATE ENTRE OS EXÉRCITOS DE LUMUMBA E TSCHOMBÉ

ELIZABETHVILLE, 10 — Foi hoje noticiado que se deu ontem na fronteira entre o Kivu e a Katanga o primeiro recontro entre forças de Tschombé e do primeiro-ministro Patrice Lumumba.

Ian Berendsen, representante da O. N. U. em Elizabethville, disse aos jornalistas que três homens de Lumumba foram abatidos a tiro num combate numa estrada entre duas aldeias, a pequena distancia da fronteira da Katanga, próximo do lago Tanganica.

O Governo de Katanga afirmou que as tropas invasoras não parece terem feito grandes progressos desde que atravessaram o rio Lupika.

O representante da O. N. U. declarou estarem a ser tomadas medidas especiais de segurança no aeroporto de Elizabethville, para evitar a repetição do incidente de ontem, quando uma força da Katanga assaltou a torre de comando, desimpediu as pistas e partiu em dois aviões. — (R.).

PEDIDA A RETIRADA DO CONGO DOS SOLDADOS DOS PAÍSES DA N. A. T. O.

NAÇÕES UNIDAS (Nova Yor), 10 — O presidente da Camara dos Representantes congolesa, Joseph Kasongo, exigiu formalmente, num telegrama recebido na O. N. U. a noite passada, que as Nações Unidas voltassem a entregar ás autoridades congolesas os aerodromos do Congo e o Posto de Rádio de Leopoldville. — (Reuter).

EPIDEMIA de poliomielite em Hamburgo

HAMBURGO, 10. — A paralisia infantil tornou-se uma ameaça para Hamburgo, a maior cidade da Alemanha Ocidental, segundo revelaram hoje as autoridades sanitárias.

Durante a semana passada, registaram-se 12 novos casos de paralisia, elevando para oitenta e quatro o numero de pessoas atacadas pelo terrível mal, em Hamburgo, este ano.

Numa tentativa para impedir o alastramento da doença, as autoridades escolares disseram que todas as actividades desportivas foram suspensas para evitar que as crianças se cansem.

Na ultima semana, morreram quatro pessoas atacadas do mal. — (A. N. I.).

Portugal resistirá pela força em Angola

PARIS, 10 — «Portugal resistirá pela força a qualquer ataque ou tentativa de infiltração — através da fronteira do Congo — na sua província africana de Angola» — lê-se, hoje, na primeira página da edição europeia do «New York Herald Tribune», em crónica de Lisboa, assinada pelo correspondente da U. P. I., na capital portuguesa, Evert Van Dam.

A crónica salienta ainda, que a paz é absoluta em Angola e que as ultimas prisões de agitadores ali efectuadas se verificaram ainda antes da proclamação da independência do Congo, país com o qual, aliás, as autoridades portuguesas de Angola têm mantido boas relações, sobretudo patenteadas através o fornecimento de géneros alimentícios, principalmente arroz, ás populações necessitadas da província de Leopoldville. — (A. N. I.).

O auxílio americano à América Latina não deve servir para enriquecer mais os ricos

BOGOTÁ, 10. — Para que o Congresso dos Estados Unidos continue a apoiar o programa de auxílio aos países latino-americanos torna-se necessário que os respectivos Governos se certifiquem de que «os seu pobres não continuem pobres, enquanto os ricos se tornam mais ricos» — afirmou o senador norte-americano Wayne Morse, falando na Conferência Económica Interamericana, que se realiza nesta cidade.

O senador Morse recordou aos delegados á conferência que o Congresso dos Estados Unidos, ao aprovar a verba de 500 milhões de dólares pedida pelo presidente Eisenhower para financiamento da «fase inicial» do programa, estipulara como condição que as nações latino-americanas devem: participar em programas de mutua cooperação e de auto-auxílio, por forma a melhorarem os índices do nível de vida;

— tentar chegar a acordo satisfatório e mutuamente aceitável sobre as regras e princípios relativos á aplicação do capital que transpõe as fronteiras internacionais;

— encorajar as actividades tendentes a permitir mais ampla integração e cooperação económica regional. — (A. N. I.).

O POVO AMERICANO DEVE AJUDAR AS JOVENS NAÇÕES A CONSEGUIREM GOVERNOS DEMOCRÁTICOS

NOVA YORK, 10. — O senador Lyndon B. Johnson, candidato democrático á vice-presidência, declarou, na noite passada, nesta cidade, durante uma conferência de Imprensa que o facto de o imperialismo soviético ter alcançado, através do mar, Cuba era um «sintoma da negligência moral e do poderio económico, dos Estados Unidos».

Johson, que realiza uma viagem de propaganda eleitoral através dos Estados do Leste, acrescentou: «O povo americano deve oferecer ao Mundo a chefia da maioria que é necessária para conservar a paz, expandir a liberdade e para auxiliar nações novas e não comprometidas a conseguirem Governos estáveis e democráticos». — (R.).

A SITUAÇÃO EM SÃO SALVADOR

SÃO SALVADOR, 10. — O presidente de São Salvador, coronel José Maria Lemos, conferenciou com dirigentes civis e religiosos sobre a situação causada por recentes disturbios pró-cubanos verificados nesta cidade.

Nas lutas travadas entre a polícia e manifestantes morreu uma pessoa e ficaram feridas várias outras.

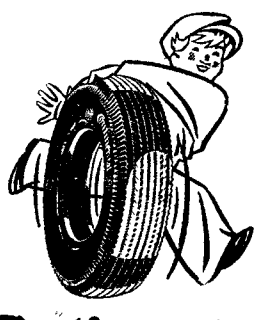
O presidente Lemos disse que os disturbios e as desordens publicas nas ruas se deviam ao comunismo internacional que, segundo disse, estava a semear a discórdia no Salvador.

Foi também anunciado que dois aviadores foram presos pelas autoridades de São Salvador, após terem aterrado o seu aparelho numa faixa costeira. Anunciou-se que faltara combustível ao avião durante um voo de Houston, no Texas. — (R.).

O EQUADOR VAI CORTAR RELAÇÕES COM CUBA?

QUITO, (Equador), 10. — Na reunião da Camara dos Deputados foi apresentada uma proposta recomendando ao Governo o rompimento de relações diplomáticas com o Governo de Cuba, como protesto pelo ultrage feito á bandeira equatoriana na concentração convocada, em Havana, pelo primeiro-ministro Fidel Castro para denunciar a declaração dos ministros dos Negócios Estrangeiros na reunião da Organização dos Estados Americanos em San José da Costa Rica.

A proposta não foi, por enquanto, aprovada, porque o embaixador cubano Mariano Rodriguez Silveira garantiu que não fora ultrajada a bandeira equatoriana. Mas a Camara dos Deputados ordenou que se procedesse imediatamente a um inquérito sobre o assunto.—(A. N. I.)



Continental

(De fabricação alemã)

OS MELHORES ENTRE TODOS

Distribuidores

SIMEL — Telef. 681224

R. Rodrigo da Fonseca, 103

DAVID KIT

Novos modelos Outono, Inverno 1960/1961 Em astrakan e vison. — Av. Sidónio Pais, 24 — Tel. 48089.

ESCOLA DE GIL VICENTE (EXTERNATO FEMININO)

CURSOS DE LICEU (COMPLETO), CICLO PREPARATÓRIO, GERAL DE COMÉRCIO E INST. PRIMÁRIA

CURSO NOCTURNO FEMININO PARA O ENSINO LICEAL

AULAS DE PINTURA E BALLET

AVENIDA ALMIRANTE REIS 78 TELEF. 40760

EXTERNATO INFANTA D. JOANA (Fem.)

ENSINO PRIMÁRIO E LICEAL (1.º ao 7.º ano)

FRANCÊS E BALLET * TRANSPORTE * REFEITÓRIO

CURSOS DIURNOS E NOCTURNOS

Rua Ponta Delgada, 1 (á Estefania) Telef. 45455

COLÉGIO LUSITANO

INTERNATO MASCULINO, SEMI-INTERNATO E EXTERNATO

Inst. primário, admissão, curso dos liceus e comercial, ciclo preparatório.

EXTERNATO FEMININO GRÃO VASCO para instrução primária, admissão e infantil, com francês, inglês, musica e piano

A. GRÃO VASCO — LISBOA — Benfica ——— Telefone: 780074

Abertas as matrículas

JOVENS COMEDIANTES

CLOTILDE JOANNO

por P. RANCOLHO

E' gentil, apagada, modista. Foge de falar de si, fora da profissão que ama apaixonadamente. Possui elevada consciência do que deve ser uma comediante e daí a sua convicção de que não basta entregar-se a meia duzia de excentricidades para chamar a atenção para a sua pessoa.

Para quem segue, em Paris, a actividade teatral não é surpresa a alta qualidade das suas actuações; recordemos apenas os papéis que representou em «Doña Rosita» de Garcia Lorca, em «A Noite dos Reis» e «Henrique IV», de Shakespeare, e na «Boa Alma de Sé-Tchuão», de Bertolt Brecht.

Vimo-la ainda em numerosas peças para a Televisão; e depois de uma curta metragem de Agnés Varda, «O Saisons», «O Chateaux», voltámos a encontrá-la, agora no cinema, em «Bonnes Femmes», de Chabrol.

O filme era mau, mas Clotilde Joanno fazia nele um excelente papel. Impossível para qualquer espectador não reparar nesta jovem ágil e fina, de bela voz grave, olhar nostálgico que conferia á sua personagem uma consistência inesperada.

— Não vim ao Mundo com esta vocação do teatro — diz-nos Clotilde Joanno. Só aos 12 anos é que manifestei desejos de ver representar uma peça, mas nesta idade não se pode garantir que seja um desejo muito sério. Qual é a rapariga que não sonhou fazer um papel num palco?

Minha mãe não tinha intenção de me contrariar e proporcionou-me a frequência de cursos de dicção que tive de interromper para não me atrasar nos estudos. Só mais tarde me apresentei no curso da Rua Blanche, em cuja admissão reprovei.

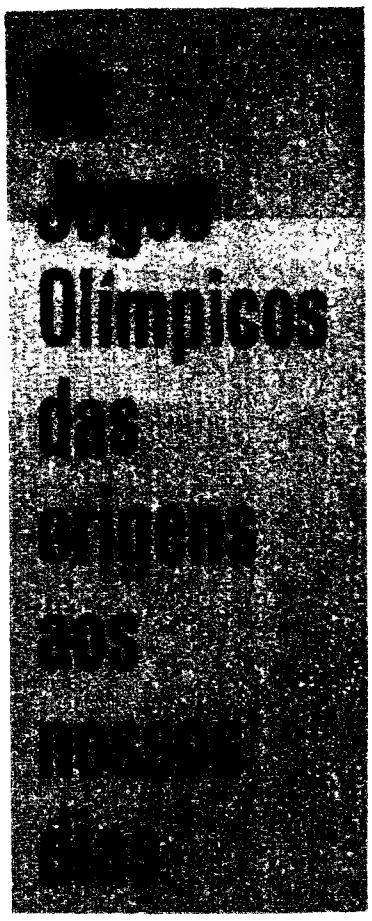
— Mas porquê?

— Porquê?... Talvez porque falava com uma voz monótona, com os olhos colados aos pés. Tive uma forte desilusão. Chorei, voltei a chorar. Por fim, resolvi inscrever-me no curso Dullin, dirigido então por Lucien Arnaud. Aí ensinaram-me a representar sem olhar para os pés e não usar o mesmo tom de voz. Obrigavam-me a fazer muita improvização. Em seguida segui o curso de Tania Balachova.

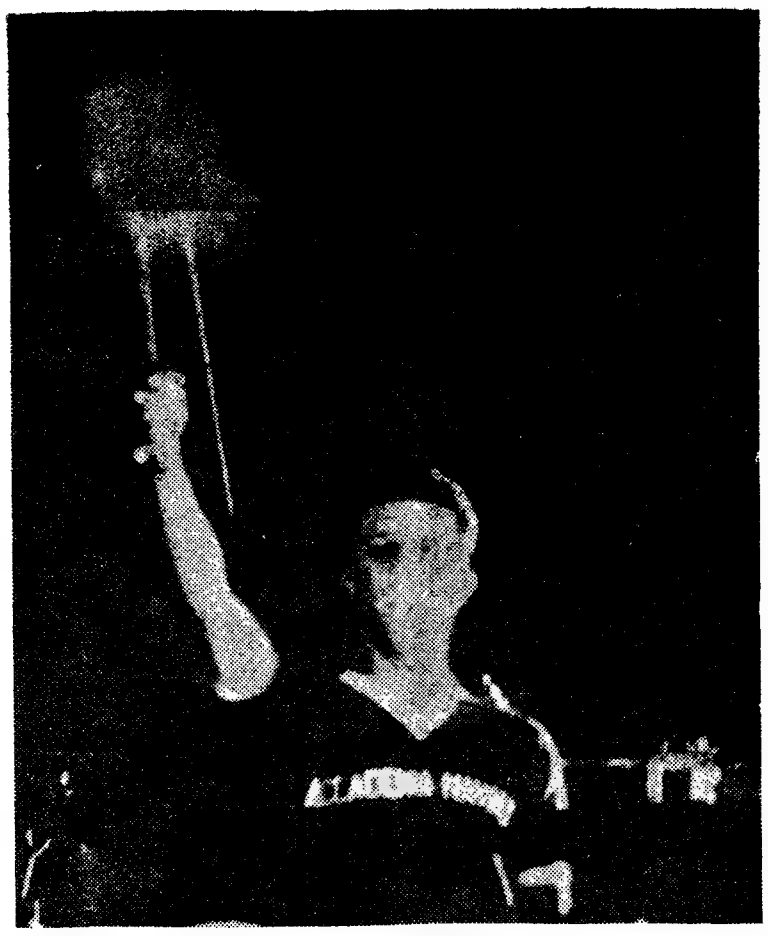
— E foram difíceis os primeiros papéis?

— Um pouco como sucede com todos os jovens. Meus pais viviam na província. Vim para Paris aos 17 anos a fim de terminar os estudos e habituar-me a viver fora do meio familiar. Tive dificuldade em arranjar um quarto. Muitas vezes

(Continua na página seguinte)



Decadrácma de Siracusa



Da Grécia para Roma: a transmissão do facho olímpico

NAUSICA DOS BRANCOS BRAÇOS...

HOMERO deixou-nos na «Odisseia» a apetitosa descrição de náusica e suas companheiras a banharem-se no mar e a jogarem a bola:

Náusica dos brancos braços dirigia o jogo

acrescenta o Poeta, para não nos privar da visão da donzela de braços leitosos.

Nesta época tão longínqua os Gregos praticavam muito a natação e exercitavam-se, nos ginásios, no jogo da bola. Os mancebos preferiam o «arpaston», em que a bola, posta no solo, era atirada com o pé. Nos estádios praticava-se também o salto, o lançamento do disco e do dardo e a luta. Todos estes desportos figuravam no programa dos primeiros Jogos Olímpicos, disputados no ano 776 antes da nossa era (há 2736 anos!).

Mais tarde o «pugilismo» tornou-se moda e os adversários já cintavam as mãos com tiras de couro».

AJACE, CAMPEÃO PEDESTRE

Todavia a preferência do povo grego ia para as corridas pedestres e de carros de cavalo. Foi também o velho Homero quem nos relatou a competição organizada por Aquiles, á memória do seu amigo Pátrocles: o favorito, Ajace, quando ia á frente de todos os corredores, escorregou e então Ulisse, ajudado pela deusa Palas Ateneia, grande admiradora das suas manhas, conquistou a palma da vitória...

As corridas de carros suscitavam o mais vivo interesse nas cidades autónomas. As moedas do tempo

por LLOYD THOMAS

fornecem-nos inumeros testemunhos da sua popularidade, sobretudo nos admiráveis decadrácmas de Siracusa em que se vêem fogosos cavalos a caminho da vitória.

Os Romanos praticaram quase todos os jogos helénicos: jogavam uma espécie de futebol, em que a bola se chamava «pila»; note-se, porém, que não só as mulheres desdenhavam os desportos como o atletismo assumiu pouca importancia no Império de Roma: a preferência do grande publico inclinava-se para as corridas de carros de cavalo e para as disputas de circo — luta, pugilismo e pancrácio. Os lutadores, na maioria dos casos antigos escravos, eram profissionais; em breve se viram substituidos pelos gladiadores que travavam na arena verdadeiros combates, encarniçando-se contra os adversários vencidos, apoiados pelo ultular das massas em delírio.

A CHULA, A PELA E O TIRO AO ARCO

Nas praças medievais jogava-se a «chula», uma bola pesada atirada com os pés. Os adversários eram quase sempre grupos de aldeias vizinhas.

A bola jogada com a mão — a célebre «pela» — gozou de grande favor, havendo, no século XIII, só em Paris, treze fabricantes de bolas. Luís X parece que morreu de um resfriamento que lhe sobreveio depois de um recontro de *pela*. O povo só era autorizado a praticar este jogo aos domingos. Os cavaleiros possuiam, para o efeito, salas que passaram a ter uma rede a dividir o campo; nessa altura, em vez de luvas de couro os desportistas usavam uma espécie de raquetas.

Um outro desporto nacional era o «tiro ao arco», existindo companhias de archeiros em toda a parte. As mulheres participavam deste jogo e o estatuto dos archeiros especificava o seguinte, que vale a pena registar para uso dos nossos contemporaneos:

«*Quem se permitisse injuriar uma dama seria citado no conselho de administração da Companhia, que o julgaria severamente*».

Também a luta sem luvas era geralmente praticada, mas as suas modalidades variavam com as re-

(Continua na página seguinte)

magazine

Diario de Lisbôa NÚMERO 113 Diario de Lisbôa

NA TERRA ONDE O POVO E' REI

por HILLAIRE CUNY

Imaginemos um rei que dispensa honrarias, um presidente da Republica desprovido de ambições pessoais, verdadeiramente dedicado ao bem de toda a comunidade e a ela consagrando toda a sua vida até ao esgotamento das suas forças. Pois esse ser de excepção seria ainda um pálido reflexo do exemplo de abnegação da «majestosa» rainha, sob quem recai a importante tarefa de conservar a espécie entre as abelha. E' ela que após ter uma só e unica vez conhecido o amor no decurso chamado «vôo nupcial», vai passar a pôr aproximadamente 1500 ovos por dia.

Esta verdadeira máquina de procriar mantém em reserva desde o acto da fecundação as células sexuais masculinas num enorme abdomen que se vai desfazendo em ovos, de alguns dos quais nascerá um novo indivíduo. Fecundados poderá ser uma obreira ou uma rainha; não fecundados serão o ponto de partida para a

(Continua na 11.ª página)

O cientista francês Remy Chauvin

HAVERA' REALMENTE UMA CONSPIRAÇÃO INTERNACIONAL NAZI?

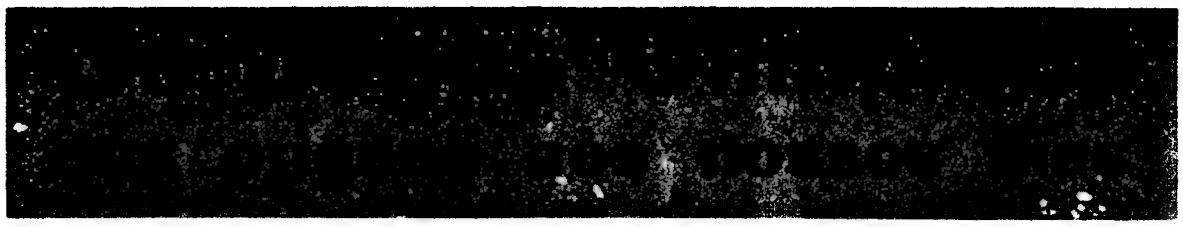
por REMY ROURE

A vaga de anti-semitismo que, de vez em quando, assola o mundo, quinze anos após a tentativa hitleriana de um vasto genocídio, é um dos mais graves sintomas da decadência dos nossos tempos. A não ser quebrada pela raiz pelos meios mais enérgicos — e parece que nem toda gente se preocupa com isso *tanto como seria necessário — **podermos dizer que a victória aliada de 1945 teria sido em vão, que os milhões de mortos da guerra foram inuteis, que a barbarie poderá, ainda outra vez, submergir a Europa e a civilização humana.***

É horrivel que o rabino de Colónia, cuja sinagoga foi assaltada, *tenha de declarar que «**não está seguro de poder viver numa Alemanha nova**». **Se um dos 1200 membros da minha comunidade me vier preguntar se deve deixar a Alemanha Federal eu dir-lhe-ei Sim. Se algum israelista vivendo no estrangeiro me preguntar se pode vir instalar-se na Alemanha eu lhe responderei: Não.»***

Mas, então, como se chegou a este extremo? O rabino de Colónia é de opinião que a origem deste perigo e desta inquietação reside na *actual ignorancia da Juventude **Alemã, que ignora mesmo os nomes de Auschwitz, de Belgen-Belzen, de Buchewvald, de Ravenshwsk, etc., etc. E quem serão os responsáveis desta ignorancia? Se têm razão os que dizem que o velho chanceler Adenauer não pode ser posto em causa, se é verdade que ele sofrerá também dum estado de coisas semelhantes, não é menos verdade que a desnazificação não foi eficaz, que os postos elevados da administração, sobretudo na Magistratura e no Ensino, são ocupados em grande numero por antigos membros activos do Partido Nacional-Socialista.***

(Continua na 11.ª página)



(Continuação da página anterior)

giões. Du Guesclin, o condestável francês, ilustrou-se na luta bretã antes de se dedicar a outros combates.

Rabelais foi o primeiro a considerar a ginástica como complemento da educação. O seu Pantagruel fazia-a desta maneira engenhosa:

«Prendiam uma grossa vara entre duas árvores; a ela se pendurava (Pantagruel) pelas mãos e ia e vinha para cá e para lá sem tocar com os pés em coisa alguma».

DA PRIMEIRA CORRIDA HÍPICA AO VELOCÍFERO

Em Maio de 1726 o marquês de Saillans apostou com o marquês de Courtanvaux capitão dos Suíços em como ia da grade de Versalhes á dos Inválidos em trinta minutos. A rogo de madame de Saillans, apavorada com o perigo que o marido correria, Luís XV proibiu a aposta, mas o fidalgo fez-se substituir pelo criado de quarto — cuja vida, evidentemente, assumia muito menos importancia aos olhos do monarca. O criado cobriu o percurso em trinta e dois minutos...

No mesmo século organizaram-se verdadeiras corridas de cavalos, semelhantes ás inglesas. A revolução pôs termo a tais divertimentos.

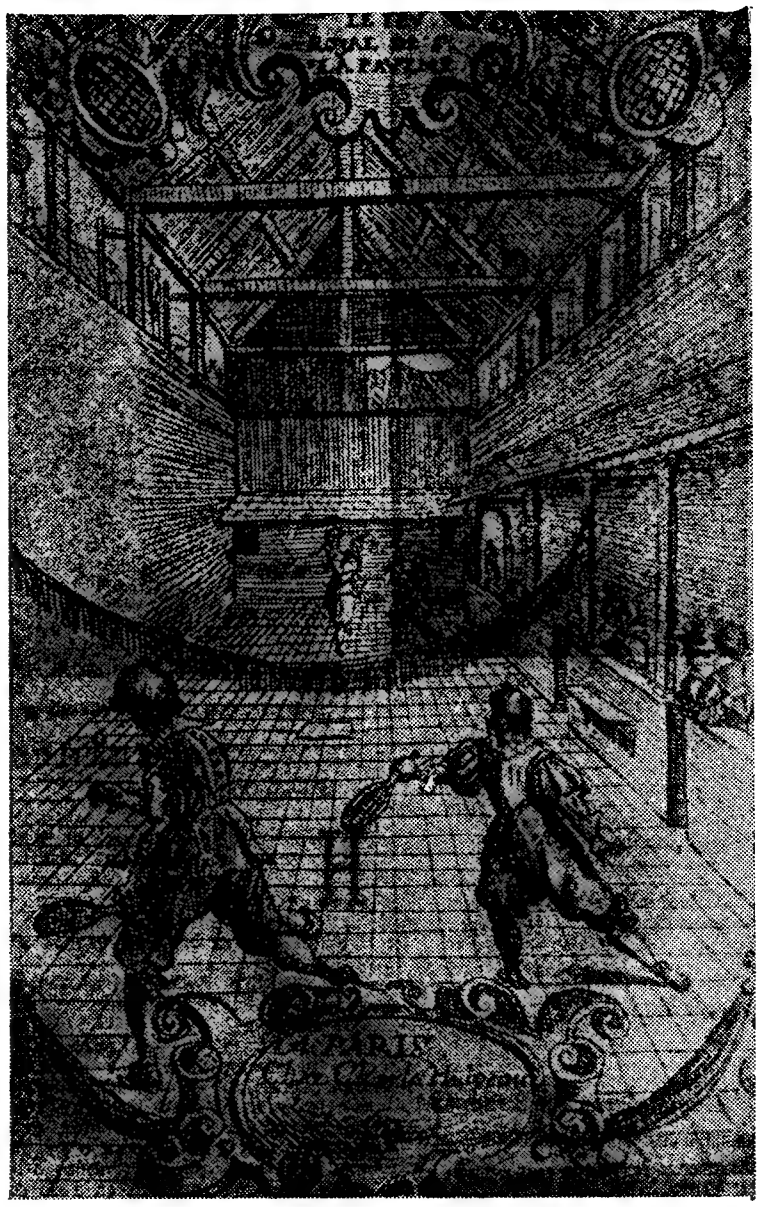
Mas já uma nova moda se difundia: em 1780 o senhor de Sivrac inventara o velocífero, máquina de duas rodas que se movia batendo o solo, alternadamente, com os dois pés... O jardim do Hanover tornou-se o local de reunião dos velocíferistas, e apostava-se na velocidade das maquinetas que partiam na direcção dos Campos Elíseos. No 29 de Florial do ano XII (1804) representou-se no «Vaudeville» uma comédia, «Os velocíferos», em que se aplaudia a seguinte copla:

Vous, partisans du petit trot,
Cochers qui ne vous pressez guère,
Voulez-vous arriver plus tôt
Que le plus prompt velocifère?
Sachez remplacer aujour d'hui
La rapidité par l'adresse:
En partant deux jours avant lui
Vous le ganharez de vitesse!

No tempo de Luís XVIII começou a voga das praias e o conde de Brancas fundou o estabelecimento de banhos do mar de Dièppe, onde os desportistas tomaram gosto pela natação.

Um pouco mais tarde, o popular Alexandre Dumas lançou um novo desporto: o alpinismo. Em 1833 fez várias ascensões, descreveu-as e entrevistou em Chamonix a primeira mulher que subiu ao Monte Branco. Era uma criada de estalagem, de nome Maria. Um dia os guias levaram-na com eles, pensando que a moça ficaria a meio do caminho; ela, porém, atingiu o cume, a seu lado, e desde então passou a ser conhecida por «Maria do Monte Branco». Em breve outras jovens a imitariam.

Dumas-Pai
criador do alpinismo



A «MODA ABSURDA» E OUTRAS QUE O NÃO ERAM

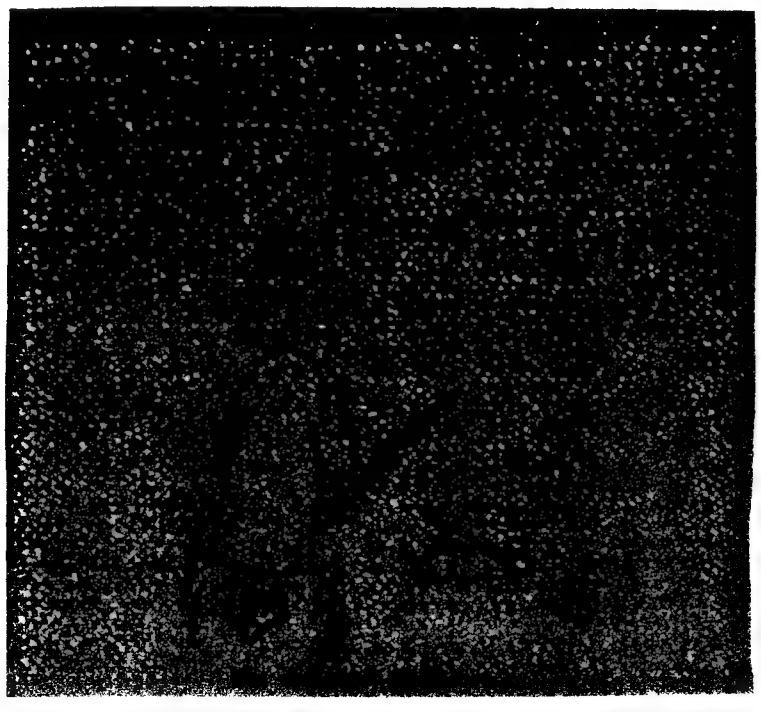
No dia 1 de Janeiro de 1888 lia-se em «Les Annales»:

«Até hoje os pugilistas tinham-se cantonado na América e na Inglaterra. Eis que nos invadem! Acaba de disputar-se aqui um bárbaro encontro entre os dois campeões — o do Novo Mundo e o do Antigo. O combate durou duas horas e terminou empatado ao fim de 150 recomeços. Os dois lutadores, moídos, estafados, com a cara em sangue, pediram tréguas. E' de desejar que esta moda absurda não se implante entre nós!»

Mas novos desportos apareciam. Nas vésperas da guerra de 70 a Inglaterra exportava para o continente o futebol, e o raguebol. Fundava-se em Paris a «União Velocipédica» e a invenção do pneu ia permitir a construção de bicicletas mais leves. Datam de 1891 as primeiras grandes corridas: Paris-Brest e Bordeus-Paris, que atraíam massas imponentes de espectadores.

E a Inglaterra continuava a exportar novos jogos: o velho jogo da «pela» vinha de lá com o nome de «pawm-tennis».

Finalmente em 1896, os Jogos Olímpicos eram ressuscitados em Atenas, por iniciativa de Pedro de Coubertin. Desde aí, os desportos tornavam-se a grande atracção das multidões. E os «records» começaram a somar-se, sempre mais altos, hoje quase a tocar as raias do incrível...



JOVENS COMEDIANTES

(Continuação da página anterior)

jantei com tantos outros, apenas um café-creme. O que, porém, mais me atormentava era a solidão e, sendo muito tímida, ainda complicava as coisas.

— Como estuda um papel?

— Primeio leio-o e leio-o dez, vinte vezes. Leio depois obras que se aproximem do personagem. Se se trata de uma peça de teatro, é indispensável «pôr o texto na boca» e mastigá-lo tècnicamente. Passeio muito, penso no meu papel, seja no «metro», ao longo dos cais porque me concentro melhor ao ar livre do que em casa.

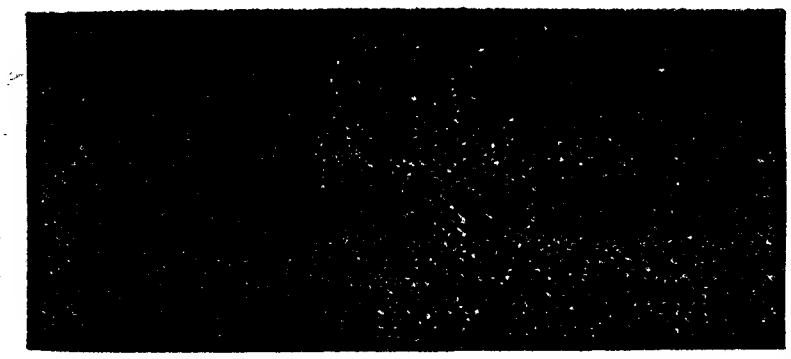
— Crê na sorte?

— Na sorte, pròpriamente, não, mas creio num conjunto de circunstancias felizes. Por exemplo: no bom momento, na atlura em que considera que é uma sorte chegar o estilo que se representa está na moda. Penso, todavia, que o talento e o trabalho são absolutamente necessários e que se não se vence não se deve atribuir as culpas á «falta de sorte».

— Que papéis gostaria de interpretar?

— Quem me julga pelas aparências admitirá que ficarei melhor em papéis dramáticos. No entanto, pessoalmente, não tenho preferências. Sei que me seria difícil fazer papéis de ingénuas, mas gostaria de o conseguir. Evito sempre ser catalogada ou classificada neste ou naquele género: agradar-me-iam as personagens cómicas. Neste momento pratico muito dança moderna para me mostrar num aspecto diferente do meu.

Quando deixámos Clotilde Joano, ela preparava-se para seguir para o estudio. Mais trabalho, mais tentativas de um artista jovem que possui uma séria noção da sua arte.



Os Estados Unidos e a Russia, lançados numa desenfreada competição espacial, estão despendendo quantias fabulosas com o lançamento de satélites artificiais.

E para que é isso bom? pergunta o publico. Não seria muito preferível tratarmos de melhorar a nossa existência terrestre, em vez de passarmos o tempo de nariz no ar e a sonhar com viagens interplanetárias?

Crítica aparentemente justa, se atribuirmos á corrida espacial a finalidade de *anexar* planetas ou virmos nela uma mera questão de prestígio; mas só na aparência, porquanto existem fortes razões para considerarmos a exploração do espaço como uma óptima colocação de capitais, não obstante o seu elevadíssimo custo, se tivermos em vista os progressos científicos e técnicos que dela poderão advir.

Como exemplo da utilidade dos satélites artificiais para a investigação científica e industrial, salientaremos os dez casos seguintes:

1. A possibilidade de se conseguir electricidade mais barata por meio de centrais eléctricas espaciais.

E' sabido que as fotopilhas transportadas nos satélites têm o condão de transformar a energia luminosa, e por conseguinte os raios solares, em energia eléctrica. Sabe-se também que essas fotopilhas funcionam com muito maior rendimento no espaço que na Terra. Não seria então viável, agora que se conhece o meio de transmitir a energia á distancia, estalebecer centrais eléctricas no espaço e passar a iluminar a Terra com electricidade espacial?

O professor Leonid Sedov respondeu afirmativamente e chegou mesmo a anunciar, numa entrevista concedida em Paris, que está para muito breve a construção da primeira central eléctrica desse género.

2. Uma maior certeza na previsão do tempo.

Os satélites permitem também uma notável melhoria das previsões meteorológicas. Pela detecção dos raios X emitidos pelo Sol, que normalmente são retidos pela atmosfera terestre, um satélite pode prever com exactidão as erupções solares e suas repercussões atmosféricas. Os resultados já obtidos neste campo são verdadeiramente notáveis.

3. Detecção da água e do petróleo.

O gravímetro é um instrumento que serve para medir as variações de gravidade em vários pontos de um dado terreno, sendo por isso utilizado na procura do petróleo, de águas, dos minerais, etc. Ora um satélite artificial pode executar com vantagem esse mesmo serviço, como foi o caso do Sptunik III, que conseguiu detectar água e petróleo no inacessível deserto de Karakum e no interior da Sibéria pelo simples registo de anomalias magnéticas e gravitacionais.

Engenheiros americanos asseguram que um gravímetro espacial conseguirá fazer a detecção da água e do petróleo a uma altitude de 400 quilómetros e com uma precisão até 100 metros.

4. A possibilidade de desvendar o mistério da fotossíntese.

Porque é a clorofila das plantas a unica substancia da natureza capaz de armazenar a energia solar e transformá-la em energia química? Eis um dos mistérios que a ciência contemporanea ainda não conseguiu desvendar.

A partir da água e do gás carbónico que se encontram na atmosfera, as plantas conseguem fabricar açucar, amido e outras substancias nutritivas. No dia em que saibamos como se opera essa transmutação, teremos dado mais um gigantesco passo para o domínio completo da natureza.

Admitiu-se até agora que essa transmutação se operava pela separação da água nos seus dois elementos: oxigénio e hidrogénio. O hidrogénio, activado pela energia solar, combinar-se-ia com o gás carbónico para formar o açucar, enquanto que o oxigénio libertado enriqueceria a atmosfera. Supõe-se hoje que tudo se passa de uma maneira muito mais complexa e alguns sábios esperam que a observação da fotossíntese a bordo de um satélite, sob radiações solares muito mais intensas, fornecerá informações preciosas.

5. Cobre, chumbo e zinco mais baratos.

Após termos esgotado as minas ricas que existiam á superfície do solo, tornou-se necessário passar á exploração dos minerais pobres. Mas para separar esses minerais pobres das suas gangas teve de recorrer-se a um dispendioso processo chamado de «flutuação», que consiste em lançá-los numa emulsão de um óleo especial. O óleo retém o mineral á superfície e deixa que a ganga deslize para o fundo.

Um estudo dessa operação realizada fora da acção da gravidade permitirá certamente melhorar a técnica da «flutuação», ensinando como recuperar as partículas de metal que escapam á emulsão oleosa, do que resultará a possibilidade de aumentar a taxa de extracção dos minerais pobres e, por consequência, um abaixamento no preço do cobre, do chumbo, do zinco, etc.

6. Um acelerador de partículas espacial.

Os aceleradores de partículas são instrumentos gigantescos e caríssimos, capazes de produzir partículas altamente energéticas dotadas de enorme velocidade, que se destinam ao estudo do átomo.

Sabe-se que um satélite pode obter idêntico resultado recebendo no espaço o bombardeamento primário directo dos protões cósmicos, partículas carregadas de uma energia de 10^{19} electrões-volts. As observações assim feitas ficariam por um preço muitíssimo inferior.

7. Uma estação S. O. S.

As grandes empresas americanas de telecomunicação estudam activamente a possibilidade de utilizar os satélites na difusão dos programas de rádio e de televisão. Pensa-se também que as comunicações telefónicas «via satélite» ficarão muito mais baratas que as actuais comunicações interurbanas feitas pelas vias habituais.

Ora, partindo de idêntico princípio, concluiu-se que um satélite ofereceria óptimas condições para receber um sinal emitido numa fre-

(Continua na 10.ª página)

COMO ELAS SE EVADIAM

As mulheres na Resistência não mostraram menos engenhosidade e coragem que os homens. Eis, por exemplo, como Madeleine Marzin, hoje conselheira municipal de Paris, escapou aos seus guardas, na gare de Montparnasse, durante o Verão de 1942.

Internada em Roquette, depois transferida para Fresnes, o unico pensamento que a dominava a todo o momento era conseguir evadir-se, mas o objectivo era difícil pois os «políticos» eram muito mais vigiados que os presos de delito comum com os quais estavam misturados. Madeleine tinha sido condenada á morte e a sua pena fora comutada em «trabalhos forçados por toda a vida».

A realidade é que Madeleine sabia que ia ser mandada para a Alemanha com várias outras mulheres. A primeira das etapas devia ser a prisão central de Rennes; e, depois de avaliarem toda a situação as prisioneiras decidiram que qualquer delas devia tentar a sua sorte na primeira oportunidade favorável que se lhe deparasse.

Havia, contudo, uma dificuldade: em dezasseis detidas que deviam partir, sete eram criminosas de delito comum. «Que fariam elas se qualquer de nós tentasse fugir?». Esta era a pergunta angustiante que todas as Resistentes faziam a si próprias. Madeleine quebrou essa duvida perguntando directamente a opinião de uma rapariga, chefe de um temível «gang» de gatunos, condenada a quinze anos de prisão. Sem qualquer hesitação respondeu: «Se estiver na minha mão ajudá-las, ajudo-as a todas de muito gosto».

* * *

Foram conduzidas de vagão para a gare de Montparnasse precisamente no dia em que os Aliados tinham tentado o desembarque em Dieppe. Os Alemães estavam inquietos e nervosos. Uma multidão apertava-se no cais, pois os comboios eram raros e havia muitos viajantes para a Bretanha.

Imediatamente ao sair da carruagem celular a primeira detida ergue nos braços um filho que tivera na prisão e grita para os Franceses: «Diz-lhes, meu filho, que teu pai está na prisão, á ordem do ocupante, e que levam para a Alemanha a tua mãe».

Logo a seguir, num coro vigoroso como uma unica voz, e dando mostras de uma coragem extraordinária, todas as outras companheiras romperam a cantar a Marselhesa. Apanhados de surpresa, raivosos os guardas lançam-se sobre o vagão para as fazer calar. «Foge tu», segreda uma detida para Madeleine; mas não era possível, pois os Alemães eram muitos sobre o cais.

O tempo de beber um copo

Acossadas pelos guardas algumas presas entram no vagão e Madeleine observa que o outro cais ao lado estava completamente deserto. Entretanto, as outras mulheres que se mantinham no cais continuaram a gritar e a protestar, correspondidas por alguns populares o que aumentava a confusão e atraía sobre aquele ponto as atenções da guarda.

Madeleine, não perde um segundo a saltar pela portinhola para a linha e a coberto do vagão alcança a outra gare. Ao subir dá de caras com um ferroviário que rápidamente compreende a situação: «Salva-te depressa, diz-lhe ele, vem comigo para aqui». E mete-a num vagão cheio de barris.

Ao mesmo tempo que fechavam a porta, Madeleine ouve as companheiras a recomeçarem a cantar a Marselhesa ainda com mais vigor. Era sem duvida um aviso de que se tinham dado conta da sua fuga.

* * *

Viveu momentos aflitos esperando a todo o instante vir a ser descoberta pelos guardas que a procuravam por toda a estação. Mas algumas horas mais tarde é o amigo conhecido que a vem buscar. Mete-lhe na mão uma vassoura e um balde e desde então, não era mais que uma mulher da limpeza como as outras, que vinha de limpar os interiores dos vagões.

E quando ia para sair, apressada e pouco calma, o ferroviário, sereno e satisfeito diz-lhe:

«Tens ainda tempo para beberes um copo daqui». E de um dos cascos salvadores encheu-lho de vinho.

Conta hoje Madeleine Marzin, conselheira municipal de Paris, que nunca mais pode esquecer esse copo de vinho branco, bebido a alguns passos do inimigo — como nunca mais esqueceu a fraternidade patriótica dos seus concidadãos que lhe permitiram evadir-se vitoriosamente.

BEST-SELLERS!

1
APARIÇÃO
romance por
VERGÍLIO FERREIRA
PRÉMIO CAMILO CASTELO BRANCO

2
SUÃO
romance por
ANTUNES DA SILVA

3
325000 FRANCOS
romance por
ROGER VAILLAND

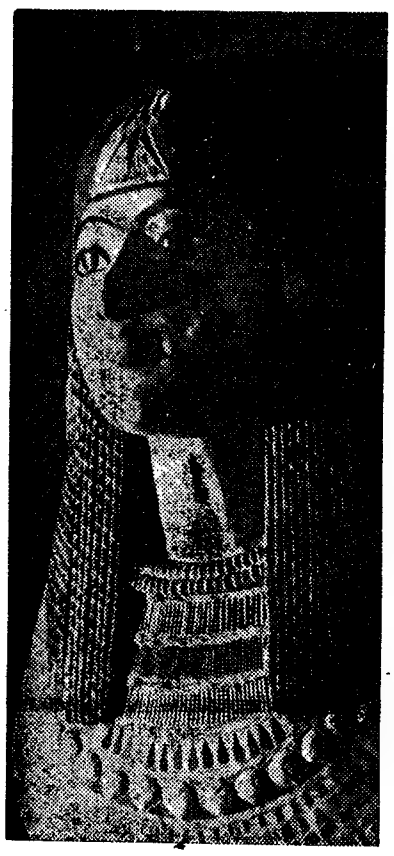
PORTUGÁLIA EDITORA

O PERU DE HÁ 3000 ANOS

por JEAN CHARLES VARENNES

«Isso não é o Peru!» diziam os nossos antepassados para falarem duma coisa fabulosa. Efectivamente, desde há quatro séculos, o Peru, passa por ser o país do ouro e da prata, pelo facto dessa terra ter feito — em seu prejuízo — a fortuna daqueles que o descobriram ou, mais exactamente, dos primeiros europeus, os espanhóis, que primeiro tomaram contacto com ela.

Porque, para o Homem, o Peru já estava descoberto. Desde séculos, a planície de Lima era povoada por um povo de civilização muito adiantada, cuja descoberta actual precipita o Europeu de surpresa em surpresa.



tecido com a cera das oferendas e das fantamasgórias e as pequenas balanças para a pesar...».

Também, é a prova duma civilização tão desenvolvida onde o ouro era tão abundante que não tinha valor!

Cai-se de admiração em admiração, tanto mais que os autores têm o cuidado de precisar que as suas informações são absolutamente autênticas e colhidas nas melhores fontes, antigas e modernas, fontes sempre indicadas em pormenor.

Graças ao talento dos escritores, somos transportados alguns milhares de anos para traz e descobrimos uma civilização rica em enologia com a dos povos mediterraneos contemporaneos.

Os povos terão um fundo comum?

E' o que pensa o leitor lendo «A vida esplêndida das mumias peruanas». O mesmo cuidado em honrar os mortos, o mesmo cuidado religioso, práticas similares, tudo se passa como se a evolução humana seja paralela a milhares de quilómetros, entre povos sem quaisquer laços entre si.

Sendo o grande livro das areias, os autores encontraram a vida quotidiana dos Wallas e fazem o inventário da bagagem que os povos pré-incaicos preparavam para o além.

Como eram essas mumias preparadas? Que produtos as preservavam da usura dos séculos? Ficamos reduzidos a hipóteses, mas os processos utilizados, bálsamo trazido de Polu ou secagem ao sol, parecem diferentes dos usados na Europa. «Fazendo caretas, crispadas, espantadas, gritantes mesmo, as mumias saídas dos «maillots» de tela dos «faedos» do antigo Peru não têm a calma hierática, a disciplina imposta pelo Egipto ás dos seus faraós, hirtos para a Eternidade pelas ligaduras matemáticamente ajustadas. Não! As mumias dos Wallas, as mumias dos Incas, dos Chimus, conservam uma espantosa, uma dolorosa «vitalidade».

Parece, terra de mumias

Para nós, a palavra mumia evoca o Egipto. E' bem Simone e Roger Waisbard, num livro da notável colecção «Sciences et voyages»: «A vida esplêndida das mumias peruanas» nos demonstram que para lá do Atlantico, como na beira do Mediterraneo — e quase ao mesmo tempo — práticas inspiradas pelos mesmos motivos que os Wallas que precederam os Incas valiam os contemporaneos de Ramsés II.

«Após um longo desconhecimento da sua existência, historiadores, arqueólogos e outros sábios americanófilos têm revelado ao resto do Mundo, desde há algum tempo, os esplendores dos povos Nohica e Chimu do Norte do Peru, e os Nazcas-Paracas do Sul, que há dois ou três mil anos, elevaram a arte da ceramica, tecelagem e metalurgia a um extraordinário grau de perfeição».

As descobertas são pasmosas. Foi necessário que um rico peruano quizesse construir a sua «vila» sobre uma colina para que as escavadoras revelassem milénios de história! «Dezenas, centenas, milhares de mumias acocoradas eternamente junto de tudo que, em vida, fora o seu trabalho, a sua riqueza, o seu prazer, a sua religião: um serviço de cabaças ocas contendo ainda espigas de milho violeta, vasos onde a «chicha» divina das orgias rituais se evaporara, cestos trabalhados em junco, delicadamente entrançado, onde ficaram os novelos de algodão tinto e as agulhas de coser e de bordar, fusos e teares, inumeráveis lenços quadrados, estojos de bambu cheios de pintura vermelha ou azul, pinças depilatórias de ouro e prata, pentes de osso, bolsas de

Argumento de pulmão?

Talvez o leitor não acredite, mas esta foto caiu-nos debaixo da vista sem legenda. Não sabemos se se trata duma anafada prima-dona ou duma propagandista política das eleições americanas. Pode também ser uma dessas exóticas figuras que atraem os papalvos da TV. Ficará à escolha do leitor classificá-la entre esses três grupos.

HISTORIA DE UM ANDARILHO

por ARTHUR SYMPOSIUM

O primeiro guia turístico que se conhece tem a bonita idade de 800 anos e redigiu-o o Rabbi Benjamim, filho de Joah, do país de Navarra.

Rabbi Benjamim partiu de Tudela, sua cidade natal e passou por numerosos países distantes, como ele próprio explica nesse livro, anotou todas as coisas que viu e aquilo que ia sabendo por intermédio de pessoas dignas de fé. Mencionou também os homens sábios e célebres de cada local e trouxe esse livro consigo no seu regresso a Castela no ano 4933 da criação (1173 da era cristã).

Ao iniciar a sua grande viagem qual seria precisamente a sua ideia? Talvez uma peregrinação á Terra Santa com a pretensão de lá acabar os seus dias. Mas a verdade é que se assim foi ele escolheu o caminho mais longo. Não que fizesse muitos desvios mas principalmente porque interrompia frequentemente a caminhada, queria ver tudo e tudo anotar. Aos Judeus que o recebiam interrogava-os não apenas sobre a a sua própria comunidade, o numero de membros, o nome dos chefes e dos mestres intelectuais, mas também sobre a cidade e a região em geral, os usos e costumes dos habitantes, a forma de Governo, as principais actividades dos homens e os principais produtos do solo. O seu olhar estava sempre atento aos monumentos antigos e modernos. Não era como certos viajantes actuais que passam por tudo com ar superior; pelo contrário, Benjamim estava sempre cheio de interesse, tudo lhe parecendo uma maravilha.

Como o automobilista experimentado de hoje que sacrifica de boa vontade centenas de quilómetros para ganhar tempo, aparentemente desperdiçado na circulação mais rápida das grandes estradas e auto-estradas, também o nosso viajante seguiu o curso dos rios ou da costa: o barco era o meio de tráfego mais frequente, portanto o mais rápido.

Da sua cidade natal, Tudela seguiu o vale do Ebro. Depois continuou pela costa: Tarragona, Barcelona, Génova até Montpellier. Um ligeiro desvio para visitar Lunel e Beaucaire, mas retoma novamente a costa até Pisa, não se esquecendo de desviar de novo para ver Lucques. Depois vai até Roma, continua até Nápoles, por Capua e Puzeles. Em Salerno não arranja maneira de embarcar para a Palestina. Então deixa resolutamente a costa oeste, e atravessa o interior da península, passando por Melfi e Ascoli. Nas margens do Adriático recomeça as suas diligências no sentido de encontrar um barco. Observa que em Frani se juntam habitualmente os peregrinos á Terra Santa; mas é possível que não tivesse conseguido lugar. Em Bari também não. Então atravessa por duas vezes o «salto da bota» italiana, desce a Tarento e sobe a Brindizi, e em Otrantes alcança o ponto mais oriental da Itália e consegue embarcar para Corfu.

Pequenas embarcações permitiram-lhe dar a volta á península balcanica. De ilha em ilha, de pequena cidade em pequena cidade costeira, alcança Corinto, sobre a Salónica e continua marginando a costa até Constantinopla. Sem falar das paragens voluntárias e das esperas impostas á espera de grupos e barcos para prosseguir, só em viagem gastou até ali três meses.

Decorrerão mais dois anos para chegar á fronteira da Terra Santa em São João do Acre, após ter passado por Chipre, Torgo, Antioquia e Beyrut.

A viagem de regresso será mais confortável. Depois de ter atravessado a Arábia, a península do Sinai e o Egipto, arranjou um barco que ,numa só etapa, o traz á Europa. No fim de vinte dias desembarca na Sicília. Rápidamente atravessa a Itália, mas em vez de se dirigir para Oeste na direcção de Esvanha, dirige-se primeiro para o Norte. A Alemanha e a França atraem-no.

E assim como «fora á India e á China, «vai» á Russia e á Boémia. Mesmo o que escreve como informações sobre essas regiões é vago e sumário. Tudo o que diz da Russia é que o Inverno é tão rigoroso, que as pessoas não saem de casa, com receio de ficarem geladas.

Cerca de 1173, o nosso Benjamim volta a Espanha. De boa vontade deixa copiar os seus apontamentos de viagem. Os leitores das suas narrativas ficam maravilhados ao mesmo tempo que abrem os olhos para uma visão mais larga do Mundo, para uma compreensão e solidariedade humana mais ampla, bem para além, da pequena província, do estado fechado das suas fronteiras. Deu-lhe além disso, no que se refere aos países mais próximos, uma série de informações preciosas de ordem prática, favorecendo e facilitando, os contactos e as trocas.

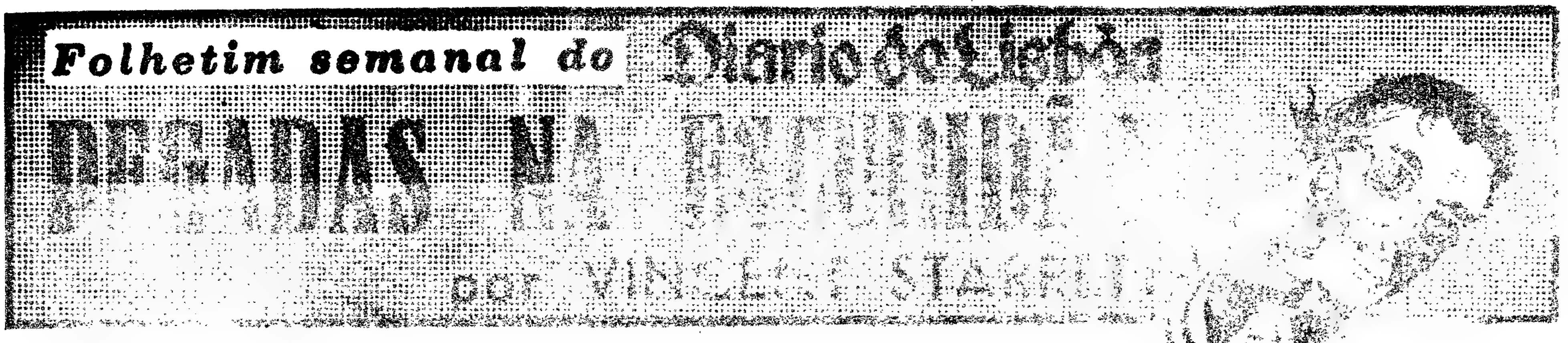
Neste aspecto, e se não nos esquecermos que tudo se passou há 800 anos, as preocupações do irrequieto Rabino de Castela foram notáveis e o seu livro de viagens é uma obra notável e admirável.

«Este Rabbi Benjamim é um homem inteligente e cultivado, conhecedor da «Thora» e da «Halaba» (tradição legal), e em cada parte em que verificamos os seus dizeres, nós os encontramos justificados, fiéis á verdade, exactos. Porque ele é um homem da verdade». Foi com estas elogiosas palavras que um anónimo prefaciador medieval apresentou ao publico o famoso roteiro do viajante judeu do século XII, Benjamim de Tudela.

Continua o conflito na zona do esterlino

As disputas económicas anglo-australianas tendem a tornar-se quase diárias. São, aliás, sempre relativas ao mesmo assunto. A Austrália é uma grande produtora agrícola e, nessa qualidade sofre com a anarquia que reina no mercado internacional das matérias-primas fornecidas pela agricultura. (Só a pimenta branca se continua a vender sem dificuldade). Por seu lado, a Grã-Bretanha é importadora de géneros alimentícios; mas as coisas não se acomodam entre os dois países, porque como há excedentes em vários países, os Ingleses não têm em grande conta que a grande família do esterlino se deve ajuda entre si e vai comprar onde há mais barato.

Tinha-se comprometido moralmente a comprar 750 000 toneladas de trigo australiano num ano, mas os compradores londrinos não respeitaram esse compromisso oficial do Governo e daí a ameaça australiana de reduzir as compras na Inglaterra. Claro que não faltam países esfomeados que se não importariam de substituir a Inglaterra recebendo o trigo da Austrália, mas são países pobres e não o podem pagar. E' este o drama dos países subdesenvolvidos e do nosso tempo de economias retrógradas.



RESUMO DOS CAPITULOS ANTERIORES — Com diferença de oito dias foram assassinados, em circunstancias idênticas, dois professores: Brown e Conway. As investigações decorriam com dificuldade, havendo, a princípio, suspeitas sobre outro professor Swing, com quem Brown tivera uma discussão académica. Dado, porém, que os crimes, praticados em plena escuridão, á arma branca, revelavam características de extrema precisão, as atenções voltaram-se a certa altura para um professor de esgrima, Boyd. Este descreveu a discussão entre Brown e Swing, recordando que a ela assistiram várias pessoas, entre as quais o barbeiro Alvano e Bill David, um vendedor ambulante cego, tipo popular, a quem, por acaso, um dos contendores aludiu, para amesquinhar o colega: «E's mais parvo que aqui o Bill David». O caso complicou-se, entretanto, com a revelação de que Swing encontrara a esposa de Brown, pouco antes deste ser assassinado, tendo ocultado até então esse pormenor. O conhecimento de que tanto os dois assassinados, como Swing coxeavam lançou os investigadores num novo caminho para o descobrimento do criminoso.

ULTIMO CAPITULO

O TERCEIRO ASSASSINADO

No dia seguinte, já passava do meio-dia quando voltei a pôr os olhos em Lavender. Ele tomara o pequeno almoço muito cedo e quando saíra ainda eu estava a dormir. Ao que parecia passara a manhã muito ocupado. Trazia uma expressão muito grave no rosto, uma expressão suficientemente grave para sugerir malogro ou êxito.

Entre outras coisas, violara um domicílio alheio. A' luz do dia, conseguia introduzir-se no quarto de um homem, num hotel modesto e revistara-o do chão ao tecto.

— Esperava descobrir a arma que Brown e Conway foram assassinados — explicou-me simplesmente.

— E encontraste-a?

— Infelizmente, não. Faremos nova tentativa esta noite. Também tive outra conversa com o Swing. Evidentemente, tu já compreendeste, Gilly, a prova que eu procuro. Já percebeste o significado do coxear do Conway.

— Confesso que continuo completamente ás escuras.

— Também eu durante muito tempo andei ás apalpadelas. Mas não vês que num caso envolvendo dois homens que coxeiam, pode haver uma possibilidade de engano? Um tunel ás escuras e dois homens que sofrem do mesmo defeito! Qualquer pessoa poderia confundi-los fácilmente. Supõe que o assassínio do Brown foi um erro. Podemos admitir que a vítima visada era Swing, o seu adversário na polémica a respeito de Troia. O coxear de Brown era apenas temporário, é certo, mas sobreveio num momento muito ingrato para o Brown. Suponhamos então que o criminoso tenta uma vez mais acabar com o Swing e mata Conway, outro que também coxeava. E' evidente que o assassino sabia das reuniões semanais em casa de Margetson. Swing até aqui tem sido bafejado de uma sorte milagrosa. Por duas vezes, iludiu a mão do assassino. Seria estupidez da nossa parte não ver que ele continua em perigo mortal.

— Suponho que terás prevenido o Swing do perigo...

— Sim, mas ele é a teimosia em pessoa, renitente em extremo a ouvir pacientemente qualquer conselho.

— E essa tal arma que não conseguiste encontrar... Não será um florete?

— Não, Gilly, não é um florete. Se tivesse sido um florete, a ferida teria revelado o facto. E além disso, o florete — qualquer espada — é arma difícil de ocultar. O que eu procuro é uma pequena faca em forma de estilete, uma faca italiana...

— Italiana — repeti.

— Ora pensa bem... Pode ser que eu me engane.

— Mas quem poderá ter sido? — perguntei, já desesperado.

— Oh, toda a cidade — disse Lavender. E a propósito, tive outra conversa com o Swing na prisão, e vim a saber algo mais do seu passado. O acidente que o aleijou no pé foi sofrido durante a guerra, se bem que não fosse em combate. Um acidente no quartel, ao que parece. Bill David poderia ter-nos elucidado sobre esse ponto, se eu lhe tivesse perguntado. Swing era o seu comandante de regimento — o Alvano também — e certamente não mudou de opinião até hoje. Swing diz que o Bill era o «soldado mais idiota» de todo o seu regimento. E' certo que foi o Swing que arranjou esta ocupação a Bill, depois que este ficou cego. Swing gosta do Bill, se bem que o trate de forma desabrida.

— Já pensaste que Bill David pode saber algo a respeito deste caso que não tenha revelado? — perguntei, subitamente inspirado. Uma vez que ele e Swing já eram velhos conhecimentos, talvez ele saiba de qualquer coisa sobre o passado de Swing que possa ajudar a solucionar o mistério.

— Talvez — concordou Lavender.

— No fim de contas, a Polícia continua a considerar o Swing como o autor do primeiro homicídio.

— Swing é um bruto pouco amável — concedeu Lavender — e eu preciso de ter outra conversa com o Bill David. A verdade é que já preparei as coisas para esta noite.

— Oh!... No viaduto?

— Não. Receio bem que não conseguíssemos atrair o nosso homem ao local do crime. E' sujeito mais fino que um coral. Mas espero obrigá-lo a atraiçoar-se no momento devido.

Comecei a nutrir suspeitas do plano que Lavender tinha em mente, quando, ao entardecer, encaminhamos os nossos passos para o bairro comercial. Swing acompanhava-nos, escoltado por um guarda de um lado, e o próprio Lavender do outro. Não parecia preocupado.

Perguntei a mim próprio se Lavender o prevenira do que pensava fazer.

Por fim, surgiu á nossa frente a cena que já nos era familiar — a fileira de lojecas com os seus respectivos donos á porta. Alvano, o barbeiro italiano, encostado preguiçosamente á ombreira da porta, fazia um cigarro negro e mal cheiroso. Feldman, o dono da papelaria, estava a pôr os toldos. Bill David ocupava o seu poiso favorito.

O polícia atrasou um pouco os passos, enquanto Lavender e Swing prosseguiam em frente.

Alvano devia ter farejado que algo de especial se ia desenrolar, porque num relance, o seu olhar abrangeu toda a cena: Swing a avançar para ele, com Lavander a seu lado, o polícia uniformizado e eu fechando a retirada. O rosto do barbeiro era a imagem do espanto.

Depois, Swing e Lavender passaram pela porta da barbearia, e detiveram-se em frento do cego.

— Olá, Bill — disse Swing em voz áspera.

— Olá, capitão — replicou o cego. Então já cá está fora?

— E' verdade — disse Lavender. Que trazes tu na cesta, Bill, além dos lápis e pentes de algibeira?

Tropeçou, derramando toda a mercadoria contida no cesto, pelo passeio. Atacadores, pentes, lápis, pastilhas, laminas, tudo se espalhou pelo passeio. Mas algo mais, caíu. Lavender baixou-se e apanhou-o como se fosse um rato morto.

— Pode muito bem ter sido esta a arma — disse, mas ainda mal acabara de proferir estas palavras, quando uma segunda arma brilhou na mão de Bill, e Bradley Swing caíu varado por uma bala que lhe atravessou o coração.

— A' terceira, ganhei — comentou o cego e não esboçou a menor resistência quando Lavender e o polícia lhe deram voz de prisão.

— Aquele porco imundo — exclamou ele mais tarde, quando já nos encontrávamos no posto da Polícia. Sempre a julgar-se mais esperto do que os outros.

E de subito rompeu num pranto convulsivo. E' uma cena horrível ver um cego chorar. A explicação de Lavender foi quase anticlimática.

— Eu próprio voguei a principio ás escuras. Ocorrera-me que um homem capaz de cometer dois crimes com mão tão certeira, num tunel imerso na escuridão, devia ser dotado de um poder visual agudíssimo, se bem que tivesse permanecido na escuridão o tempo suficiente para acostumar os olhos ao negrume. Eu devia ter percebido mais cedo que também podia ser um homem invisual, cujos outros sentidos se tivessem aguçado pela necessidade.

Desde o princípio que o cego estava em cena, mas ninguém se lembrou de o associar com qualquer dos crimes, e tão-pouco parecia existir qualquer laço que o ligasse a Swing. Boyd lembrava-se que o cego ouvira parte da briga. Swing verificara essa importancia, mas não lhe atribuíra a mínima atenção. Foi por acaso que eu vim a saber que Bill, Swing e Alvano tinham pertencido á mesma companhia durante a guerra.

— Mas assassínio por quê? — perguntei.

— Simplesmente, porque Bill odiava o intelecto de Swing. Quem lhe pode levar a mal esse sentimento? Swing era um espalha-brasas, dotado de uma língua terrível. Quem não concordasse com ele era «parvo», «cego» ou, em suma, inferior a ele próprio. Talvez sem má intenção, Swing era um homem cruel. A crueldade inconsciente do homem dotado de todas as suas faculdades, para com aqueles que sofrem de alguma deficiência, é uma característica infeliz da natureza humana. Lá porque um homem é cego, os irreflectidos julgam-no também surdo e idiota. Fazem-lhe comentários depreciativos á sua frente e... a propósito, o ouvido de Bill, por uma espécie de compensação, é agudíssimo. Conhece o andar dos conhecidos, conquanto se tivesse deixado cair em dois erros flagrantes. Mas a verdade é que é difícil reconhecer um coxear de outro.

— Quando foi que começaste a desconfiar dele? — perguntei.

— Só quando vim a saber que Brown e Conway coxeavam também; então as possibilidades de erro tiveram de ser examinadas. Mas a minha primeira conversa com Bill, deixara-me num estado perplexo. Tu lembras-te de que eu lhe perguntei se ele sabia quem eram os homens que discutiam. Ele respondeu-me que não; que perguntara a Alvano. Desconfiei então que mentia... é peculiar entre os cegos reconhecerem fácilmente as vozes.

— Seja como for, tenho mais pena de Bill David do que do Swing — disse eu.

— Eu também — concordou Jimmie Lavender — conquanto tenha sido eu o culpado da morte de Swing. Não posso esquecer isso. Eu devia estar precavido contra a possibilidade de uma segunda arma. Quanto ao assassino, o Exército tem hospitais para doentes como o Bill.

Feiras internacionais

A C. P. e os Caminhos de Ferro estrangeiros concedem reduções em todas as classes aos visitantes das feiras internacionais a seguir indicadas:

AUSTRIA

Innsbruck (de 24 de Setembro a 2 de Outubro de 1960).

Graz (de 1 a 9 de Outubro de 1960).

SUÍÇA

St. Gallen (de 13 a 23 de Outubro de 1960).

Pedir esclarecimentos:

— na Secção de Informações na estação de Lisboa (Rossio);

— nas estações de Caminhos de Ferro habilitadas a vender bilhetes de serviço internacional.

C.C.N.

COMPANHIA COLONIAL DE NAVEGAÇÃO

PARTIDAS	DESTINOS
	LINHA DE ÁFRICA
«GANDA» 29 de Setembro	Com escala por **Leixões**, para: **Príncipe, S. Tomé, Ambriz, Luanda, Porto Amboim, Lobito** e **Moçâmedes.** Carrega em Lisboa até 27 de Setembro.
«IMPÉRIO» 7 de Outubro	Com escala por **Funchal**, para: **S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçâmedes, Cape-Town, Lourenço Marques, Beira, Moçambique** e **Nacala** (se necessário). Carrega em Lisboa até 4 de Outubro.
«UIGE» 19 de Outubro	Com escala prévia por **Leixões**, para **Luanda, Lobito** e **Moçamedes.** Carrega em Lisboa de 11 a 13 de Outubro.
«AMBOIM» 27 de Outubro	Com escala por **Leixões**, para: **S. Tomé** (se necessário), **Luanda, Lobito, Moçâmedes, Lourenço Marques, Beira, Moçambique, Nacala** e **Porto Amélia.**
	LINHA DA AMÉRICA DO SUL
«VERA CRUZ» 16 de Setembro 13 de Outubro (ás 12 horas)	Com escala por **Funchal**, para: **S. Vicente, Recife, Salvador, Rio de Janeiro** e **Santos.**
	LINHA DA AMÉRICA CENTRAL
«SANTA MARIA» 3 de Outubro (ás 18 horas)	Com escala por **Vigo** e **Funchal**, para: **Tenerife, La Guaira, Curaçao** e **Porto Everglades (Miami).**

Chama-se a atenção dos Srs. Passageiros para o que está regulamentado sobre transporte de bagagens

LISBOA : Rua de S. Julião, 63 — Telefs. 30131/8 — PORTO: Rua Infante D. Henrique, 5 — Telef. 23342

João Cândido Belo & C.ª L.da

VILA FRESCA DE AZEITÃO
PORTUGAL
Telef. 028029 028062 - 028078

A TRANSPORTADORA SETUBALENSE

Serviço publico de transporte de passageiros, na maior rede de camionagem do País.

220 viaturas percorrendo 25.000 quilómetros diários. Aluguer de autocarros para todo o País e estrangeiro

«BELOS» — AGENCIA DE VIAGENS E TURISMO
Av.ª 5 de Outubro, 52
Telef. 23291
SETUBAL — PORTUGAL

Excursões para todo o País e estrangeiro em autocarros de luxo.

Concessionários exclusivos de circuitos na ZONA TURÍSTICA DA ARRÁBIDA.

«CIRCUITO TURÍSTICO DA REGIÃO DOS 3 CASTELOS».

«CIRCUITO TURÍSTICO DA SERRA DA ARRÁBIDA»

CONSULTE OS NOSSOS PREÇOS, ITINERÁRIOS E CALENDÁRIOS DE VIAGENS.

Notícias
ainda não publicadas

Este menino despenteado, mas de olhar já imperioso, que caminha por uma estrada da Escócia, de máquina fotográfica na mão é nem mais nem menos do que o príncipe Carlos de Inglaterra, que acaba de fotografar, numa parada, o célebre batalhão da guarda negra

■ **Os serviços secretos britanicos tiveram informação, que reputam segura, de que o Governo de Pequim se propõe intervir, em breve, abertamente na guerra da Argélia. Os factos em que assenta a informação são os seguintes: Nas proximidades de Xangai estão a ser treinadas tropas especializadas na guerra do deserto; a ala extremista do G. P. R. A. domina agora, abertamente, a facção moderada que se opunha ao auxílio do bloco comunista sob a forma do envio de voluntários.**

■ **Só o general de Gaulle — é a opinião predominante nos círculos políticos de Paris — seria capaz, com a sua presença, de modificar as perspectivas de um desaire para a diplomacia francesa, na próxima sessão da assembleia da O. N. U., quando ali for tratada a questão da Argélia. O general até agora tem mostrado uma aberta relutancia em aceitar como boa essa tese dos seus colaboradores mais próximos.**

■ **Dos elementos categorizados do grupo antipartido que lutou contra a ascensão de Kruchtchev, alguns estão em paradeiro conhecido. Molotov instalou-se em Viena para o desemepnho de uma tarefa não relacionada com a utilização da energia atómica; Bulganine está gravemente doente, em Moscovo. Kaganovich vive em Leninegrado, onde se dedica a trabalhos históricos havendo quem diga que prepara as suas memórias. Shepilov é professor do Instituto de Ciências Económicas na capital soviética. De Malenkov não há, porém, notícias nem se conhece o seu paradeiro.**

■ **Numa recepção, há dias, na embaixada sueca em Moscovo, um categorizado elemento oficial da U. R. S. S. dizia a um diplomata ocidental:—«Não vejo bem o interesse que os senhores podem ter nas nossas divergências com a China. Essas divergências resumem-se, afinal, em pôr em prática o melhor processo de os eliminar a vocês».**

■ **Em Havana há uma numerosa colónia chinesa, a qual não cessa de manifestar o seu regozijo pela atitude do chefe do Governo cubano, Fidel Castro. Para os membros dessa colónia chegam, incessantemente, telegramas de saudação enviados de Pequim, nos quais figura a declaração de que a China acompanha, com o maior interesse, a luta do povo cubano contra os Estados Unidos. As saudações são, em geral, acompanhadas de extensos questionários para conhecer a situação pessoal de cada um dos membros da colónia chinesa em Cuba.**

■ **O conflito entre a Igreja Católica e o Estado polaco entrou de novo numa fase crítica, em seguida á visita que o cardeal Wyszynski fez ao santuário nacional de Czestochova, desobedecendo ás determinações expressas do Governo de Varsóvia. Este fez sentir ao prelado a sua hostilidade nas ultimas semanas, o que contribui para tornar mais difíceis do que no passado aquelas relações.**

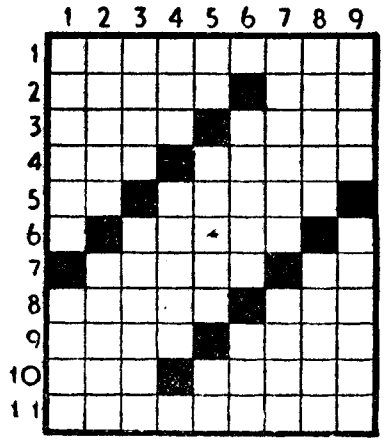
■ **As forças militares americanas, depois da ultima sessão do Congresso, foram aumentadas da seguinte maneira: mais dois porta-aviões, um para o Mediterraneo, outro para o Pacífico e dois navios cisternas; mais uma esquadra de 45 aviões «B-47»; um reforço de mil «marines» para o Extremo Oriente; duzentos milhões de dólares para melhorar o serviço de alerta. Estas medidas, aconselhadas pelos chefes melitares há já algum tempo, foram postas em prática com a sua aprovação calorosa.**

■ **A escolha do general americano Lemnitzer para a presidência do conselho dos chefes do Estado-Maior está já a produzir os seus efeitos. Aquele organismo começou a dar a maior importancia do que no passado ás forças e armas convencionais, o que pode dar lugar a uma transformação profunda nos planos estratégicos dos Estados Unidos.**

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVÉRBIO)

Problema n.º 2070



HORIZONTAIS: 1 — Quão grandes (fem.). 2 — Teças. Apelido. 3 — Lago salgado do Turquestão. Cinchos. 4 — Recusa. Esmalte preto. 5 — Doutor. Caverna. 6 — Peças que formam a circunferência da roda de um veículo. 7 — Frugal. Símbolo químico da platina. 8 — Espécie de junco (bras.). Parceiro. 9 — Tunda. Tulha subterranea. 10 — Gasta. Freguesia do concelho de Sátão. 1 — Prisões subterraneas.

VERTICAIS: — Em que ocasião. Peixe escômbrida do Algarve. 2 — Dar urros. Lábia. 3 — Nome de homem bíblico. Vagares. 4 — Logo que. Assinatura manuscrita ou gravada. 5 — Artiga definido. Jamais. Pedra de lagar. 6 — Espécie de andorinha. Senhor inglês. 7 — Edifício onde residem as mulheres do sultão. Mais mau. 8—Arriosca. Nome de uma das ilhas Canárias. 9 — Juízo. Fazer retumbar.

Solução do problema n. 2069

HORIZONTAIS: 1 — ÓDIO. Saca. 2 — Sadi. Uras. 3 — Risadas. 4 — Mal. POR. 5 — Azia. Lusa. 6 — Cr. AC. 7 — Roa. Val. 8 — Pó. Pua. Em. 9 — ÓDIO. Rasa. 10 — Marchante. 11 — Área. Mãos.

VERTICAIS: 1 — Os. más. Poma. 2 — Darás. Rodar. 3 — Idílico. Ire. 4 — Ois. Arapoca. 5 — Aí. 6 — Sud. Lavaram. 7 — Arapuca. Ana. 8 — Casos. Lesto. 9 — A's. Rás. Mães.

(Provérbio: ÓDIO POR ÓDIO).

(NOVA MODALIDADE)

Problema n.º 4116

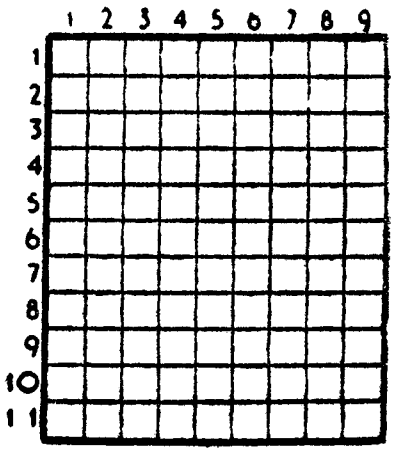
HORIZONTAIS: 1 — Cidade da Jugoslávia sobre o Theiss. Porção de barba que se deixa crescer nas partes laterais da face. 2 — Transmitir gratuitamente a outrem. Bagatela. 3 — Artigo definido. Genro de Maomé. Caminhar. 4 — Naquele lugar. 5 — Tempo do verbo ir. Preposição. 6 — Plantio de castanheiros. 7 — Antes de Cristo. Acredita. Artigo indefinido. 8 — Atraiçoei. Plano. 9 — Gemido. Despida. O mais. 10 — Nome dos governadores árabes de territórios da Península Hispanica. Moeda italiana. 11 — Ficou pateta. Grande quantidade.

VERTICAIS: 1 — Nome do primeiro homem. Assassinava. 2 — Contracção de preposição e artigo (pl.). Gerar. 3 — Palavra céltica que quer dizer água corrente e que se dá a um grande numero de rios. Contracção de preposição e artigo (pl.). Vê. 4 — Razão. 5 — Tecido fino como escumilha. Cidade da antiga Caldeia. 6 — Situado num só lado. 7 — Seguia. Prendo. Prefixo de negação 8 — Quatrocentos e um em romano Praticara. 9 — Ilha situada no Pequeno Belt. Afiar.

Solução do problema n.º 4115

HORIZONTAIS: 1 — Mães. Mar. 2 — Legal. 3 — Nd. Ras. Em 4 — Tonel. Ala. 5 — Areia. Mor. 6 — Gamão. 7 — Aia. Atrás. 8 — Per. Ruana. 9 — In. Ter. Ar. 10 — Lesão. 11 — Pau. Ruia.

VERTICAIS: 1—Minta. Ápia. 2—Dor. Ien. 3 — El. Negar Lã. 4 — Sereia. Teu. 5 — Galamares. 6 — Mas. Aturar. 7 — Al. Amora. Ou. 8 — Elo. Anã. 9 — Amar. Sarça.



SRS. CAMIONISTAS

Rigorosas pesagens de camiões. R. Maria Pia, 624 — ao Arco do Carvalhão.

Diario de Lisbôa

De uma seman

DIA 3

EM PORTUGAL — Uma nota oficiosa do S. N. I. desmente o boato de tropas belgas se encontrarem nos arredores de Noqui, em Angola, prestes a invadir o território do Congo. ✻ Técnicos portugueses e brasileiros das Jornadas de Engenharia Civil estiveram na C. M. L. a apresentar cumprimentos. ✻ O ministério das Finanças anuncia facilidades de crédito aos produtores de trigo. ✻ No encerramento do Congresso do Cimento, o sr. António Champalimaud sugeriu a criação dum organismo europeu fomentador do uso do cimento e do betão. ✻ Em Viseu foi inaugurada a Feira de S. Mateus. ✻ O ministro das Obras Publicas inaugurou vários melhoramentos, em Chaves.

NO ESTRANGEIRO — Tschombé defendeu em Elizabetheville a solução federativa para o Congo. ✻ O presidente Kubitschek de Oliveira telefonou ao presidente da Argentina, Frondisi, dando-lhe todo o apoio no ataque de ministros de Fidel Castro.

DIA 4

EM PORTUGAL — Começou a época de futebol, com os primeiros desafios da Taça de Honra: Atlético,3-Sporting, 2; Belenenses. 5-Benfica, 0. ✻ Regressou a Lisboa, da sua visita oficial á Madeira, o sr. ministro das Comunicações. ✻ A Lisboa chegaram muitos historiadores e homens de letras para o Congresso dos Descobrimentos. ✻ Em Manteigas foi inaugurado novo pavilhão do Hospital. Presidiu o sr. subsecretário das Obras Publicas.

NO ESTRANGEIRO — Em La Rabida, o sr. ministro da Educação proferiu o discurso de encerramento da Semana Henriquina. ✻ Terminaram as conferências entre de Gaulle e Fanfani sobre a coordenação política ocidental. Fanfani regressou de Paris a Roma. ✻ Em França voltou a reacender-se o terrorismo argelino. ✻ O general Oliver K. Niess, director dos Serviços de Saúde da Aviação americana, disse em Roma que um astronauta Mercurio subirá no ar antes do fim do ano. ✻ Em Madrid, o Real Madrid venceu o Peñarol, de Montevideu para o Campeonato do Mundo de Futebol.

DIA 5

EM PORTUGAL — Em Lisboa, na Assembleia Nacional, efectuou-se a sessão de abertura do Congresso dos Descobrimentos. ✻ Foram inauguradas as Jornadas Luso-Brasileiras de Engenhaira Civil. ✻ Em Luanda, o prof. Paulo Cunha falou do «Caso Africano». ✻ Os «Amigos de Lisboa» visitaram as escavações do Hospital de Todos os Santos, na Praça da Figueira. ✻ Portarias do Secretariado-Geral da Defesa Nacional unificam os comandos militares das províncias de Angola e Moçambique

NO ESTRANGEIRO — No Congo o presidente da Republica, Kasavubu, demitiu o presidente do ministério, Lumumba, que não acatou a decisão. ✻ De Gaulle afirmou em Paris que o objectivo do bloco comunista é intimidar o Ocidente. ✻ Senghor foi eleito presidente da Republica do Senegal. ✻ A Santa Sé desmentiu a notícia de que o rei Balduíno iria tornar-se monge trapista.

DIA 6

EM PORTUGAL — No Congresso Internacional dos Descobrimentos, o sociólogo Gilberto Freyre exaltou a política social dos Portugueses. ✻ Perto de Sintra um grande incêndio destruiu 200 hectares de arvoredo. ✻ Em Riachos, próximo de Torres Novas, um fogo destruiu a

Comentário Internacional

O discurso do general
e as suas sugestões

O general de Gaulle aproveitou a sua conferência de Imprensa na segunda-feira para fazer algumas sugestões que não tiveram o mérito da novidade. Tudo o que disse era, mais ou menos, sabido. Em lação á guerra da Argélia, da Europa, da Africa e da aliança atlantica, reeditou os seus conhecidos pontos de vista. Fê-lo, porém, num tom intencionalmente agreste e revelador do seu desapontamento compreensível. Ao tomar conta do poder, em Juuho de 1958, certamente previa perspectivas mais animadoras para a sua acção do que aquelas que o presente lhe oferece nos planos interno e internacional. Nada custa constatar que, no seu caso, as realidades dominam há algum tempo, as aparências criadas pelo seu extraordinário poder de expressão verbal, quer se trate da palavra falada ou escrita.

As suas declarações sobre a guerra da Argélia foram — é o menos que pode dizer-se — decepcionantes. Em vésperas da assembleia geral da O. N. U. onde o caso será mais uma vez discutido, a França pode encontrar-se numa posição desfavorável (a habitual moção afro-asiática tem sérias probabilidades de reunir os dois terços de votos que nas sessões precedentes não conseguiu) o general de Gaulel, ao contrário do que se esperava, não esboçou uma nova manobra dilatória como aconteceu em 1958 e 1959, o ano da autodeterminação. Assim a assembleia geral da O. N. U. será chamada a pronunciar-se sobre o pedido dos argelinos para a realização de um referendo sob a fiscalização do organismo internacional.

Se a decisão lhe for desfavorável, a França, tal foi a promessa do general de Gaulle, não a aceitará e está preparada para lhes oper uma atitude decidida. Em que pode traduzir-se essa oposição? Estará o general decidido a correr o risco de abandonar a O. N. U., o que acarretaria para a França sérios inconvenientes entre os quais o de renunciar ao direito de veto no Conselho de Segurança, o que é um dos melhores trunfos da diplomacia francesa? Nada menos provável apesar das suas categóricas declarações. Além disso seria dar aos rebeldes um plataforma que lhes permitiria receber, sem limitações, o auxílio dos países dos blocos comunista e afro-asiático sem excluir o auxílio em voluntários com o declarado apoio da Tunísia que não deixaria de tomar abertamente partido pela sua causa.

Mas a posição tomada pelo general de Gaulle na questão da Argélia oferece ainda outro risco que não é menor do que o anterior. Que atitude adoptarão os países africanos da Comunidade Francesa quando se proceder á votação da moção afro-asiática sobre a Argélia na assembleia da O. N. U.? O dilema perante o qual os novos Estados nessas condições estão colocados é difícil e põe em risco a sua independência de fresca data. Votar contra a França seria pôr termo á Comunidade, cuja fragilidade se tornou evidente de há meses a esta parte, mas votar contra a moção dos rebeldes argelinos seria — o perigo ainda é maior — alienar a simpatia dos outros Estados Africanos que não lhes perdoariam essa falta a solidariedade continental que reivindicam.

Os votos desses jovens Estados africanos, circunstancia que não pode perder-se de vista, decidirão da sorte da moção afro-asiática a qual sem eles não conseguirá os dois terços de votos a que os seus inspiradores esperam. Finalmente, nada se sabe sobre a posição que tomará no debate a delegação americano, dadas as especiais responsabilidades dos Estados Unidos no futuro do continente africano. Nesta altura o discurso do general de Gaulle tornou delicada a missão da diplomacia americana, com as suas sugestões para a reforma da aliança atlantica, em termos que em Washington sempre se recusaram a perfilhar. Esta dificuldade veio a somar-se áquelas que já se deparavam ao chefe do Estado francês para a realização dos seus objectivos que são, fundamentalmente, pôr termo ao conflito argelino e valorizar a posição da França atribuindo-lhe um papel que até agora foi recusado pelos seus aliados ocidentais.

... para a outra

REVISÃO HEBDOMADÁRIA DE FIGURAS E FACTOS

maior fábrica de alcool de Portugal. ✻ Em Entre-os-Rios caiu um avião da Força Aérea, ficando feridos o piloto e o mecanico. ✻ Faleceu o repórter fotográfico Serra Ribeiro.

NO ESTRANGEIRO — No Congo o primeiro-ministro Lumumba continua a atacar o presidente da Republica, Kasavubu. ✻ O Governo holandês defendeu a internacionalização da Nova Guiné ✻ Em Moscovo apareceram dois funcionários americanos desaparecidos em Junho, de Washington. ✻ Fidel Castro expropriou em Cuba uma importante firma açucareira americana.

Dia 7

EM PORTUGAL — Os srs. presidente da Republica e do Conselho visitaram a Exposição Henriquina. ✻ No S. N. I. foram criadas as direcções de Informação e de Turismo. ✻ Em Macau foi homenageado D. Policarpo da Costa Vaz, novo bispo da Guarda. ✻ Nos jardins do Palácio das Necessidades, o ministro dos Estrangeiros ofereceu uma recepção aos congressistas dos Descobrimentos. ✻ Na serra da Carregueira um grande incêndio foi combatido por 800 bombeiros.

NO ESTRANGEIRO — Em Leopoldville, o parlamento nomeou uma comissão de medianeiros para solucionar o litígio entre Kasavubu e Lumumba. ✻ Eisenhower disse que só se avistaria com Kruchtchev depois de libertados os aviadores americanos do avião abtido pelos russos. ✻ Faleceu em Berlim o presidente da Alemanha Oriental dr. Wilhelm Pieck ✻ Mamadu Dia, eleito chefe do Governo do Senegal, disse que a independência deste país é irreversível.

Dia 8

EM PORTUGAL — Portugal foi convidado a participar na Feira Internacional de Nova York. ✻ Para o México partiu o sr. ministro da Marinha onde foi chefiar a missão portuguesa comemorativa da independência daquele país. ✻ Em Linhó e no Casal das Bernardos, na linha de Sintra, houve violento incêndio que destruiu muitas árvores. ✻ Regressou a Lisboa o dr. Pedro Teotónio Pereira, ministro da Presidência, que foi operado em Londres.

NO ESTRANGEIRO — No Governo da Venezuela declarou-se crise, tendo-se demitido o ministro dos Negócios Estrangeiros. ✻ Cientistas franceses efectuaram no Sueste do Saará, três explosões atómicas. ✻ O comando das Nações Unidas no Congo decidiu encerrar os aeródromos do Katanga. ✻ Oviões soviéticos sobrevoaram o estado de Alasca.

DIA 9

EM PORTUGAL — Os participantes no Congresso dos Descobrimentos visitaram a Batalha. ✻ No Porto naufragou uma traineira, tendo sido recolhida a tripulação. ✻ Para Goa partiram os participantes de um curso de aperfeiçoamento de Medicina Tropical.

NO ESTRANGEIRO—Lumumba proclamou-se chefe das forças armadas da Republica do Congo. ✻ O Estado da Katanga anunciou que as tropas de Lumumba invadiram esse território.

...e agora, na Argentina, Ramon Gomez de La Serna, o escritor espanhol que no Estoril residiu numa casa que ele próprio mandou construir e a que deu o nome de «El Ven-a n a l». Ramon, que da sua tertulia madrilena do ex-into Café Pombo lançou os famosos manifestos vanguar-distas, reside actualmente em Buenos Aires e ali foi, agora, uma missão espanhola levar-lhe o Prémio «Juan Palomo», recentemente conferido á ima-inação das suas «Greguerias», ao seu depurado rigor esti-lístico

CAFÉ CORUJA

Restaurante típico

Coruche — Telefone 114

Pratos regionais
Caldeirada á Sorraia
Ensopado de Enguias
Filetes á Marisqueira
Lombo de Porco no Espeto
Frango de Caril á Coruja
Bifes de Vaca na Caçoula
Cabrito á Moda da Casa

Todos os domingos ranchos folclóricos e fandanguistas da região

(6 anos)

Os cães de luxo e os cães vadios

Não é só na América do Norte que se observam extravagantes caprichos por parte dos pródigos que dedicam os seus carinhos — e os seus milhões — á felicidade dos cães, tornados objectos de luxo.

Em Joancsburgo, por exemplo, os gastos com esses bichos de estimação ascendem, anualmente, a cerca de dois milhões de libras. O numero desses amimados cachorros registados na Camara Municipal ascende a 48 770. Com as licenças, coleiras, algumas de oiro cravejado de diamantes, as dietas e guloseimas, conforto, higiene, atenta vigilancia veterinária, etc., consomem-se os tais dois milhões de libras.

Na mesma opulenta cidade, há cerca de 1300 cães vadios, dos que «não têm coleira, nem pagam imposto» e estoiram de fome ou são abatidos nos canis municipais.

Não deixam de impressionar tristemente, estes contrastes, mesmo tratando-se de cães, pois acentuam, por um lado, a indiferença desapiedada para com irracionais desprotegidos, e por outro aquele excesso lamentável de ternura, dos que tanto estimam os animais esquecendo-se dos homens, como lamentava o padre Manuel Bernardes, castigando os que «roubam o amor a Deus e o põem nos cães e noutros brutos animais».

PIANOS

Verticais e de Cauda

ALUGAM-SE

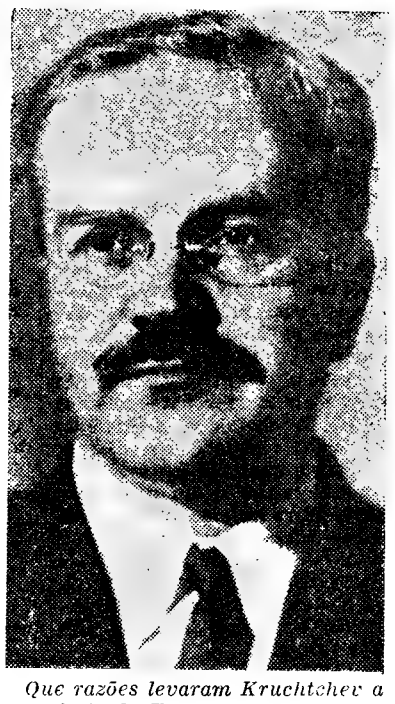
Est. Valentim de Carvalho, Lda

95, Rua Nova do Almada, 99

LISBOA

FIGURA DA SEMANA

Viacheslav Molotov



Que razões levaram Kruchtchev a transferir do Extremo Oriente para a mais europeia das capitais ocidentais o seu arqui-inimigo? Ponderosas razões, decerto, imperaram no seu espírito ás quais não foi estranha a identidade de vistas sobre o problema da coexistência entre o antigo e intratável colaborador de Estaline e os dirigentes de Pequim. Molotov aos setenta anos, nada perdeu do seu ardor revolucionário e a Mongólia Exterior era um posto ideal para os seus contactos com os agentes de Mao Tse Tung empenhado numa luta ideológica intransigente com o actual chefe do Governo soviético. Este, apesar de tudo, continua fiel á sua tese de que é preciso encontrar uma plataforma de entendimento com as nações ocidentais o que, da sua parte, corresponde a uma ideia incessantemente proclamada desde que foi escolhido como sucessor do ditad r soviético que fez a grandeza da Russia ac.siste, oficialmente, e chefia a tual.

Molotov tal foi a declaração feita á sua chegada a Viena, nada tem com a Embaixada da U. R. S. S. na capital austríaca. A sua missão deve considerar-se á parte e os jornalistas foram prevenidos de que naquele posto diplomático é inutil procurar informações sobre a sua situação e sobre a natureza da missão que lhe foi confiada a qual consiste, oficialmente, em che chefiar a delegação do seu país junto da Agência para Energia Atómica (organismo internacional para estabelecer a colaboração dos diversos países para a utilização pacífica da energia nuclear.

Trata-se de um ressuscitado que regressa á actividade política com as honras correspondentes ao seu passado, aos seus serviços e á sua categoria no Estado soviético e no partido comunista? Ou trata-se da preparação de qualquer surpresa nesse domínio, á qual Kruchtchev queira dar o realce de uma grande decisão? São estas as hipóteses mais frequentemente formuladas e aquelas que parecem mais verosímeis no estado actual da política russa e da política internacional.

SINTRA ESPERA-O

NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os

COMBOIOS ELÉCTRICOS

27.920 passageiros marítimos *no porto de Lisboa* no passado mês de Julho

Conforme os dados fornecidos pelo boletim mensal da Administração-Geral do Porto de Lisboa, entraram, neste, no passado mês de Julho, 412 navios (abstraídos os da pesca costeira), com a arqueação bruta total de 1.467.621 toneladas, ligeiramente inferior á de Junho (1.536.186); o movimento total de mercadorias, foi de 458.292 toneladas, das quais 298.696 desembarcadas e 159.596 embarcadas, contra 456.781 no mês anterior; a movimentação de passageiros marítimos foi de 27.920, sendo 7.441 embarcados, 6.451 desembarcados e 14.028 em transito ,superior á de Junho (22.387); o tráfico de passageiros fluviais,, com exclusão da carreira Terreiro do Paço-Barreiro, afecta ao movimento ferroviário, elevou-se a 1.755.641, superior ao do mês precedente (1.534.069); e a receita corrente foi de 8.658 contos, superior á de Junho (7.075 contos).

Apontamentos de linguística e pitorescos da linguagem

Elogio da língua portuguesa

Na sua «Corte na Aldeia», Francisco Rodrigues Lobo, grande poeta bucólico que mereceu o epíteto de Teócrito Lusitano, fez o elogio da língua portuguesa em termos tão expressivos e acertados que vale a pena reproduzir aqui essa sua síntese. Por muito que ela possa já ter sido divulgada entre o povo, nunca o será de mais.

«A nossa língua portuguesa é branda para deleitar, grave para engrandecer, eficaz para mover, doce para pronunciar, breve para resolver, e acomodada ás matérias mais importantes da prática e escritura.

«Para falar é engraçada, com um modo senhoril. Para cantar é suave, com um certo sentimento que favorece a musica.

«Para pregar é substanciosa, com uma gravidade que autoriza as razões e as sentenças. Para escrever cartas, nem tem infinita cópia que dane, nem brevidade estéril que a limite. Para histórias nem é tão florida que se derrame, nem tão seca que busque o favor das alheias. A pronunciação não obriga a ferir o céu da boca com aspereza, nem arranca as palavras com veemência do gargalo. Escreve-se da maneira que se lê e assim se fala.

«Tem de todas as línguas o melhor: a pronunciação da latina, a origem da grega, a familiaridade da castelhana, a brandura da francesa, a elegancia da italiana. Tem mais adágios e sentenças que todas as vulgares, em fé da sua antiguidade. E, se á língua hebreia pela honestidade das palavras chamaram santa, certo que não sei eu outra que tanto fuja de palavras claras em matéria descomposta, quanto a nossa.

«E, para que diga tudo, só um mal tem, e é que pelo pouco que lhe querem os seus naturais, a trazem mais remendada do que capa de pedintes».

Nem tudo isto será verdade rigorosa e o amor porventura terá inflado alguns dos encómios de Francisco Rodrigues Lobo, mas estão eles tão lindamente postos em razão que mais nos apraz repeti-los do que criticá-los...

Idiotismos

Nada tem que ver *idiotismos* com *idiotices*. *Idiotismos* são as peculiaridades linguísticas que caracterizam um idioma em confronto com outros. As gramáticas normativas definem como tais as construções vocabulares e frasais sem equivalência em traduções e que não se prestam a exame lógico, mas que estejam consagrados pela tradição. Resultam, regra geral, os idiotismos, de fenómenos de analogia ou de atracção vocabular. Exemplos: *dar ás de Vila-Diogo, crescer a olhos vistos.*

O termo *idiotismo* provem de *idiota*, que, no sentido etimológico (do grego *idiotes*), quer dizer *particular, individual.* Outra forma, que alguns gramáticos preferem, é *idiomatismo*, derivado de *idioma.*

TIRA-TEIMAS

VENDA DE CORTIÇA

A Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses aceita propostas até ás 16 horas do dia 21 de Setembro de 1960, para a venda da cortiça extraída dos seus sobreiros, no corrente ano, a qual se encontra depositada nas estações compreendidas nas seguintes linhas, num total de 4800 arrobas:

Linha do Norte (Fátima, Caxarias e Pombal).

Linha de Leste (Entre Barquinha e Santa Margarida).

Linha do Sul (Entre Funcheira e Pereiras).

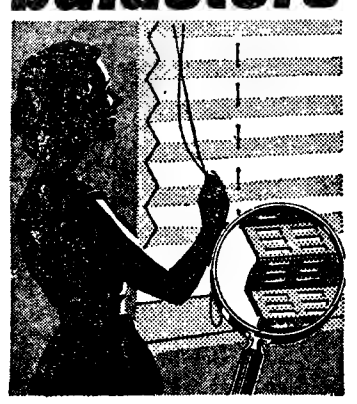
Linha do Sado (Entre Mouriscas e Monte-Negro).

As condições de venda encontram-se patentes naquelas estações e na Divisão de Via e Obras — Plantações — em Santa Apolónia — Lisboa, onde será prestada qualquer informação.

Abrigue-se do Sol... pelo preço da chuva!

ADQUIRA UM

balastore



O estore mais económico do Mundo, que você próprio pode colocar em 10 minutos

BALASTORE CUSTA POUCO E DURA MUITO!

LISBOA — Telef. 45676-732444

PORTO — Telef. 40303

"DOMUS"

Sociedade Cooperativa de Construções

S. C. R. L.

AV. BARBOSA DU BOCAGE, 98-1.°-Dt.° — LISBOA

TELEFONE 766778—768220

Comunica aos Ex.mos Sócios que se encontra aberta até 15 de Outubro próximo, a inscrição para as habitações a construir em Lisboa em regime de propriedade horizontal.

Podem ainda inscrever-se sócios efectivos para as poucas vagas existentes na Cooperativa.

O RISO DA SEMANA

O BEIJO

HÁ uma infinidade de qualidades de beijos.

Há-os longos, há-os rápidos, há-os aéreos, há-os furtados, há-os consentidos; há-os silenciosos e com estrondo, há-os por gosto e por obrigação e há-os até diplomáticos, que constituem a sublimação do beijo dado aos herois.

Há beijos que se vendem nas tombolas de caridade e até a caridade dos beijos que se dão por favor, porque pareceria mal não dar, como é o beijo que se dá na mão encarquilhada da velhinha octogenária que, tanto quer saber de quem lho dá, como quem lho dá quer saber a quem o deu. E' uma espécie de beijo protocolar e sem consequência.

Mas, voltando atrás, volvamos ás várias espécies de beijos.

Vai falar um homem velho que tem uma larga experiência dos beijos que deu e ainda mais dos que não deu, porque esses seriam sem duvida os melhores, os mais suculentos, os mais saborosos, os mais beijos, os que nunca mais esquecem. Os dados esquecem logo; já estão gastos; já serviram, cumpriram a sua missão e vão repousar na eternidade do esquecimento.

O beijo longo, demorado, é por exemplo o das fitas de cinema que vai até o fundo da alma, o beijo que vai e fica, ao contrário do beijo rápido, o beijo dado de fugida, ao escapulir de quem o recebe e das pessoas que o podiam ver, que é o que se poderia chamar o beijo de ida-e-volta. (E se volta, digamos, chega ás vezes a dar volta a muita cabeça).

O beijo seco é o beijo familiar de pais para filhos e de filhos para pais, o beijo entre irmãos; o beijo que se dá na avó; o beijo mais inocente que existe, insulso, o beijo-obrigação. E' assim como quem diz: — Bons dias, passou bem a noite, ou então, adeus, até mais logo.

O beijo molhado, esse, entra no seio de todas as famílias. Dá-se de manhã e á noite, dá-se a todas as horas, e é muito mais cuspo do que beijo. E' o beijo do menino pequenino que o há sempre em todas as famílias:

— Zéquinha dá um beijo a este senhor.

E o Zéquinha, que é muito humido, muito suculento, lambuza-nos de cuspo desde a ponta do queixo até o occipital, deixando-nos por vezes na fronte resíduos do palito «La Reine» que estava deglutindo.

O beijo aéreo pode ser de duas espécies: o beijo que se dá respeitosamente na mão da senhora a quem nos apresentam, um beijo que não quer beijar, e fica no ar, não chegando a aterrar na macia cutis da dama, do nosso maior respeito, que não é, que nunca foi nosso porto de escala.

Quanto a mim, todos os beijos são bons e é sempre bom ir aproveitando o que aparecer, porque entre todos os beijos que se nos oferecem, sempre pode aparecer algum que nos interesse, algum que tenha gosto, porque os beijos, como todas as coisas da boca, também têm o seu paladar.

A outra espécie do beijo aéreo é, sem duvida, a mais cómica, a mais convencional, a que entra no domínio das cortesias á antiga portuguesa, porque não chega a realizar-se: é o beijo de duas senhoras que se cumprimentam, encostando duas vezes as bochechas, primeiro dum lado e depois do outro, e deixando expelir um ligeiro sibilar de vento que, se não é, chega a parecer os «Sons que passam» da mimosa poesia do mimoso poeta-conselheiro sr. Tomás Ribeiro.

Há também os beijos furtados, mas esses quase que não têm história, sabido como é que ninguém se atreve a roubar um beijo a uma rapariga sem quase já ter a antecipada certeza de que o espera um bom acolhimento e de aí a grande dificuldade que há em distinguir os furtados dos consentidos, que são, fundamentalmente a mesma coisa.

Resta-nos ainda falar dos beijos silenciosos e dos beijos com estrondo.

Silenciosos são os da mãe que adormece o filho, do marido que vai esperar a mulher á saída do seu emprego, beijos inocentes, sem intenção, sem força, sem graça, beijos porque sim, beijos que se dão porque não se podem vender e, se se vendessem, ninguém os quereria.

Há, porém, outra qualidade de beijos, que até merece por vezes aos entendidos, a carinhosa designação de «beijinho»: o beijo que se dá sem boca e para o qual são precisos apenas um automóvel e um candeeiro, um muro, outro automóvel, ou qualquer obstáculo: — Brrrum! Já está!

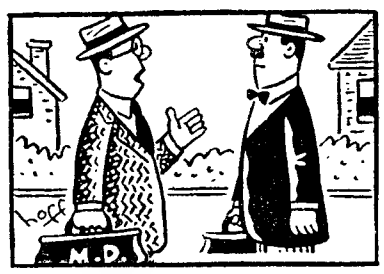
Este é o mais vulgar, beijo do nosso tempo, o beijo «up to date», o beijo tão cheio de actualidade como o «Eco 1». E que eco que eles ás vezes fazem!

Destes há uns que acabam ou no hospital ou na morgue.

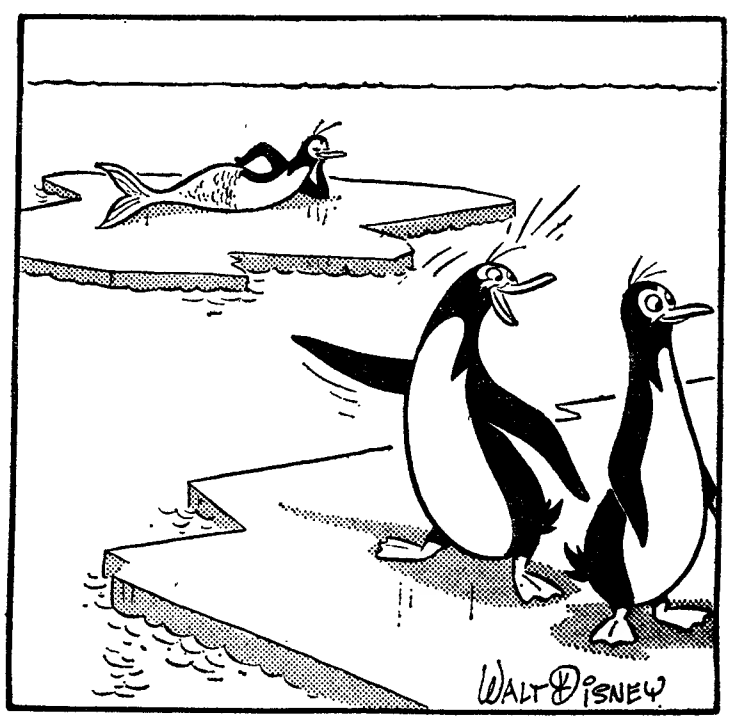
E, finalmente, há ainda o beijo de Judas, mas nesse é melhor não falar; não vá dar-se o caso de o estarmos a dar ou a receber exactamente no momento em que falamos. Demais, para esse há sempre uma solução. E há por aí tanta figueira.

A. F.

Entre médicos



— Quando algum dos meus doentes se esquece de pagar a conta, prescrevo-lhe licores, tabaco, doces e fitas nacionais.



— Carlos! Uma sereia!

Tudo se descobre

Era um freguês que sempre tomava ovos quentes, mas só os queria de galinha branca e um dia encontrou um pinto já com penas pretas dentro de um daqueles que lhe serviram.

Chamou o criado e disse-lhe:

— Leve isto daqui. Já sabem que eu só quero ovos de galinha branca e esse é de galinha preta.

Resposta do criado:

— Está V. Ex.ª enganado. A galinha era branca. O galo é que era preto.

Raciocínio lógico

Os homens célebres antigos eram por força muito estupidos porque nunca vi nenhum monumento que dissesse: «A' inteligência de F. de Tal». E' sempre: «A' memória de Fulano e de Cicrano».

E' porque eles decoravam tudo e isso não tem valor nenhum, segundo se ensina na instrução primária.

ALTA FILOSOFIA

Não há maior preconceito do que o do sujeito que está convencido que o não tem.

Não há maior delicadeza do que não ouvir os insultos que nos dirigem. Delicadeza e comodidade.

Espertalhão

— Você é capaz de saber, antes de começar o desafio, qual é a marcação?

— Sei.

— Ah! sabe? Então diga.

— Zero a zero.

Coimbra, nobre cidade
De estudantes foliões
E de praxes doutra idade
Dentro de bem pouco há-de
Ser apenas tradições.

Tem ruas, tem avenidas,
Altos palácios modernos,
Mas em breve estão perdidas
Aquelas pedras partidas
Que se julgavam eternas.

Toda Coimbra há-de ser,
Para a nova mocidade,
Que ainda está por nascer,
Como p'rá que vai morrer,
Só Penedo da Saudade,

Vai ter tudo que é preciso
A' sua Universidade,
Mas jamais terá o riso
Do perfeito Paraíso
Que foi aquela cidade,

Vai ser toda um monumento
No qual a ciência timbra
Mas nem só por um momento,
Digo-o aqui com desalento,
Torna mais a ser Coimbra!...

ALFREDO FRANÇA

(antigo escolar de leis)

CASAMENTO E SARILHOS

— Tomará já que a minha filha se case, para haver sossego nesta casa, dizia aquele pai aflito pelos sarilhos que ela lhe arranjava. O marido que a ature.

Um dia a filha casou-se, pouco depois zangava-se com o marido e vinha desabafar para casa do pai.

E assim, verificando aquele pobre pai que não se tinham acabado nem os sarilhos nem a filha, fez com que ela se divorciasse.

Ficou com a filha mas sem os nôvos sarilhos que tinham resultado do casamento.

A moralidade desta história é que mais valem os sarilhos de uma filha solteira do que os de uma filha casada, porque a solteira tem sempre uns sarilhos a menos — os sarilhos com o marido.

INTIMIDADE

— Tu estás a preparar-te para te deitares, ou para um concurso de beleza?

Perguntar por perguntar

Em casa do Gomes de Sá nunca comem bacalhau cozido?

As ameijoas á Bulhão Pato são em verso?

Em dias de temporal você tenta desfazer-se do seu?

Uma pessoa que está morta de sono tem que ressuscitar?

O pára-raios é uma coisa que realmente faz parar os raios, ou, pelo contrário, serve para os fazer andar para debaixo da Terra?

Falar com o coração nas mãos não é uma grande porcaria?

Um gato que passa por cima de brasas é coelho assado?

A pesca

A pesca será um trabalho? Há quem diga que sim, mas eu todas as vezes que vou á beira mar só vejo uma data de homens de cana em punho e sem fazer nada. Então aquilo é trabalhar? Se é não sei porque diabo é que há tanta gente sem fazer nada. Há lá melhor vida do que aquela!...

O doente de gota

O homem estava muito mal e o médico era muito distraído.

Ao terminar a consulta o doente perguntava se poderia tomar banhos de mar, sem inconveniente para a sua gota:

— Pode, sim, pode; que diabo de mal pode fazer ao mar uma gota a mais.

Liberdade de pensamento

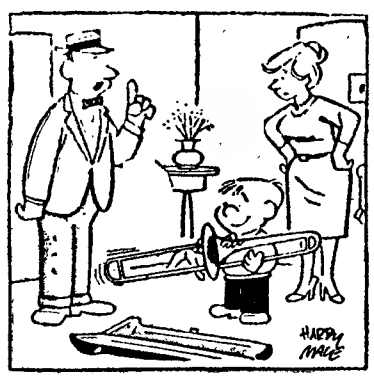
Na Russia toda a gente pode ter as suas opiniões e dizer o que pensa, alto e bom som, se tiver coragem para isso.

Bom reclamo

Era uma bela pensão numa das mais modernas avenidas. A' porta da rua tinha um grande cartaz que rezava assim:

Hospede-se aqui. Não queira ser roubado noutra parte.

O brinquedo



— Não é brinquedo; é um instrumento muito caro. E eu quero que aprendas a tocar nele só enquanto eu estiver no escritório...

Rigorosamente à moda

A mulher veste-se sempre rigorosamente conforme as estações.

Daqui a pouco, por causa do frio, apresenta-se já com fatos de lã, cujas saias ficam por cima dos joelhos e cujos decotes vão até abaixo deles.

Terrível equívoco

Aquele grande conquistador foi atrás da rapariga que acabava de sair do Instituto de Beleza e, quando ia para lhe falar, verificou que era a sua avó que tinha ido fazer um grande tratamento para rejuvenescer.

Pergunta biológica

— Em que se parece um carro eléctrico com um coração de mulher?

— Em que há sempre lugar para mais um.

O ÚLTIMO JUSTO

André Schwarz-Bart

GABRIEL d'Anbarède que entrevistou, para «Les Nouvelles Littèraires», o romancista André Schwarz-Bart por ocasião de lhe ser concedido o «Prémio Goncourt» confessou que das muitas dezenas de escritores consagrados ou estreantes, glórias celebradas ou glórias futuras, que entrevistara, ninguém lhe deixara uma tão forte impressão de autenticidade como o autor de «O Último Justo». Não era só a subtil ironia da raça judaica, a aceitação melancólica do sofrimento, uma grande delicadeza de expressão, que davam a André Schwarz-Bart, o operário, o resistente, o autodidata, o romancista, uma presença insinuante, na qual a bondade e a inteligência se fundiam, como, na história do seu povo e na sua obra, se fundiam as lágrimas e o sangue, era, também, a justeza de tom, a simplicidade pessoal e o domínio da língua e de todos os seus recursos que faziam de André Schwarz-Bart um escritor diferente e autêntico.

Durante quatro anos, a braços com as maiores dificuldades materiais, André Schwarz-Bart, sacrificando á paixão de escrever a sua profissão, o estudo, a que se devotara e a própria vida, trabalhou no romance «O Último Justo».

Este romance conquistou um lugar na literatura contemporanea para André Schwarz-Bart. É do romance «O Último Justo» o trecho que oferecemos aos nossos leitores.

Ernie arrastou-se todo o Inverno de 1942 ao longo do vale do Ródano, subindo o curso de um mistral furioso nessa estação cujos sopros uivantes, de noite, se confundiam estranhamente com o vento áspero, sombrio e também uivante que lhe varria o cérebro ferido. A sua alimentação de Marselha tinha-o encorpado; fácilmente achava trabalho nos campos desvirilizados pelos Stalags. Este período foi como um buraco negro da sua vida. Sistemáticamente cultivava em si os instintos mais baixos. Por vezes batia-se como um animal. O seu objectivo, embora não formulado, era o de impedir qualquer infiltração de luz no buraco. Um dia olhou-se com surpresa ao espelho. Ficou satisfeito por verificar que o seu antigo rosto, de qualquer modo, ficara pendurado no pequeno patíbulo de Marselha. Todos os elementos que compõem ordinàriamente um rosto: nariz, boca, olhos, orelhas, se encontravam no dele inteirinhos e com a aparência habitual: mas, em conjunto, não lhe moldavam uma cara humana. Pareciam desligados uns dos outros, e o falecido Ernie Levi suspeitou mesmo que poderia usar indiferentemente as orelhas no lugar dos olhos e estes, por exemplo, na boca de sombra das narinas.

Pelo S. Silvestre foi dar a uma herdade governada pela mulher de um prisioneiro, a qual, do alto da sua fraqueza, dirigia como que de chicote na mão os destroços que a invasão episódicamente lhe outorgava. Numa mulher demasiado fraca para dominar o seu destino, e demasiado exigente para a ele se resignar, a fraqueza não raro se transforma em perfídia. A sr.ª Trochu alcançara certa independência depois da reclusão do marido, respirava um pouco, via-se mesmo como um ser livre, e, entre duas encomendas para a Alemanha, dormia com todo o bicho-careta que trabalhava para ela, enquanto ia esperando o regresso do homem que agora saberia domesticar, se não a matasse primeiro. Era uma provençal de olhos de uva ácida e preta, de boca áspera; mas toda ela paradoxalmente esculpida numa matéria de gelo e de fogo. Ao primeiro olhar, Ernie julgou que ela não seria capaz de o fazer sonhar; por isso fitou-a sem receios e logo a fez ficar presa pelo beicinho. Todo entregue ás suas carnes em sangue, o nosso homem deixou passar um tempo precioso; depois ela ordenou, e ele não teve outro remédio senão ceder.

Como não sentia a mais pequena inclinação por ela, o falecido Ernie Levi a si mesmo se impôs a penitência de lhe testemunhar uma paixão herculea, cujas manifestações ela recebia sem as examinar. Era uma alma modesta e moldada de tão estranha maneira que não via no amor senão as provas do amor, embora repetidas; chamavam-lhe a Glutona. Ser-me-ia fácil mostrar que, como o falecido Ernie Levi administrava a prova e a sua pouco exigente mastrança nela se fiava, nada se passava entre eles que não fosse o que diz respeito á ordenação e ao manejo das provas. Mas passemos adiante: são coisas tão vulgares que não vale a pena falar delas.

—Amorzinho, dizia a boa da mulher; queres mais um bocadinho de rim?

—Um pimento?

—... Deste faisão de três semanas? Sabes como isso te faz bem ao teu «coiso»: ó jóiazinha da minha alma, riqueza da sua avózinha!

O falecido Ernie nada respondia, abrindo apenas a boca para mastigar. Mas ás vezes, sonhador, com a ajuda de uma pontinha de nostalgia, calculava vagamente qual das carnes, bem passada, crua, ou simplesmente cozida, é que se harmonizava melhor com a canalhice autóctone, que afinal era também a sua.

Entretanto, bem recheado, com cama, mesa e roupa lavada, respeitado em toda a aldeia e também na alcova, era o que se pode chamar, em qualquer parte — e desde a mais remota antiguidade — um feliz mortal. Além do mais, a sua amorosa protectora, receando sobrecarregá-lo, lembrou-se, por uma aritmética muito sua, de lhe poupar os trabalhos semear, cavar, plantar, forragear, ceifar, colher batatas, etc.. assim como o cuidado de beber; e até mesmo a maçada de deixar a alcova.

—Põe os olhos nos gansos!, exclamou ela num tom triunfal. Que eles te sirvam de exemplo!

Após o que o falecido Ernie Levi se punha dócilmente de pé, coxeava até á capoeira; saudava o compadre gale na sua estrumeira; os primos gansos nas suas gaiolas; deitava um olhar invejoso ao capão da ocasião; e por fim, invariávelmente, dava um pulo é pocilga que sobre ele exercia uma fria fascinação misturada a um tão tortuoso ódio que, certa vez, furioso, escarrou judaicamente sobre o animal impuro.

Embora fizesse grande caso das provas de Ernie, a caseira começou a olhá-lo com mais respeito quando ele lhe assegurou que lhe fazia pena pensar nesse homem de quem ocupava o leito e a esposa. Não se pode ser mais «cínico», disse ela para consigo com consideração. Durante muito tempo tentou fazer-lhe confessar, reconhecer o seu cinismo; mas como o raposinho matreiro se recusasse, mais aumentou ainda a consideração que já tinha por ele.

Na mesma ordem de ideias, Ernie nunca quis admitir que não era bordelês (como falsamente indicava um certo bilhete de identidade em nome de Ernesto Bastardo). Por isso a admirável persistência do seu sotaque «alsaciano» fez pensar á caseira que ele era um antigo prisioneiro evadido. Como ela levava longe a curiosidade, deduziu, por certo pormenor que a intimidade de alcova lhe permitiu observar, que ele era israelita; mas, uma vez que apregoava a maior tolerancia em matéria religiosa, nada lhe disse da sua descoberta, tanto mais que essa singularidade, no fim de contas, não deixava de ter o seu quê de picante. Desde a mais tenra idade, que um dos seus sonhos era ter conhecimento com um circuncidado. Datava isso dos tempos do catecismo, quando, tendo o prior falado imprudentemente de circuncisão do coração, a pequena Dumoulin fez a esse respeito uma enorme chacota, como frequentemente lhe acontecia, por influência do pai professor, o qual não podendo impedir a mulher, devota, de ir á igreja, obrigava a filha, rapariguinha sem religião, a frequentar o catecismo só para perturbar o ensino do prior. As crianças da catequese tinham-se reunido á socapa para discutirem o tema da circuncisão. Mlle. Dumoulin explicou, por ordem do pai, que os Israelitas, primeiros monoteístas, tinham por hábito sacrificar ao seu Deus um pedacinho da sua pessoa, e que os padres, segundos monoteístas, não querendo ficar-lhes atrás e sendo, por outro lado, muito delicodoces, se contentaram em sacrificar apenas um pequeno círculo de cabelos no cranio.

O sr. Dumoulin, perfeito laico, nunca tratava os Judeus senão de israelitas. No fundo, acreditava um pouco que a palavra «judeu» fora inventada pelos Jesuítas para irritarem os pedreiros-livres. De tudo isto resultou uma consequência vergonhosa para o falecido Ernie Levi, que caiu das nuvens quando, num fim de tarde, estando ele a repousar na alcova, a sua caseira acorreu e, com a cara afogueada, lhe falou mais ou menos nos seguintes termos:

—Afinal tu enganaste-me, és judeu.

— Ora vejamos: então tu não tinhas uma suspeitazinha?

—Sabia que eras israelita, porque... sim, não sei se me entendes. Mas acabo de falar com o sr. Secretário da Camara, e ele afiançou-me que todos os israelitas eram automáticamente judeus.

—E' possível. Mas onde é que está a diferença?

— Onde está a diferença?, exclamou ela indignada. Mas tu não compreendes que eu não posso de maneira nenhuma deitar um judeu na cama do meu Pedro, nem consentir que esse judeu se sente na sua cadeira e que vista o seu fato e as suas camisas? Ah!, não, não! Não está nada certo o que tu fizeste!

— Bom, disse o falecido Ernie.

E levantou-se.

— Onde é que vais?

—Vou-me embora.

—Mas porquê? Eu arranjo-te uma boa cama no celeiro.

—E o resto?, inquiriu o jovem louco.

—Ah!, quanto a isso, temos de ter cuidado. Porque tu não vês que o coitado do Pedro (ela dizia sempre «o coitado do Pedro», querendo acentuar assim não só a pena que tinha em sabê-lo prisioneiro, mas ainda a estranha compaixão que dela se apossava ao pensar que era enganado), tu não vês que era horrível que o coitado do Pedro viesse a saber que nós... que eu... fiz isso... com um judeu? Não, não, vamos passar a fazê-«lo» no estábulo.

«E depois, acrescentou de repente, tu já estavas a abusar um pouco nestes ultimos tempos. Vai ser preciso que me obedeças, agora. E que ponhas um pouco menos de manteiga no teu pão, etc.

—E se isso não me agradar?

—Que é que eu estou a ouvir?, retorquiu ela num tom finório.

— Bom, disse o louco.

Depois disto, a vida retomou o seu curso, pouco mais ou menos como dantes. O mistral abrandara. Uma tepidez invadia as terras. As próprias oliveiras deixavam de estar submetidas á tortura e, por vezes, á noite, todas as coisas pareciam elevar-se na alegria do céu pacíficado. Aos domingos, Ernie descia á aldeia, ouvia a missa com um ar de idiota, e depois, entre dois aperitivos sonhadores, ia ver os vivos fazerem a sua partida de «pétanque» (jogo muito popular em França parecido com o nosso chinquilho, mas jogado com bolas (N. dos T.) á sombra do pórtico da igreja. Um deles d e i t o u - l h e uma vez uns olhos que o fizeram empalidecer. Era o ferreiro da aldeia, que há pouco regressara do cativeiro e lançava a bola mantendo o tronco hirto, por causa de um estilhaço de granada que o atingira em mau sítio. Ernie voltou a vê-lo na sua forja. Por um acordo tácito, ambos guardaram silêncio acerca da coisa misteriosa que os tinha aproximado. Num rosto de homem do Norte, o ferreiro tinha duas quentes, subtis e sempre saltitantes pálpebras meridionais; era um moço de membros compridos que terminavam em pés largos e mãos grossas que equilibravam como um pêndulo cada um dos seus movimentos. Quando abria bem as mãos, estas ocupavam uma impressionante. superfície.

Uus dedos longos, nodosos na raiz iam acabar em pontas chatas e com umas unhas esquisitas, o que lhes dava, pensava Ernie, o aspecto de umas turqueses de grande robustez e de uma sensibilidade de insecto. Via-se bem que não eram de nascença, essas duas máquinas de trabalho, cuja pele era dura, cinzenta, cheia de rugosidades, e que por dentro se adivinhavam mais nervosas e musculadas do que uma pata de galgo. Quando Ernie as via agitarem-se com precisão no meio da floresta de alavancas de um engenho de furar, ou retirarem um diamante vermelho de um feixe de fagulhas, pensava que uma parte importante da inteligência do ferreiro viera alojar-se na região das unhas, á força de ganhar com elas o seu pão. Era por isso que a cada uma das suas visitas ele as olhava com mais respeito.

Nunca o ferreiro lhe fazia daquelas perguntas que obrigam uma pessoa a construir um andaime cada vez mais complicado, á mercê de um sopro de verdade. Só o futuro parecia interessar o artesão, que, por vezes, insinuava frases cheias de subentendidos, mas sem olhar o interlocutor: «Meu menino, dizia ele, há coisas que nos dão a impressão de serem eternas, como um mistral que soprou teimosamente durante oito dias seguidos. E depois uma bela manhã, vem o Sol. Estás a compreender?» Depois convidava Ernie a tomar um cálicezinho de absinto como aperitivo; desciam os três degraus ao fundo da forja; e a mulher, muito gorda, sempre enfeitada com muitas fitas, trazia uma bilha de água bem fresca; também ela, nunca interrogava Ernie a respeito do seu passado, como se, por instinto, estivesse de conivência com o marido. Quando os miudos voltavam da escola, frequentemente, convidavam a visita para jantar; e os próprios pequenos pareciam evitar a mais benigna inquirição, preocupando-se apenas em distrair o jovem louco, que, por vezes, num relampago dilacerante, saía do seu delírio para descobrir este mundo extraordinário que lhe passava diante dos olhos, esta França insuspeitada, simples como o bom pão. E se bem que obscuramente ele receasse aliviar, ao seu contacto, as cadeias que lhe pesavam no espírito, não podia passar sem voltar a banhar-se nesta perigosa fonte de luz.

— Ouça, disse um dia ao seu amigo ferreiro, tenho a modos como que uma impressão de que você já me conhecia não sei donde. Já na primeira vez ..

O ferreiro hesitou um momento:

—Rapaz, meu rapaz, murmurou carinhosamente sem levantar os olhos da bigorna, acredita que não te conhecia. Mas vi logo que eras judeu.

—Isso é que eu não sou!, exclamou Ernie, aterrado.

O homem abandonou o martelo em cima da bigorna e aproximou-se do jovem judeu, cujos ombros cobriu com as suas manápulas.

— Nota-se assim tanto no meu aspecto?, disse Ernie, com uma voz singular, uma voz lenta e musical que lhe saía da garganta com a comovedora facilidade de uma melodia reencontrada.

Do alto da sua estatura, o ferreiro falava:

— Não sei, dizia com que se parece um judeu: nele só me interessa o homem. Havia-os lá no Stalag 17, mas só pensei neles mais tarde. depois que os boches vieram buscá-los. Simplesmente, eis que, quando voltei do cativeiro, dei um pulo á região parisiense por causa da mulher de um camarada que tinha morrido e que morava em Drancy. Era de manhã muito cedo; motociclistas alemães disseram-nos que nos arrumássemos no passeio, e vimos passar a toda a pressa uns autocarros cheios de crianças judias com estrelas por toda a parte. Estavam todas aos vidros e olhavam-nos e tornavam a olhar-nos. E as suas mãos arranhavam suavemente os vidros, como que a pedirem para sair. Não podia distinguir as feições de nenhuma, mas todas tinham uns olhos como eu nunca vi e como espero nunca mais tornar a ver na minha vida. E quando te vi pela primeira vez, meu rapaz, não foi na «pétanque», mas na igreja, durante a missa cantada. E não podia bem distinguir-te as feições, mas «reconheci» imediatamente «os teus olhos. Estás a compreender»?

—Ah!, exclamou Ernie, atingido em pleno coração.

Levantou-se e saiu cambaleante. Fora, ouviu o primeiro grito, não mesmo junto aos ouvidos, como outrora, mas a uma distancia enorme e atenuado ainda pela dura carapaça da sua nova condição canina, a que ele se agarrava com todas as forças, embora sentindo-a esboroar-se. No cimo da vereda que conduz á herdade Trochu, a despeito das amendoeiras floridas e de todas aquelas coisas que frequentemente o distraíam, os gritos tinham atingido tal acuidade que ele tapou várias vezes os ouvidos. Reconheceu primeiro o grito do avô, depois o de Mutter Judite. Então pareceu-lhe sair de um longo sonho, e de repente perguntou a si mesmo se estava realmente no seu perfeito juízo, ainda que esta pergunta, mal a formulara, lhe causasse um tão atroz sofrimento que levou as mãos á garganta, que parecia sufocar. A caseira julgou-o doente. Ele foi estender-se no celeiro e, cobrindo-se todo de palha, procurou furtar-se aos gritos. De vez em quando saía a respirar o ar da noite provençal. Quando adormeceu, nada no fundo de si mesmo se tinha esclarecido: simplesmente, os gritos vinham agora do interior. Sonhou que era um cão que corria nas ruas de uma grande cidade, enquanto os transeuntes o apontavam com ar surpreendido e desenvolto: Olhem, um cão com olhos de judeu! A perseguição começou sem que ele se apercebesse, e já de todos os lados acorriam pessoas armadas de redes que cobriam o céu todo. Abrigou-se numa cave, e já se julgava em segurança quando o alarido dos perseguidores atravessou a porta, exigindo que lhes entregasse, pelo menos, os olhos. Os meus olhos? Mas isso é ridículo! E de repente, berrando a toda a força: «Nós outros, nós nunca entregámos os olhos, nunca, nunca nunca! Preferimos entregar a alma».

* * *

Extraído do romance de André Schwarz-Bart «O ultimo justo», que conquistou o «PRÉMIO GONCOURT» e que acaba de ser lançado no nosso País por PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA.

GAZETILHA

Nós também fomos a Roma,
Cidade olímpica, guapa...
Saimos desta redoma
Mas depois de feita a soma
Nem sequer vimos o Papa.

Ainda temos a esp'rança
Duma medalha de prata...
Quem espera sempre alcança
E era já boa pitança
Se fosse ao menos de lata.

«Mens sana in corpore sano»
Sempre foi nossa divisa.
Porém, no estádio romano,
Nosso orgulho lusitano
Fica em mangas de camisa.

Nos saltos não houve altura,
Na luta só demos tréguas.
Para fazer tal figura,
Mais valia, porventura,
Não andarmos tantas léguas.

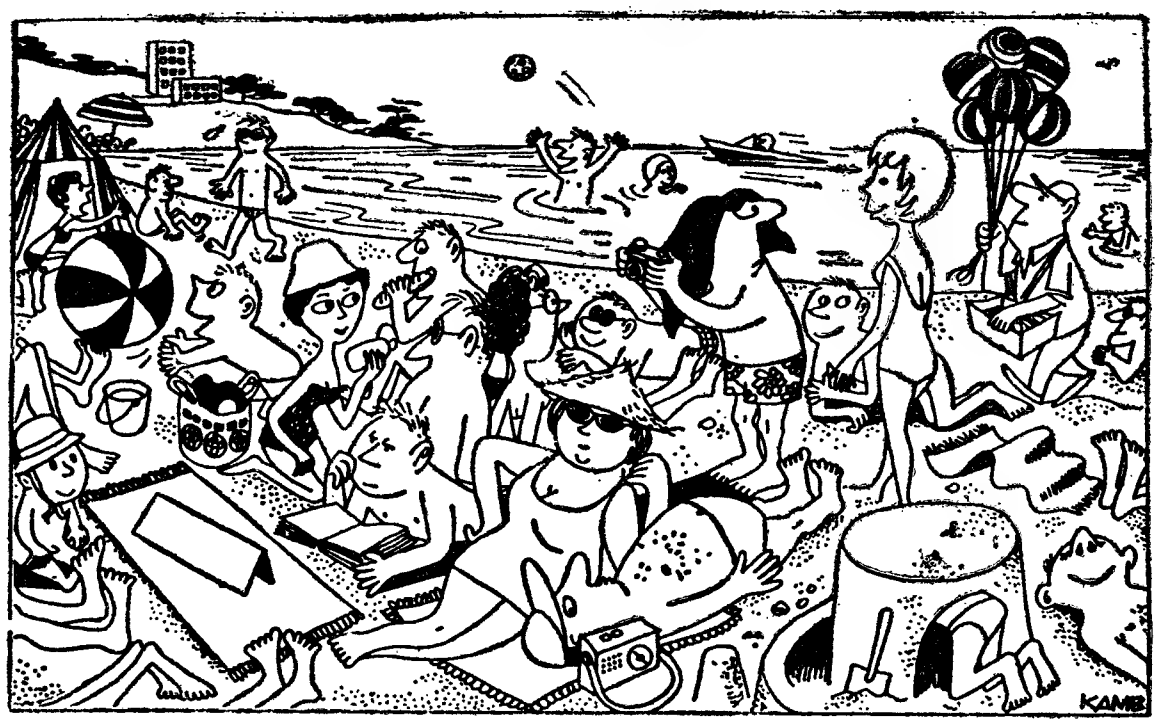
Mas a gente não se ilude...
Fomos ganhar experiência.
Haja dinheiro e saúde
Pois já é grande virtude
Fazermos a diligência!

7-IX-60

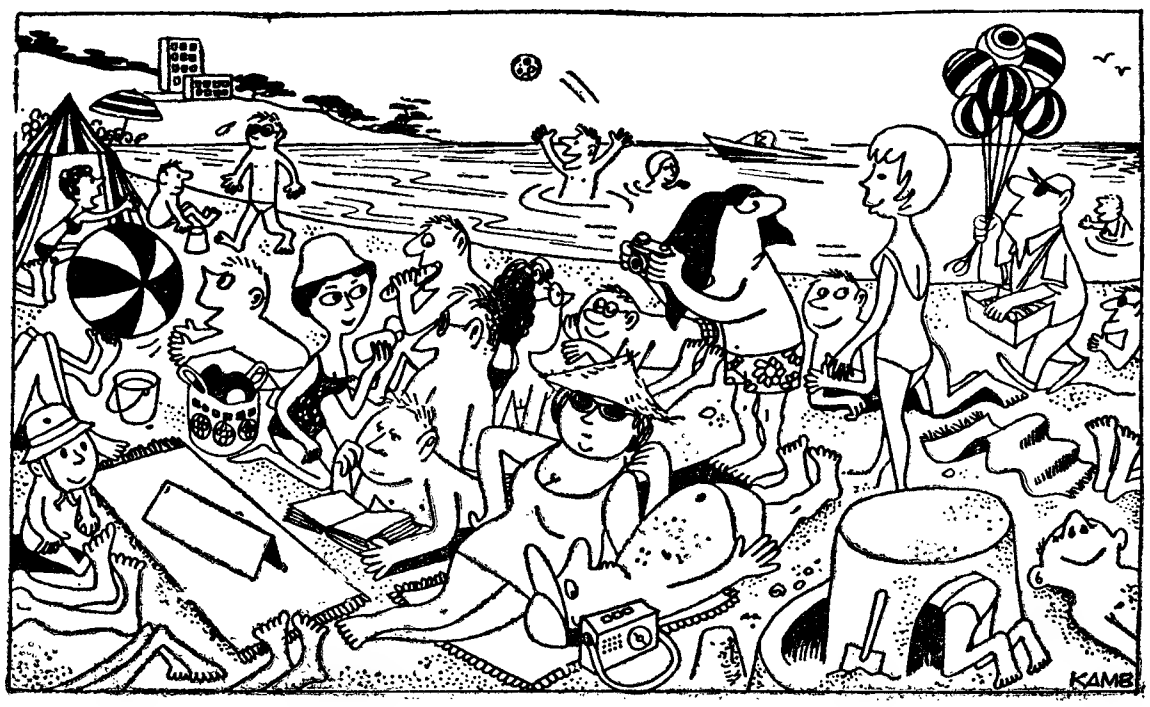
PRIMA BETA

PAPEL QUÍMICO
que não suja

A Mittag Division da Burroughs Corporation de Park Ridges (Nova Jersey) fabrica um papel químico para máquinas de escrever que não contém carbono e não suja. Um revestimento de tinta plástica vulgar, misturado com cera substitui o carbono na folha. A tinta é «apanhada na armadilha» pela camada plástica tal como a água por uma esponja. Vai saindo, pouco a pouco, á medida que as teclas da máquina batem no papel.



Veja se é perspicaz: procure dez erros no desenho de baixo



Viver a prestações... sem bónus

Muita gente se admira de um certo rigor do «surto» económico na Grã-Bretanha que dura desde o fim do ano passado. E não há dúvida que o fenómeno é curioso pois a Inglaterra é o país ocidental que mais rapidamente escapou á crise de 1957-58.

Só de Outubro de 1958 a Outubro de 1959 a produção industrial aumentou 9 %, mas de forma desigual, conforme os sectores. A alta para os bens de consumo duráveis (televisores, etc.) foi de 40 % e um verdadeiro «boom» teve lugar na industria automobilistica.

Já a industria pesada em geral e os estaleiros navais e minas de carvão em particular, estavam, pelo contrário, em franca regressão. No ramo mecanico nota-se apenas um leve aumento na produção de bens de equipamento.

A que atribuir a causa desta animação económica no meio do desabar de tantas economias a viver entre apoios artificiais? A uma coisa exactamente idêntica, ao que parece. Segundo os observadores esse «revigoramento» deve-se unicamente a uma certa liberalização do crédito no consumo no mercado interno, o que não deixa de manter preocupadas as autoridades responsáveis porque, por exemplo, o sistema de vendas a crédito, se é verdade que permite mobilizar as economias não investidas dos particulares, por outro lado, não permite modificar verdadeiramente a relação produção-consumo.

E o eterno problema deste tipo de economia reaparece. A poupança invertida resulta, isto é, não é inflacionista, mas a extensão do crédito ao consumo «enganando a opinião publica sobre a real capacidade do seu poder de compra», leva á produção um estímulo fictício e inflacionista. Mas para haver «pé de meia» não houve consumo e isso desencoraja a produção, etc., etc.

Parece um círculo infernal, mas não é assim tão vicioso como isso. Basta encontrar o justo equilíbrio entre todas estas premissas o que só é possível, dizem alguns, no quadro de uma economia planificada.

Resumindo, acrescentemos que o «boom» inglês tem já suscitado algumas anormalidades. Os operários altamente qualificados começam a faltar na região londrina, a produção de aço atinge o seu máximo e a de tijolos e de laminados é insuficiente.

No entanto o desemprego não diminui, mantendo-se no meio milhão, principalmente na Escócia e Irlanda do Norte. São principalmente os progressos da produtividade que explicam os da produção. E se acaso, por razões monetárias, as autoridades forem obrigadas a terminar ou a travar o «boom» (uma política mais severa para o crédito e, portanto, uma restrição nas vendas a prestações) então veremos desencadear-se uma terrível crise e haverá um agravamento rápido do desemprego. Vamos, portanto a caminhar para uma altura em que estaremos condenados a viver a prestações... mesmo sem bónus.

CAFE HAG
SOLÚVEL

Sem cafeína

Os apreciadores
de um bom café puro,
em 50 países do Mundo,
dão a sua preferência
ao **CAFÉ HAG solúvel.**
E têm razão!
Eles gozam assim
o prazer duma
excelente mistura
de cafés 100% puros.
Podem tomar todos os dias
e a qualquer hora
quantas chávenas de café
lhes apetecer.

O MELHOR AMIGO DO SEU CORAÇÃO

CH-0260

Para que servem os satélites artificiais

(Continuação da 3.ª página)

quência apropriada e retransmiti-lo em seguida de modo a ser captado na Terra inteira. E' assim de prever a próxima construção de satélites reservados a uma «frequência S. O. S.» e aptos a enviar para todo o Mundo qualquer pedido de socorro.

8. Transmutações gratuitas.

O bombardeamento cósmico origina grande quantidade de neutrões na cintura interior de radiações que envolve o nosso planeta. Ao fim de 12 minutos e após terem efectuado um grande numero de voltas ultra-rápidas á Terra, esses neutrões associam-se para formar protões.

Um satélite colocado nessa cintura ficaria exposto a um intenso e contínuo bombardeamento de neutrões e assim se conseguiriam operar transmutações em melhores condições que com uma pilha atómica. Além da gama quase infinita de isótopos obtidos por esse processo, seria ainda possível produzir silício a partir de fósforo, vanádio a partir de manganés, etc.

9. Verificação da segunda teoria de Einstein.

A verificação da 2.ª teoria de Einstein, segundo a qual uma lampada vermelha acesa no espaço parecerá violeta aos observadores terrestres, em consequência da expansão do Universo, vai ser tentada, graças a um satélite artificial, pelo sábio V. L. Ginsbourg.

Essa tentativa, que parece interessar sómente a ciência pura, poderá vir a ter enorme alcance prático. Recordemos que a verificação da primeira teoria de Einstein —$E=Mc^2$—nos deu a televisão e a bomba atómica...

10. A maior de todas as experiências.

Sob a direcção do académico I. A. Oparine, vai tentar-se a insólita experiência de criar no espaço a matéria viva!

Encerrando num satélite uma combinação de ácidos aminados e conservando-a 12 anos sob a acção de bombardeamento cósmico, espera-se que desses ácidos nasça matéria organica. Se tal suceder, teremos para breve, graças aos satélites artificiais, a mais espantosa descoberta científica de todos os tempos. Aguardemos...

Estes são, amigo leitor, dez exemplos da utilidade dos satélites para a investigação científica e industrial. Teria sido possível apresentar muitas dezenas, se não receássemos abusar da paciência de quem faz o favor de nos ler.

E não se diga que a exploração do espaço é uma operação ruinosa e sem grande interesse para a humanidade.

Artiz

Tem à disposição de V. Ex.ª técnicos especializados para executarem
Móveis e Decorações
de todos os géneros
RUA MARIA ANDRADE, 64
(aos Anjos) — Telefone 848719

(Continuação da 1.ª página)

A violação dos cemitérios israelistas ficaram impunes Os actos de violência praticados contra os judeus, foram, regra geral julgados com uma indulgência exandora, e pensões substancias são concedidas a funcionários e dignatários nazis. Ora na Alemanha de leste não há exemplo de tais paqueros.

Como todos estamos lembrados depois dos incidentes de Colónia, o movimento anti-semita espalhou-se como uma nuvem de poeira no espaço de algumas horas, não apenas [illegible] pouco por toda a parte, nos outros países da Europa, na América do Norte, Austrália e até mesmo em Israel

Em França o mal foi menos violento mesmo assim não pode esquecer as manifestações porcas que tiveram lugar no menorial Judeu e depois as cruzes gamadas que foram pintadas no bairro Marais.

É, evidentemente impossível que um tal movimento, no mesmo dia, ou quase, se tenha produzido de maneira expontânea. A palavra de ordem veio dum determinado centro [illegible]

Foram levantadas varias hipoteses. Para uns não foi mais que um acto de provocação soviética que teria por objectivo tirar as suspeitas sobre a Alemanha Ocidental e os Países do Pacto do Atlantico. A hipotese pode ser defendida por certa gente mas é pouco viável Por outro lado sabe-se que os culpados das vergonhas de Colónia foram indentificados como pertencentes a grupos neo-nazis, dissolvidos oficialmente e reconstituidos com outro nome. E houve ainda quem lembrasse que Nasser emprega um numero importante de nazis ao seu serviço. Enfim foram feitas alusões a uma autentica Internacional neo-nazi, cujo Estado Maior funcionaria num país escandinavo com filiados em muitos países da Europa e da América do Norte e do Sul, verdadeiros restos do hitlerismo e [illegible]

Pergunta-se: como têm progredido os inquéritos oficiais no sentido de apurar a verdade? Até ao presente ninguém sabe de nada. Este possível Estado Maior internacional que dispõe sem duvida alguma, de meios muito poderosos, teve como objectivo ao lançar a palavra de ordem «apalpar o pulso» da opinião publica, conhecer as reacções favoráveis ou desfavoráveis que se levantariam e ver até onde poderiam ir numa ressurreição da ideologia hitleriana total? É este o grande problema. É por isso que a reacção e a repressão a tais infamias seja forte, brutal mesmo para ser eficaz. E para ser eficaz torna-se necessário não errar o golpe. O advertimento é grave e por isso os inquéritos em todos os países devem ser muito sérios.

BARCO-TENDA

A senhora Joyce Wojcik, que se vê na gravura com seu marido, apresentou a um grupo de fotógrafos e de curiosos um interessantissimo barco-tenda da sua invenção. Com a particularidade de ser muito fácil de armar e desarmar, qualquer casal de amigos do ar livre pode gozar as delícias de uma viagem fluvial á sombra de uns languidos salgueiros e se o tempo mudar repentinamente para chuva ou se é preciso passar a noite abrigado, basta içar o barco leve para a margem e transformá-lo em barraca.

E' o que faz a senhora Wojcik e seu marido para acabar de convencer os habitantes de Essex (Inglaterra), onde veio á luz o neófito invento que ameaça revolucionar o campismo.

NA TERRA ONDE O POVO E' REI

(Continuação da 1.ª página)

formação dum macho chamado também «falso zangão».

Por muito que isto desgoste os homens, até mais amplos conhecimentos deve cnosiderar-se o macho entre as abelhas, como tendo na colmeia um papel social muito reduzido, ou seja, tentar alcançar uma rainha no decurso do vôo nupcial, fecundá-la para logo a seguir morrer. O falso zangão vive como um autêntico parasita. Não por culpa sua, é verdade, mas porque não dispõe de nenhum instrumento de trabalho. A trompa é curta e sem utilidade e as obreiras têm de sustentá-los como a certos homens! Mas logo que é passada a época do vôo nupcial põem-nos literalmente na rua, mordendo-os e picando-nos com os dardos venenosos. Os desgraçados nem sequer se podem defender pois não têm com quê. Então morre de fome na rua como qualquer pária

O povo é rei

Do ponto de vista do abservador a obreira é sem contestação possível o ser mais interessante da colmeia. Não vamos deter-nos sobre o seu aspecto físico, mas salientamos que ao contrário da vespa, a abelha é peluda embora esses pelos não sejam um simples ornamento. Pelo contrário são instrumentos de trabalho, são escovas que o animal utiliza para recolha do pólen.

Esse pólen extraído da flor é cuidadosamente depositado numa espécie de pequenos cestos dispostos na parte inferior das patas posteriores, nas quais uma espécie de pente rígido está suspenso. E' esse pente que faz cair o polén nos «cestos.

Com essa mátéria prima a abelha faz uma bola que é levada para o cortiço onde é cuidadosamente armazenada nos alvéolos de cera Noutros compartimentos á parte é armazenada também o mel.

«Não há nunca mistura de provisões», diz von Frisch. As duas qualidades de alimento são postas como reserva em depósitos distintos, donde serão tiradas em caso de necessidade.

Mas então onde vai a abelha buscar a cera com que constroi os maravilhosos favos de alvéolos hexagonais que lhes servem de celeiro e de berço? Muito simples: fabrica-a ela própria a partir de reacções metabólicas de que estamos ainda longe de ter surpreendido todo o mecanismo organico. Segrega-a na parte inferior do abdomen e tudo o que sabemos dessa cera, é que a sua constituição química se assemelha á da gordura. Surge na profundidade das rugas do abdomen da abelha, sob a forma de pequenas e delgadas escamas. A abelha recolhe-as cuidadosamente com as patas. Depois amassa-as com a ajuda das possantes mandíbulas (mandíbulas enormes em relação ao corpo do animal) com que a boca é equipada. Logo a seguir nós veremos a abelha moldá-la em pequenas bolas que são utilizadas na construção do favo, tal como nós utilizamos o barro em tijolo nas nossas casas.

Mas a ordem e a disciplina é a grande arma deste pequeno povo de trabalhadores e também ali se observa um rigoroso princípio de divisão do trabalho, como veremos num próximo artigo.

MERGULHE... — mas cuidado com a pressão nos ouvidos

As cigarras, os golfinhos e escafandristas; a todos os desportistas que praticam a exploração e a pesca submarina interessa que tenham sempre presentes os perigos da pressão e os seus efeitos sobre os ouvidos.

Todos devem saber que uma desnivelação rápida produz: primeiramente uma diminuição da acuidade auditiva; mais pronunciada, um zumbido nos ouvidos; e ao máximo verdadeiras dores nos órgãos auditivos.

O ouvido é constituído por três partes distintas:

O OUVIDO EXTERNO, que é o canal auditivo exterior (onde metemos o dedo... para esgravatar), verdadeiro tunel cuja extremidade profunda é fechada pelo tímpano, comparável a um disco.

O OUVIDO MÉDIO, que é grosseiramente cubico e cuja parede externa é exactamente a outra face do tímpano; é por isso que se chama «cubo» á caixa do timpano. Aí se encontram os pequenos ossos que transmitem as vibrações ao tímpano.

O OUVIDO INTERNO, que são cavidades ósseas de forma caprichosa contendo os terminais nervosos sensíveis da audição (e também os órgãos sensoriais do equilíbrio).

Para compreender as perturbações ligadas ás diferenças de pressão é essencial que tenhamos presente que o «ouvido médio» comunica com o ar exterior por um canal chamado «Trompa de Eustáquio» que termina nas fossas nasais. Mas a «Trompa de Eustáquio» é de fraco calibre e obstrui-se fácilmente (mucosidades, inflamações).

Examinemos as diferentes possibilidades:

1.° — O indivíduo está há várias horas ao mesmo nível. A pressão é igual no canal externo e no ouvido médio. O tímpano vibra, portanto, normalmente.

2.° — O indivíduo faz mais uma desnivelação rápida (exemplo: um avião que desça de 3000 metros a 0, em 10 minutos), se as trompas de Eustáquio são permeáveis, as pressões igualam-se regularmente sobre as duas faces do timpano e as perturbações são poucas ou nenhumas. Mas se, pelo contrário, as trompas estão obstruídas, a pressão que aumenta rápidamente sobre a face externa do tímpano, não é compensada na face interna, o tímpano deforma-se progressivamente, dando a sensação que conhecemos.

A importancia da deformação varia com a diferença de pressão. E' sobretudo intensa entre os mergulhadores que estão submetidos a variações de pressão importantes.

A uma pressão máxima os vasos do tímpano ou o próprio tímpano, podem romper-se (os mergulhadores voltam por vezes com hemorragias nos ouvidos).

Na prática interessa saber:

1.° — Que as bolas nos ouvidos não protegem (transmitem á mesma as várias pressões);

2.° — Que não devem fazer caça submarina as pessoas que sofrem de rinite;

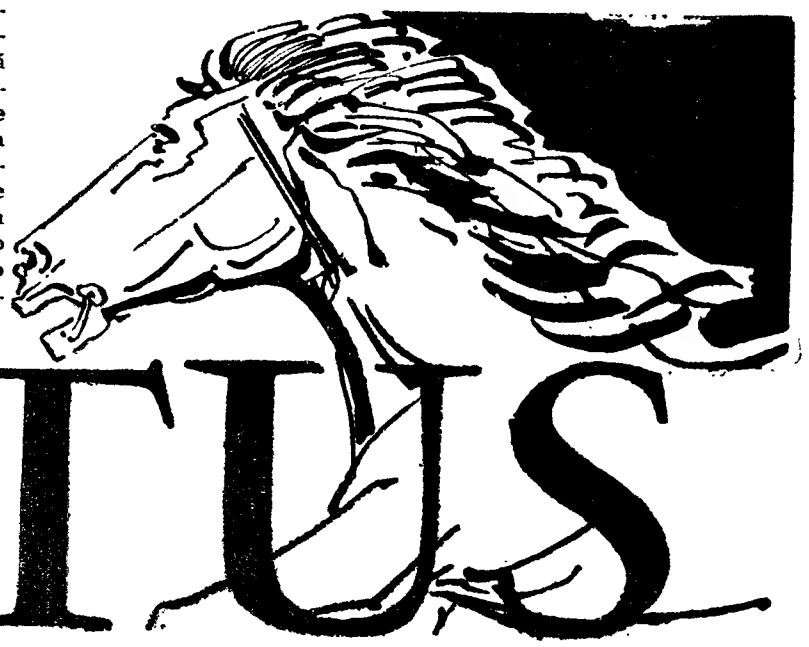
3.° — Que se pode melhorar o funcionamento da trompa de Eustáquio durante as mudanças de pressão tapando e destapando o ouvido alternadamente (os musculos da faringe provocam a abertura da trompa), e isto é válido para todos.

4.° — Que os passageiros das linhas aéreas não têm geralmente perturbações porque as cabinas são mantidas a pressões nunca superiores ás que se observam a 2000 metros.

E' este o mecanismo dos acidentes e alguns modos de os evitar.

Diremos ainda que diminuições «muito importantes» de pressão podem dar lugar a acidentes de «decompressão» muito graves, ligados a introdução de azoto no sangue. Estes acidentes que tornam perigosos os mergulhos profundos e prolongados obedecem a um outro mecanismo que não se relaciona com os ouvidos—nosso assunto de hoje.

BRUTUS



A época de caça terminara, e os Mullet não tinham conseguido vender Brutus. Havia uma espécie de tradição na família, desde há três ou quatro anos; uma vaga esperança de que Brutus encontrasse um comprador antes do fecho da caça; mas as épocas sucediam-se sem que qualquer coisa acontecesse que justificasse semelhante optmismo.

No início da sua carreira, o animal recebera o nome de Foufou; mais tarde tinham-no rebaptizado e por causa do seu temperamento um tanto difícil deram-lhe o nome de Brutus. Entre os vizinhos menos benevolentes dizia-se que esse patronímico latino era de todo inutil e que o nome de Bruto conviria melhor a essa besta. Brutus figurava em diversos catálogos como cavalo de caça, cavalo de sela para senhoras, ou simplesmente e com um pouco de imaginação, como um castrado pardo, manso e de tamanho médio. Toby Mullet montara-o durante quatro épocas com o «west wessex»; mas pode montar-se qualquer cavalo com o «west wessex» desde que seja uma besta que conheça a região. Brutus conhecia a região a fundo, tendo contribuído com a sua quota parte para abrir as brechas que se podiam observar nas sebes e nos taludes em quilómetros em redor. Sem duvida que não era o cavalo ideal para a caça, mas era ainda mais prudente montá-lo para caçar que para trotar nas estradas. Segundo a família Muller, não podia dizer-se que, verdadeiramente, tivesse a fobia das estradas, mas haviam certas coisas que desencadeavam nele bruscos ataques a que Toby chamava «crises nervosas». Tinha pelos automóveis e pelas máquinas de duas rodas um indiferente desprezo, mas os porcos, os carros de mão, os montes de pedras na berma da estrada, os carrinhos das crianças nas ruas da aldeia, as barreiras pintadas de um branco muito agressivo, e por vezes, não sempre, as colmeias de novo modelo, faziam-no desviar do caminho numa impressionante imitação do ziguezague das faíscas. Se acaso um faisão levantava voo bruscamente por detrás de uma sebe, Brutus dava imediatamente um salto, mas talvez o fizesse apenas no desejo de se tornar sociável. A família Mullet negava a opinião comum, segundo a qual o cavalo era um animal exageradamente nervoso.

*

FOI aproximadamente na terceira semana de Maio que a senhora Mullet, viuva do falecido Sylvester Mullet e mãe de Toby e de um rancho de raparigas, se precipitara sobre Clovis Sangrail, á entrada da aldeia, para, de uma unica tirada, lhe anunciar as ultimas novidades da região:

— Conhece o nosso novo vizinho, o senhor Peuricarde? — exclamou. Podre de rico, proprietário de minas de estanho, um quarentão bem lançado e de carácter pacífico. Alugou a casa vermelha e gastou uma fortuna a arranjá-la. Pois bem! Toby vendeu-lhe o Brutus!

Clovis precisou de uns momentos para digerir a estupidificante notícia, e depois abriu-se em felicitações. Se fosse de temperamento mais expansivo, teria, sem duvida, beijado a senhora Mullet.

Que sorte maravilhosa terem-se finalmente desembaraçado do animal! Podem agora comprar um outro mais conveniente.

— Sempre disse que Toby era esperto. Mais uma vez os meus parabens.

— Não me felicite. Nada poderia ter acontecido pior! — exclamou a senhora Mullet em tom dramático.

*

CLOVIS olhou-a surpreendido.

— O senhor Peuricarde, continuou a senhora Mullet, baixando a voz até se tornar um simples sussurro mais parecida com um queixume, o senhor Peuricarde, repetiu, começou a fazer a corte a Jessie. Discretamente de início, mas agora já as claras. Fui muito estupida em não me aperceber mais cedo. Ontem, na reunião em casa do pastor, perguntou-lhe quais eram as suas flores preferidas; ela respondeu-lhe que eram cravos, e hoje surgiu com um enorme ramo deles, de todas as cores, e uma caixa de bombons que deve ter mandado vir expressamente de Londres.

Convidou-a para uma partida de golfe amanhã. E eis que precisamente neste momento crítico Toby lhe vende esse animal. Que calamidade!

— Mas já há anos que tentavam desembaraçar-se do animal, disse Clovis.

— Tenho uma casa cheia de raparigas, disse a senhora Mullet, e tento... Oh! não direi desembaraçar-me delas, mas encontrar-lhes um ou dois maridos. Seria um achado; bem sabe que são seis.

— Não sei, disse Clovis, nunca as contei, mas julgo que o seu numero deve ser exacto, pois as mães geralmente não se enganam nunca para mais.

— E dizer — sontinuou a senhora Mullet no mesmo tom —, que precisamente no momento em que se apresenta um tão bom partido, é que Toby lhe vendeu essa miserável besta. Brutus provávelmente matá-lo-á se tentar montá-lo e em qualquer dos casos vai destruir qualquer afeição que ele poderia ter por um membro da família. Que devo fazer? Não podemos pedir que nos devolva o cavalo; compreende que ao deparar-se-nos essa oportunidade de o vender, gabámos muito o animal, dizendo-lhe que era precisamente a montada que lhe convinha.

— Não poderiam roubá-la da cavalariça e pô-lo na pastagem de uma herdade, bastante afastada? propôs Clovis. Basta apenas escrever «Direito de voto para as mulheres» na porta da cavalariça e acreditarão numa manifestação de sufragistas. Ninguém que conheça o cavalo suspeitará de vocês.

— Todos os jornais falarão do caso, disse a senhora Mullet. Imagine os títulos: «Um cavalo de raça roubado pelas sufragistas» A polícia esquadrinhará a região até o encontrar.

— Pois bem! é preciso que Jessie trate de o recuperar a Peuricard, com o pretexto de que é um animal de que gosta muito. Pode dizer que só o venderam por a cavalariça ir ser demolida no fim do contrato de arrendamento, e que agora chegaram a acordo com o proprietário e a demolição foi adiada por dois anos.

— Será estranho voltar a pedir um cavalo que acabámos de vender, disse a senhora Mullet, mas é preciso tomar qualquer decisão e imediatamente. Esse infeliz não está habituado com cavalos e eu disse-lhe que Brutus era manso como um cordeiro. Aliás, os cordeiros também dão coices e sacodem-se de várias maneiras, não é verdade?

— A reputação da mansidão dos cordeiros é absolutamente imerecida, reconheceu Clovis.

*

JESIE voltou do campo de golfe no dia seguinte entre alegre e inquieta:

— Já está, anunciou ela, fez a proposta ao sexto buraco. Disse-lhe que precisava de tempo para reflectir e aceitei ao sétimo.

— Minha querida criança, disse a mãe, parece que devias ter tido um pouco mais de reserva e de hesitação pois o conheces há tão pouco tempo. Podias ter esperado até ao nono buraco.

— O percurso entre o sexto e o sétimo é muito longo, disse Jessie, e além disso a tensão nervosa estragava o jogo a ambos. Quando chegámos ao nono buraco tínhamos já regulado uma quantidade de coisas. Faremos a nossa viagem de nupcias á Córsega, com talvez uma excursão a Nápoles e, para terminar, uma semana em Londres. Ele quer que as duas sobrinhas sejam damas de honor e como do nosso lado são mais sete, serão ao todo nove que é um numero que dá felicidade. Tu porás o teu vestido cinzento-pérola com gola de renda. Oh! tanto quanto julgo ele virá esta noite pedir o teu consentimento. Por ora, tudo vai indo bem, mas no que diz respeito a Brutus, a coisa é outra. Contei-lhe a história da demolição e disse-lhe de quanto desejavamos reaver o cavalo mas ele parece disposto a guardá-lo bem para si. Disse-me que tinha necessidade de fazer equitação, agora que vivia no campo, e ia já começar amanhã. Montou algumas vezes numa besta que era reservada aos velhos e ás pessoas que seguiam curas de repouso, e é a isso que se limita a sua experiência de cavaleiro. Oh! esquecia-me: montou também um velho «poney» de vinte e quatro anos, tinha ele quinze, e amanhã, vai montar Brutus! Serei viuva antes de ser casada e deixarei de ver a Córsega que tem um aspecto tão bizarro no mapa!

*

CLOVIS foi mandado apressadamente chamar a fim de lhe ser exposta a feição que os acontecimentos estavam a tomar.

— Ninguém pode montar este animal sem perigo, salvo Toby, disse a senhora Mullet. Só ele sabe, pela sua longa experiência, de que Brutus tem medo e lhe prevê os saltos.

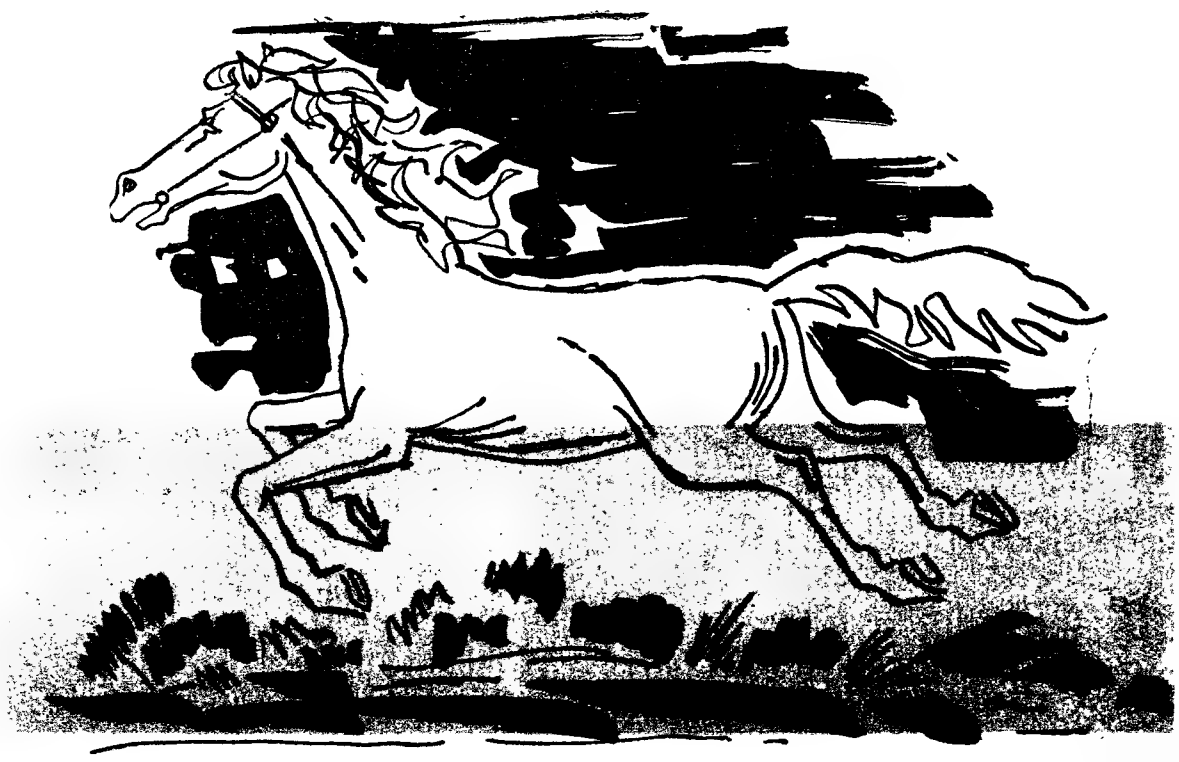
— Eu deixei entender ao senhor Peuricard..., aliás a Vincent..., que Brutus não gostava muito de barreiras brancas, disse Jessie.

— As barreiras brancas! — exclamou a senhora Mullet, mas disseste-lhe tu qual é o efeito que um porco exerce sobre ele? E' preciso passarem em frente da herdade de Lockyer para atingirem a estrada principal e só aí encontram, certamente, dois ou três porcos a grunhir no pátio.

— Há tempo, observou Toby, que ele também manifesta uma certa antipatia pelos perus.

— E' evidente que não se pode deixar Peuricard sair com este animal, disse Clovis, pelo menos enquanto a Jessie não esteja casada com ele. Vou dizer-vos uma coisa: convidai-o para amanhã de manhã ir a um piquenique. Ele não é homem do género de fazer um passeio a cavalo depois do pequeno almoço. Amanhã arranjarei as coisas para que o Pastor o leve a Growleigh, a visitar o novo hospital em construção. Brutus ficará parado na cavalariça e Toby pode propor conduzi-lo a dar uma volta. O cavalo poderá então tropeçar numa pedra ou ter qualquer outro acidente deste género e voltar coxo. Se entretanto o casamento for apressado, a mazela pode durar até que a cerimónia seja um facto consumado.

A senhora Mullet, que era de um temperamento emotivo, abraçou Clovis.



NÃO foi por culpa de ninguém que na manhã seguinte começou a chover a potes, tornando completamente impossível qualquer ideia de piquenique. Também não foi por culpa de ninguém, mas por puro azar, que o tempo melhorou suficientemente á tarde para proporcionar ao senhor Peuricard o desejo de sair pela primeira vez com Brutus.

Não chegaram mesmo até á herdade de Lockyer; a barreira do presbitério estava pintada de um verde morno e discreto, mas, dois ou três anos antes tinha sido branca, e Brutus não esquecera nunca que tinha o habito de escocear violentamente e fazer alarido neste preciso ponto da estrada. Depois do que, como parecia que mais ninguém tinha necessidade dos seus serviços, entrou no pomar do Pastor onde descobriu uma perua numa gaiola. As visitantes que entraram a seguir no pomar encontraram a gaiola quase intacta, mas não restava grande coisa da perua.

O senhor Peuricard, um pouco aturdido e sofrendo duma dor no joelho e de diversas contusões menores, atribuiu com bonomia o acidente a pouca experiência que tinha de cavalos e das estradas do campo e deixou-se tratar por Jessie durante uma semana.

Ná lista dos presentes de casamento que o jornal local publicou um mês mais tarde figurava o seguinte:

«Cavalo de sela baio, «Brutus» presente do noivo para a noiva».

— O que mostra, disse Toby Mullet que ele não sabia nada.

— Ou então, disse Clovis, que é muito espirituoso.

III

Perguntávamos no ultimo artigo se haverá verdadeiramente uma arte própria do cinema.

Em princípio não se pode dizer que a expressão «arte cinematográfica» seja universalmente aceite. Há, na verdade, gente, e alguma de valor, que pretende negar, ainda em nossos dias, uma arte especificamente cinematográfica.

O filósofo Di Napoli ao falar no tratado da Estética, sobre a divisão das artes, refere-se ao cinema nos seguintes termos: «Hoje a máxima arte mista é a recente cinematografia, em que se unem completamente a visão e audição (cinema sonoro) para obter uma maior amplitude de expressão; talvez mesmo a cinematografia, pela sua admirável síntese, seja a arte óptima».

Depois deste testemunho insuspeito, analisemos em que consiste esta arte.

Ao falar-se de arte no filme, tomamos como filme a fita de celulóide em que se encontram os fotogramas. Com efeito, podia-se julgar que a arte se encontraria, não no filme propriamente dito, mas na representação que existindo antes do filme deu origem ao mesmo.

Não é, todavia, aqui que se encontra a arte cinematográfica. Se assim fosse, não seria o cinema uma arte mas uma representação de arte.

Para haver arte não basta que haja transposição ou representação de qualquer coisa. Mesmo que nessa coisa representada haja arte, a sua representação não constitui, só por si, arte.

Assim, pois, a arte cinematográfica não reside numa representação servil de acontecimentos verdadeiros ou fantasistas. A arte reside na maneira criadora como se representa a realidade. Assim, pois, uma obra de arte, no nosso caso um filme, vale, não pelo que representa, mas pela maneira como o representa. Vale, não pela cópia servil da realidade, mas pelo que acrescenta a essa cópia.

Toda a arte tem, pois, de ser criadora.

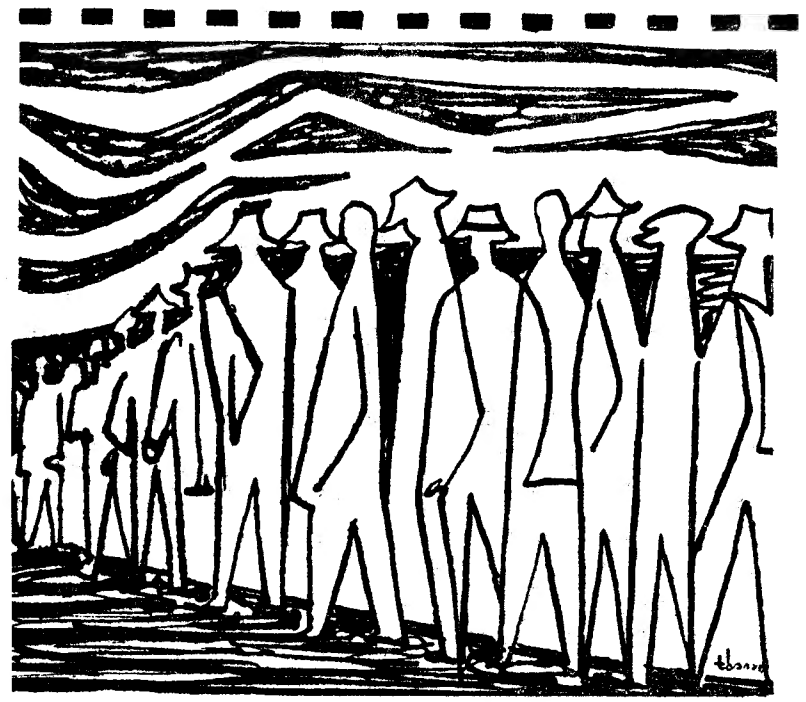
Nesta ordem de ideias, Etienne Sourieu dá-nos uma excelente definição de homem de cinema: «O verdadeiro homem de cinema, é aquele para quem qualquer dado, ainda inteiramente abstracto ou puramente moral ou sentimental, se traduz imediatamente e se exprime soberanamente por factos fílmicos, por sombras, luzes e formas movendo-se num quadro filmográfico».

Se repararmos na antiga tragédia grega veremos que o que ali conta não é a história que normalmente todos os assistentes conhecem Conta sim a interpretação dos actores e o seu jogo de deslocações. Jean Renoir diz que a coisa mais perigosa com o publico cinematográfi o consiste em que o habituaram a ir aos filmes para ver o que se vai passar.

O fim do cinema não é, pois, arquitectar e desenvolver uma intriga. O cinema para se realizar autênticamente tem de ser mais que um mero suceder de imagens com valor imitativo. Só assim conseguirá merecer lugar entre as outras artes.

O verdadeiro filme consegue criar nos espectadores um estado de espírito que os leva a viver e a sentir coisas que as imagens directamente não dizem. Não se deve, contudo, confundir este com o tão conhecido «suspense» ou «que se irá passar». Isso, o «suspense», também se consegue nos folhetins dos jornais, e nunca ninguém se lebrou de lhes chamar artísticos.

Veremos num próximo artigo os elementos a que o cinema vai buscar a sua força expressiva.



POEMA

Agora
junto a um interminável tapume de vagabundos
suspenso de gestos
sonho o frescor das uvas
e o sabor do mar, longe...

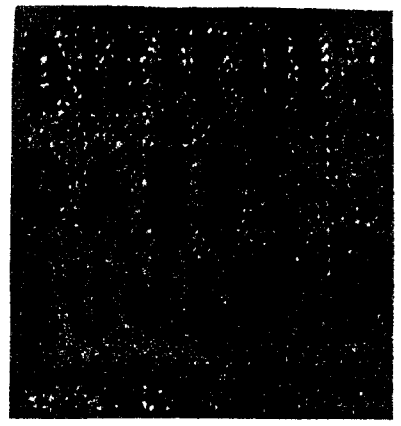
Paro
a sentir esta voz de terra
que nos fareja os corações

Agora
desejo passar o braço por cima do ombro do Mundo
dizer-lhe a nossa fraternidade

Paro a olhar à volta
e a pensar que não estou só
Paro a acenar ao sol calmo da tarde
junto a um interminável tapume de vagabundos...

por LEANDRO MARTINS
(15 anos)

JUVENIL



Ao iniciar este meu trabalho, sinto dificuldades em exprimir todas as dificuldades que nasceram, cresceram e algumas já morreram... Destas noto uma visão, uma percepção, já caótica, que tenho, de algumas, saudade.

Não irei referir-me ás minhas dificuldades em particular, mas em geral ás dos jovens.

Vejo em quase todos os meus companheiros de hoje, um acanhamento na integração duma verdadeira e completa vida social. Outros há, efectivamente, que se integraram de tal forma, dando-nos a perceber que entraram num sistema atómico. Para estes não houve dificuldades — houve excesso de luminosidade. Enfim! Talvez privilégio natural.

Há excessos de liberdade moral e daí, talvez a confusão, a restrição e a falta de interesse na preparação da mente do jovem para a sociedade. Sou jovem, bem o sabeis, mas abraço e medito várias vezes nestas palavras de Bergson :«A liberdade humana existe, mas é rara como o génio e a santidade». Porque vos confundis com essa raridade e a tornais numa banalidade? Podemos, pois. sentir que somos livres, compreender o que é bem e o que é mal? Aqui a dificuldade invisível. Se somos impotentes porque não recorrer ao médico. Quando a dor de nós se aproxima ainda que não nos sufoque, procuramos insistentemente · por toda a parte alguém que rareçafa essa dor; por isso, se a mentalidade adoece, porque não chamar o médico Divino?

Sabeis o que Ele disse? «Muitos homens são de nascimento, semelhante a terreno» pedregosos, em que não pode germinar a palavra de Deus, a semente da virtude e do bem, porque neles falta o humus necessário».

Procurar o humus, é procurar a vida, viver mórbidamente, morrermos sem querermos... Será que dificuldade está em procurar o alimente necessário ou em o desejar? Infelizmente para muitos é a segunda razão.

Sabeis que só o espírito humano possui aquela capacidade de comunicar aos outros o pensamento e os sentimentos, assim como a liberdade de todas as actividades de pensar, querer, agir e amar. Não vos

(Continua na página seguinte)

A árvore sofria. O homem olhou-a e parou, cansado. A árvore não tinha culpa. Os destroços, no chão, gritavam. Era a agonia. No coro, lamentos baixaram; pelo ar os gemidos vagueavam impotentes.

O homem vergou a cabeça e fugiu á sombra, triste. A sombra não o seguiu; ele ficou só.

Tudo era neblina dura e o Sol coava-se por ela, carrasco. O homem tornava-se pingo de sangue em chaga quente, feia e movediça.

De baixo as formas subiam impuras, mortas; havia azul em teia. Azul de desespero.

A oliveira chamou-o e ele voltou á sombra que lhe deu cama Ao lado tudo ardia. Formigas, como que fugindo da brasa, loucas, caminhavam. Ele olhou-as e não lhes fez mal. A sombra pusera-lhe a mão no ombro.

Virou os olhos para onde o escuro e bom apontava. Eram pedras brutas e largas. Faziam muro. Gostou das

pedras. O cão levantou uma e empurrou-a. Ao homem, isso foi desagradável e pegou em terra. Mas a terra era seca e ele deixou-a cair e caiu com ela. O cão não ficou mal.

Verde.

O raminho morto tinha folhas. Quebrou-o docemente. Nada mais via, nada... era só o ramo — um ramo bonito, pequeno, delicado.

(Uma prisão sem limite, feita de folhas como aquelas, presas, assim em finos troncos e fora dela, fora. . Uma prisão sem mal. Uma prisão eterna).

...Tudo fora. Era essencial, indispensável. O cão. As formigas.

O sono abraçou-o.

Dava-lhe o sol na cara, rasando a terra, terra boa e cheirosa, seca mas boa.

As coisas tinham-se calado. Do Sol não mais vinha ordem de estridência e haviam deixado de gritar. Era o silêncio recolhido do fim. Olhando para trás, interrogando muda e inutilmente: o de perguntas sem resposta.

O céu era bom. Ao longe havia árvores formando fila sobre um monte. Por trás era vermelho e amarelo como bolo com creme.

O homem abriu os braços e olhou o cão: o cão tinha a língua de fora e os olhos ramelosos e baços. O homem afagou-o e disse-lhe:

— Tu nem és bom nem mau, mas não devias ter tirado a pedra do muro.

O cão não percebeu e continuou, estupido, focinho levantado.

O homem subiu á árvore e deixou-se ficar, perna aberta, vendo, em baixo, o encanto da sombra ténue que tudo envolvia. As coisas fora permitido sorrir e a ele tdmbém: — Fosse todo o fim sorridente.

O cão mordeu-lhe a bota e ele não se importou, alheio e sereno. Não mais havia chaga, não mais pingo de sangue. Paz.

Na enconsta daquele lado corriam árvores: árvores grandes e pequenas e com ramos, infinidade de ramos. O homem desceu da oliveira e foi para o meio deles.

— Eis-me na porta.

(Também podia ir construindo uma: uma feita de dilatações sucessivas. Tinha que fazê-la breve. Um dia passaria á Eterna).

Os dedos passaram pelos troncos deixando-se ficar neles, ternos, até que o corpo os puxava; e vinham outros e eram outros acariciados. O homem sentia bem felicidade. Fora-se a violência: as árvores cantavam com ele, as árvores e o vento cantavam e ele com elas.

Na encosta por entre o tojo escorria Amor. Era desejo imenso de estar sempre ali, olhando o céu por entre as folhas. Desejo breve e consciente disso. Para o Alto subia firme oração alegre.

O cão ladrou. Depois ouviu:

— Viva, e olhou bruto sem entender. ADELINO AMARO DA COSTA
(17 anos)

Dificuldades juvenis

(Continuação da página anterior)

deixeis ludibriar, senão o «Eu» transforma-se pela acumulação de sedimentos, tornando-se uma rocha quase impossível de desgastar. Educar a consciência é o verdadeiro meio de elevação espiritual que o jovem sãmente constituído tem ao seu dispôr para se libertar das vozes e dos impulsos tiranicos do egoismo natural.

Esta é a minha confissão espontanea, baseado na forma inconsciente de agir de alguns jovens. Seria cobarde se não exteriorizasse a luta, o combate que esses me provocam.

Viver é experimentar dificuldades, mas porque estas se acentuam de diferentes formas em diversos sujeitos?... Haverá possibilidades de uniformizar algumas dificuldades? Penso que sim. Desta maneira, combatida a primordial dificuldade, enfrentaremos mais sólidamente formados as multiplas que todos os dias nos assolam. Como se poderiam suportar a ambição, o desejo, o narcisismo que domina todo o jovem? E' preciso o ascetismo.

Plantamos duas árvores, uma regamo-la e cuidamos dela todos os dias, vê-la-emos crescer vigorosa, forte e indestrutível; mas, se á outra nos esquecemos de lhe dar o que necessita, vê-la-emos débil, sem força e ao menor sopro de vento caída por terra. Qual delas tinha maior dificuldade de viver? A primeira ou a segunda? Poderia haver algum fenómeno biológico... Não acredito.

A' medida que se desponta para a vida, os fortes e os fracos sentem as maiores dificuldades na razão directa das forças correspondentes. Chega a idade de procurar alguém que seja pela vida fora irmã de alma e coração. Aqui o verdadeiro paradoxo: o fraco a tornar-se forte e o forte a tornar-se fraco. Porquê? Porque para o primeiro não há dificuldades e para o segundo pesam-lhe o dever, a honra, a consciência, enfim, os maiores embaraços. A toda a hora me falam companheiros desta e daquela, da alta e da baixa, da gorda e da magra, da feia e da bela, e todos com tamanha irreverência que me transfiguram e me tornam perplexo, sem sentido de vida própria e muito menos social. Será que estão antropomorfizando um estatuário?... Mas este tem vida própria — é humano...

Dizia S. Paulo: «Faço o mal que não quero e não faço o bem que quero...» Desta maneira, arreigo-me ao mal e de tal forma que duvido do benefício do bem. Por isso, talvez aqueles que apreciam o estatuário gozem a irrealidade e a adorem platónicamente.

Ouço musica. Há ali próximo festa. São festejos que se realizam todos os anos e onde se exibe com maior ou menor hipocrisia, um novo vestido, um novo fato, uma nova «toilette», um novo chapéu vistoso. Há multidão. E neste amálgama de corpos passeando por todo o lado, a maior parte são jovens. Assim, noto um não sei quê que não compreendo: uns divertem-se desordenadamente, ora num palco de baile, ora num botequim que a poucos metros se encontra pejado, ora correndo dentro dos veículos, talvez com o desejo de encontrarem o espaço celestial..., outros, limitando-se a observar, embebidos como que loucos, no que aos seus olhos se está passando. Aqui a dificuldade não é extensiva, mas sim restrita...

No meu interior passa-se algo de indescritível. Os que conheceram e estiveram no mesmo campo de luta, talvez possam afirmar e diagnosticar qual o vencedor e qual o vencido...

Como se fazer uma escolha das dificuldades? Talvez combater a nossa vaidade, para assim constituirmos uma personalidade baseada segundo uma consciência que sentiu a luta e a venceu. Assim teremos amor á vitória e jamais nos deixaremos cair nas mãos do adversário, adversário invisível, desconhecido e leve como um véu de seda que deslize.

A formação juvenil irá influir na liberdade moral e nas controvérsias em geral. As dificuldades quer morais, quer materiais tornar-se-ão leves como as penas. Assim eu penso e se não pensar devidamente, não me censureis, por favor. Se a coragem me falha, se a depuser como um fardo demasiado incómodo, o peso das responsabilidade cria alibis, abdica, volto as costas ao dever, aniquilo-me. A quantos a coragem terá faltado? Quantos terão caído inconscientes? Uns sem o saberem, outros por gozo do desejo.

Eis mais uma luta intima, atroz e que aqui vos deixo bastante incompleta.

Poema

por JOSÉ MARIA MONTEIRO GUEDES BRANCO (18 anos)

Sempre alguém sonhou partir
Nos braços do infinito
Vencer de um golpe o restrito
E limitar-se a sorrir.

Sempre alguém sonhou partir
Como pena breve e lenta
Como ave morta e lenta
E limitar-se a existir.

Sonho informado de aquém
E' a essência do existir
Não preexiste em ninguém.

Nada há a preferir:
Queria ver sorrir alguém
E não vi ninguém partir.

Porto, 27-6-60.

POEMA

por JOSÉ MARIA MONTEIRO GUEDES BRANCO (18 anos)

Eu vi-te:
descias a alameda
envolvida nos próprios passos
que traziam sombras
em que buscavas mistérios
de amor.
Os cabelos caídos
chegavam-te ao chão
e cobriam todo o Globo
ligados ás próprias fibras
da existência.
Eras tu
ali
universal
minha. é

(Continuação da página anterior)

é que «estamos aqui», simplesmente, sem porquê, sem para quê, sem finalidade, como uma massa inerte, petrificada... E assim é o homem, assim sou eu, assim é toda a gente».

Eis nova atitude que nos causa espanto: «estamos aqui, sem porquê, sem para quê, sem finalidade». Que dizer disto? Procurar outra explicação para a nossa existência no Mundo, sem ser aquela que nos dá a ciência, é um trabalho inutil, estéril. Existimos por um determinismo biológico que é escusado discutir; mas já que estamos, encontramos fácilmente uma finalidade: contribuir para a melhoria das condições humanas, destruir para todo o sempre as milhentas superstições que abundam na face da Terra, lutar pelo aumento do nível médio das condições de vida. Eis a finalidade que Sartre não encontra, nem os falhados e medíocres encontram. Mas eles são de numero tão reduzido em comparação com o numero de povos que anseiam a libertação e a melhoria de vida, que não contam. Razão por que o existencialismo de Sartre, sistema sem esperança (embora motivado pelas condições psicológicas que sucederam á 2.ª Guerra Mundial), extinguir-se-á em pouco tempo.

Mas continuemos a examinar o pensamento de Sartre:

«Apesar da consciência do fracasso, o homem está necessáriamente condenado a agir, a desenvolver uma incessante actividade, na qual ele vai constituindo em cada momento a sua própria essência... O homem há-de agir necessáriamente, mas esta necessidade de agir consiste na necessidade de escolher entre infinitas probabilidades que contínuamente aparecem na sua vida. Esta escolha fá-la o homem «livremente, com liberdade absoluta, e esta é a sua essência», segundo Sartre: a liberdade absoluta. Na realidade, esse ser puramente factual, que existe de facto, sem razão, e que tem consciência de si mesmo e sente ao mesmo tempo o impulso de agir, porque não tem qualquer essência que lhe dite como há-de agir nem o que há-de escolher, encontra-se absolutamente destituído de toda a norma e de toda a ajuda para fazer uma escolha. Sendo assim toda a humanidade, não se pode esperar qualquer ajuda dos outros nem de coisa alguma. A escolha está dependente da sua vontade, sendo, portanto, absolutamente livre... A conclusão imediata desta liberdade absoluta do homem é a libertação, ou melhor, a negação por parte de Sartre, na ordem moral, social ou individual, de toda a lei... de todo o mandamento... de toda a autoridade perante a qual se deve ser responsável. Estamos sós no Mundo e a responsabilidade é absolutamente nossa, porque não temos nem normas a que nos sujeitarmos nem autoridade perante a qual responder. Pelo mesmo motivo, tão-pouco podemos ter remorços ou perdão para as nossas decisões. Naturalmente, a noção de falta ou pecado resulta inteiramente sem sentido e ridícula; é uma invenção de pessoas falhas de sinceridade para consigo mesmas, que se deixam guiar, abandonando-se nos braços de uma lei ou autoridade perante a qual se tornam responsáveis pelas suas acções, abdicando assim da sua própria essência humana, que é a liberdade total».

O reaccionarismo está á vista. Sobre o problema da liberdade absoluta já falámos atrás. A negação de qualquer autoridade (lei, ser humano, Estado, conduz facilmente a estoutro sistema anti-social: a anarquia, assim como a liberdade absoluta pode conduzir ao imoralismo. Ouçamos o próprio Sartre, que escreve em «O Ser e o Nada»:

«Assim, inteiramente livre... eu devo existir sem remorso nem arrependimento, como sou, sem desculpa; desde o instante em que começo a existir, só eu suporto o peso do Mundo sem que nada nem ninguém possa discutir-me».

São desnecessários quaisquer comentários: o erro está á vista.

«Mas esta liberdade total tem o seu lado trágico e pessimista. Pareceria um triunfo mas, na realidade, é um fracasso. Porque o homem que se encontra livre desta maneira total, que inclui ser ele só quem age, quem determina, quem é responsável, ante quem é responsável, desliga-o por completo de qualquer outra pessoa... e dentro da sociedade humana o homem encontra-se curvado sobre si mesmo, «num abandono e numa solidão totais», sem que nada nem ninguém possa ajudá-lo... [O homem] sabe que está condenado ao fracasso, que não triunfará nem conseguirá nada. Que todos os seus esforços foram inuteis e que todos os seus sacrifícios foram contraproducentes».

Cremos que provámos amplamente a inconsistência desta doutrina. O sistema que não dá lugar esperança (exceptuando-se, porém, o pensamento de Marcel), que afirma a solidão do homem, o absurdo da vida, a angustia de viver, falece sem demora. Aliás, o existencialismo só tem encontrado defensores nos frustrados, nos medíocres, nos que não têm consciência cívica — são estes os partidários sinceros. Alguns jovens, ainda sem cultura histórica, humanista, seguindo o exemplo de certos intelectualóides snobs de que o nosso País é fértil, aderem a esta doutrina e acabam por adquirir um sentimento de frustração. Que remédios podemos apresentar: efectuar-se o saneamento do cérebro; não se limitarem os jovens a leituras derrotistas, dedicando-se, antes, ao estudo científico da História, Sociologia e Economia, abordando, depois, essas doutrinas com espírito crítico; e será bom não nos esquecermos de uma frase do nosso Verney: «é preferível aceitar pela cabeça própria do que errar pela alheia».

I — A MULHER na sociedade primitiva

por MARIA HELENA DA CUNHA (16 anos)

Através dos tempos a mulher tem sido considerada, em maior ou menor grau, serva do homem, seu senhor e amo, de quem está pendente económica e socialmente.

Contudo nem sempra vigorou esta situação. Há, pelo contrário, um período pré-histórico em que cabe á mulher o papel primordial na economia da gens, o que se traduz por costumes e práticas que lhe são favoráveis. Vejamos muito resumidamente, como as coisas se passaram.

A primeira ocupação do homem, como sabemos, a caça. O aumento da população e a consequente escassez da caça, obrigaram o homem a procurar os alimentos por outros meios Deste modo, começam a aparecer tentativas de domesticação de animais e de arroteamento das terras. A mulher, até aí colectora de plantas, é a iniciadora da agricultura. E' este facto, de grande importancia no lento processo hisaórico que concede á mulher um lugar de relevo na vida da sociedade primitiva. Isto explica que a descendência fosse contada em linha feminina.

No entanto, seria o próprio desenvolvimento da agricultura que iria levar a uma nova transformação económica, donde resultou toda uma ética partidária da submissão total da mulher. Os progressos agrícolas, aumentando a riqueza, levam ao aparecimento da propriedade privada.

O uso dos metais permite enriquecer mais rápidamente pela rapina, e pela guerra que se torna ocupação favorita dos homens.

O duro trabalho do amanho das terra fica a cargo da mulher que se vê sobrecarregada e desprezada. O papel preponderante da mulher passa para o homem. As velhas instituições modificam-se.

O amor, como se entende actualmente, não existia. No Baixo Paleolítico o casamento efectuava-se por grupos pertencendo as filhas a toda a comunidade. Não havia, portanto, a mínima ideia acerca do que seria o agregado familiar. De resto, no sistema de economia primitiva, as fontes de rendimento são insuficientes para que cada homem possa manter a mulher e os filhos. Mas com a transformação dos modos de produção já referidos, a família até aí impossível torna-se indispensável. Com o aparecimento da propriedade privada, nasce no homem o desejo de transmitir as riquezas por herança. Há que mudar as relações sociais! A filiação passa a ser contada em linha masculina. Estava consumada a grande derrota dos direitos femininos!

A monogamia é imposta á mulher, porque o homem quer estar seguro sobre a legitimidade dos filhos. Em contrapartida nada impede que o homem possa ter mais de uma mulher. Mas apenas os ricos podem sustentar uma grande família; a poligamia é um privilégio!

Porém, algumas das velhas práticas continuavam presentes, e manifestaram-se por largo tempo. As deusas da mitologia, e o prestígio de que gozavam certas mulheres na sociedade eram vestígios do matriarcado, que só lentamente, através dos séculos, se foram consumando.

AMIGO N.º 1008

Resposta à amiga

FOI com imenso prazer que li a tua crítica ao meu trabalho, não porque concorde com as idéias nelas expostas (vê-se claramente que as as nossas concepções são antagónicas e é possível que não cheguemos a qualquer resultado concreto), mas antes pela serenidade e correcção com que fazes o teu comentário.

Aparentemente tens razão em levantar dúvidas quando afirmei que «certas correntes filosóficas (?), como o existencialismo... não respondem nem servem de solução a problemas do nosso tempo». A afirmação parece gratuita devido ao facto de não a ter explicado. Não o fiz, porém porque o assunto central não era o existencialismo; mas, já que a afirmação não passou em branco (e felizmente que assim foi) vou explicar-te — e também a alguns outros amigos que ficaram espantados com a minha atitude — as razões da minha asserção.

Eu não tenho uma concepção rígida de Filosofia que se adapte a todos os tempos; tenho duas.

Podem considerar-se, no vasto campo da Filosofia, duas concepções fundamentais: a concepção tradicional que vai desde o Oriente e Grécia antigos, e que engloba diversas correntes de feições várias, até á 1.ª metade do séc. XIX; e a concepção contemporanea ou actual, que tem a sua origem na 2.ª metade do mesmo século, e que resulta de um subito impulso da ciência e da técnica, acompanhadas de um consequente desenvolvimento das teorias económicas, sociais e históricas. A actual directriz filosófica (cujas bases foram lançadas já na India, China e Grécia — com a corrente «chärväkas», e os filósofos Yan Chu, Heraclito, Demócrito, etc.) recebeu, de certo modo, um carácter definitivo e científico com dois grandes filósofos alemães do século passado. Até então (e ainda hoje) fazia-se a especulação do irreal, abstraindo da ciência, até porque esta não se encontrava ainda suficientemente desenvolvida, procurando-se as soluções de problemas. Com o desenvolvimento da Arqueologia e das teorias de Darwin e Lamarck, muitas dessas soluções foram destruídas e, se ainda hoje algumas persistem, é por puro espírito reaccionário, anacrónico, sendo só aceites por aqueles que não têm uma cultura histórica que não seja a escolar.

Uma vez que a História e todas as outras ciências (Biologia, Física, Química, Fisiologia, Sociologia, etc.) estavam preparadas para responder racionalmente a questões outrora expostas de uma forma mais ou menos idealista, é óbvio que tais transformações tenham atingido profundamente a Filosofia e tendessem a modificá-la, tornando-a num sistema que é hoje o actual; a Filosofia passa a especular sobre questões ainda sem solução, mas evitando fugir — e até partindo deles — aos dados científicos, tentando, desta maneira, dar a explicação racional do Universo. Com os novos ramos em que a Ciência ultimamente se dividiu (genética, astrofísica e tantos mais) a concepção actual da filosofia mantém-se, adquirindo, cada vez mais, maior solidez, e tanto mais sólida será a sua estrutura quanto maior for o numero das respostas á razão humana que serão fornecidas pelas futuras aquisições da Ciência. Deste modo, a Filosofia (na concepção moderna do termo) ocupar-se da Ética, Estética e outros problemas sem, no entanto, tomar atitudes não-científicas e, portanto, irreais.

Tudo o mais que se agita no campo do pensamento sem fazer parte desta concepção científica da Filosofia, é anacrónico, pois não está de acordo com os dados da ciência, pretendendo, a todo o custo, o retorno ao obscurantismo místico e reaccionário.

Ocupemo-nos agora do existencialismo, (que afinal nada traz de novo, pois a angustia é uma questão de todos os tempos — a doutrina existencial é apenas um problema antigo sob fórmulas novas), para o que me baseio nalgumas observações do pensador católico Ismael Quiles.

O existencialismo, que tem por objecto o indivíduo concreto, opondo-se por isso ao idealismo que considera o indivíduo abstractamente (mas não será o existencialismo uma forma do idealismo?), parte do individual para o geral. Perguntamos, pois, como se podem generalizar problemas próprios que pouca coisa ou nada

Ana Bárbara

têm de comum com a maioria dos homens? Ou não seria mais lógico (e, portanto, contrariamente ao existencialismo) analisar, de uma forma universal ou geral, as necessidades e aspirações comuns a todos os seres humanos? No primeiro caso, a especulação sobre o homem é estéril, pois mesmo que satisfaça esta ou aquela consciência individual, não serve de solução a problemas que interessam ao Homem Universal; no segundo caso, a filosofia, digna então desta palavra, é da maior utilidade, pois tenta chegar a uma resposta sobre questões de interesse comum. Ouçamos, pois, Ismael Quiles:

«Entre [as vantagens da posição existencialista] há a assinalar que a realidade individual é a realidade mais próxima e mais imediatamente observável para o filósofo. Especialmente a realidade do próprio ou do filósofo que observa e sobre cuja base trabalham inicialmente os existencialistas.

«Mas centrar a filosofia sobre o eu concreto e individual no seu existir concreto e fluente apresenta [uma] desvantagem. Como é possível fazer ciência e filosofia á base de simples experiências individuais? A que conclusões de validade universal se pode chegar com a simples descrição das minhas vivências individuais, as unicas que eu posso experimentar? Por isso se tem repetido com frequência que o existencialismo como tal «nunca pode chegar a ser uma filosofia».

Por outro lado, o existencialismo, como deves saber, nega o determinismo histórico, isto é, a existência de relações de causalidade ou de inter-relação entre os factos históricos. Ora o determinismo histórico é uma lei científica, plenamente verificável. Porque razão o existencialismo não a reconhece? Pelo facto de defender a liberdade absoluta do ser humano, atitude esta que atenta contra a ciência. Mas reconhecendo a liberdade absoluta do indivíduo, esta teoria torna-se anti-social e reaccionária, pois o homem não vive só: está ligado a uma sociedade e tem o dever de tudo praticar para a melhoria dessa sociedade. O conceito de liberdade varia de pessoa para pessoa, consoante a sua cultura, os seus carácteres biotipológicos; deste modo, um indivíduo, sentindo-se inteiramente livre e independente do seu semelhante, pode agir prejudicando outrém, desde que tenha conveniência própria no acto que pratica. Daqui se infere uma conclusão: o existencialismo, consciente ou inconscientemente, pretende corromper a consciência dos povos e evitar que lutem «unidos» contra tudo o que faz pressão sobre eles.

Vejamos, agora, o existencialismo ateu de Sartre, que é, de todas as feições desta corrente do pensamento contemporaneo, aquela que nos parece mais estulta, amoral, reaccionária.

Não foquemos aqui o ambiente típico em que Sartre trabalha — o café — nem os antros onde os «ambulacrários» desperdiçam o tempo, os quais têm dado lugar a remoques irónicos de pessoas destacadas no campo intelectual. Basta dizer isto: «Sartre confessou [numa] ocasião a quem lhe perguntava... porque o atraía o «café».

—Por que me atrai o café? E' um ambiente de indiferença onde os outros existem sem cuidarem de mim e sem que eu cuide deles... O peso de uma família ser-me-ia insuportável, enquanto que no café os outros estão ali e isso é tudo, simplesmente...»

Repare-se nesta coisa espantosa: «é um ambiente de indiferença onde os outros existem sem cuidarem de mim e sem que eu cuide deles». Este é o ponto central

por JOSÉ AUGUSTO MOURA PIMENTA — 18 anos

do universo sartriano: a indiferença mutua. Esquece-se esse senhor da existência dos laços de solidariedade; que se houvesse essa indiferença em toda a gente, o médico não socorreria o doente, o padeiro não faria pão, etc.: em suma, a humanidade acabaria por extinguir-se.

Mas vejamos: «Qual é a concepção que Sartre tem da realidade do Mundo e do Homem? Consideremos a sua atitude fundamental, já que ela nos dá numa só visão muitas das suas conclusões. E' o ponto em que Sartre se situa para compreender a existência humana. A pergunta gira em torno da existência: «Que é a existência do homem»? «Que é a minha existência»? A primeira novela ou ensaio de Sartre, «A Náusea», quer descobrir a verdadeira realidade, o verdadeiro ser da existência humana. A personagem central, depois de várias tentativas fracassadas para se compreender a si mesmo, para organizar a sua vida e dar um sentido á existência, recebe um momento de iluminação pelo qual conhece «o que é a realidade», o que é toda a realidade e o que é a própria realidade. E a realidade do Mundo e de tudo quanto nos rodeia, os homens, as plantas, as árvores, as raizes, eu mesmo,

(Continua na página seguinte)

Parker - rei do «bop» e revolucionário do «jazz»

NASCIDO em Kansas City, em Agosto de 1920, Charlie Parker estudou primeiro «barítono» e depois «saxo-alto». Muito jovem, fez parte de diversas orquestras e começou a gravar em 1940-1941 com a orquestra do pianista Jay Mc Shann. Possui um estilo já formado e original.

Mais tarde tomou parte nas célebres jam-sessions de que falamos nos numeros anteriores. O «bop» nascera; era tempo: o jazz patinava.

Os moços do «Minton's», com Parker á frente, trazem um sopro de ar fresco; o jazz vive, nesta época o seu período de maior enriquecimento rítmico e harmónico.

Charlie Parker está, em 1943, com Dizzy Gillespie, na orquestra de Earl Hines; ao mesmo tempo, em pequenas formações musicais grava alguns trechos. Em 1945 faz, com Gillespie, gravações de alta categoria e acompanha a grande cantora Sarah Vaughan. Seu nome ganhou fama. Continua a gravar sem descanso. Dono de uma técnica prodigiosa, nunca esta cede o passo á inspiração, continuamente renovada.

Em 1946, porém, tem de ser hospitalizado. Minado, física e moralmente, pelo abuso de estupefacientes, permanece durante seis meses numa casa de repouso, depois de ter gravado, em Julho, num estado de semidelírio, uma perturbante versão do «Lover Man».

De regresso aos estudios, faz outras gravações de muito interesse e, em seguida, inicia uma espantosa série de discos com Miles Davis (trompete) e Max Roach (bateria); vem depois a sua inesquecível actuação no JATP (Jazz at the Philarmonic), tanto nas suas digressões pela América como pela Europa. Mas está esgotado: a morte da filha lança-o outra vez no fatal caminho dos estupefacientes e em Março de 1955, com trinta e cinco anos incompletos, o grande artista morre em Nova York,

PEQUENA HISTÓRIA do JAZZ

Deixa numerosos discípulos e um verdadeiro culto pela sua memória. Entre aqueles destacam-se Sonny Stitt, o talento mais sólido, Sahib Sihab e o apreciado Julian Canonball Adderley. Nenhum dos musicos que sofreram a influência do mestre lhe chegaram aos calcanhares: Charlie Parker abriu verdadeiramente um novo e vasto horizonte para o jazz.

De Dizzy Gillespie a Miles Davis

Menos inspirado que Charlie Parker, Dizzy Gillespie foi todavia um grande mestre do estilo bop e um musico de grande talento, cuja influência é ainda considerável.

Nasceu na Carolina do Sul, em 1917, e começou, como quase todos os grandes jazzbandistas, muito cedo. Aos catorze anos decide-se pela trompete, depois de haver experimentado vários instrumentos e ingressa na vida profissional em Filadélfia, passando por várias orquestras.

O seu gosto pelas facécias valeu-lhe a alcunha que, desde então, acompanhará o seu nome: Dizzy — «vertiginoso».

Possui uma técnica perfeita e uma sonoridade cheia: ao fazer as primeiras gravações é já um grande musico. De 1945 datam, como vimos, os discos feitos de parceria com Parker. No ano seguinte funda a sua própria orquestra, que conhece horas gloriosas (sobretudo em 1948, em Paris); o balanço financeiro obriga, no entanto, á sua dissolução, para só reaparecer em 1956.

Neste entretempo Gillespie veio por três vezes á Europa com o JATP. Não é já um musico revolucionário, mas um técnico notável que não perdeu nada da sua sensibilidade, talento e fantasia.

Fats Novarro, morto há dez anos, foi talvez o melhor entre muitos dos seus discípulos.

De passagem apenas, citaremos dois excelentes musicos deste período — Clifford Brown e um dos raros trombones do jazz moderno com real interesse, Jay Jay Johnson.

Na próxima semana referir-nos-emos a Miles Davis, pois ele nos conduzirá á história de uma forma musical mesmo dos nossos dias, o «cool».

(Continua)

DISCOTECA:

Torna-se difícil seleccionar as melhores gravações de Charlie Parker, tantas foram. Distingamos, todavia, as seguintes, um pouco arbitráriamente:

- **— Allegro Pacific LOA D 33 (com Sarah Vaughan)**
- **— Barclay 6811**
- **— Savoy 3005 a 58 e 59.**
- **— Barclay 6939 (com Gillespie e Thelonius Monk).**
- **— Swing 33312 e 33318 (o célebre concerto do Mussey Hall de Toronto).**

Entre os mais interessantes registos de Gillespie podem apontar-se:

- **—Vogue LD 946 (Concerto publico com Parker).**
- **— Rondolette A 11.**
- **— R. C. A. 430207 e 430215.**
- **— Jazz Sélection LP 50011.**
- **— Barclay 3643.**

De Fats Navarro:

- **— Savoy 80240.**

De Clifford Brown:

- **— Mercury 7092-7100 (com Sarah Vaughan)**

De Jay Jay Johnson:

- **— Jazz Sélection 50008**
- **— Philips 07110.**

O meu Natal

por LAURINDA RODRIGUES

(17 anos)

E' preciso acreditar
Em qualquer coisa.

Que importa
Que o pinheiro de Natal
Seja uma árvore vulgar?

Cai um rastro de luar.
Tranquilidade.

E o algodão
Do meu pinheiro verde,
Parece, de repente,
Ser neve de verdade.

Espalharam tantas luzes
Na triste noite sombria!

Quando virá um verdadeiro Natal
De neve, de perdão e de alegria?

ESSE dia tinha sido mau: as pessoas que passavam quase nem olhavam para ela.

Depois a neve começara a cair, enregelando-a até aos ossos. Os deditos frios doíam-lhe e a boca, de lábios inchados, mal se podia abrir para suplicar a quem passava, uma esmola.

Cada floco de neve que caía sobre ela fazia-a tremer de frio. Não tinha coragem de ir para casa onde os maus tratos a esperavam. Era sempre assim: quando recebia poucas esmolas, o pai batia-lhe sem dó nem piedade por qualquer coisa que fizesse ou dissesse. Nesse dia tinha resolvido passar a noite na rua, abrigada numa porta ou numa escada. A passos lentos percorreu a rua, parando de vez em quando, deslumbrada, em frente de alguma montra iluminada.

Dirigiu-se para uma escada cuja porta costumava estar aberta. A neve caía agora com mais violência, cobrindo tudo de um grande manto branco. Chegou á escada, mas (oh desilusão!) a porta estava fechada! Apesar de tudo decidiu-se a ficar. Sentou-se e enrolou-se nos poucos trapitos que a cobriam e dispôs-se a passar a noite o melhor possível. Sentia-se cansada, com vontade de chorar. E em breve adormeceu.

O sono das crianças, por muito infelizes que sejam nunca deixa de ser profundo...

De repente sentiu-se levada para um sítio desconhecido. Era um campo, grande, muito grande; o chão brilhante, tão brilhante que fazia impressão á vista, estava atapetado de lírios brancos, de um branco incomparável. Pelos caminhos desse campo, andavam umas criaturas estranhas, de longas tunicas brancas; dos ombros saiam-lhes asas igualmente brancas. O seu andar era leve e dir-se-ia que os seus pés não tocavam no chão. Olhou para si e viu com grande espanto que estava vestida como aqueles entes. Os dedos tinham deixado de lhe doer e o frio, que tanto a fazia sofrer, desaparecera, como por encanto, dando lugar a um calor agradável. Só então compreendeu: estava no Céu! Nesse Céu, que tantas vezes desejara quando, nas horas infelizes, soluçava encolhida a um canto. Olhou para baixo:

Por MARIA ALEXANDRA CORREIA DE BRITO
14 anos

na Terra, a neve continuava a cair. Não pensou mais nas suas desgraças e foi brincar com os companheiros que a chamavam, sorrindo meigamente.

No outro dia de manhã, quando a porteira abriu a porta, deu um grito de aflição: a seus pés, um corpito enregelado sorria...

A Morte fora benevolente com ela...

UM GRANDE ESCRITOR FRANCÊS

numa colecção para raparigas!

Na sua

BIBLIOTECA DAS RAPARIGAS

acaba a

PORTUGÁLIA EDITORA

de lançar

CLARA E OS MALFEITORES

romance de

PAUL VIALAR

um dos grandes romancistas franceses contemporâneos

ANDOU SEMPRE AVANÇADO VÁRIOS SÉCULOS...

Nunca génio algum andou tão avançado sobre o seu tempo como Leonardo da Vinci. A maior parte dos seus extraordinários inventos só vários séculos depois encontrou quem os «reinventasse» e puzesse em prática

Tudo isto poderão ler em

LEONARDO DA VINCI

O «ESPIRITO DIVINO» DA RENASCENÇA

da autoria de

ANTONINA VALLENTIN

Volume n.º 15 da Colecção «VIDA E CULTURA»

LIVROS DO BRASIL

Soluções do Concurso do *Juvenil*

VENCEDORES

1 — Amigo Maria Manuela Aguiar (Rio Maior).

2 — Amigo Maria Clara Guedes Monteiro Ramos (Lisboa).

3 — Amigo Amadeu Ferreira dos Reis (Lisboa).

4 — Amigo Maria Liliette Dias Pires (Lisboa).

5 — Amigo Maria da Graça Catraio Rocha Lourenço (Setubal).

6 — Amigo Margarida Losa (Porto).

PRÉMIOS

1 e 2 — Um livro da Biblioteca das Raparigas da Portugália Editora.

3 — Um livro da Biblioteca dos Rapazes, da Portugália.

4 e 5 — Um livro da Biblioteca das Raparigas, da Portugália.

6 — Um livro da Colecção «Dois Mundos», de Livros do Brasil.

PRÉMIO PARA O ARTIGO MAIS VOTADO

7 — Amigo Sérgio Lopes (Porto).

7 — Um livro da Colecção «Século XX», de Publicações Europa-América.

PRÉMIO PARA O MELHOR ARTIGO

8 — Amigo António Franco Alexandre (Lisboa).

8 — Dois livros da Colecção «Miniatura», de Livros do Brasil.

PRÉMIO PARA A MELHOR TRADUÇÃO

(O MONTE KUN LUAN)

9 — Amigo José Maria Branco (Porto).

9 — Um livro da Colecção «Século XX», de Publicações Europa-América e um livro da Colecção «Miniatura», de Livros do Brasil.

Desenho por FERNANDO TORRES (14 anos)

CONCURSOS

1

PARA OS MAIS VELHOS

3 PERGUNTAS

1. — Quem foi Baudelaire?
2. — Quem foi Gomes Leal?
3. — Quem foi António Nobre?

As respostas devem estar no «Juvenil» até ao próximo dia 16 de Setembro, acompanhadas do nome completo, morada, data de nascimento dos concorrentes, numero de ficheiro (caso o possuam já) e bem assim a indicação dos três artigos, contos, poesias ou qualquer outro género de colaboração que mais lhes agradar.

Esperamos, como pedidos na semana passada, que os Amigos nos sugiram novos tipos de concursos.

2

PARA OS MAIS NOVOS

3 PERGUNTAS

1. — Três gatos estão em pé, ao sol, em cima de um telhado. Que fazem eles?
2. — Que faz um rapaz que escorrega e cai numa poça de água?
3. — Que faz o gato escaldado?

As respostas devem estar no «Juvenil» até ao próximo dia 16 de Setembro, nas mesmas condições do «Concurso para os mais velhos»

FRANÇOIS PORCHÉ

A VIDA DE BAUDELAIRE

Baudelaire é hoje considerado um dos grandes líricos do séc. XIX e isso deve-o á sinceridade absoluta de que deu mostras. O desdém pela facilidade verbal, a recusa de pactuar com o publico, a isenção da sua arte, o desejo de se compreender e de se transmitir na complexidade da sua natureza, a beleza de certos versos cheios de vida anímica, asseguram a glória do poeta, em cuja inquietação o intelectual moderno se reconhece

NA COLECÇÃO «DESTINOS», a melhor colecção de biografias que se publica em Portubal

EDITORIAL ESTÚDIOS COR